



Letraria®

# Análise do discurso digital:

perspectivas teóricas  
e metodológicas

Renata de Oliveira Carreon  
Marco Antonio Almeida Ruiz  
Lígia Mara Boin Menossi de Araujo  
Organizadores

Renata de Oliveira Carreon  
Marco Antonio Almeida Ruiz  
Lígia Mara Boin Menossi de Araujo  
(Org.)

# **Análise do discurso digital:**

perspectivas teóricas  
e metodológicas

Araraquara  
Letraria  
2023

# Ficha catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Análise do discurso digital [livro eletrônico]:  
perspectivas teóricas e metodológicas / organização  
Renata de Oliveira Carreon, Marco Antonio Almeida Ruiz,  
Lígia Mara Boin Menossi de Araujo. - 1. ed. - Araraquara,  
SP: Letraria, 2023.

PDF.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5434-051-9

1. Análise do discurso 2. Análise do discurso -  
Interpretação 3. Linguística I. Carreon, Renata de Oliveira.  
II. Ruiz, Marco Antonio Almeida. III. Araujo, Lígia Mara Boin  
Menossi de.

23-173361

CDD-410

## Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apoio



## Conselho editorial

Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro (URCA)

Jenifer Santos Bezerra (URCA)

Silmara Dela Silva (UFF)

# Sumário

<b>Apresentação</b> Os organizadores	7
<b>1. Análise do discurso digital: a questão da memória</b> Cristiane Costa Dias (Unicamp)	12
<b>2. Resignificação e revascularização discursivas: espaços de resistência em contexto digital</b> Roberto Leiser Baronas (UFSCar/CNPq)	31
<b>3. A agressividade e o insulto nas redes sociais: a resignificação e a subversão (n/d)os sentidos da expressão “mimimi”</b> Rafael Turíbio Milhomem (UFG) Marco Antonio Almeida Ruiz (UFG)	46
<b>4. Um ensaio sobre <i>fake news</i> e fabricação de memória</b> Renata de Oliveira Carreon (Unicamp/FAPESP)	61
<b>5. Retórica e argumentação no discurso digital: possibilidades para a análise de opiniões políticas no Twitter</b> Rodrigo Seixas (UFG)	73
<b>6. A memória tecnodiscursiva e um caso de aborto nas redes sociais do Brasil de 2022</b> Atilio Butturi (UFSC) Rilari Lorena Anhaia da Silva (UFSC)	92
<b>7. Análise do discurso humorístico digital: pensando a questão do <i>corpus</i></b> Laura Colli Gon (Unifran) Luciana Carmona (Unifran)	109
<b>8. De usuário comum a influenciador: uma análise do discurso digital sobre a ascensão de <i>top voices</i> do/no LinkedIn</b> Viviane Quenzer (UFSCar) Ligia Mara Boin Menossi de Araujo (UFSCar)	125

<b>9. A língua de vidro: uma proposta de leitura do digital</b>	139
Deborah Pereira (Unicamp) Guilherme Ferragut (Unicamp)	
<b>10. Intersecções semióticas no mundo digital</b>	156
Edna Silva Faria (UFG)	
<b>11. Itinerantes de memória no discurso (do) urbano: o sujeito, a imagem e o digital</b>	171
Greciely Cristina da Costa (Unicamp)	
<b>12. A viralização discursiva no Twitter: sentidos em funcionamento sobre a reforma do ensino médio</b>	184
Lucimara Cristina de Castro (Unicamp/FATEC)	
<b>Sobre os autores/as autoras</b>	198

# Apresentação

Marie-Anne Paveau em *A Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas* (2021) propõe “novos conceitos, ferramentas e limites para compreender o funcionamento dos discursos nativos da internet a partir de uma perspectiva qualitativa e ecológica” (Paveau, 2021, p. 8), isto é, para a autora, é necessário repensar o chamado contexto “extralinguístico” como um ecossistema em que o discurso é elaborado e não como pano de fundo do discurso (Paveau, 2013, p. 3, tradução própria). Embora possamos afirmar que o “extralinguístico” para a análise de discurso (doravante, vez ou outra, AD) nunca foi pano de fundo, uma vez que a exterioridade constitutiva está ligada às condições de produção dos discursos, entendemos que a autora objetiva dar protagonismo, também, ao uso da máquina, entendido por ela como “extralinguístico”. Em outras palavras, para a linguista francesa, é preciso deslocar-se da visão dualista entre sujeito e língua para reconhecer o papel de agentes não humanos nas produções linguísticas e, por isso, levar em consideração, também, o instrumental e as funcionalidades disponibilizadas pela máquina. Nesse sentido, para ela

[...] os discursos digitais nativos não são de ordem puramente languageira, as determinações técnicas coconstroem as formas tecnolinguageiras e as perspectivas logo- e antropocentradas devem ser descartadas em favor de uma perspectiva ecológica integrativa que reconhece o papel dos agentes não humanos nas produções languageiras (Paveau, 2021, p. 11).

Dessa forma, preocupada com o modo de organização dos discursos em função do advento da Web 2.0, Paveau reflete sobre a singularidade dos discursos digitais, inerentemente sincréticos, uma vez que mesclam textos, imagens, sons. É olhar para a máquina e para a linguagem a partir de uma visão simétrica e ecológica que atribui o mesmo lugar ao languageiro e não languageiro na análise linguística, a partir de uma concepção compósita da língua e do discurso (Paveau, 2021, p. 58).

Já em canteiros brasileiros, Orlandi (2017) tem afirmado que é preciso pensar, a partir da análise de discurso desenvolvida no Brasil, nos deslocamentos teóricos que podem ser empreendidos na contemporaneidade científica e que produzem uma virada epistemológica na área. Para a autora,

Estamos, pois, no momento de uma *virada* na análise de discurso. Inauguração de um novo campo de questões. Uma nova conjuntura histórica, novas formas de existência histórica da discursividade leva a análise de discurso a novas indagações. Outro programa

de leituras, um campo de novas interrogações. Não se trata, quando falo de seu objeto, de uma nova definição (o discurso é efeito de sentido entre locutores, M. Pêcheux, 1969). O que pode estar mudando de lugar é o *conceito* discurso. É uma questão para a teoria e a sua posição face a epistemologia, a história da ciência (Orlandi, 2017, p. 43).

Consideramos, a partir de Orlandi (2017) e Dias (2018), que esse momento de virada que inaugura um novo campo de questões é justamente a compreensão do digital como um objeto de análise da AD – questão fundante para o que hoje entendemos como Análise do discurso digital (ADDigital). E tomar o discurso digital como condição de possibilidade do próprio campo em construção – a ADDigital – é propor novas indagações para o dispositivo teórico-analítico da AD pensando, a partir disso, o lugar e o caminho dessa disciplina constitutivamente de entremeio. É “propor uma leitura materialista dos discursos digitais” tendo em vista “novos objetos de análise e, portanto, desdobramentos teóricos sobre os processos de compreensão dos discursos” (Dias, 2018, p. 22-23). Nas palavras da pesquisadora brasileira,

[...] pretendo traçar um percurso de compreensão da natureza da relação do discurso como campo de questões a partir do qual se produzem objetos de análise de discurso. Para tanto, é preciso levar em consideração que 1) o dado está na base do digital e dos processos de individuação dos sujeitos e 2) está na base dos procedimentos discursivos e dos dispositivos de poder que determinam o mundo e os processos de identificação (Dias, 2018, p. 23).

Diante de tais reflexões, neste livro, propomos (re)pensar questões prementes da Análise do discurso digital a partir de suas diferentes perspectivas teóricas e metodológicas de modo a congregar estudos de pesquisadores de diferentes geografias. O digital, sendo ele um novo campo de estudos ou ainda um objeto de pesquisa dentro da AD, vem impondo desconforto necessário aos analistas que buscam compreendê-lo para além de um enganoso caráter instrumental. Entendê-lo é, talvez, desautomatizá-lo. Assim, nas lides da história, tratá-lo ao nível do fazer científico nunca foi tão caro, já que cada vez mais vemos uma “tecnologização dos discursos” que constroem os modos e os meios de difusão de informações e conhecimentos a toda sociedade pelo digital.

Os capítulos que apresentamos nesta obra contemplam algumas das inquietações de analistas do discurso brasileiros que tomam a materialidade no/pelo digital central para suas questões tecnodiscursivas, promovendo deslocamentos de sentidos na história, instaurando novas memórias discursivas e, com isso, (res)significando certos imaginários sociais. Para tal, não queremos esgotar nossas problemáticas, pelo contrário, buscamos

iniciar algumas reflexões que trazem essa centralidade do digital e do tecnodiscurso à baila que tomam suas condições de produção numa relação nada dualista entre homem e máquina.

No capítulo de abertura, intitulado *Análise do discurso digital: a questão da memória*, Dias empreende uma reflexão teórica e analítica sobre o funcionamento do discurso digital nos processos de significação da discursividade contemporânea. Para refletir sobre a virada epistemológica no campo da Análise do discurso promovida pelas questões postas pelo discurso digital, a autora afirma que é preciso problematizar a questão da memória, o que Dias faz a partir dos três momentos de produção dos discursos: constituição, formulação e circulação. Em razão disso, a pesquisadora brasileira defende que a formulação e a constituição são afetadas pela circunscrição digital que põe os dizeres em circulação e, desse modo, é preciso compreender o acontecimento pelo digital desses dizeres, pelo funcionamento da memória digital.

Baronas, em *Ressignificação e revascularização discursivas: espaços de resistência em contexto digital*, propõe-se a olhar para a teoria da resignificação proposta por Paveau para traçar um percurso epistemológico da teoria da revascularização discursiva. Para tanto, o autor analisa diferentes materiais em contexto digital para concluir que a relação entre ambas as teorias é de *aliêmica*.

Em *A agressividade e o insulto nas redes sociais: a resignificação e a subversão (n/d) os sentidos da expressão “mimimi”*, Milhomem e Ruiz observam, no material analisado, o funcionamento discursivo do insulto como uma forma de agredir o outro e na qual ironia e humor são utilizados como escárnio. Para isso, os autores observam os sentidos que emergem da resignificação da expressão “mimimi”, ou seja, analisam o deslocamento de sentidos que vai da agressão para a resistência na voz do sujeito, entendendo que esse gesto interpretativo, por parte do analista, abre caminho para a luta por uma sociedade livre de opressões.

Carreon, no capítulo *Um ensaio sobre fake news e fabricação de memória*, toma como objeto as *fake news* divulgadas por Jair Bolsonaro, entendendo essas mentiras discursivizadas como torções discursivas a partir das quais se pode compreender as *fake news* em suas relações com as memórias discursiva, metálica e digital. A autora defende que as *fake news* são efeito de uma não atestação do real que, metaforicamente constituído, se filia a uma memória fabricada. É nesse sentido que a autora vai defender que as *fake news* são a própria possibilidade desse dizer, regionalizando no interdiscurso aquilo que já circulou como verdadeiro e que, agora, atesta o caráter de verdade de novas mentiras discursivizadas.

No capítulo proposto por Seixas, intitulado *Retórica e argumentação no discurso digital: possibilidades para a análise de opiniões políticas no Twitter*, o autor lança algumas questões acerca de fenômenos argumentativos digitais e sobre as possibilidades de um trabalho retórico-argumentativo que não deixe de levar em consideração as especificidades comunicativas desses ambientes, sem que, para tanto, deixe de considerar a riqueza da tradição retórica em termos de dispositivos e categorias de análise de discursos argumentativos. Seu ponto de observação é a polêmica a respeito da *origem da pandemia do coronavírus*.

Em *A memória tecnodiscursiva e um caso de aborto nas redes sociais do Brasil de 2022*, Butturi Junior e Silva analisam a agonística entre diferentes estratégias materializadas em *posts* do Instagram, cujo objeto são a mulher e o aborto no Brasil. Para tanto, recorrem ao problema da biopolítica e a sua relação com os dispositivos gendrados da maternidade e a discussão sobre o tecnobiodiscursivo para defenderem que a disputa em torno do corpo da mulher está inserida no interior de um dispositivo da maternidade que se reinscreve na topologia governamental liberal cristã do Brasil.

Gon e Garcia em *Análise do discurso humorístico digital: pensando a questão do corpus* problematizam suas reflexões acerca da constituição do *corpus* humorístico para a construção do campo da Análise do discurso digital. Para tal, as autoras buscam compreender a articulação do humor nos discursos *on-line* observando quais elementos compõem um objeto de estudo e como eles devem ser analisados. Ou seja, elas procuram analisar e ampliar as discussões acerca de como se constitui o *corpus* analítico para o humor, de acordo com o que já é possível encontrar na literatura dos estudos discursivos.

No capítulo intitulado *De usuário comum a influenciador: uma análise do discurso digital sobre a ascensão de Top voices do/no LinkedIn*, Quenzer e Araújo ampliam as discussões acerca dos tecnodiscursos promovidos por Marie-Anne Paveau (2021) e discutem os aspectos discursivos que possibilitam que um usuário comum se torne um *Top Voice* do LinkedIn a partir da investigação do funcionamento dessa rede social. Ou seja, as autoras fazem uma análise das funcionalidades e funcionamento dessa rede a partir das seis características dos discursos digitais nativos, conforme Paveau (2021): composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade, a fim de examinar o processo de elegibilidade de *Top Voices* da plataforma.

Em *A língua de vidro: uma proposta de leitura do digital*, Pereira e Ferragut refletem sobre os arquivos disponibilizados e constituídos no/pelo eletrônico. Os autores propõem a metáfora do vidro, numa articulação com as formações algorítmicas, para compreender

alguns aspectos acerca desses “modos de ler”. Dessa forma, uma pergunta proposta pelo capítulo é: que (e)feitos a singularidade repetida, que constantemente substitui e é substituída, produz?

Faria, no capítulo *Intersecções semióticas no mundo digital*, discute como a disposição do universo tecnológico-digital se utiliza de elementos verbais e não verbais que, associados, compõem uma linguagem sincrética, por meio de intersecções na produção de material textual a partir da semiótica francesa, acionando, no receptor, todo o repertório sensorial no processo de recepção e de percepção dos tecnodiscursos (Paveau, 2021) ali apresentados e para a configuração da significação.

Em *Itinerantes de memória no discurso (do) urbano: o sujeito, a imagem e o digital*, Costa apresenta a temática da cultura visual contemporânea justamente no que concerne à constituição do discurso (do) urbano, atravessado pelo digital, tendo como forma-material a imagem.

Finalmente, no capítulo intitulado *A viralização discursiva no Twitter: sentidos em funcionamento sobre a reforma do ensino médio*, Castro reflete sobre a viralização de discursos sobre a Reforma do Ensino Médio e que sentidos ecoam à medida que esses dizeres viralizam. A autora olha para a questão a partir do funcionamento da memória discursiva, da memória metálica e da memória digital, uma vez que se há viralização no Twitter, há memórias em funcionamento, atravessando, sustentando, reverberando, ressignificando os dizeres no digital.

Esperamos que tais reflexões sejam, a princípio, algumas das várias possibilidades do dizer a partir das teorizações da análise do discurso francesa. Podemos afirmar que tais capítulos têm a função de esboçar inicialmente os caminhos dessa Análise do Discurso Digital que vem ocupando significativos espaços em diferentes grupos e universidades do país. Logo, nossa modesta empreitada é apenas um mote para que futuras problematizações irrompam e sejam analisadas a partir da materialidade digital que nos instiga, a todo instante, a pensar a relação entre sujeito-máquina-mundo.

Renata de Oliveira Carreon  
Marco Antonio Almeida Ruiz  
Lígia Mara Boin Menossi de Araujo  
*Entre Campinas, Goiânia e São Carlos*

# Análise do discurso digital: a questão da memória<sup>1</sup>

**Cristiane Costa Dias (Unicamp)**

---

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer a Fabiana Costa Dias e a Guilherme Ferragut pela leitura atenta desse texto e pelos questionamentos que me fizeram, trazendo contribuições fundamentais para o avanço desta reflexão.

# Introdução

Os estudos sobre o discurso digital têm ganhado uma importante dimensão no campo da Análise de Discurso. É, pois, desse campo de saberes que parto para desenvolver uma reflexão teórica e analítica sobre o funcionamento do discurso digital nos processos de significação da discursividade contemporânea.

Nessa perspectiva teórica, é fundamental que pensemos o digital em sua ordem, ou seja, considerando sua materialidade digital e seu funcionamento, em certas condições de produção, nas quais o digital vem a ser um determinante histórico das relações de sentido e a partir do qual, por fim, os discursos, os sentidos e os sujeitos significam.

É nessa direção que, para traçar uma reflexão sobre a “virada” teórica no campo da Análise de Discurso, pelas questões postas pelo discurso digital, vou problematizar a questão da memória, partindo dos três momentos do processo de produção dos discursos desenvolvidos por Orlandi (2001): o da constituição, o da formulação e o da circulação. A partir deles, vou sustentar a noção de memória digital como aquela que rege o processo de formulação dos dizeres em circulação pelo digital.

Para tanto, direi que constituir, formular e fazer circular sentidos são passos de um processo discursivo que considera o histórico, o linguístico e o digital de maneira constitutiva. Assim, lanço mão de uma questão que norteará a problematização sobre o tema da memória em Análise de Discurso, tomando o discurso digital como objeto de reflexão: “como formulamos, hoje”?

## Análise Parte I – formulação e memória

Cabe retomar o que Orlandi (2001) entende por formulação. Para a autora, “formular é dar corpo aos sentidos”. A formulação “se desenha em circunstâncias particulares de atualização, nas condições em que se dá, por gestos de interpretação e através de discursos que lhe emprestam ‘corpo’” (Orlandi, 2001, p. 10).

Em termos analíticos, podemos compreender essa definição em funcionamento pela leitura dos seguintes recortes discursivos, correspondentes às figuras 1 e 2:

**Figura 1.**

Capturas de tela de uma postagem no Facebook e uma no Instagram



**Figura 2.**



**Fontes:** Adnael: design ilustrações charges, Facebook; @midianinja, Instagram.

Partindo da definição de formulação trazida por Orlandi (2001), perguntamos: quais são as circunstâncias particulares de atualização do sentido da fome nesses recortes, e que discursos lhe emprestam corpo?

Do ponto de vista teórico-analítico do discurso digital, faz-se necessário um desdobramento da definição de formulação. Para tanto, proponho que façamos outras questões ao objeto a ser analisado neste capítulo, tais como: a) quais as circunstâncias de textualização do discurso da fome, tomado em determinadas condições de produção, que sustentam uma formulação pelo digital? Os dois recortes discursivos apresentados se formulam nas redes sociais, o primeiro no Facebook e o segundo no Instagram. Nesse sentido, o compartilhamento, as curtidas, as *hashtags*, a marcação de usuários, os comentários constituem circunstâncias de textualização da fome nesses recortes; b) nessas circunstâncias, como descrever o processo de filiação do sujeito à memória? Para pensar os processos de filiação do sujeito à memória, tomando como ponto de partida a constituição, a formulação e a circulação do sentido pelo digital, vou acrescentar, à atualização da memória discursiva pela linearização do dizer, e à repetição formal do dizer pela memória metálica, a reformulação do dizer pela memória digital. A partir do jogo entre essas três naturezas distintas de memória, passarei a descrever o processo de filiação do sujeito à memória nas circunstâncias particulares de textualização do

discurso digital. Podemos acrescentar, ainda, que o processo de atualização da memória discursiva é o da historicização, o processo de atualização da memória metálica é o da repetição formal e o processo de atualização da memória digital é da *storycização*. Em termos de procedimentos, podemos apontar o procedimento da variação de um dizer compartilhado, no caso da memória digital, o procedimento da repetição formal de um dizer armazenado, no caso da memória metálica, e o procedimento da linearização de um dizer estratificado, no caso da memória discursiva.

Em todos os casos, é preciso levar em conta as condições de produção, que são a de uma conjuntura política de polarização entre um discurso progressista, que preza pelas causas sociais e os direitos humanos, e um discurso de extrema direita, que privilegia a violência, o autoritarismo e o uso da força como forma de governar. Nessa conjuntura, o tema do armamento é discursivizado pelo então presidente de extrema direita do Brasil, Jair Bolsonaro, ao comentar para a imprensa a flexibilização por decretos de compra de armas a colecionadores, atiradores desportivos e caçadores, os chamados CACs e também para fazendeiros.

Transcrevo a seguir a formulação do discurso do presidente sobre as armas: *Tem que todo mundo comprar fuzil, pô. Povo armado jamais será escravizado. Eu sei que custa caro. Daí tem um idiota que diz ‘ah, tem que comprar feijão’. Cara, se não quer comprar fuzil, não enche o saco de quem quer comprar*<sup>2</sup>. Essa formulação suscita uma série de formulações, o que eu tenho chamado de “textualidades seriadas”, ou seja, um conjunto de formulações que têm um traço comum como elemento repetível. É da análise dessa textualidade seriada que irei me valer para problematizar o funcionamento da memória a partir do discurso digital.

Retomando, ainda, a definição de formulação trazida por Orlandi (2001) à luz da análise dos recortes das figuras 1 e 2, chamo a atenção para aquilo que diz respeito ao momento da interpretação no processo analítico e que se materializa no próprio gesto da formulação do presidente, emprestando corpo ao discurso da violência, ao discurso de ódio que se entranha à sociedade brasileira de maneira sistemática, nos últimos anos, ao discurso da desigualdade, produzida por uma política de privilégios aos ricos.

O discurso da desigualdade pode ser observado pela marca linguística fuzil, na charge de Adnael (figura 1) e pela imagem do fuzil, na postagem do Mídia Ninja<sup>3</sup> (figura 2). O sentido de fuzil se produz em diferentes formações discursivas, uma filiada ao discurso progressista e a outra ao discurso fascista. Pelo mecanismo da ironia, a posição discursiva

<sup>2</sup> *Correio Braziliense*, em 27 ago. 2021.

<sup>3</sup> Rede de mídia independente.

que se filia ao discurso fascista é a do pobre, a ponta mais fraca da desigualdade, que almeja ter poder aquisitivo para comprar um fuzil, ainda que não tenha o que comer nem onde morar. Esses sentidos se sustentam, evidentemente, na formação discursiva do mercado como a única saída para os problemas das sociedades, no âmbito do neoliberalismo. O funcionamento da ideologia de mercado não deixa ver que políticas sociais constituiriam uma outra possibilidade de sentido, outros processos de subjetivação. De posições distintas, as duas postagens se sustentam sobre o problema da fome, uma desprezando-o e a outra reivindicando outra posição da sociedade frente à política adotada pelo governo Bolsonaro.

Nesse primeiro movimento de análise, ao descrever as circunstâncias particulares de atualização do dizer de Jair Bolsonaro e os discursos que lhes emprestam corpo, destaquei a instância da formulação no processo de produção dos discursos.

Essas duas formulações são inseparáveis das circunstâncias de sua atualização e desses discursos que lhe emprestam corpo, o discurso armamentista, o discurso da desigualdade, o discurso da violência. Eles se textualizam pela materialidade digital, ou seja, o texto produzido no interior de processos sociais e históricos de um mundo conectado.

Lembremos que “a textualização do discurso implica a materialização do objeto simbólico, isto é, a formulação” (Orlandi, 2017, p. 246). Portanto, a consideração desses elementos que destaquei acima pela descrição e interpretação já coloca o texto em relação com a exterioridade, refletindo sobre seu funcionamento a partir do discurso digital, ou seja, dos efeitos de sentidos produzidos pelas tecnologias digitais, repercutindo sobre a natureza do texto. Há uma mudança na relação do sujeito com a escrita e da relação com a exterioridade do dizer.

Uma das características do texto pelo digital, apontadas por Orlandi (2009), é sua “expansão horizontal”. Trata-se de um texto suscetível de expansão por compartilhamento, comentários, curtidas, montagens discursivas, *hashtags*, viralização, marcação etc.

**Figura 3.** Captura de tela de postagem do Facebook



**Fonte:** Boca no trombone Uberlândia, Facebook

O recorte figura 3 traz uma postagem do Facebook que textualiza a charge postada por Adnael (recorte figura 1), expandindo-a. Essa expansão horizontal<sup>4</sup> do texto se dá por meio da *variança*<sup>5</sup>, cujas marcas que podemos apontar aqui são os comentários, a montagem, a legendagem da charge. Observemos que no recorte figura 1 também temos a expansão horizontal do texto marcada pelo uso das *hashtags*. Todos esses elementos fazem parte de um modo de textualização pelo digital,

[...] em que nos confrontamos com a ilusão de que a relação com o interdiscurso não está funcionando. O que se acentua em visibilidade é a intertextualidade: adiciona-se a este texto mais aquele mais aquele e se tem um (hiper)macrotexto. Lugar da quantidade de informação. E da rarefação da reflexão. Consequência de um modo particular de relacionar estrutura e acontecimento (Orlandi, 2012, p. 25).

<sup>4</sup> A atualização é um procedimento da expansão horizontal do texto, que pode se dar pela linearização, pela repetição formal ou pela variança.

<sup>5</sup> A noção de variança foi elaborada por Orlandi (2001) como o elemento que trabalha a regularização sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase.

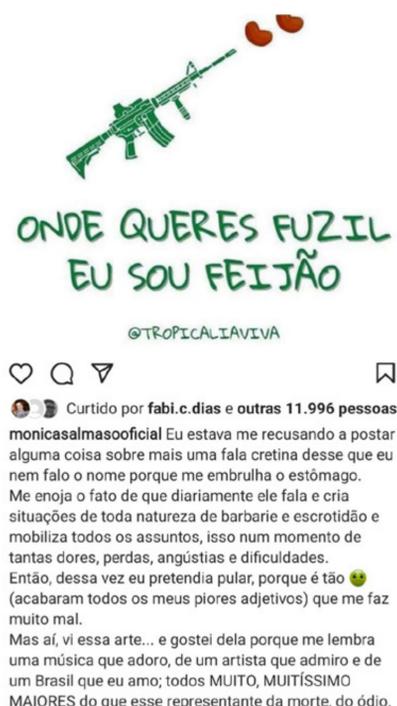
É sobre essa relação entre estrutura e acontecimento que gostaria de me debruçar um pouco mais detalhadamente, a partir de um segundo momento da análise desta textualidade seriada que se constrói sobre a repetição da estrutura fuzil x feijão.

**Figura 4.**

Capturas de tela de postagens do Instagram



**Figura 5.**



**Fonte:** Instagram

Nos dois recortes acima, a imagem do fuzil se repete, fazendo traço da textualidade seriada, sobre a qual direi ainda que é sempre passível de ruptura da série quando há deslocamento do sentido por filiação a uma outra série de acontecimentos, expandindo o texto verticalmente. No caso em análise, a textualidade seriada se mantém por expansão horizontal, ou seja, expandindo-se pela instância da circulação, no âmbito da mesma formação algorítmica (Ferragut, 2018), ou seja, essa instância teórica por meio da qual a ideologia da técnica trabalha para delimitar as fronteiras dos sentidos daquilo que pode e deve ser dito.

Se no primeiro momento da análise destaquei a instância da formulação no processo de formulação do discurso da fome, aqui destaco a instância da circulação como aquela que estrutura a expansão horizontal do texto e, com isso, pelo procedimento da variação, o constitui na relação com a memória digital, *storicizando* o sentido.

Na superfície do dizer, observemos que a palavra “feijão” é metaforizada pelo prato vazio no recorte figura 4, significando a fome, a falta do alimento necessário para a subsistência e dignidade humana. Já no recorte figura 5, tanto fuzil quanto feijão significam, por variação (Orlandi, 2001), a resistência, inscrevendo o sentido no campo

da luta não armada, cuja posição é daqueles que acreditam ser possível vencer o ódio e a injustiça pelo amor.

Cabe, nesse momento, perguntar: qual é o funcionamento dessa memória que trabalha o sentido pela repetição? Se seguirmos os ensinamentos de Orlandi (2006) sobre a memória metálica, diremos que seu funcionamento é formal porque produz uma infinidade, uma multiplicação dos dizeres, “a enorme variação do mesmo”, a série, como é o caso das formulações que textualizam a relação discursiva entre a fome (feijão) e a violência (fuzil), a partir da declaração do presidente Jair Bolsonaro. Essas textualidades seriadas, enformadas por uma memória formal, metálica, têm uma ordem significativa própria, que constitui o sentido na relação com o não-esquecimento maquínico. Essa memória, segundo Robin (2016), institui o “móvel, transitório, efêmero, inapreensível, mundo do fluxo, fluido, que se esvai rapidamente.”. O efêmero visível. Nas palavras de Orlandi (2017, p. 244),

É este imaginário que administra socialmente tanto a posição-sujeito como os efeitos de sentidos do digital em sua práxis. Imaginário muitas vezes reproduzido nas teorizações elas mesmas. Para mim, isso significa que o pragmático deixa de ser apenas uma dimensão teórica para ser, na dominância de sua ideologia, uma instância do funcionamento da realidade (seja social, científica, cultural) marcando/absorvendo a ciência, a tecnologia e o administrativo.

Estaria aqui a relação com a memória como arquivo, a memória metálica, que retorna, pelo funcionamento dos algoritmos, por sua relação inevitável com a quantidade.

Aqui entramos na circulação como uma das instâncias de produção dos discursos. Para Orlandi (2017, p. 247), “é o modo de circulação, inerente à sua materialidade, que rege a textualização do discurso, afetando tanto a constituição como a formulação, e, portanto, o funcionamento ideológico do discurso digital”. Diante disso, tenho afirmado que na internet é a circulação que rege a formulação dos discursos, uma vez que a circulação é inerente a sua materialidade. Pelo digital, formulamos para circular. Daí a eficácia do discurso do acesso, da quantidade ser parte da prática de leitura.

Nessa textualidade seriada que analisei até aqui, o dizer registrado em vídeo pelo presidente Bolsonaro em pronunciamento à imprensa estava presente por sua ausência, por uma memória discursiva, aquela que “vem restabelecer os ‘implícitos’ de que [uma] leitura necessita.” (Pêcheux, 1999, p. 52), significando pelo discurso de violência e da desigualdade.

É a partir desse pronunciamento que se estruturam dizeres que colocam em relação de metáfora fuzil e feijão, violência e fome, fazendo com que o texto se expanda horizontalmente, produzindo uma textualidade seriada. Formula-se um dizer pela circulação, um sentido que repercute e retorna sobre si mesmo, “um eco anônimo desprovido de bordas” (Pêcheux, 2016, p. 28)?

Assim, se por um lado, podemos dizer que, pela memória discursiva, o dizer de Bolsonaro sobre a flexibilização da compra de armas significa a textualidade seriada fuzil-feijão, por sua ausência significativa, por outro lado, também podemos afirmar que, pela memória metálica, esse dizer retorna no próprio intradiscurso, que atualiza dados pela repetição formal, fazendo reverberar o “acontecimento sem profundidade”, “aquele que se repete no interior de sua própria aparição instantânea” (Pêcheux, 1999, p. 55).

## Considerações sobre a Parte I – arquivo e memória

A partir do movimento de análise apresentado, trabalhei sobre o funcionamento do discurso por meio da memória discursiva e da memória metálica. Sobre esta última, podemos observar, provisoriamente, até agora:

1. Que há repetição do sentido por uma estrutura fuzil-feijão;
2. Que essa repetição é dispersiva e variável;
3. Que a repetição formal instaura o acontecimento sem profundidade.

Segundo Pêcheux (2016, p. 27),

[...] as deficiências radicais que afetam atualmente as políticas de transformação social em um país como o nosso podem efetivamente facilitar a instalação de semelhantes ortopedias (de leitura), conformando por novos meios à religião do sentido, isto é, a contemplação estúpida de um espaço de repetição em que tudo está sempre com variações aproximadas. Mas o vazio político atual pode também, paradoxalmente, contribuir para libertar a análise dos discursos das rotinas da reprodução do sentido e engajá-la na *produção de acontecimentos*.

Diante disso, pergunto: como engajar a análise dos discursos na produção de acontecimentos? Isso pode ocorrer justamente pelo trabalho de análise do arquivo e considerando sua constituição pelas diferentes naturezas de memória (a metálica, a

discursiva e a digital), considerando que as buscas algoritmizadas de uma “máquina desprovida de margens” são parte da materialidade do arquivo. Desse modo, o trabalho de análise “começa assim a funcionar como um acontecimento discursivo, perturbando o quadro, inquietando as posições estabelecidas [...] repercutindo aquilo que trabalha às margens dos discursos” (Pêcheux, 2016, p. 27-28) e “não mais o eco anônimo desprovido de bordas”.

Como trabalhar o arquivo em sua constituição pelas diferentes naturezas de memória? Investir sobre o trabalho da formulação em seu movimento parafrástico, tomada como “clivagens subterrâneas entre maneiras diferentes, ou mesmo contraditórias, de *ler o arquivo*” (Pêcheux, 2010, p. 51) é um caminho promissor para compreendermos o processo de produção dos sentidos pelo digital.

E nesse percurso, a memória digital tem um importante papel, pois é ela que rege o movimento da variação, as clivagens subterrâneas determinadas pela “formação algorítmica” (Ferragut, 2018) dos enunciados.

Na sequência, veremos como se dá esse processo.

## **Análise Parte II – memória digital**

A memória digital é aquela que trabalha a formulação circunscrita pelos dispositivos digitais. Se a memória discursiva é aquela que trabalha a constituição do discurso pela filiação dos sentidos em sua materialidade discursiva, e a memória metálica a que trabalha a circulação pela multiplicação dos dizeres em sua materialidade formal, a memória digital é aquela que trabalha a formulação dos dizeres em circulação, pela variação, em sua materialidade digital.

Gostaria de retomar aqui a compreensão de que “é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, *hashtags*, memes, *links*...) que o digital se formula e se constitui.” (Dias, 2018, p. 29). É por essa circulação própria do digital, com suas ferramentas e tecnologias, que a formulação ganha corpo e rompe com a estrutura totalizante da máquina, com a memória metálica, fazendo incidir sobre o corpo dos sentidos, a memória digital, como um resíduo incômodo que produz uma “clivagem subterrânea”, um desencaixe na formulação. Essa clivagem corresponde justamente ao trabalho da variação, a saber, as remissões, as retomadas e os efeitos de paráfrase.

Vejamos como o funcionamento dessas diferentes memórias pode ser observado pela análise do recorte abaixo, na figura 6.

**Figura 6.** Captura de tela de postagem do Instagram



**Fonte:** @tucaandrada, Instagram.

Essa textualidade seriada, que se constitui por uma “dialética da repetição e da regularização” (Pêcheux, 1999, p. 52) do sentido entre fuzil e feijão, mostra pelo funcionamento da memória digital – que circunscreve a formulação por meio da tecnologia, dos recursos de textualização diversos como a montagem, sobreposições, aproximações, compartilhamentos, como pudemos ver na análise do recorte da Figura 3 – a variação do sentido. Isso se dá pelo recurso de montagem de um retrato da rainha da França no período da Revolução Francesa, Maria Antonieta, cujo rosto é substituído pelo rosto de Bolsonaro.

**Figura 7.** Retrato da rainha



**Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria\\_Antonieta](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Antonieta)

Esse trabalho da formulação pela memória digital produz efeitos de paráfrase, remissões, que vão fazendo derivar o sentido.

Aqui podemos pensar, num primeiro momento, no efeito de deriva entre feijão e fuzil, substituíveis um pelo outro na estrutura da significação de violência, uma vez que tanto as armas quanto a fome podem matar, tanto as armas quanto a fome significam formas de violência contra a humanidade, sustentadas pela desigualdade entre aqueles que podem comprar arma e feijão e aqueles que não podem comprar nem arma, nem feijão, ainda que muitos se identifiquem ao discurso do seu algoz, acreditando que as armas os fariam sair da situação de fome, como pudemos ver na charge de Adnael (figura 1).

E, num segundo momento, podemos seguir nossa interpretação pela análise da paráfrase visual, construída por remissão à rainha Maria Antonieta, trazendo também os sentidos dessa personalidade na revolução francesa, conhecida na história como *persona non grata* pelo povo e também pela corte francesa.

Além da montagem feita na imagem, a legenda colocada no meme: “Se não tem feijão que comprem fuzil” também formula o sentido pelo funcionamento da memória

digital, já que o processo de dar “corpo aos sentidos”, está circunscrito por *sites* e/ou aplicativos como o “gerar memes”, o “meme generator free” e outros.

**Figura 8.** Captura de tela da criação de meme no *site* gerar memes



Fonte: <https://www.gerarmemes.com.br/>

No recorte da figura 8, observemos que nos campos à direita temos o espaço circunscrito da formulação pelo *site* e, à esquerda, no meme gerado, temos o resultado dessa formulação circunscrita pelo digital. Cabe aqui também ressaltar que a imagem do gatinho foi recuperada de um arquivo de imagens do próprio *site* “gerar memes”, fazendo intervir a memória metálica na forma material dessa textualidade, afetando, assim, sua formulação e sua constituição.

A produção circunstanciada de uma formulação ocorre pelo funcionamento da memória digital que rege o modo de formular circunscrito pelo uso de ferramentas como corretor automático, configuração de comentários e mensagens, limitação de caracteres para escrita de texto, outras funcionalidades diversas como *retweet* (RT), *trending topics* (TTs), *hashtag*, curtir, compartilhar, preenchimento automático, etc., elementos que constituem o que venho chamando de dimensão técnica do silêncio, ou seja, aquela que põe em relação silêncio e tecnologia de linguagem. Todos esses recursos fazem parte do corpo do sentido, portanto, da formulação, do modo de textualização do discurso, filiado a uma memória digital. A memória digital é aquela à qual o sujeito se filia para dar corpo ao sentido pelo digital. É nesse sentido que, como defini em publicação anterior (Dias, 2018, p. 161), “a memória digital seria, pois, o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscrevendo no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)”. Em outros termos, a memória digital é o lugar da deriva que,

pela textualização digital, inscreve o dizer em uma determinada formação algorítmica ou rompe com ela.

No recorte em análise, a deriva se dá pelo trabalho de montagem a partir do retrato de Maria Antonieta, pela qual o texto “se não tem feijão que comprem fuzil” aciona a memória discursiva da revolução francesa, que significa pela variação do dizer atribuído à rainha “Se não tem pão, que comam brioche”.

Segundo nos ensina Pêcheux (1999), é sob os efeitos das remissões e paráfrases que residem os implícitos, aqueles que podem fazer ruir uma série. É nesse sentido que sob a regularização que sustenta a textualidade seriada fuzil-feijão, pelos efeitos de paráfrase, a memória discursiva da revolução francesa pode interromper a série e desmanchar a regularização e fazer repercutir aquilo que trabalha às margens do discurso. Destaco que estou aqui trabalhando as três naturezas de memória, cada uma fazendo seu papel concomitantemente no processo de produção do discurso.

Assim, por uma relação com a memória discursiva, podemos substituir feijão por pão, considerando outra condição histórica de produção: a revolução francesa.

## **Análise Parte III – memória discursiva**

Em análise feita por Malidier, Robin e Guilhaumou (2016, p. 164), no livro *Discurso e Arquivo*, sobre a coordenação Pão e x, os autores afirmam que:

De 1789 a 1795, uma série de enunciados compostos pela sequência *Pão e X* marca os principais momentos do processo revolucionário. Essa estrutura de coordenação parece atestar a emergência de novas significações no campo dos discursos revolucionários. É por meio da coordenação que o grito tradicional do povo “Pão” se inscreve no espaço político: ‘*Pão e a Versalhes!*’ gritam as mulheres em 5 de outubro de 1789; ‘*Pão e liberdade*’, precisam os jacobinos perante o levante revolucionário de 1793; ‘Pão e ferro’, reivindicam os partidários do Maximum (1793-1794)\* [Maximum Général: lei que instituiria um teto para o preço dos grãos.] ‘*Pão e a constituição de 1793*’, clamam os *sans-culottes* parisienses diante dos deputados termidorianos em 1795”.

Para Guilhaumou, Malidier e Robin (2016), pão é um significante de subsistência: “No século XVIII, a expressão ‘pão’ não é somente um exemplo gramatical, é também, e sobretudo, um grito proferido pelo povo durante as revoltas da subsistência que marcam o fim do Antigo Regime”.

Ao retomar essa análise que tem como circunstância de enunciação o período da revolução francesa, quero situar a formulação “se não tem feijão que comprem fuzil” no campo da luta, uma vez que faz menção e eco<sup>6</sup> a esse momento histórico pela retomada do sentido de luta entre uma classe dominante e o povo à mercê de seus caprichos.

Esse sentido também é retomado, pelo funcionamento da ironia, em outros momentos da nossa história recente. Trazendo aqui o trabalho de Orlandi (2012) sobre o discurso irônico, podemos afirmar que “a ironia se dá pelo estabelecimento de uma região significante, de um espaço de linguagem em que não só simulações, mas também alusões e mesmo rupturas de significação podem ser desenvolvidas.”. É esse lugar da ruptura no processo da significação que me interessa explorar.

**Figura 9.** Charge do Lailson



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/560698222357361451/>

Como sabemos, 2013 foi um momento de fortes reivindicações populares no Brasil, largamente significado pelo discurso digital, pois havia um trabalho intenso de circulação e formulação pelo digital do discurso da luta. A ironia – na charge do cartunista Lailson, assim como no meme Artes Depressão – funciona como um elemento de ruptura do sentido estabelecido pelo funcionamento da ideologia que produz a evidência de que o transporte público não é necessário, não precisa ter qualidade e deve dar lucro para as empresas, mais do que ser um direito do povo. Por tudo isso, a ironia se constrói sobre a evidência de que R\$0,20 centavos não faz diferença. Lembremos que, segundo Orlandi (2012, p. 37), “o sujeito falante pode usar a ironia para romper o estabelecido, ou para

<sup>6</sup> Estou ancorada no texto de Orlandi (2012), quando a autora se refere ao trabalho de Wilson e Sperber sobre a *menção ecoica*, para afirmar: “o alvo da ironia é aquilo a que ela faz eco”. Aqui, não se trata do mesmo “eco anônimo desprovido de bordas”, referido por Pêcheux (2016) e retomado anteriormente, nesse texto.

evitar que isso aconteça”. Nesse caso, a ironia busca romper o estabelecido de que R\$0,20 não faz diferença. O uso do advérbio “apenas” é uma marca desse uso.

Na charge em análise (figura 9), o significante “ônibus”, objeto de reivindicação e subsistência naquele momento em que o povo ia às ruas protestar contra o aumento da tarifa de ônibus, se atualiza na memória digital posto em relação com o meme Artes Depressão no recorte figura 6, por “feijão”, objeto de reivindicação no momento em que o povo está passando fome enquanto o presidente incita e flexibiliza a compra de armas no país, ao invés de dar comida ao povo. Mais uma vez, na charge, a figura de Maria Antonieta (ao lado de Luiz XV) faz menção à desigualdade entre o povo e a nobreza ou a elite, produzindo ecos do sentido da revolução e da ruptura com o regime vigente, pela luta pelo direito do povo ao alimento, ao transporte, à justiça, elementos fundamentais da subsistência humana. Nessa análise, tanto a figura de Maria Antonieta quanto a estrutura “se não tem x, que y”, nas formulações “se não tem pão, que comam brioche”, “se não tem ônibus, por que não usam táxis”, ou “se não tem feijão, que comprem fuzil”, fazem repercutir o sentido da luta, em diferentes condições de produção, em diferentes conjunturas.

O sentido da revolução ecoando pelo significante “pão”, cuja variação “feijão” ou “ônibus” reformula a luta, pelo funcionamento da memória digital, também está presente na formulação “Vida, Pão, Vacina e Educação”, palavra de ordem do movimento estudantil organizado pela UNE em março de 2021, numa manifestação contra Jair Bolsonaro.

**Figura 10.** Foto: Bruno Rocha/Agência Enquadrar/Folhapress



Fonte: <https://theintercept.com/2021/06/23/presidente-ubes-covid-maioria-alunos-rede-publica-educacao/>

Esse enunciado, que viralizou na internet, traz outros significantes ao sentido de subsistência, tais como, “vida”, “vacina” e “educação”, na contraposição a fuzil, significante da morte.

As condições de produção dessa formulação, em sentido mais estrito, diferentemente daquelas do meme Artes Depressão, não são as da declaração de Bolsonaro à imprensa sobre a compra de armas, mas aquelas muitas circunstâncias em que o presidente negou a eficácia da vacina contra covid-19, buscando impedir a imunização da população e também as circunstâncias em que o governante brasileiro desprezou a vida dos milhares de mortos pela covid-19.

Buscando romper com uma política negacionista, de desprezo à vida, as formulações vão trabalhando, pela variação, a regularização do sentido. Filiados à memória digital, os sujeitos formulam diferentemente o texto expandindo-o horizontalmente, até romper a série do processo de textualização, deslocando o sentido por filiação a uma outra série de acontecimentos, expandindo o texto verticalmente.

Assim, as formulações que compõem os recortes das figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6 marcam o momento do processo de ruptura com o discurso armamentista, ora pela ironia, como no caso dos memes e das charges, ora pela poesia, como no recorte da figura 5; “onde queres fuzil eu sou feijão”, variação da estrutura de versos da canção de Caetano Veloso, “O Quereres”:

*Onde queres revólver, sou coqueiro  
E onde queres dinheiro, sou paixão  
Onde queres descanso, sou desejo  
E onde sou só desejo, queres não  
E onde não queres nada, nada falta  
E onde voas bem alta, eu sou o chão  
E onde pisas o chão, minha alma salta  
E ganha liberdade na amplidão  
[...]*

Desse modo, muitos sentidos que circulam pela memória metálica, pelo uso de robôs, pelos algoritmos, como um “eco anônimo desprovido de bordas”, se formulam pela memória digital, que faz os sentidos derivarem, inscrevendo-os em outras formações algorítmicas, num processo de textualização seriada, como busquei mostrar pelas análises, fazendo circular o sentido de que o que precisamos é arroz, feijão e poesia, ou seja, de uma relação indissociável, como acreditava Pêcheux (2004), entre o político e a poesia.

Figura 11. Captura de tela de postagem do Instagram



Fonte: @elisalucinda, Instagram

## Considerações finais

Insisti, nesse texto, em mostrar, pela análise, aquilo que afirmei no livro *Análise do discurso digital* (2018), isto é, que é pela circulação que o digital se formula e se constitui. As textualidades seriadas têm, nesse processo, um papel importante, pois elas se definem pela circulação dos sentidos. Por elas é também possível mostrar como se dá o trabalho da formulação, por filiação à memória digital, já que a variação é um procedimento fundamental da textualidade seriada.

Nesse sentido, busquei trazer nesse texto, pelo trabalho de análise, como a formulação e a constituição são afetadas pela circunscrição digital que põe os dizeres em circulação, como as *hashtags*, os compartilhamentos, as marcações, as “caixas de texto” com ou sem limitações de caracteres, as configurações das redes, *apps* etc. Todas essas

ferramentas de escrita põem o dizer em circulação, ao mesmo tempo que circunscrevem sua formulação.

Por isso, trabalho com dizeres em “circulação pelo digital”, cujas formulações carregam elementos do “‘meio’ enquanto materialidade do *locus*, em que acontece e se estrutura o significante” (Orlandi, 2009, p. 64). Daí a noção de memória digital. Ela não se restringe ao ambiente digital, mas tem seu funcionamento atado à estrutura do significante, lá onde a formulação está circunscrita às ferramentas digitais.

Ao falar em circulação pelo digital estamos nos referindo aos dizeres que significam pela ordem discursiva digital. Não se trata de localizar se um dizer se origina ou não no ambiente digital, mas de mostrar seu acontecimento pelo digital, pelo funcionamento da memória digital.

## Referências

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018. p. 19-29.

FERRAGUT, G. **Sentidos em circulação pelo digital**: justiça e polícia e seus efeitos na sociedade. 2018. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

ORLANDI, E. **Eu, tu, ele**: discurso e real da história. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. P. No leva-e-traz da política científica: uma interrogação sobre as “relações sociais”. **RUA** [*on-line*], Edição Especial, 2014.

ORLANDI, E. Tecnologias da linguagem: um novo funcionamento. *In*: ORLANDI, E. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 63-78.

PÊCHEUX, M. *et al.* (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016 [1981].

# Ressignificação e revascularização discursivas: espaços de resistência em contexto digital<sup>7</sup>

**Roberto Leiser Baronas (UFSCar/CNPq)**

---

<sup>7</sup> Uma versão bastante modificada deste texto foi publicada na *Alfa: Revista de Linguística*, volume 66, em 2022. O artigo está disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13708>.

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...

E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido.

E através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição (Pêcheux, 1990, p. 17).

## Primeiras palavras

Durante o ano de 2016, diversos enunciados frequentemente misóginos ofendendo a presidenta Dilma circularam pelas cidades brasileiras, desde pichações até adesivos colados no tanque de combustível dos carros. O enunciado “Fora Dilma!”, por exemplo, esteve muito presente, sobretudo, nos grandes meios de comunicação, em diferentes dispositivos languageiros e tecnolinguageiros. À época, fevereiro de 2016, nos porões do Congresso Nacional e nas salas da Casa Grande, o Golpe Parlamentar, que depôs a presidenta Dilma do governo, estava em franco processo de maquinação.

Num muro específico de Florianópolis, o sutil e genial trabalho de um locutor anônimo estava escrito com grafite majoritariamente em preto “Força Dilma!”. Visualmente, o cedilha havia sido grafado posteriormente com grafite em vermelho, dando para inferir que um primeiro locutor escreveu em preto “Forca Dilma!” e o outro ressignificou esse enunciado para “Força Dilma!”, ao acrescentar, em vermelho, um pequeno traço, transformando-o em cedilha. O trabalho do último locutor, com o acréscimo de um pequeno sinal diacrítico à letra C, evidenciou que esta palavra não tem mais som de “cá” [k’a] e sim de “esse” [’ɛsi]. A partir do uso do grafite vermelho, o enunciado mudou completamente de sentido, e o que era a intenção de uma espécie de sentença de morte, metonímia para o pedido de *impeachment* – “Forca Dilma!” – se tornou uma demonstração de apoio a Dilma – “Força Dilma!”. O mais interessante nesse exemplo é que este cedilha intruso em vermelho, engendrado pelo inconformismo de um sujeito que se sentiu ofendido, deixa evidente a renhida disputa pelos sentidos entre diferentes

grupos sociais que marcou, desde o início, todo o processo de deposição da primeira presidenta brasileira legitimamente eleita.

O exemplo em questão, embora produzido fora do ambiente digital, poderia talvez ser entendido como uma resignificação. Em outras palavras, ele é pertinente para mostrar a inversão semântica e axiológica, por recontextualização do enunciado ofensivo “Força Dilma!”, a partir de sua carga ofensiva, efetuada pelo sujeito agredido com efeito reparador, transformando esse enunciado com base em um sutil ato de subversão de sentido, o acréscimo em vermelho do cedilha intruso, em “Força Dilma!”. O sujeito, em vez de incorporar a ofensa que lhe foi desferida, produziu uma resposta discursiva e ideologicamente inovadora.

## 1. Sobre resignificação discursiva

Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b, 2020 e 2021) apresenta uma tipologia dessas práticas tecnodiscursivas resignificantes, baseando-se em três categorias: 1. a recontextualização enunciativa, quando um enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação; 2. a publicação analógica, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e 3. a produção de um dispositivo cultural ou intelectual, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação, que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e essa resignificação se transforma num dispositivo cultural e intelectual de resistência. Nesse sentido, a autora propõe uma

[...] teorização da resignificação, de modo a convertê-la numa noção operatória para a análise do discurso, na esteira de Butler, do trabalho de Brontsema, pesquisas anteriores sobre a noção (Paveau, 2013a, 2017a, 2017b, 2019) e integrando igualmente a perspectiva de Kunert. Essa teorização excede a própria prática de reapropriação das designações de pessoa e se desvencilha da abordagem lexical ou categorial frequentemente apresentada para exemplificar a resignificação. Ela se abre para outras práticas e táticas discursivas, permitidas pelos universos discursivos digitais, mas não por eles apenas, envolvendo não somente os designativos, mas os discursos, os signos, as imagens, os sons. A resignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total, que envolve formas discursivas variadas e plurissemióticas [das quais os sujeitos ofendidos se valem para responder aos seus ofensores] (Paveau, 2020, p. 30).

Para analisar a ressignificação em contextos digitais, a partir das três tipologias propostas, a pesquisadora francesa propõe ainda sete critérios linguístico- (tecno) discursivos, que, segundo ela, constituem a ressignificação como processo discursivo:

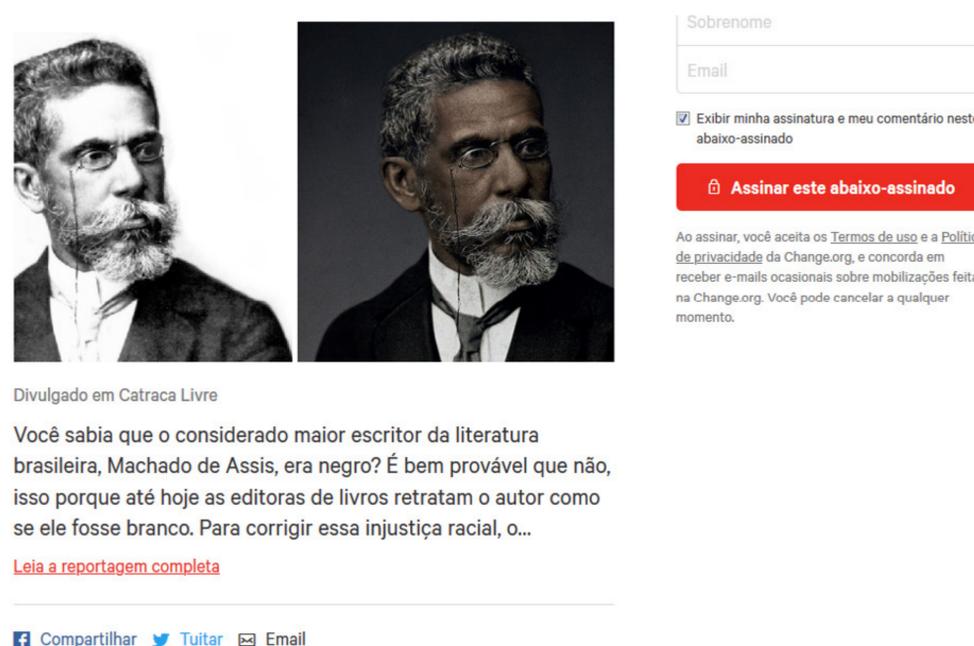
1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela “abertura a contextos desconhecidos” (Butler, 2005, p. 234);
6. critério sócio-semântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;
7. critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (Kunert, 2010) (Paveau, 2020, p. 39).

Com base nesses 07 critérios, a autora define a ressignificação como uma prática linguageira, linguística e material de resposta (2) a um enunciado ofensivo (1), efetuada pelo sujeito agredido pela auto-categorização ou recontextualização simples (3), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (4) num contexto alternativo (5), o novo uso sendo aceito coletivamente (6) e produzindo uma reparação e uma resistência (7).

Um bom exemplo da fecundidade da teoria da ressignificação, aqui entendida enquanto prática tecnodiscursiva e ao mesmo tempo um fato discursivo, que possibilita pensar também na sua ampliação, advém de uma campanha criada pelo movimento #MachadodeAssisReal, que objetiva reparar uma injustiça racial, qual seja a de que até hoje, tal qual como alhures, as editoras retratam Machado de Assis como se ele fosse branco. Esse movimento criou ainda um abaixo-assinado virtual na plataforma Charge.org<sup>8</sup> pedindo para que as imagens embranquecidas do escritor brasileiro sejam substituídas.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://encurtador.com.br/gtA37>. Acesso em: 18 maio 2022.

**Figura 1.** Fotografias de Machado de Assis, que evidenciam como ele foi embranquecido pelas editoras brasileiras



Fonte: <https://encurtador.com.br/fQXYZ>

O movimento #MachadodeAssisReal criado em abril de 2019 é o resultado de uma parceria entre a Faculdade Zumbi dos Palmares e a agência Grey Brasil, contando ainda com o apoio de organizações como o Quilombhoje de incentivo à literatura de autoras e autores negros. Para os organizadores do movimento:

Mais do que corrigir o passado, queremos que esse absurdo racial deixe de ser perpetuado na literatura brasileira. Por isso, criamos este abaixo-assinado para que as editoras e livrarias deixem de imprimir, publicar e comercializar livros em que o escritor aparece embranquecido e substitua a imagem preconceituosa pela foto de Machado de Assis Real.

Como dissemos, trata-se de um bom exemplo de resignificação. Temos neste exemplo os 7 critérios, propostos por Paveau (2019a, 2019b, 2020 e 2021), funcionando:

**1. critério pragmático:** um grupo de atores institucionais, dentre eles a Faculdade Zumbi dos Palmares, considera as fotografias embranquecidas, que circulam nas obras de e sobre Machado de Assis, uma ofensa aos negros;

**2. critério interacional:** esses atores sociais convocam por meio de tecnodiscursos milhares de brasileiros a corrigirem livros, onde a imagem de Machado de Assis aparece embranquecida, trocando-a por uma imagem real, recriada com base em dados históricos, respeitando seus traços, sua origem e o tom da sua pele;

**3. critério enunciativo:** essa substituição da fotografia embranquecida pela fotografia real de Machado de Assis busca se constituir numa reparação histórica a que o escritor Machado de Assis faz jus;

**4. critério semântico-axiológico:** essa reparação histórica faz conhecer a todos que umas das maiores personalidades da história da literatura brasileira é um negro, cujo passado, trajetória de luta, superação e resiliência se assemelham à maioria dos negros do país;

**5. critério discursivo:** o movimento que se inicia com base em um tecnografismo #MachadodeAssisReal, acompanhado de um abaixo-assinado virtual, passa a circular em outros ambientes tanto no digital quanto fora dele;

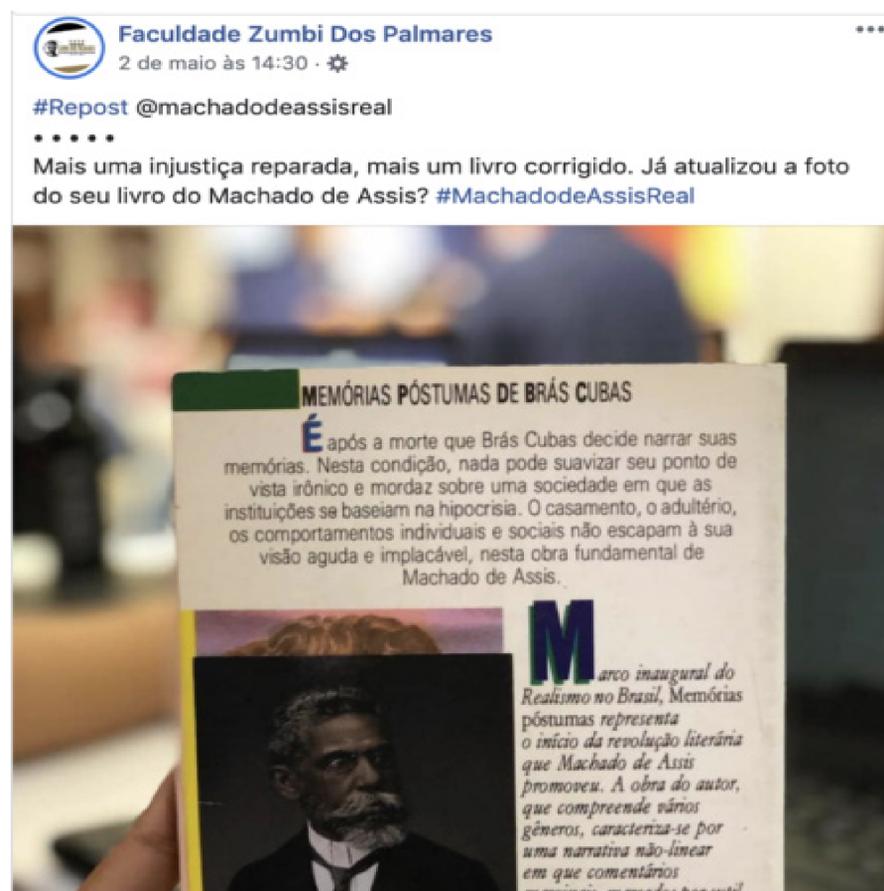
**6. critério sócio-semântico:** as pessoas compreendem o significado, o peso simbólico, da ação proposta e mostram bastante engajamento, passando a substituir nos seus próprios exemplares as fotografias embranquecidas pelas fotografias reais;

**7. critério pragmático-político:** a retratação demandada inicialmente pelos atores sociais institucionais ganha o sentido de luta coletiva dos negros de maneira geral, avalizada também por outros atores sociais.

A fala do Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, Prof. Dr. José Vicente, e a imagem a seguir são bastante ilustrativas da configuração coletiva, portanto política, que adquiriu o movimento:

[a troca] permite a reformulação de juízos e valores e torna o escritor uma importante referência à comunidade negra do país. Estabelece e confirma que o negro é portador de saberes, habilidades e competências extraordinárias e grande potência como gênio inventivo, criador e transformador. Eleva a autoestima, gera modelo a ser admirado e seguido, transforma-se em referência positiva. Promove e eleva o sentimento de orgulho, honra, entusiasmo e empoderamento para toda a comunidade negra do Brasil.

**Figura 2.** Captura de tela de *post* de uma rede social da Faculdade Zumbi dos Palmares, evidenciando a troca de fotografias



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bw96ESsF1xM/>

## 2. Um dado problema

Durante a partida entre Internacional e Corinthians, no dia 14 de maio passado, pelo Campeonato Brasileiro, Edenilson disse que foi chamado de “macaco” pelo jogador Rafael Ramos. O laudo afirma que, pelas imagens, não foi possível ver o movimento da língua do jogador do Corinthians. A situação iria facilitar a conclusão sobre o estudo, permitindo que fosse possível descobrir o que foi dito pelo atleta. O recurso de leitura labial foi descartado por não ter validade jurídica. Por conta disso, não existem elementos sonoros para aprofundar a pesquisa, então o caso segue sem um resultado definitivo. Os peritos escreveram que “Sobre o pedido de exame pericial de leitura labial, ressalta-se que não foi encontrada metodologia científica, aplicada à análise forense de vídeos, que sustente esse tipo de trabalho. Existem apenas publicações sobre percepção visual da fala e aprendizagem de leitura labial”.

Em gesto de resistência, o atleta mudou o nome do seu perfil oficial do Instagram para “Macaco Edenilson Andrade dos Santos”.

**Figura 3.** Captura de tela do perfil no Instagram de Edenílson



Edenílson mudou seu nome para 'Macaco Edenílson' no Instagram Reprodução/Instagram

Fonte: <https://www.instagram.com/edenilson/>

Com efeito, essa mudança de nome do jogador Edenílson, em suas redes sociais, poderia ser considerada também um exemplo de ressignificação discursiva? Ou haveria a necessidade de *fazer ranger*, no sentido de render ao máximo, essa categoria para dar conta de dados semelhantes ao do jogador do Internacional?

### 3. A revascularização discursiva: fundamentos

A proposta de uma teoria discursiva da revascularização dialoga numa relação de *aliêmica*<sup>9</sup>, por um lado, com a discussão feita por Gayatri C. Spivak (2010) em seu ensaio seminal, publicado originalmente em 1985, no periódico *Wedge* e intitulado *Pode o subalterno falar?*<sup>10</sup> e, por outro, com a teoria da ressignificação perquirida por Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b, 2020 e 2021).

Para Spivak (2010), na atualidade, a tarefa do intelectual, longe de se propor como um porta-voz do subalterno, uma espécie de voz autorizada que denuncia as mazelas pelas quais passam os subalternos, é criar estrategicamente espaços enunciativos para que este último possa falar e, acima de tudo, possa ser ouvido. No entendimento da pesquisadora, esse tipo de trabalho do intelectual, o de criar espaços enunciativos para o subalterno, permite que se realize um trabalho contra a subalternidade, e não a

<sup>9</sup> Palavra-valise que junta aliança e polêmica.

<sup>10</sup> Em 2010, esse artigo foi traduzido para o português, pela Profa. Sandra Regina Goulart Almeida *et al.*, transformado num pequeno livro e publicado pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais – EdUFMG, com o título *Pode o subalterno falar?* (Spivak, 2010).

favor dela, como tem sido feito até então. Essa perspectiva retira assim os subalternos da obscuridade enunciativa e histórica.

## 4. Desobstrução discursiva simples

O procedimento cirúrgico denominado revascularização do miocárdio pode explicar algumas das práticas discursivas realizadas por atores sociais, sobretudo, mas não só, os que se encontram numa condição de vulnerabilidade social, por meio do uso das mais variadas tecnologias.

O *corpus* dessa intervenção é construído por uma coleção de exemplos nos quais é possível perceber que um determinado sujeito, diante de um obstáculo (uma obstrução discursiva), acaba encontrando percursos alternativos para ultrapassar essas dificuldades. Inicialmente, será apresentado um exemplo que atende aos quatro critérios da revascularização discursiva simples (obstrução discursiva; percurso discursivo; fluxo discursivo e capilarização discursiva), a partir da desobstrução simples. Observemos:

**Figura 4.** Foto de ilustração feita em um muro em Macaé (RJ)



Fonte: <https://shorturl.at/gyzH8>

A figura 4 nos mostra a cenografia de um sujeito em condição de vulnerabilidade, um morador de rua, praça, viaduto... com todos os elementos interdiscursivos que o constituem (homem negro, camiseta da CBF com o número zero, numa tensão explícita com a 10 de Pelé...), subvertendo, por meio de uma espécie de *reesura* (reescrita/rasura), o enunciado,

que faz parte da estética bolsonarista: “*Sou a favor que todo brasileiro tenha uma arma em casa*”, transformando-o em “**Sou a favor que todo brasileiro tenha uma casa**”. Essa presença do outro pode ser entendida, para além de uma marca explícita de uma não-coincidência dos dizeres (Authier-Revuz, 1998), como uma forma de revascularização simples. Nesse sentido, é possível conceituar a revascularização discursiva como uma **obstrução discursiva** que precisa ser desviada. Assim, é proposto um **percurso discursivo** alternativo para desviar dessa obstrução. Esse percurso alternativo libera o então **fluxo discursivo**, levando a concretização de um percurso narrativo almejado. Com o fluxo liberado, há uma **capilarização discursiva**, isto é, a circulação em diferentes dispositivos.

## 5. Desobstrução discursiva complexa: #forabolsonaro

A União Nacional dos Estudantes (em meio também à polêmica do Exame Nacional dos Estudantes que à época não foi cancelado, a saber, #AdiaEnem<sup>11</sup>), promoveu no dia 8 de maio de 2020 uma manifestação social intitulada #ForaBolsonaro. Essa manifestação social foi toda efetivada no espaço digital e ancorada em duas práticas tecnodiscursivas principais: num primeiro momento, a publicação nas redes sociais dos sujeitos segurando cartazes, nos quais estavam escritas uma ou várias das *hashtags* de reivindicação<sup>12</sup> e, num segundo momento, a participação da manifestação #forabolsonaro, por meio do *site manif. app*.

Essas duas práticas tecnodiscursivas (Paveau, 2017), conforme a teoria da revascularização discursiva, propõem um percurso discursivo alternativo, para desviar uma obstrução primeira. Essa obstrução é tanto ideológica, como dissemos, encarnada na presença de um sujeito autoritário e incapaz de lidar efetivamente com a pandemia no Brasil, evidenciada, por exemplo, no fato de que, em três meses de pandemia, o governo Bolsonaro já havia trocado o seu terceiro ministro da saúde, quanto uma obstrução física, a impossibilidade dos sujeitos de se deslocarem fisicamente no espaço social e, especialmente discursiva, os sujeitos não têm as suas demandas ouvidas.

A partir então da publicação do cartaz que contém, dentre outras, a *hashtag* #forabolsonaro (que intitula a manifestação desse dia proposta pela UNE), esse percurso libera o fluxo discursivo, dando vazão às afetividades que vivenciam os brasileiros

11 Disponível em: <http://adiaenem.com.br/>. Acesso em: 18 maio 2020.

12 A saber, #peloadiamentodoenem; #pelademocracia; #emdefesadosus; #porauxilioemergencialparaosestudantes #peladefesadacienciaepesquisabrasileiras; #contraademissãodosestagiáriosduranteapandemia; #foraweintraub e #forabolsonaro.

em tempos de pandemia, acrescida de crise política e a geração de determinada vulnerabilidade política – a decadência da representatividade – e também de vulnerabilidade física – a doença e a fome.

Figura 5.<sup>13</sup>

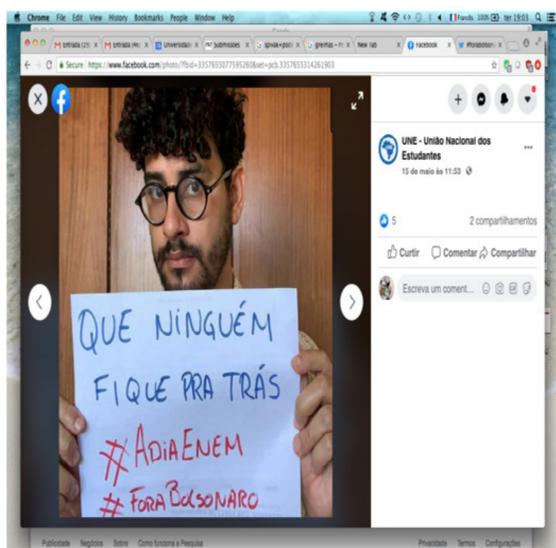


Figura 6.<sup>14</sup>

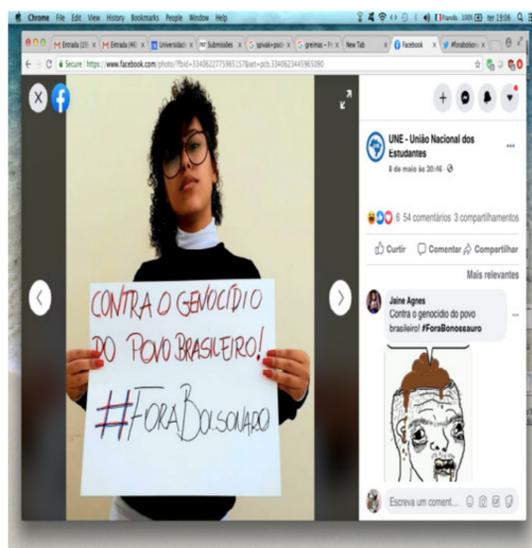
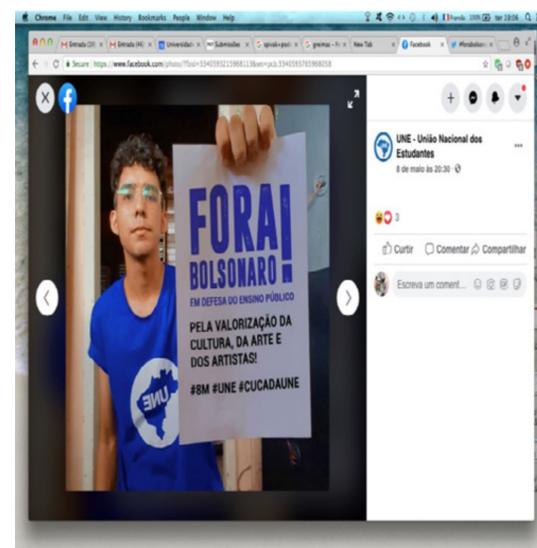


Figura 7.<sup>15</sup>



Nessa mesma manifestação social digital, foi proposta a participação pelo *site manif.app*. Esse *site* foi criado pelo artista francês Antoine Schmitt, em 2019, “durante as intensas manifestações dos Gilets Jaunes (Coletes Amarelos), em 2018–2019, por conta das dificuldades de acesso às manifestações devido à repressão policial<sup>16</sup>” e seu uso foi aberto ao público em 2020, por conta da demanda de reivindicação social sem a necessidade de aglomerações, expressamente proibidas, como medida de contenção da propagação do vírus.

O *site manif.app* está disponível em dez línguas, dentre elas, o português, e logo na apresentação enuncia seu objetivo, que chamamos de desobstrução:

[...] você deseja apoiar uma manifestação, mas você não pode ir pessoalmente (você está doente, você está muito longe, você está confinado em casa por causa de uma pandemia,...). O *site* Manif.app lhe permite participar colocando o seu avatar no mapa, exatamente no lugar onde a manifestação está sendo realizada e assim demonstrar o seu apoio. O seu avatar será visível no mapa bem como todos os outros avatares<sup>17</sup>.

A capilarização discursiva é, por conseguinte, efetivada na possibilidade de criação de um avatar que se manifesta digitalmente em relação a determinada demanda: #forabolsonaro, por exemplo, criando um avatar, isto é, “uma representação gráfica

13 Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3357655077595260&set=pcb.3357655314261903> Acesso: 18 maio 2020.

14 Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3340622775965157&set=pcb.3340623445965090> Acesso: 18 maio 2020.

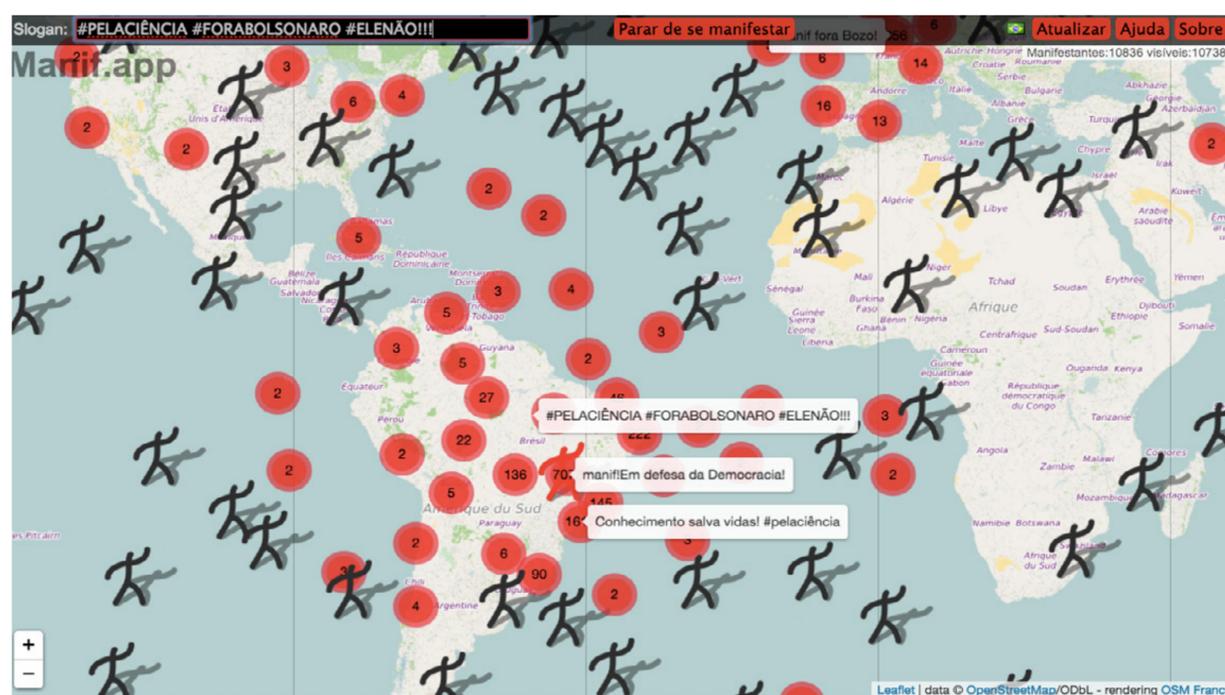
15 Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3340593215968113&set=pcb.3340593765968058> Acesso: 18 maio 2020.

16 Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/tapps/06/05/2020/manif-app/> Acesso: 18 maio 2020.

17 Disponível em: [https://www.manif.app/wp/sobre/#pll\\_switcher](https://www.manif.app/wp/sobre/#pll_switcher) Acesso em: 18 maio 2020.

de si na internet”<sup>18</sup>. De um ponto de vista linguístico-discursivo, é interessante ainda observar a possibilidade de “personalizar o seu avatar, associando o mesmo a um cartaz sobre o qual você pode escrever seu *slogan*. Você pode mover o seu avatar à vontade, ou retirá-lo da manifestação”<sup>19</sup>. Observemos a seguir o funcionamento dessa nova forma de militantismo digital (Castells, 2017). Nela, é apresentado no canto superior esquerdo uma caixa com a palavra “*slogan*”, na qual é possível então digitar as palavras de ordem que serão inseridas no cartaz digital. Ao centro da imagem, o avatar próprio do sujeito-manifestante é apresentado em vermelho, acompanhado do enunciado digitado/reivindicado. Em Brasília, naquele momento, tínhamos mais de 7 mil avatares, conforme observamos a seguir:

Figura 8. Avatar no *manif.app*<sup>20</sup>



Fonte: <https://manif.app/?lat=48.852969&long=2.3499030000000403&zoom=3&lang=pt>

O percurso da desobstrução discursiva complexa é, portanto, cumprido, no exemplo da manifestação da UNE, #forabolsonaro, quando a partir de uma obstrução discursiva (subjativa ou pragmática, conforme explicitamos anteriormente), **critério 1**; é proposto um percurso discursivo alternativo, qual seja, manifestar-se – como e onde for possível – contra os malefícios vivenciados, **critério 2**; esse percurso libera então um fluxo discursivo, que estava sendo retido, isto é, a impossibilidade por conta da pandemia de sair às ruas, **critério 3** e há, por fim, a capilarização discursiva em diferentes dispositivos (a rede social Facebook e o site *manif.app*, por exemplo), **critério 4**.

18 Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/avatar>. Acesso em: 18 maio 2020.

19 *Idem* nota 36.

20 Imagem gerada no dia da manifestação #forabolsonaro da UNE no *manif.app* (08/05/2020 - 15h).

## 6. Um breve efeito de fim

Como enunciamos, a teoria da ressignificação proposta por Marie–Anne Paveau dialoga numa relação de *aliêmica* com o que perscrutamos enquanto teoria da revascularização, isto é, há entre as duas algumas diferenças que gostaríamos de destacar:

- a. A teoria da ressignificação se fundamenta numa epistemologia da salamandra, da regeneração, proposta inicialmente por Haraway (2007); a teoria da revascularização se fundamenta na epistemologia da recriação, que também é do âmbito da biologia, mas que reflete sobre a condição do sujeito a partir de uma obstrução, que pode ser insultuosa ou não, propor um percurso alternativo, isto é, não se trata de uma resposta, mas de propor um caminho alternativo, que estrategicamente desvie a obstrução;
- b. A teoria da revascularização se propõe a dar conta não somente da *web* participativa, como no caso de Paveau (2017), especialmente nos casos de ciberviolência, mas busca dar conta dos mais variados tipos de tecnodiscursos que circulam na *web*, especialmente no que concerne às práticas discursivas produzidas por sujeitos em situação de vulnerabilidade. Dito de outro modo, enquanto a ressignificação se centra na resposta a uma ciberviolência, a revascularização se centra em buscar percursos alternativos, que desviem as obstruções;
- c. A teoria da ressignificação de Marie–Anne Paveau parte de uma ferida produzida por um sujeito em outro; a teoria da revascularização não depende de uma ferida para compreender o seu processo, mas se propõe a compreender como o sujeito, em situação de vulnerabilidade, encontra percursos discursivos alternativos para solucionar a sua obstrução discursiva e, como depois de liberado o fluxo discursivo, esse mesmo fluxo se capilariza pelos mais diferentes mídiuns;
- d. Paveau, em sua teoria da ressignificação, apresenta uma tipologia dessas práticas tecnodiscursivas, baseando-se em três categorias: a recontextualização enunciativa; a publicação analógica e a produção de um dispositivo cultural ou intelectual. A teoria da revascularização, seguindo a tipologia da revascularização do miocárdio, que a divide em venosa e arterial, baseia-se em duas categorias de desobstrução discursiva: a desobstrução discursiva simples e a desobstrução discursiva complexa. Cumpre dizer que a obstrução é entendida aqui discursivamente e não no âmbito pragmático e que a diferença entre simples e complexa é de natureza e não valorativa;
- e. A teoria da revascularização propõe critérios distintos dos da teoria da ressignificação:
  - 1) há uma **obstrução discursiva** que precisa ser desviada – um sujeito em

condições de vulnerabilidade que não consegue falar e ser ouvido; 2) propõe-se um **percurso discursivo** alternativo para desviar a obstrução – a inexistência de um lugar enunciativo faz com que o sujeito crie rotas alternativas para resolver o seu sufocamento; 3) esse percurso alternativo libera o **fluxo discursivo** – encontrado um desvio, o sujeito desobstrui o seu sufocamento e 4) com o fluxo liberado, há uma **capilarização discursiva** em diferentes dispositivos – com o fluxo liberado, a enunciação do vulnerável passa a ser audível.

## Referências

HARAWAY, D. **Manifeste cyborg et autres essais**: Sciences – Fictions – Féminismes. Paris: Exils Éditeur, 2007.

MARGALIT, A. **La Société Décénte**. Paris: Champs Flammarion, 2007.

MOIRAND, S. L'apport de petits corpus à la compréhension des faits d'actualité. **Corpus**, [s. l.], n. 18, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4000/corpus.3519>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corpus/3519>, 2018. Acesso em: 26 jan. 2022.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PAVEAU, M.-A. Feminismos 2.0. usos tecnodiscursivos da geração conectada. Tradução Julia Lourenço Costa. *In*: LOURENÇO, J.; BARONAS, R. L. **Feminismos em convergências**: discurso, internet e política. Portugal: Grácio Editor, 2020. p. 19-23.

PAVEAU, M.-A. La ressignification: pratiques technodiscursives de répétition subversives sur le web relationnel. *In*: PAVEAU, M.-A. (dir.). Discours numériques natifs: des relations sociolangagières connectées. **Langage & Société**, Paris, n. 167, 2019a. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02145765/document>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PAVEAU, M.-A. La blessure et la salamandre: théorie de la ressignification discursive. *In*: **COLLOQUE DU CARISM**, 2019, Paris. Stigmatiser: normes sociales et pratiques médiatiques. Paris: Université de Paris, 2019b. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02003667>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PAVEAU, M.-A. Féminismes 2.0. discours numériques de la génération connectée. **Argumentation et analyse du discours**, Tel Aviv, n. 18, 2017a. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/2345>. Acesso em: 26 jan. 2022.

PAVEAU, M.-A. **L'analyse du discours numérique**: dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017b.

PAVEAU, M.-A. **Langage et morale**: une éthique des vertus discursives. Limoges: Lambert- Lucas, 2013a.

PAVEAU, M.-A.; BARONAS, R. L.; LOURENÇO, J. **Ressignificação em contexto digital**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 7-24, 1990.

PÊGO-FERNANDES, P. M.; GAIOTTO, F. A.; GUIMARÃES-FERNANDES, F. Estado atual da cirurgia de revascularização do miocárdio. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 87, n. 2, p. 92-98, 2008.

# A agressividade e o insulto nas redes sociais: a resignificação e a subversão (n/d)os sentidos da expressão "mimimi"

Rafael Turíbio Milhomem (UFG)

Marco Antonio Almeida Ruiz (UFG)

# Introdução

É cada vez mais comum observarmos nossa sociedade se organizando em torno de novas tecnologias digitais em que a diversidade de discursividades – orais, escritas, visuais e multimodais – tem transformado radicalmente os nossos modos de comunicação e os processos enunciativos dos sujeitos. Assim, essas constantes mudanças ocorrem não só na ordem da língua, como um lugar de enfrentamento e de disputas ideológicas no interior da história, mas também na ordem do que é dito, enunciável, possibilitando novos dizeres tanto do “eu” quanto do “Outro”, alterando os efeitos de sentidos iniciais e provocando ressignificações e reavaliações que evidenciam o funcionamento da língua no seio da vida social.

As relações sociais de poder e de opressão que se materializam no embate entre discursos dominantes (ditos conservadores) e discursos de resistência não são recentes e têm mobilizado análises em diversos campos do saber. Na Análise do Discurso, por exemplo, o insulto, como dispositivo discursivo dessas ideologias dominantes, suscita particular interesse na medida em que, atualmente, e sobretudo no universo digital, se torna objeto de constantes deslocamentos de sentido e ressignificações que o situam num curioso interstício enunciativo: ora funciona como uma forma de agressão, ora como um mote de afirmação de identidades e de resistência.

Para desenvolvermos as reflexões<sup>21</sup> do presente capítulo, propomo-nos à análise de um insulto que tem se tornado bastante comum nos embates discursivos *on-line* – a expressão “mimimi” –, a partir de um vídeo publicado no perfil do Instagram do ator e apresentador Vítor diCastro (@vitordicastro). Ativista dos direitos LGBTQIA+, ele promove, a partir de outra instância discursiva, uma reapropriação do referido termo para fazer frente aos discursos dominantes (e preconceituosos!) que o empregam amplamente para silenciar as vozes de resistência e perpetuar certos valores conservadores.

Para tal, entendemos como discurso conservador um conjunto de dizeres que reproduzem estigmas sociais antigos, patriarcais, uma herança machista e misógina latente que ainda hoje, infelizmente, é forte em nosso país acerca da mulher na sociedade, a diversidade de gênero, os direitos humanos, entre outros. Tais questões, muitas vezes fomentadas pela emergência de um governo nefasto e autoritário, acabam sendo “autorizadas”, repercutindo cada vez mais o desrespeito, a desinformação e o golpe em torno das mudanças significativas empregadas nos últimos anos na luta

---

21 As questões que propomos neste capítulo fazem parte de nosso trabalho de iniciação científica intitulado “Re(x)istência no/pelo discurso: o caso do insulto nas mídias e redes digitais”, desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

por direitos e igualdade de todos sob um único olhar conservador. No *continuum* da história, é pensarmos, diante dessa nova realidade aparente, o recolocar em discurso esse posicionamento considerado “oprimido” na história pelas formações discursivas dominantes, reconhecendo o seu papel numa sociedade democrática e de direito, assumindo não mais uma posição de inferioridade, mas de resistência.

Diante disso, vimos nos últimos anos um constante aumento de atentados ao outro, aos direitos humanos e à própria vida<sup>22</sup> por meio de incisivas ameaças à democracia e ao estado de direito; a agressividade e o insulto, como resultados dessas ameaças, são atos que flertam constantemente com o autoritarismo e as formações discursivas dominantes – conservadoras – que desconstroem a figura do outro por meio do ódio e da aversão, colocando-se sobretudo como seres “superiores” aos outros. Seus gestos agressivos e criminosos são fomentados pela mentira, pelo mau caratismo e pela desinformação em decorrência da rápida circulação de notícias pelo meio digital. Ou seja, essa baliza acaba proporcionando um jogo de poder perigoso, delimitando dois segmentos: por um lado, aqueles que propagam tais discursos preconceituosos e tornam-se, infelizmente, reprodutores dominantes de estigmas marcados na/pela história e, por outro, os que acabam ficando “de lado” justamente por moverem gestos de resistência contra essas formas predominantes.

Tais atos de agressão e insulto podem, de certa maneira, possuir significados semelhantes de acordo com alguns dicionários, mas nada impede-nos de ressignificá-los a partir desses lugares enunciativos de mudanças constantes por meio do ato de resistir a esse horror.

Além disso, para este nosso texto, queremos fazer um gesto analítico a partir dos pressupostos teóricos da análise do discurso, herança de Michel Pêcheux (2008) e seu grupo na França, considerando o batimento descrição e interpretação dos sentidos que emergem do deslocamento da expressão “mimimi”, isto é, observar o deslocamento de sentidos que vão da agressão para a resistência na voz do apresentador. Não queremos com esse nosso gesto analítico esgotar o tema, pelo contrário, buscamos estimular problematizações que (re)pensem certos lugares sociais e constroem outras instâncias discursivas que fogem ao tradicional, ademais, promovemos ao lado de pesquisadores nacionais em análise do discurso, que nos últimos anos têm se dedicado às questões acerca da agressividade e o insulto, novos olhares sobre o tema a partir da influência e da presença constante das redes sociais.

<sup>22</sup> Vale destacar a negligência do governo federal no combate à pandemia e ao vírus da covid-19 que deixou mais de 680 mil vítimas no Brasil. Por meio de sua necropolítica (Mbembe, 2018), uma política de morte, atrasou a compra de vacinas, incentivou, a todo momento, medidas ineficazes de combate, não comprovadas cientificamente, e ampliou ainda mais a tragédia não criando políticas públicas de qualidade, junto aos seus diferentes ministros da saúde, que salvassem a população brasileira do caos sanitário instaurado.

Enfim, nosso objetivo é observar o funcionamento discursivo do insulto nesses materiais como uma ferramenta discursiva para agredir o outro, utilizando a ironia e o humor como forma de escárnio. Com efeito, de um lado considera-se “o humor como responsável por permitir dizer ou sugerir ideias desagradáveis, sem ter que temer reações violentas, nem represálias” e, de outro, pode-se pensar também que o mesmo funciona ao contrário, em que “se a ‘vítima’ da zombaria não achar graça, se ela recusa captar a gozação ou reconhecer as regras do jogo, será acusada de não ter senso de humor” (Mercier, 2001, p. 10).

## **Das práticas e (r)evoluções da língua em discurso: caminhos teóricos para uma análise do discurso**

Segundo Denise Maldidier (2003), uma importante linguista francesa, a Análise do Discurso propõe que uma língua funcione segundo as regras “próprias” de fonologia, morfologia e sintaxe, isto é, a língua tem uma ordem própria que é posta a funcionar de uma forma ou de outra segundo o processo discursivo de que se trata numa certa conjuntura dada. Assim, o sentido a ser observado e compreendido é da ordem das formações discursivas – FD –, que, por sua vez, materializam formações ideológicas e são da ordem da história. Como especialidade dessa área de estudos, temos o campo do sentido, sendo ele o resultado das enunciações a partir de condições de produção, atos que se dão no interior dessas formações discursivas e que determinam o sentido do que se diz, como se diz e porque se diz. Logo, as formações discursivas, conforme Pêcheux e Fuchs (1975, p. 11):

Comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um relatório, de um programa etc.), a partir de uma dada posição em uma conjuntura, em outras palavras, em uma certa relação de lugares interna a um aparelho ideológico e inscrita em uma relação de classes. Diremos assim que toda formação discursiva diz respeito a condições de produção específicas, identificáveis a partir do que acabamos de designar.

Ou seja, uma formação discursiva revela um conjunto de formações ideológicas que a compõe. Isso faz com que haja a inserção de diferentes discursos em determinada FD. A

esse entrecruzamento de diversos já-ditos, a Análise do discurso denomina interdiscurso. Com isso, o discurso produzido traduz outros discursos, associados pela relação do interdiscurso corrente.

Outro ponto fundamental para problematizarmos é a noção de condições de produção dos discursos. Ao observarmos as condições para que a expressão “mimimi” emergja, vemos como o lugar ideológico e a instância de discurso contribuem para ressignificá-la a partir do lugar em que o sujeito Vitor diCastro se coloca, como um defensor de direitos, deslocando os sentidos primeiros, conservadores, para o âmbito da resistência. Em virtude disso, a noção de condições de produção é um dos conceitos basilares na análise do discurso, vemos um jogo de forças e relações constituintes marcantes de um processo discursivo. É por meio delas e da realização do processo discursivo em três níveis que podemos dizer que há uma (re)atualização da memória da expressão em um contexto digital: a constituição, a formulação e a circulação (Orlandi, 2002).

Conforme Orlandi (2002), a constituição do dizer é estabelecida por meio de uma memória do dizer no qual se marcam discursivamente os efeitos de sentidos relativamente estabilizados, advindos de pré-construídos e discursos outros, já-ditos; em relação à formulação, ela efetivamente acontece a partir do momento em que as condições de produção desses dizeres se ligam, direta ou indiretamente, às circunstâncias da enunciação, em nossa empreitada, por exemplo, a expressão dita por conservadores transforma-se a partir de uma nova instância do dizer, o da resistência. Todavia, a transformação da memória acontece apenas no nível da circulação, pois há uma atualização, fazendo intervir os sujeitos e o jogo de sentidos como resultado da ressignificação de uma atualidade e uma memória baseados nas condições de emergência de discursos – o vídeo curto (ou *reels* do Instagram) – que refletem e, de certo modo, refratam cada tempo e cada formação discursiva empregada no jogo do discurso. A autora ressalta ainda a importância desses três níveis discursivos como um processo, em que

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos (Orlandi, 2002, p. 33).

Ou seja, trata-se da ordem de um domínio que sustenta a existência material das palavras e dos enunciados colocados em práticas. É, pois, inscrever um certo acontecimento num espaço da memória a partir de certas condições de produção de discursos. Diante disso, ao considerar a memória, é preciso pensá-la a partir do discurso

que sustenta uma anterioridade e que se constitui a partir dela certas práticas sociais de retomada, deslocamentos e rupturas de sentidos. É, de fato, pensarmos as palavras já ditas que adquiriram estabilidade na ordem do repetível, deslocando-se em diferentes contextos sócio-históricos e ideológicos. Nesse sentido, o domínio da memória determina como a materialidade discursiva funciona

[...] em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 2010, p. 52).

Ao pensarmos que as palavras não significam por si só, é necessário compreendermos os seus deslocamentos de sentidos que se ligam a partir de seus contextos e conjunturas históricos, que se inscrevem num jogo de repetições e atualizações. A memória, nessa perspectiva pecheuxtiana, dá corpo à língua a partir da divisão dos sentidos, da contradição entre o mesmo e o diferente, da tensão criada entre a repetição, a ruptura e o deslocamento. Nas palavras do autor, trata-se de “um jogo de força na memória sob o choque do acontecimento” (p. 53).

Estamos pensando, desse modo, num processo de (des)regularização n/da materialidade discursiva, como resultante do ponto de encontro de uma memória com sua atualização. Em outras palavras, a partir do posicionamento ideológico da nova instância discursiva da expressão “mimimi”, observamos como há uma atualização da memória conservadora para a de resistência, que a envolve não só por meio de sua proliferação em setores sociais como a política, por exemplo, mas também adquire novas problematizações a partir do humor, da ironia, do escárnio. Nesse caminho, é tratar essa memória e sua atualização compreendendo os acontecimentos que geram como resultado os insultos, a agressividade que podem adquirir sentidos distintos por meio das diferentes instâncias de enunciação.

Com efeito, essa temática é bastante antiga na história da humanidade e adquiriu diferentes problematizações e estudos em distintos campos do saber, tais como: a linguística, a psicanálise, a sociologia, a biologia, a história, entre outros. No campo da linguística, por exemplo, quando se trata da filosofia da linguagem, podemos pensar nos pressupostos advindos dos “atos de fala” propostos por Austin (1990), em que, por meio de sua teoria, tomamos o insulto como um ato performativo destinado ao outro, mesmo que ele possa, de algum modo, fracassar. Já em relação à sociologia, na figura de

Évelyne Larguèche (2015), o insulto parte do contexto de sua emergência, considerando as diferentes culturas e situações em que os sujeitos estão inscritos socialmente.

Com efeito, o insulto é da ordem do desrespeito às normas, de certas leis sociais e a da cultura que variam conforme o tempo e a sociedade; por um lado, uma determinada agressão verbal cometida num certo momento pode não ser o mesmo em uma outra situação, por outro, o humor acaba ocasionando um efeito de sentido reverso, (re) produzindo pelo escárnio e pelo riso estigmas sociais cristalizados e nada empáticos. Por fim, se observarmos o viés psicanalítico, de perspectiva freudiana (1984), a agressividade verbal poderia ser o resultado de um conflito interno mal resolvido que gera uma certa pulsão como produção verbal e daí, talvez, a necessidade do insulto como forma de encontrar no outro o problema que está no eu.

Diante desses diferentes cenários, ainda podemos destacar algumas questões sobre a agressão e o insulto no tocante à análise do discurso. Desse modo, o insulto acaba se tornando um terreno fértil para pensar os deslocamentos de sentidos em relação às instâncias de enunciação. Ora como uma *flecha que fere, arma que mata* (Bravo, 2015, p. 92), ora como um desrespeito às normas e códigos sociais, o ato de insultar, sobretudo com o avanço das redes sociais e suas formas de comunicação instantâneas, tem se tornado objeto de muitos linguistas como forma de compreender os sentidos gerados e deslocados de seus contextos primeiros e ressignificados inversamente por meio de simulacros contrários aos imaginários estabelecidos e cristalizados. Ou seja, de uma produção verbal, numa instância conservadora, que ofende e agride o outro, às situações em que o insulto é tido como mote de resistência ao combate às certas intolerâncias (religiosa, política, étnica, entre outros). Logo, “marcado pelo paradoxo, o insulto nos escapa por onde, justamente, ele funciona: portador de uma violência que pode ser devastadora, ele representa, na ordem da fala, uma alternativa à violência em sua expressão sublimada” (Bravo, 2015, p. 92, tradução própria). Há, com isso, novos limiares em que a análise do discurso pode desbravar para compreender essas relações com as instâncias no/pelo digital.

## Por uma análise do digital: a agressão e o insulto em (dis)curso

O vídeo em análise (figura 1), intitulado “O que é mimimi?”, tem quatro minutos e quarenta e três segundos e se inicia com a seguinte frase: “MIMIMI é a dor do outro que não dói em você (pausa), né?”. Numa clara referência aos constantes ataques agressivos

de usuários em redes sociais contra a comunidade LGBTQIA+, Vitor diCastro destaca a agressão e o insulto sofridos quando eles vão se expressar em público, relatando uma violência constante e um preconceito latente contra a sua constituição como sujeitos sociais, com igualdade. A esses agressores, conservadores na maior parte, essa forma de delatar e denunciar a violência e os insultos contra os *gays* é um caso de “mimimi”, pois, não só retoma um imaginário social incrustado na história de “reclamar à toa”, “algo que tem pouca importância”, mas também trata o posicionamento político de resistência como uma suposta “vitimização”, que, aos olhos dos conservadores, por exemplo, buscaria impor seus modos de viver, a fim de desestruturar as noções tradicionais (e definidas sobretudo por uma parcela da população: branca, heterossexual e rica) de família, gênero e sexualidade.

**Figura 1.** Reels do Instagram, “O que é mimimi?”



**Fonte:** @vitordicastro, 20 jul. 2022.

A expressão “mimimi” é pejorativa e não é um caso novo de uso na sociedade se observarmos uma de suas construções discursivas, isto é, essa questão pode retomar um discurso gerido por pais com seus filhos, quando estes reclamam de realizar alguma atividade domiciliar e, como resultado, aqueles dizem: “deixa de mimimi e vá arrumar seu quarto”. Ao contexto empregado, lemos como um “choro” desnecessário que assimila um argumento pouco importante ou quase nulo numa dada situação discursiva. Dizendo

de outro modo, a partir de uma formação discursiva dominante e predominantemente de ódio, toda a luta ou a necessidade de representação de uma bandeira (LGBTQIA+, por exemplo) não importaria porque se configuraria como um “mimimi”. Infelizmente, não é apenas em casos de homofobia, mas podemos destacar, também, em relação às mulheres e ao feminicídio, às agressões aos estatutos de direitos humanos e até mesmo de problemas sociais sérios que são colocados de lado por serem considerados minorias por essa parcela da população.

A colocação no *reels* problematiza exatamente esse “lugar comum”, as condições históricas de produção desse discurso conservador que não incluem considerar as efetivas relações de confronto com uma alteridade, estabelecendo-se, assim, por meio de simulacros, como discursos dominantes em relação a todos os outros temas de relevância social.

Nenhum enunciado surge do e pelo acaso. Toda materialidade discursiva tem seu lugar na História. Os enunciados e seus constituintes (lexemas, organização sintática, elementos semióticos) circulam em nosso cotidiano através de processos socioideológicos sem os quais não podemos apreender seus efeitos de sentido. Ou seja, é a História que confere sentido à linguagem e faz surgir o enunciado num determinado momento.

Para que compreendamos como se dá a produção de sentido de determinado enunciado, é necessário que analisemos, portanto, sua historicidade, que, por sua vez, é configurada pela materialização do “aqui e agora” de um processo discursivo maior, que compreende um conjunto de outros textos e enunciados que circulam dentro de uma determinada formação discursiva. Desse modo, é impossível analisar os efeitos de sentido de um enunciado ou texto considerando-o como uma unidade de fronteiras rígidas e bem demarcadas. Todo texto é poroso e permite, portanto, a inserção de outros. Essa inserção é o que vai localizá-lo numa determinada formação discursiva. É necessário referi-lo, portanto, ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido de condições de produção.

Portanto, todos os discursos se interrelacionam uns com os outros numa relação interdiscursiva. Cada discurso proferido na sociedade deriva de outros já ditos em outros momentos e inscritos em formações discursivas específicas. A cada nova retomada dos discursos nota-se a presença de uma formação discursiva marcada na sociedade. A retomada de um discurso outro para um discurso do “eu” atualiza a cada momento sua (res)significação. Percebe-se que, por meio de cada enunciação, uma formação discursiva se impõe fortemente na construção e organização discursiva.

Para compreendermos o acima exposto, voltemo-nos agora para a expressão “mimimi”. De base, ela ataca o enunciado do outro, desqualificando-o em certa medida ou, como afirma o referido apresentador em seu vídeo, o reduz ao nada. O português brasileiro é produtivo em se tratando de expressões que buscam invalidar a argumentação do outro: potoca, balela, invencionice, lenga-lenga, falatório, nhenhém, blá-blá-blá, dentre outros. Nas mídias sociais, todavia, o “mimimi” tem se tornado particularmente recorrente. Como sua reaparição e circulação não se dão por acaso, cabe-nos buscar compreendê-las como um processo discursivo que afeta as diferentes formulações enunciativas presentes nas plataformas digitais.

Como mencionado, é preciso referir um texto ao conjunto de discursos possíveis a partir de suas condições de produção em um determinado momento da história. Desse modo, tomemos, inicialmente como homólogas de “mimimi”, as expressões “lenga-lenga” e “blá-blá-blá”. A aliteração que constitui a materialidade sonora dessas expressões nos remete à ideia de uma repetição improfícua e/ou tediosa. Com efeito, comumente qualificam-se discursos logorreicos e circunlóquios de “blá-blá-blá” ou “lenga-lenga”. Nas redes sociais, contudo, o “mimimi” tem sofrido um deslocamento de sentido que o permite ser usado como arma de ataque contra determinados discursos de resistência. Por que isso ocorre? Para tentar responder a essa questão, é preciso que nos voltemos para as condições históricas de produção desse enunciado.

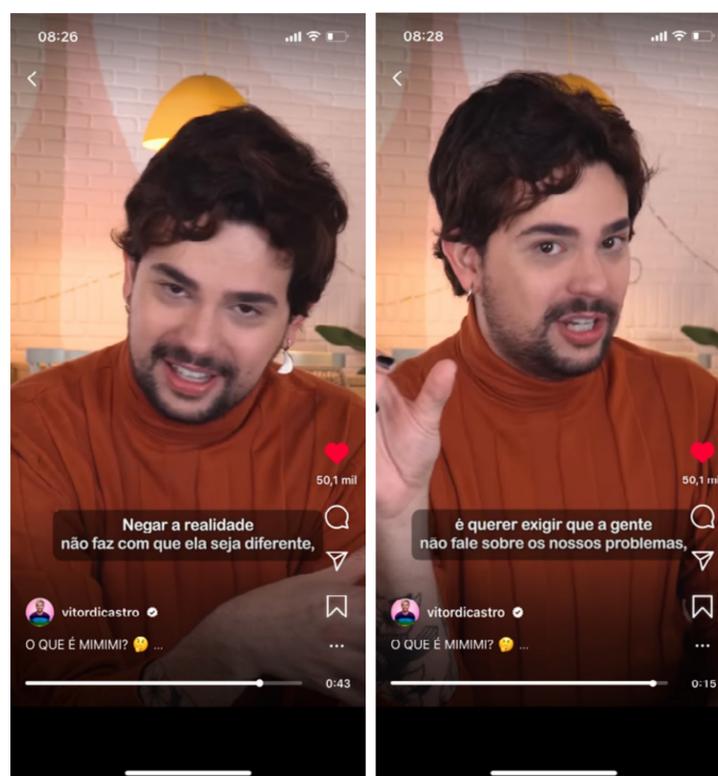
Os efeitos de sentido dos enunciados revelam conflitos sociais que emergem em função dos diferentes espaços de enunciação, isto é, diferentes lugares sociais assumidos por sujeitos socialmente organizados. O discurso é, portanto, uma experiência política, porque revela o embate de sentidos que surge a partir de um ou mais acontecimentos. Por um lado, posições ideológicas e práticas discursivas de opressão e marginalização sociais e, por outro lado, de resistência e luta que entram em conflito na própria ordem da língua. O deslocamento de sentido da expressão “mimimi” – que deixa de significar apenas algo tedioso, desnecessariamente prolixo, para significar todo um posicionamento ideológico inválido – se dá porque, num momento de irrupção de movimentos de luta, discursos conservadores de formulações discursivas dominantes precisam de um dispositivo de contra-ataque. Como resultado, “mimimi” pulula nas caixas de comentário de textos em plataformas de mídia digital que emergem de formações discursivas “dominadas”, que buscam romper o jogo de poder que as marginaliza, invisibiliza e desumaniza.

Numa metalinguagem interessante, o ator se utiliza da própria expressão, “mimimi”, e do contexto de sua utilização para deslocar o seu sentido primeiro, arraigado e preconceituoso, e cria uma nova instância de discurso baseada no deslocamento do

discurso de ódio ao sentido da resistência e da mudança de pensamento. Dizendo de outro modo, frente à apropriação do “mimimi” por sujeitos e discursos dominantes, que a utilizam como uma desculpa “escusa, prolixa e desnecessária” e como uma arma de invalidação de um posicionamento ideológico, Vitor diCastro toma a expressão para si e a (re)ressignifica a partir de sua instância discursiva, para criticar esses discursos preconceituosos. É, de fato, um momento para observarmos esse “novo” dizer, na voz do ator, como a passagem de um sujeito que é colocado historicamente no lugar de “opressão”, por meio de estigmas no seio da memória social, para uma outra instância enunciativa, que proporciona um novo acontecimento significativo, desestabilizando as fronteiras que antes eram tão demarcadas entre o dominante e o dominado.

Diante desses fatos, observamos um jogo discursivo composto por duas instâncias de enunciação que promovem a reafirmação do ódio e do preconceito, como uma formação discursiva conservadora e a resignificação da luta por meio de uma formação discursiva de resistência. Por meio da construção de sua história, pela sua posição e um simulacro, o autor do *reels*, a nosso ver, (re)ressignifica a expressão deslocando-a do puro ódio e a coloca em um outro nível discursivo, o da empatia, o da compreensão e, em especial da resistência, promovendo, assim, uma nova forma de resignificá-la a partir da dor do outro diante da agressão constante sofrida.

**Figura 2.** *Reels* do Instagram, “O que é mimimi?”

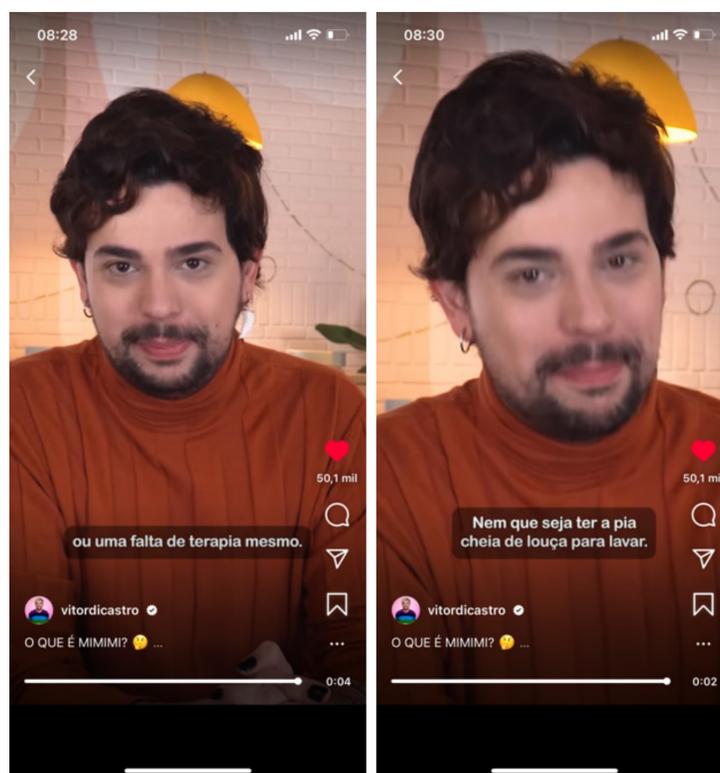


**Fonte:** @vitordicastro, 20 jul. 2022.

Em um momento do vídeo (figura 2), o sujeito Vitor diCastro destaca a seguinte afirmação: “negar a realidade não faz com que ela seja diferente, só faz com que ela seja

igual pra sempre”. Nessa questão colocada por ele, podemos observar o deslocamento do sentido “comum” sobre pensar as estabilizações sociais em relação às temáticas “polêmicas”, a partir de uma certa realidade, dominante e conservadora, sob as outras possíveis que são criadas nesse jogo de oposição de forças, colocada como “dominadas”. Ou seja, pensar que reproduzir o discurso conservador através de agressão e insulto é, ainda, infelizmente, reproduzir um pensamento retrógrado que flerta diretamente com um autoritarismo disfarçado de liberdade de expressão e desconsidera, com isso, toda a luta e a militância de movimentos que vão contra o estigma e preconceito. Negar o outro, segundo o diCastro, é negar a própria constituição social de sujeito, que se coloca nesse jogo de poder e propaga o ódio, corroborando ainda mais a violência e uma separação delimitada entre formações dominantes e dominadas.

**Figura 3.** Reels do Instagram, “O que é mimimi?”



**Fonte:** @vitordicastro, 20 jul. 2022.

Ademais, ao afirmar que “a pessoa que está chamando o nosso discurso de *mimimi* também é uma pessoa cheia de problemas [...]” (figura 3), o autor problematiza o lugar de resistir diante do horror da agressão e do insulto, afirmando que não há nada de errado em ser “x” ou “y”; o mimimi não exclui todas as conquistas de uma certa comunidade, pelo contrário, reforça ainda mais o discurso de resistência diante desses tipos de discursos conservadores, a expressão aqui é colocada no sentido eufórico e contrário do modo conservador. É justamente esse “mimimi” (re)ressignificado que faz com que o estigma e os estereótipos sobre uma comunidade acabem por meio dos atos de resistência e da luta constante de movimentos sociais que são responsáveis, através dessa irrupção, por ressignificar na história esse “lugar comum”, de um preconceito latente.

Por fim, destacamos um último excerto de sua fala: “querer calar a nossa voz e querer exigir que a gente não fale dos nossos problemas para que a gente não mude o que nos afete, aí é uma grande falta do que fazer...ou uma falta de terapia mesmo, *tá?*, nem que seja terapia cheia de louça pra lavar”. Por meio do humor, principalmente caracterizado pela última expressão de sua fala – “terapia cheia de louça pra lavar” –, vemos como há uma ressignificação do insulto através da ironia, que aos moldes do que conhecemos, nesse caso, a agressão verbal vem como forma de romper com o estigma e chamar atenção para uma nova instância discursiva, a da diversidade.

## À guisa de (in)conclusões

Vimos ao longo de nossas reflexões como o insulto e a agressividade podem adquirir sentidos outros em instâncias discursivas distintas a partir do lugar do enunciador. Nosso objetivo foi tentar construir, brevemente, alguns contornos possíveis desse deslocamento de sentido observando outras instâncias no digital, como o *reels* do Instagram. Além disso, por meio da análise do discurso, vimos como certas memórias e acontecimentos na história adquirem novas ressignificações quando deslocamos o lugar primeiro de uma expressão e a empregamos com novos efeitos produzidos no e pelo digital. A materialidade virtual ratifica o modo de circulação desse discurso atrelando a ele novos imaginários que rompem com o conservadorismo pregnante e dominante.

Ao utilizar a expressão “mimimi” como uma forma de deslocar seu sentido primeiro, vemos Castro simulando novos ditos não arraigados e presos ao tradicional da história, mobilizando, com isso, formas linguísticas e não linguísticas que corroboram o seu dizer numa “nova” memória discursiva. Logo, podemos pensar que o insulto e a agressividade são como dispositivos discursivos próprios a regimes autoritários, estabelecendo, através da língua, relações de poder marcadas pela marginalização de certos grupos sociais.

Ao sujeito enunciador, @vitordiCastro, que promove tal deslocamento – do discurso conservador para a resistência –, vemos não apenas o fator ideológico atrelado aos dizeres que se afastam do insulto, mas também compreendemos, por meio de certas expressões linguísticas e discursivas, como o insulto pode adquirir novos contornos e representar novas instâncias que promovem a resistência contra estigmas “autorizados” por órgãos e representantes oficiais. Não basta pensarmos nos usos do “mimimi” como naturalização do horror, mas a despeito de sua irrupção em contextos discursivos distintos compreender os deslocamentos dos imaginários conservadores em atos que resistem a esse posicionamento na sociedade. Trata-se, pois, da inversão do simulacro do outro,

ou seja, o apresentador constrói novos sentidos a partir de outros lugares enunciativos, ressignificando o sentido da expressão fora do tradicional da história.

Nos últimos anos, temos testemunhado uma recrudescência autoritária no Brasil com sua conseqüente escalada em discursos que se constroem mediante o insulto e a agressividade. Outro aspecto fundamental de qualquer regime que flerta com práticas antidemocráticas é o silenciamento de vozes que se levantam contra a opressão e a marginalização. Aqui, especificamente, opera o “mimimi” como prática discursiva. Se o “blá-blá-blá” e o “lenga-lenga” qualificam determinado enunciado de desnecessariamente prolixo, longo ou tedioso, permitindo ao enunciador uma reformulação, o “mimimi” perfura a materialidade linguística e ataca a própria formação discursiva do enunciador, invalidando toda aquela filiação ideológica. Dizendo de outro modo, o enunciado não permite qualquer reformulação da parte de quem enunciou, porque tudo o que poderia ser dito sobre aquele assunto, e não apenas o que foi efetivamente dito, foi invalidado, e qualquer reformulação possível deslegitimada. Com isso, queremos dizer que o “mimimi” utilizado nas redes atualmente não ataca somente a materialidade discursiva, mas toda a formação discursiva do sujeito, e, em última instância, sua filiação ideológica e o interdiscurso que a constitui.

Compreender esse processo discursivo é fundamental, porque, para além de uma mera investigação científica, é um movimento de resistência frente às constantes tentativas de invisibilização e desumanização pela linguagem a que estamos submetidos. Com esse gesto, buscamos, em última instância, não o conhecimento objetivo, pretensamente neutro, de determinado objeto (enunciado), mas sim as possibilidades de, a partir desse objeto, abriremos caminhos de luta por uma sociedade livre de opressões e preconceitos.

## Referências

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Editora: Artes Médica, 1990.

BRAVO, F. **L’insulte**. Bodeaux: Presses Universitaires de Bourdeaux, 2015.

CASTRO, V. **O que é mimimi?** Vitor diCastro Instagram, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CgQBxsbg8aO/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CHIARI, G. **Entre insultos e falsas harmonias**: a construção dos efeitos de agressividade no discurso político eleitoral na campanha de 2014. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8863>. Acesso em: 23 ago. 2022.

FOUCAULT, M. Retornar à história. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos, II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972. p. 282–295.

FREUD, S. Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle (L'homme aux rats), (1909). **Cinc psychanalyses**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. p. 233.

LARGUÈCHE, É. Des mots aux mots: l'insulte. *In*: BRAVO, F. (org.). **L'insulte**. Bordeaux: Presses Universitaires de Bourdeaux, 2015. p. 19–31.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Tradução Renata Santini. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018 [2003].

MERCIER, A. Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs. (Introduction). **HERMÉS – Revue. Dérision – contestation**, CNRS Éditions, n. 29, 2001.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propôs de l'AAD. **Langages**, Didier/Larousse, Paris, n. 37, p. 51–68, 1975. [A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975)]. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

# Um ensaio sobre *fake news* e fabricação de memória

Renata de Oliveira Carreon (Unicamp/FAPESP<sup>23</sup>)

A pandemia da COVID-19 engendrou a mutação de práticas discursivas nas mais diversas áreas do conhecimento. Tal rearranjo de práticas, entendido a partir da palavra-valise “novo normal”, evidencia que o acontecimento histórico e discursivo da pandemia apresenta muitas questões importantes às mais diversas áreas da Linguística e, sobretudo, à Análise do discurso. Um fenômeno linguageiro importante que foi evidenciado pela pandemia foi a circulação massiva de *fake news* políticas no Brasil, base do populismo de direita no país, especialmente as divulgadas pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Entendendo as *fake news* como uma mentira discursivizada promovida por uma torção discursiva, cujo amparo se dá no efeito de repetibilidade e de autoridade<sup>24</sup>, pretendo, neste capítulo, compreender as *fake news* em suas relações com as memórias discursiva, metálica e digital, uma vez que, dada a filiação da memória a uma certa região do interdiscurso, as *fake news* evidenciam que a regionalização de sentidos são a base da própria possibilidade desse dizer. Para isso, defenderei que as *fake news*, para além da mentira discursivizada, são efeito de uma não atestação do real, que metaforicamente constituído, se filia a uma memória fabricada. Considerando, assim, que em 1.469 dias como presidente, Jair Bolsonaro deu 6.685 declarações falsas ou distorcidas, objetivo observar a construção – a nível de constituição, formulação e circulação – das *fake news* propagadas pelo ex-presidente acerca da COVID-19 e como estas orientam para os escritos recentes da Análise do discurso digital sobre os efeitos de memória. Para isso, disporei do arcabouço teórico-metodológico da Análise do discurso teorizada por Cristiane Dias (2018, 2023<sup>25</sup>) e Eni Orlandi (2017, 2020).

## 1. Fake news

Em trabalho anterior (Carreon, no prelo) afirmei que embora, por um tempo, as *fake news* tenham circulado como emulação do real, podemos observar que houve uma mutação a nível de formulação: muito recentemente, muitas das *fakes news* em nada garantem o caráter noticioso. Elas passaram a circular por meio de áudios, vídeos, *lives*, mensagens em aplicativos de mensagens instantâneas. Por isso, considero que as *fake news* podem ser compreendidas a partir de um processo de torção discursiva: “À luz da Análise do Discurso, entendo *fake news* como um processo de torção discursiva realizado sob o efeito de uma identificação ideológica.” (Mariani; Silva, 2019, p. 29). Assim, tal torção discursiva projeta um efeito de verdade sobre um fato ocorrido que, agora, passa a ser falsificado.

24 A reflexão é parte de uma trajetória de estudos que vem sendo desenvolvida e que se inicia em CARREON, R. O. A política do silêncio digital: banimento de *fake news* presidenciais. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 64, p. 1-12, e022037, 2022; e continua em CARREON, R. O. **As fake news como base do populismo de direita brasileiro: entre o político e o digital, o algoritmo** (no prelo).

25 Primeiro artigo deste livro.

Um acontecimento “às avessas” garante um caráter de verossimilhança ao enunciado, produzindo um efeito de verdade que silencia a torção à determinada formação discursiva. Um não acontecimento ou uma mentira discursivizada acaba por adquirir efeito de verdade graças à verossimilhança que a torção lhe atribui, mas, para além disso, também graças à circulação massiva nas redes sociais. A circulação pelo digital, diferentemente da circulação “*off-line*”, é reticular e relacional, o que faz com que discursos se liguem uns aos outros por meio do técnico, como é o caso das *hashtags*, que agrupam diferentes postagens em distintas redes sociais. Em função disso, as *fake news* encontram espaço propício para circularem e viralizarem, permitindo, desse modo, que seja instaurado um regime de repetibilidade que contribui para o efeito de verdade do dizer mentiroso. Para Zoppi-Fontana (2021, p. 95), “é por efeito de excesso de enunciações que as *fake news* se acumulam, ganhando visibilidade e credibilidade”.

A extensa circulação da mentira discursivizada e o fato de ter potencial de viralização dentro de certos grupos revela que a extração de dados das redes e sua consequente regurgitação em forma de preferências personalizadas fazem com que o algoritmo textualize discursos inscritos em certa região do interdiscurso por meio das formações discursivas. Mas, para além disso, tais discursos já são antecipadamente regionalizados pelo próprio algoritmo, o que entendemos aqui como formação algorítmica. Para Ferragut (2022, p. 121, tradução própria), formação algorítmica (FA) “é tudo o que pode e deve ser digitado, pesquisado, clicado, acessado, compartilhado, falado, ouvido, assistido e/ou lido pelo digital”. Assim, a formação algorítmica, que determina o que pode e deve ser apresentado ao sujeito, atua diretamente na circulação pelo digital, criando uma regionalização de sentidos que, filiada a uma formação discursiva, opera com o que é da ordem do linguístico e do algorítmico, retornando para o sujeito incessantemente por meio da repetição da máquina. Nesse sentido, entendo que é a regionalização das *fake news* a certa formação algorítmica que faz com que sujeitos inscritos a determinada formação discursiva receba essas mentiras discursivizadas e não outras em seu lugar. Aquilo que pode e deve ser dito passa a antecipadamente ser previsto pelo algoritmo que, por meio da mineração de dados, entende as *fake news* como a própria condição de possibilidade desse dizer.

A partir disso, pensando as *fake news* políticas, pode-se dizer que se soma ao efeito de verdade criado por essa torção discursiva e pelo regime de repetibilidade, o efeito de autoridade: no cenário político, um dizer mentiroso discursivizado tem um locutor autorizado que atesta o que é dito, corroborando o efeito de verdade do enunciado e incidindo, portanto, na circulação pelo digital, sempre atravessada por sujeitos ideologicamente interpelados e *bots* maquinicamente coconstrutores dessa verdade.

Nesse sentido, defendemos que cooperam para os efeitos de verdade das *fake news* políticas:

- a. **Uma torção discursiva** que faz com que o dizer mentiroso emule a verdade;
- b. **Um regime de repetibilidade** que se beneficia do potencial de espalhamento do digital;
- c. **Um efeito de autoridade** advindo da posição-sujeito;
- d. **Um efeito de evidência** ligado à torção discursiva e ao efeito de autoridade: “se X diz isso, só pode ser verdade”;
- e. **Uma inscrição a uma formação algorítmica** que determina o que pode e deve ser clicado, compartilhado etc.

Considerando os pontos anteriores, pode-se afirmar que as *fake news* são fruto de efeitos (de verdade, de autoridade, de evidência). Concordaremos em dizer, assim, que as *fake news*, para além da mentira discursivizada, são efeito de uma não atestação do real que, metaforicamente constituído, se filia a uma memória fabricada. As *fake news*, desse modo, recuperam uma memória às avessas e formulam aquilo que está para além do equívoco: é o furo na rede de memória que não existe, mas produz sentidos. Isto é: ao se constituírem, as *fake news* dialogam com sentidos existentes, mas que só são da ordem da memória se fabricados. Um exemplo disso foi a notícia falsa de 2018 que a cantora *drag queen* Pablo Vittar seria a vice do então candidato à presidência Fernando Haddad. Produz sentido e, portanto, efeito de verdade porque já faz sentido<sup>26</sup>, uma vez que o PT (Partido dos Trabalhadores) possui pautas em prol de minorias, entre elas a LGBTQIA+. No entanto, é da ordem da fabricação de uma memória uma vez que não se pode recuperar, interdiscursivamente, qualquer intenção da cantora a um cargo político ou do PT em lançar uma cantora como vice-presidente, ou ainda qualquer relação entre eles. Nesse sentido, o dizer mentiroso é um furo numa memória emulada, um dizer que irrompe em uma teia que ninguém teceu.

O discurso político digital, assim, encontra-se no limiar entre a pulverização do mundo como o conhecemos, esfacelado pelo capitalismo digital, e o mundo como sempre foi. Orlandi (2020, p. 31) afirma que “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)”. Para além disso, tenho observado que o dizer pelo digital se encontra na confluência das memórias (discursiva, metálica e digital) e da pulverização de sua atualidade, pois ainda que ocorra

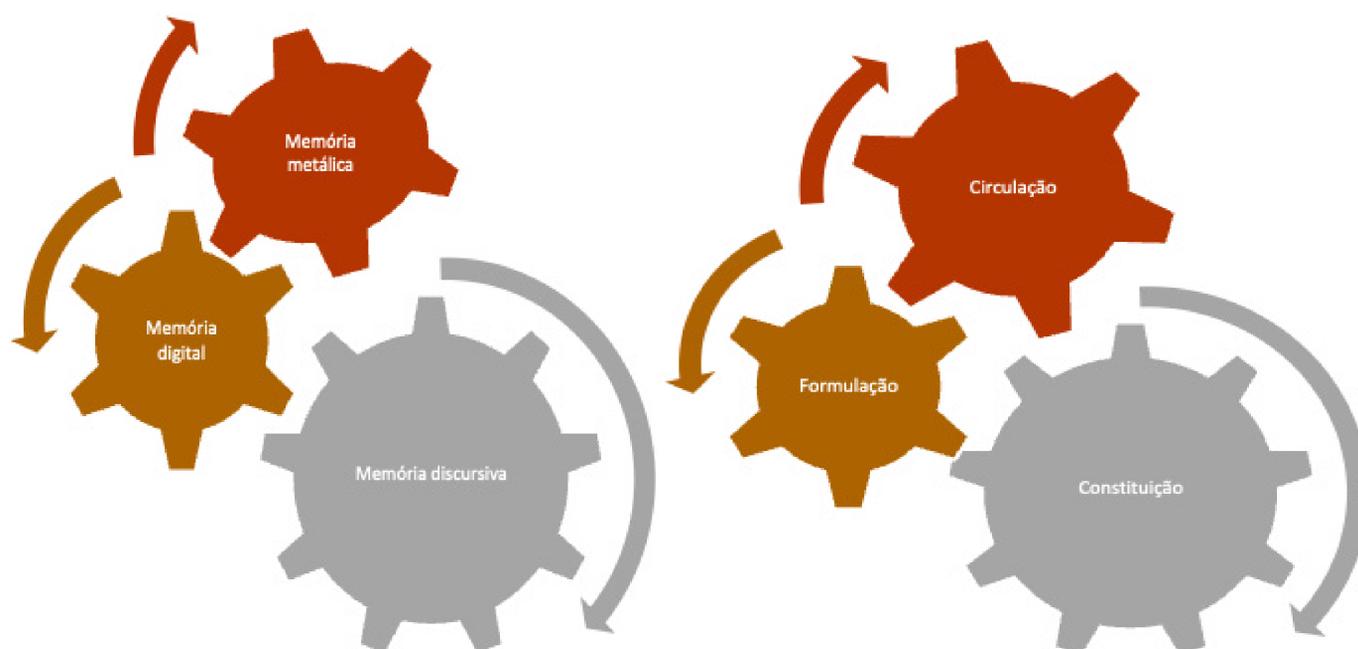
---

26 “Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (Orlandi, 2020, p. 31).

no presente imediato, o digital é arquivável e localizável, enquanto sua atualidade é sempre um fragmento do que já foi e do que pode vir a ser.

## 2. O funcionamento da memória

**Figura 1.** Relação entre as memórias discursiva, metálica e digital



**Fonte:** Elaboração própria

Tendo como premissa o que Cristiane Dias (2023) afirma no capítulo um deste livro, “destaco que estou aqui trabalhando as três naturezas de memória, cada uma fazendo seu papel concomitantemente no processo de produção do discurso.”, buscarei compreender de que forma as *fake news* são da ordem de uma memória fabricada que encontra sentido porque faz sentido a uma certa região do interdiscurso que, no entanto, não encontra amparo no real: faz sentido, embora seja mentira.

O conceito de memória discursiva foi cunhado por Courtine em 1981 na *Langages* 62. Nesse trabalho, o autor tenta caracterizar

[...] o funcionamento do discurso comunista francês como memória coletiva, por meio de um conjunto de operações discursivas que organizavam a lembrança, a repetição, mas também o apagamento e o esquecimento do que chamei o “domínio de memória”, do discurso, em referência à *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault. Quis mostrar, naquele texto, como se podia, a partir dessa memória ao mesmo tempo pletórica e lacunar, compreender os fatores propriamente discursivos do declínio do comunismo francês (Courtine, 2009, p. 10-11).

O autor destaca que memória discursiva é diferente de memória psicológica e que a noção de memória discursiva diz respeito “à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos [...]” (Courtine, 2009, p. 105–106). Entendo, portanto, que a memória significa sentidos. A memória discursiva é o já-dito que constitui todo dizer, que ocorre por uma atualização de sentido.

O conceito de memória metálica é proposto por Orlandi e é citado tanto por Dias (2018) quanto por Paveau (2021) na construção de seus conceitos de memória (tecno) digital. Para Orlandi (2017, p. 240), a memória metálica é repetição, excesso, acúmulo:

Produção refém de uma memória que tenho chamado de metálica, na medida em que é disponibilizada pela máquina, que produz mais informação do que necessitamos, na produção do conhecimento. Este se nutre da sua incompletude, do inacabamento, da movência dos sujeitos e dos sentidos, de sua inexatidão, do esquecimento.

Diferentemente da memória discursiva, para Orlandi (2017, p. 251), a memória metálica não parece funcionar pelo esquecimento, mas pela “ilusão da univocidade”, na qual o excesso “sutura” a falta “na falha do esquecimento: vontade de completude, de transparência” (p. 253). Assim, o excesso de arquivamento em uma materialidade em que tudo é documentável produz a ilusão de eficácia da máquina.

É em relação com as memórias discursiva e metálica, que Dias (2018) propõe pensar a memória digital, tema do capítulo de abertura deste livro. Para ela, a memória digital é aquela que “escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscrevendo no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (Dias, 2018, p. 161).

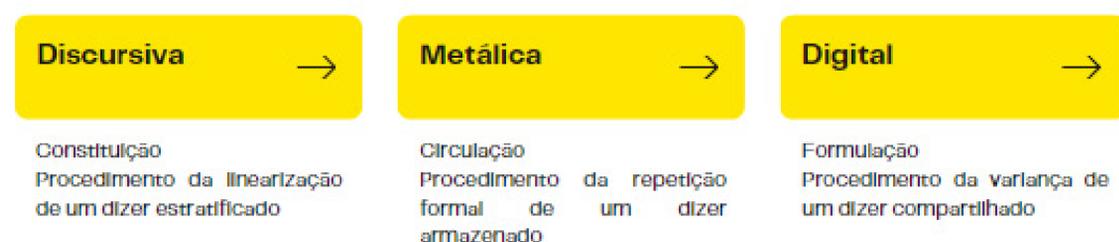
Nesse sentido, “a memória digital é aquela à qual o sujeito se filia para dar corpo ao sentido pelo digital.” (Dias, 2023), isto é, o processo de formulação de dizeres pelo digital, que ocorrem pela repetição, por meio da textualidade seriada (Dias, 2018) e pela variação:

A produção circunstanciada de uma formulação ocorre pelo funcionamento da memória digital que rege o modo de formular circunscrito pelo uso de ferramentas como corretor automático, configuração de comentários e mensagens, limitação de caracteres para escrita de texto, outras funcionalidades diversas como *retweet* (RT), *trending topics* (TTs), *hashtag*, curtir, compartilhar, preenchimento automático, etc., elementos que constituem o que venho chamando de dimensão técnica do silêncio, ou seja, aquela que põe em relação silêncio e tecnologia de linguagem (Dias, 2023).

A partir do que Dias (2018, 2023) tem compreendido como o funcionamento da memória que podemos entender as relações entre as três naturezas de memória:

**Figura 2.** Esquema das relações de memória

## Memória



**Fonte:** Elaboração própria

### 3. *Fake news* e fabricação de memória

A fabricação de uma memória, forma de não atestação do real que potencializa o efeito de verdade das *fake news*, parece evidenciar o funcionamento interligado das memórias discursiva (no eixo da constituição), metálica (no eixo da circulação) e digital (no eixo da formulação). Isso porque, em se tratando daquilo que ressoa sentidos ainda que não seja da ordem do real, parece haver, nos discursos que circulam pelo digital, um funcionamento engrenável que justifica o caráter de verdade do dizer mentiroso. No eixo da constituição, a memória discursiva faz trabalhar sentidos que retornam insistentemente na atualidade do acontecimento; a memória metálica, pelo acúmulo, pelo excesso e pela repetição, faz com que enunciados que se filiam a outros enunciados nessa rede de memória discursiva circulem ostensivamente; por fim, a nível de formulação, a memória digital produz a repetição, mas também a variação, o equívoco, a falha.

Nesse sentido, retomo alguns pontos que sustentam os efeitos de verdade das *fake news* para ligá-los à questão da memória:

- O **efeito de evidência** é amparado sobretudo pelo funcionamento da **memória discursiva** que lhe atribui sentidos, ainda que fabricados;
- O **efeito de repetibilidade** é amparado pelo acúmulo e arquivamento que se produz na **memória metálica**, documentável;
- A inscrição por antecipação a uma **formação algorítmica**, que retorna da extração de dados pelo digital, é amparada pela **memória digital**, ligada ao modo de textualização dos sentidos, corpo do discurso.

Se o que sustenta o conceito de memória, em análise de discurso, é que “os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda a dizer” (Courtine, 2009, p. 106), como olhar para a mentira discursivizada que, sob a forma de torção, encontra verdade nos domínios da memória?

Quando Bolsonaro afirmou, em uma de suas *lives*, (i) “Quando eu saí lá da tribuna lá da ONU, que eu falei do Brasil, né? Subiu lá o Petro, presidente recém-eleito da Colômbia, apoiado por Lula, defendeu liberação da cocaína.” (Bolsonaro 29/09/2022<sup>27</sup>), a defesa, por parte do presidente Lula, da liberação da cocaína pareceu evidente. A torção discursiva encontra sentidos quando se liga a uma rede de enunciados que tornam esse enunciado verdadeiro: Lula, um “criminoso condenado”, político de esquerda, só poderia defender tal fato. Ainda que seja uma não atestação do real, já que Lula não defende a liberação da cocaína, o enunciado soa como verdadeiro por meio do efeito de evidência, do efeito de repetibilidade que encontra no digital condições de possibilidade para circular exaustivamente, efeito de autoridade por sua posição-sujeito e inscrição a uma formação algorítmica determinada que antecipa as preferências do sujeito e o inscreve como candidato a receber tal conteúdo. Para Ferragut (2022, p. 128, tradução própria),

Sendo o interdiscurso aquele que determina uma formação discursiva (Pêcheux, 2014), é possível afirmar que aquilo que passou pela leitura de um algoritmo e aparece ao sujeito por meio das formações algorítmicas, quando inscrito no interdiscurso pela memória digital, pode estar relacionado a sujeitos individuais que se identificam com uma FD particular.

Assim, a formação algorítmica promove um recorte em certas regiões do interdiscurso às quais estão ligadas as formações discursivas que podem tornar essa mentira verdadeira. O dizer mentiroso passa a fabricar sua própria memória e, ao mesmo tempo, é a memória que lhe atesta a veracidade. A fabricação da memória funcionaria como o efeito de espelho de um riacho cuja cor azul se acreditasse ser da própria água e não do céu que lhe empresta a cor. Esse efeito de espelho, fruto de um esquecimento, é o que faz acreditar que a água é azul e a mentira é verdade. Há uma evidência empírica que torna a torção algo aparentemente verdadeiro: a inscrição do sujeito e a injunção à interpretação que é atravessada pela ideologia.

Mais recentemente, já como ex-presidente, Bolsonaro voltou a atacar a vacina da COVID-19. Conhecidamente negacionista, denunciado por genocídio no Tribunal Penal Internacional de Haia, Bolsonaro adotou postura distópica frente ao enfrentamento da

---

27 Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1470232580145029/>. Acesso em: 25 out. 2022.

pandemia<sup>28</sup>. São essas condições de produção que favorecem a emergência do enunciado (ii) “Agora vocês vão cair pra trás. A vacina de RNA tem dióxido de grafeno, tá. Onde ele se acumula segunda a Pfizer que eu fui lá ver aquele trem lá, no testículo e no ovário. Eu li a bula” (Bolsonaro, 17/06/2023)<sup>29</sup>. O dizer mentiroso adquire caráter de verdade quando esse sujeito afirma ter lido a bula, o que cria um efeito de evidência: se está na bula e ele a leu, só pode ser verdade. Embora não conste tal informação na referida bula, o efeito de autoridade sustenta a veracidade desse dizer, que encontra efeito de verdade também na fabricação dessa memória.

A construção dessa memória, condição de possibilidade de uma notícia falsa sobre a vacina, é sustentada pelas condições de produção desse dizer mentiroso. Retomo aqui a discussão que empreendi<sup>30</sup> na *Enciclopédia discursiva da COVID-19*:

Os diferentes posicionamentos ideológicos – negacionista ou não – evidenciam duas narrativas sobre a própria pandemia. Por um lado, acredita-se nos riscos de contágio de um vírus ainda sem vacina e sem protocolos unificados de tratamento e, por isso, também se crê em sua letalidade, o que faz com que uma parte da população defenda o distanciamento social e compreenda que o imenso número de mortos é consequência da ausência de políticas públicas de contenção do espalhamento do vírus. Desse ponto de vista, responsabiliza-se de maneira direta o Chefe de Estado pelas mortes, o que o levou, inclusive, a sua denúncia no Tribunal Penal Internacional de Haia por genocídio e crime contra a humanidade, considerando seus pronunciamentos e suas ações como um fator de aumento do risco de proliferação do vírus, além de sua recusa a implementar políticas de proteção a populações em situação de vulnerabilidade social ou minorias étnicas. A denúncia também cita a insistência do Presidente em defender o uso de hidroxiquina, mesmo sem que haja comprovação científica da eficácia desse fármaco no tratamento da COVID-19. Por outro lado, a adesão ao discurso de negação do vírus e da gravidade da doença, que descaracteriza sua letalidade e privilegia a divulgação dos casos recuperados, além de relacionar a comorbidade às mortes, faz com que uma parcela significativa da população se negue a aderir às normativas sanitárias e higiênicas de estados e municípios (Carreon; Santos, 2022, p. 126).

---

28 Discorri sobre o discurso de banalização das mortes em CARREON, R. O. Presidência acima de tudo, economia acima de todos? Notas sobre o discurso presidencial de banalização das mortes por COVID-19. *Revista Linguagem*, Dossiê Discurso em tempos de pandemia, São Carlos, v. 35, p. 162-170, out./2020.

29 Disponível em: <https://youtu.be/iClyVJomll4/>. Acesso em: 2 ago. 2023.

30 CARREON, R. O.; SANTOS, E. L. Morte por COVID-19. In: RODRIGUES, F. C.; COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (org.). *A Enciclopédia discursiva da COVID-19: o primeiro ano da pandemia no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2022.

Nesse contexto, é da ordem da evidência que a vacina pode conter grafeno. Nos domínios da memória metálica, onde tudo é arquivável, é possível recuperar muitos outros dizeres do ex-presidente sobre as vacinas, incluindo o que ele associa a vacina a maior incidência de AIDS: (iii) “Outra coisa grave aqui, só vou dar a notícia, não vou comentar, já falei sobre isso no passado e apanhei muito. Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados, quem são os totalmente vacinados? Aqueles que depois da segunda dose, 15 dias depois após a primeira dose... estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência muito mais rápido que o previsto. Recomendo ler a matéria, não vou ler pra vocês aqui porque posso ter problema com a minha live, não quero que caia a minha live aqui, quero dar informações concretas.” (Bolsonaro, 21/10/21).

O acúmulo, a repetição, fazem com que muitos outros dizeres mentirosos deem corpo ao enunciado (ii), tornando-o passível de emergir, produzir sentido e circular como verdadeiro. Sua circulação, que também é da ordem daquilo que o algoritmo textualiza, reivindica sentidos que já se encontram filiados a essa memória, que reflete e refrata uma notícia falsa como um enunciado possível. As *fake news* são a própria possibilidade desse dizer, regionalizando no interdiscurso aquilo que já circulou como verdadeiro e que, agora, atesta o caráter de verdade de outra mentira discursivizada. É um mecanismo que se autogere: as *fake news* são elas mesmas condição de possibilidade, condição de produção e memória. E se o acúmulo da memória metálica permite que os discursos sempre retornem, é no funcionamento da memória digital que se abre o espaço para a variação, para o furo.

Na serialização da produção de *fake news* produzidas por Bolsonaro, em que muitos dizeres mentirosos são trazidos sob a forma de “eu li”, “eu vi”, “eu quero dar informações concretas”, a repetição produz também abertura para o novo, criando espaço para que “novas” *fake news* surjam sempre sob a roupagem das novas informações: ontem causava AIDS, hoje contém grafeno. Esses enunciados se formulam ao circular, criam seu estatuto de verdade ao se filiar a essa memória de que as vacinas podem causar todo tipo de deficiência. Em (i) ele mesmo estava lá, atestando que ouviu tudo de perto; em (ii), leu a bula; em (iii) estudos do Reino Unido, que ele leu e não vai reproduzir, comprovam. Há uma textualidade seriada (Dias, 2018) que coloca em relação esses enunciados e que os filia igualmente a certa memória.

# Para efeito de conclusão

Ainda que ensaísticamente, busquei operar com dispositivos de análise que a Análise do discurso digital tem proposto, dentre eles memória digital (Dias, 2018) e formação algorítmica (Ferragut, 2022). Ainda há muito por fazer. Se por um lado, o estudo das *fake news* na análise de discurso tem percorrido caminhos muito diversos dentro da área, por outro, o estudo de suas relações com a memória e o digital ainda estão para serem produzidos. Na forma de ensaio, tentei esboçar o começo do que ainda é preciso fechar: as *fake news*, nas diferentes relações que estabelecem com as memórias, são a não atestação do real, uma fabricação de memória que ampara seu efeito de verdade em sua própria condição de possibilidade. Na base disso, a serialização, a variação, o algoritmo, o excesso da máquina e o furo do digital.

## Referências

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIAS, C. Análise do discurso digital: a questão da memória. *In*: CARREON, R. O.; RUIZ, M. A. A.; ARAUJO, L. M. B. M. **Análise do discurso digital**: perspectivas teóricas e metodológicas. (no prelo)

FERRAGUT, G. **Mouvements sociaux et sens de la ville**: la circulation du discours urbain par le numérique. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, cotutela com: Universidade de Gênova, Gênova, 2022.

MARIANI, B.; SILVA, S. D. Entrevista com Freda Indursky. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 30, n. 59, p. 13–31, 21 dez. 2019.

ORLANDI, E. **Eu, tu, ele**: discurso e real da história. Campinas: Pontes editores, 2017.

ORLANDI, E. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2020.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. São Paulo: Pontes editores, 2021.

ZOPPI-FONTANA, M. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor.  
*In*: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo:  
Parábola, 2021. p. 87-104.

# Retórica e argumentação no discurso digital: possibilidades para a análise de opiniões políticas no Twitter

Rodrigo Seixas (UFG)

# Introdução

Uma vez questionado por um colega sobre o porquê de ter começado a me interessar pela argumentação digital, disse-lhe que todo analista/estudioso de discurso e argumentação precisa estar atento aos novos fenômenos comunicativos que surgem no espaço público, independente de sua forma e origem, isto é, se ali há argumentação, então ali podemos/devemos estar. Se em tempos antigos, na Grécia, o trabalho persuasivo acontecia na *Ágora*, diante de um auditório e de maneira majoritariamente oralizada, hoje temos a prevalência de textos escritos que figuram no que seria o novo espaço público digital (Cabral, 2015), notadamente nas redes sociais, recobrando temas e objetivos diversos.

Em termos de análise, não se trata, a bem da verdade, de uma necessária revolução no fazer argumentativo. Os velhos instrumentos retóricos de interpretação ainda são bem-vindos e podem fornecer importantes resultados de análise. É também verdade, no entanto, que os novos tempos digitais impõem desafios antes não vivenciados e revelam emergências de fenômenos nativos deste tempo. Seria possível, por assim dizer, pensar nas implicações pós-digitais, ainda que seja um certo exagero afirmar a existência de um novo tipo de argumentação.

Com efeito, Aristóteles, já em seu tempo, chamava a atenção para a retórica enquanto técnica/arte (*tekhné*), isto é, voltada para um fim prático por excelência: o de persuadir e/ou influenciar. A partir desse objetivo, desse *telos*, caberia ao orador, para cada caso específico, encontrar os meios mais adequados à persuasão. A noção de adequação, portanto, se entendida sob uma grelha interpretativa mais atual – como da ordem do discurso que se atrela às necessidades e restrições do “contexto”, da “situação comunicativa”, ou do “ambiente” etc. –, pode evocar igualmente a ideia desde sempre existente de uma constante exigência de atualização do aparato técnico-retórico em função das necessidades do orador, em cada situação comunicativa, para que este logre êxito em seu discurso e persuade o auditório desejado. Em outras palavras, a retórica é, desde a gênese, uma técnica/arte “camaleônica”, de modo que se tornaria possível, com os devidos diálogos e ajustes, pensar na ainda pertinente aplicação da sua metodologia (em sua variedade e complexidade) para análise de discursos contemporâneos e notadamente digitais.

O objetivo deste capítulo é, a partir disso, o de lançar mais luzes – ainda que limitado a poucas páginas e, por isso, sem pretensão alguma ao esgotamento – sobre alguns fenômenos argumentativos digitais, e sobre as possibilidades de um trabalho retórico-

argumentativo que não deixe de levar em consideração as especificidades comunicativas desses ambientes – e, nesse ponto, dialoga com as contribuições da análise do discurso digital (Paveau, 2021), sem que, para tanto, deixe de considerar a riqueza da tradição retórica em termos de dispositivos e categorias de análise de discursos argumentativos. Tal tradição, aqui, por assim dizer, é capitaneada pela abordagem retórico-argumentativa de Angenot (2008) e Seixas (2019). O diálogo proposto procura, assim, menos criar um braço de estudo do discurso que privilegie uma retórica digital e mais chamar a atenção para a profusão de fenômenos nesse ambiente, os quais, malgrado a sua notável complexidade e instabilidade, podem ser grandes objetos de trabalho com a argumentação na urgência dos discursos em tempos contemporâneos. Para tanto, o Twitter foi escolhido como um espaço digital de observação e alguns *tweets* serão trazidos ao longo deste ensaio apenas como um *corpus* de exemplos – e, portanto, não para uma análise aprofundada –, a fim de ilustrar alguns fenômenos argumentativos digitais.

O evento argumentativo que servirá de objeto é a polêmica a respeito da *origem da pandemia do coronavírus*. Sabemos que, em plena pandemia deflagrada no Brasil, no ano de 2020, a sociedade brasileira se fraturou entre apoiadores e críticos à gestão do governo federal ao combate ao vírus da covid-19, questões que repercutem até hoje, em 2022, sendo pauta, inclusive frequente, nos debates presidenciais deste ano. Para análise, tomaremos apenas um lado da polêmica, dos correligionários da extrema-direita, que, alinhados com o presidente Jair Bolsonaro, defenderam a origem da pandemia como algo proposital, uma estratégia da China comunista para fragilizar o Ocidente. Essa postura polêmica no Twitter ficou marcada pela publicação de *tweets* *hashtageados* sob a rubrica *#VirusComunista*<sup>31</sup> (em alguns momentos, também a *#VirusChines*<sup>32</sup>). Tomaremos esses *tweets*, em diferentes formas de ocorrência tecnoescritural (Paveau, 2021), como exemplos de possibilidades de análise retórico-argumentativa, sobretudo porque, neles, consideramos ser possível identificar a *doxa* que estrutura o posicionamento dos sujeitos, as *lógicas argumentativas* (Angenot, 2008) envolvidas nos esquemas argumentativos avançados, o que torna plenamente possível uma análise retórico-argumentativa no espaço público digital.

---

31 O método de varredura dos *tweets* foi bastante simples, existente no próprio *site* da rede social Twitter, pelo motor de busca por *hashtag*, identificado pelo signo # Explorar no canto esquerdo da página

32 Do outro lado da polêmica, mas que não será trazida aqui como objeto de análise, contrários a esse tipo de crença xenófoba, estão aqueles que se dispuseram a defender os chineses contra todo tipo de discurso de ódio e seguiram a tendência mundial de defesa da *hashtag* *#EuNaoSouUmVirus*.

# A retórica, a doxa e o espaço público digital

A história recente nos mostra que as interações políticas, inclusive partindo de políticos profissionais, ganharam as redes sociais e plataformas digitais, transformando-as em *espaços* argumentativos, políticos e militantes. Todos os usuários, de repente, passaram a ter “voz”, e puderam publicar suas ideias, posições, opiniões. Em termos retóricos, a publicidade de uma opinião (a sua *doxa*), como afirmava Hannah Arendt (1986), assegurava o agir político dos sujeitos, o engajamento dos indivíduos com as questões da sociedade (da *polis*). Essa é a noção arendtiana de espaço público como o lugar em que a visibilidade garante a existência das coisas, o lugar da *doxa* enquanto opinião não somente “pública”, mas “publicada”, a qual “aparece” na sociedade e revela um sujeito em sua ponte com o mundo comum, ponte apenas possibilitada por meio da palavra. A publicidade, nessa perspectiva, recobre o sentido de um “vir a público”, de um manifestar-se dos sujeitos uns aos outros e que, pela própria manifestação de si, manifestam também o que os estrutura, a base de suas crenças.

Angenot (2008) defende que tais crenças estabelecem uma distinção na própria construção sociocognitiva dos sujeitos, isto é, na forma como compreendem a realidade, como se comunicam com o outros e interpretam o mundo. Há, segundo ele, sobretudo se pensarmos em uma situação de polêmica, *códigos retóricos* inegociáveis entre os grupos contrários, o que dificulta qualquer possibilidade de acordo entre as partes. Tais códigos retóricos distintos são motivados, igualmente, por uma “ruptura cognitiva” das formas de pensar entre os sujeitos, porquanto as *lógicas argumentativas* que estruturam cada tipo de raciocínio são divergentes desde a base, viabilizando o “diálogo de surdos” (Angenot, 2008).

Seixas (2019), na esteira do analista de discurso, defende que todo discurso argumentativo, em especial os de tipo político e polêmico, pode ser esquematizado (por meio de esquemas argumentativos) e, sendo, as lógicas argumentativas de sustentação de um raciocínio retórico inequivocamente surgem aos olhos. No seu livro *Dialogue des sourds*, Angenot (2008) evoca, entre outras, a lógica do *pensamento conspiratório* – tomada por Seixas (2019) como *lógica conspiratória* –, apresentando-a como a base do argumentário de uma série de polêmicas no decorrer da história. Muito comum no argumentário da militância política, tal lógica também figurou na polêmica aqui em tela e deu o tom para diversas interações no Twitter.

A propósito, importa marcar que, em tempos digitais, um dos principais desses espaços de interação política é o Twitter, plataforma ou rede de *microblogging*, na

qual os usuários podem interagir e opinar sobre quaisquer assuntos. Tornou-se, em especial, um lugar de opiniões de cunho político e crítico, um *locus* de diversas interações argumentativas em torno de assuntos frequentemente sensíveis à sociedade. Nesse caso, acaba por se colocar como um espaço discursivo digital (Seixas; Nascimento, 2021), frequentemente dividido entre apoiadores e contrários a determinado objeto de discussão em sociedade e, portanto, como uma arena de embates polêmicos. O Twitter pode ser visto, por assim dizer, como uma rica vitrine para os analistas no que tange ao funcionamento e circulação das topografias argumentativas da discussão pública, isto é, a uma topografia das *doxas*<sup>33</sup>, nos termos de Seixas (2019).

A *doxa*, afirma-nos Angenot (2008), para além de um sistema de pensamento baseado na opinião, material indiscutível da retórica, é a própria razão de alguns assuntos ganharem a cena pública e se tornarem objetos de debate e mesmo o ponto de partida de certos raciocínios. Segundo o analista de discurso, a *doxa* “não apenas reúne as premissas relativas às coisas do mundo, ela é também o próprio fato de que certas ‘coisas’ são nomeadas e classificadas, de que certas questões são postas e reconhecidas como objetos de debate, de que existem em discurso para um estado de sociedade” (Angenot, 2008, p. 64). É possível afirmar, nesse sentido, que, enquanto lugar digital da palavra pública por excelência, as redes sociais se tornam efetivamente uma vitrine para a análise daquilo que é questão em um determinado momento político da sociedade, aquilo que desperta debate, que movimenta paixões, que incita a defesa de razões e posicionamentos.

A propósito, a configuração do Twitter, segundo Paveau (2021), é a de um *ambiente* discursivo ecológico e propício à disseminação de ideias de forma rápida, o que favorece a interação política e, em especial, a militante. Por sua característica *always on*, o Twitter “transforma a dinâmica tradicional de *input vs. output* [...] em um entrelaçamento informacional contínuo entre *inflow* e *outflow*” (Santaella; Lemos, 2010, p. 73). O fluxo contínuo de informações não chega aos usuários de modo aleatório. Existe, na verdade, uma série de programações algorítmicas que medem a dinâmica de uso de cada pessoa, entregando-lhe sempre fluxos de conteúdo direta ou indiretamente relacionados aos seus contatos, preferências etc.

Essa configuração, atrelada à limitação espaço-comunicativa (de apenas 280 caracteres por *tweet*), condiciona a formação de um ambiente digital que favorece as trocas rápidas, mormente movidas por interesses de cada usuário, mas, pelas mesmas

---

<sup>33</sup> Seixas (2019) se vale do termo *doxa*, em língua portuguesa, a partir de uma apropriação do conceito grego para propor-lhe uma operacionalização (por isso, o itálico). A despeito de o plural dessa palavra, em grego, ser *doxai*, o plural usado pelo autor é, portanto, *doxas*, em língua vernácula.

razões, favorece também a formação de grupos de afiliação, os quais, partindo de pertencimentos identitário-ideológicos (e axiológicos) distintos, lançam-se com mais frequência às polêmicas e aos conflitos verbais. Tais mudanças ocorrem, segundo Zappavigna (2011, p. 789), na medida em que se passa de uma “busca puramente por conteúdo para buscar o que outras pessoas estão dizendo *on-line* e formando comunidades de valor compartilhado”, o que a leva a nomear tal processo de *ambient affiliation*, um ambiente de afiliação em torno de interesses e valores comuns.

Não há, de fato, argumentação política desatrelada de uma argumentação sobre valores. O Twitter permite ver o movimento de formação de valores cristalizados com ainda mais facilidade, o que leva as interações a se configurarem como exposição e argumentação de ideias em defesa de um determinado valor. Angenot (2008, p. 441), a propósito, entende que a argumentação é exatamente uma questão de “*justificação* [...], inseparável de um ter razão” e que os humanos argumentam para “*se situar* em relação às razões do outro, testando a coerência e a força que eles imputam posições, para se posicionar e, segundo a metáfora polêmica, para sustentar essas posições e se colocar em condição de resistir”. A *resistência* é um movimento paralelo e automático ao do *posicionamento*, haja vista que, quando um sujeito se situa e se posiciona, ele evoca e revela os seus valores e sua identidade, o que, por corolário, automaticamente o coloca em situação de resistir ao posicionamento do outro, aos seus valores e à sua identidade.

Se é verdade que tais questões não são exclusivas do digital, na medida em que transparece sempre em nossas interações a condição antropológica do *homo rhetoricus* (Danblon, 2005, 2013) como uma forma típica da razão argumentadora, debatedora e persuasiva sempre e continuamente existente na história das interações, consideramos haver a intensificação de uma retórica dos valores no digital, devido à transformação das formas de raciocínio e de cognição mediante as especificidades dos novos espaços de debate e discussão pública, os quais apontam para a existência de fenômenos argumentativos emergentes ou, pelo menos, para algum tipo de reinvenção.

## **A retórica entre o pré-digital e o digital: questões para análise**

Mas tudo se fez novo? Não necessariamente. É pacífico o entendimento de que o ato de argumentar, enquanto inerente à linguagem, varia e até mesmo se modifica com o tempo, mas tal mudança não ocorre como uma ruptura total e sim como uma

transformação. Isso implica considerar que o digital, ainda que apresente elementos únicos em diversos aspectos relacionados às formas de interação argumentativa, apresenta também outros tantos que existem desde o pré-digital e que apenas são reapropriados a partir da configuração dos novos ambientes.

A retórica, se voltada, em sua gênese, para os gêneros oratórios, e posteriormente também para os escritos, transformou-se com o tempo – sobretudo já na contemporaneidade – em um aparato de análise de discursos argumentativos de diferentes modalidades, verbais e não verbais, inclusive sincréticas. Basta pensar no trabalho do semiótico Roland Barthes, em 1964, em busca de uma *retórica da imagem* (*Rhétorique de l'image*), ou mesmo para tantos outros estudos que, a partir do aparato retórico, objetivam analisar fenômenos icônicos e semióticos.

Essa é a postura, a propósito, de Galinari (2013), para quem uma imagem pode ser compreendida naturalmente como um *logos* e, também, a de Seixas (2021, p. 924), que considera ser possível

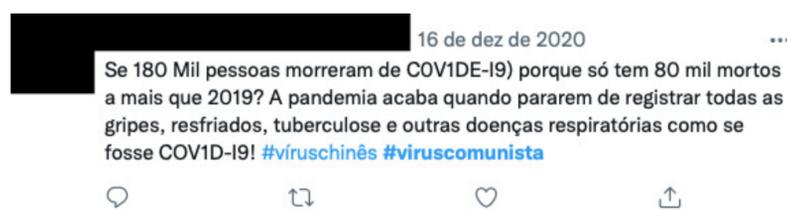
[...] empreender uma análise retórica da imagem, levando-se em conta, para além dos aspectos conotativos e figurativos do *logos* imagético, a construção de *ethos* e de *pathos*, afinal as imagens, para além de representações, são, antes de tudo, meios eficazes de influência, seja para persuadir acerca de algum caráter ou por meio de certa imagem de si e do outro construídas pelo orador (*ethos*), seja pelo conjunto de emoções potencialmente persuasivas suscitadas no auditório (*pathos*). [...] Uma imagem, assim como qualquer outro tipo de linguagem, ancora-se na história para significar, desperta sentidos, dialoga com outros discursos, de outras linguagens, aciona memórias [...], pois não se trata mais de uma mera representação ou código semiótico/semiológico, mas sim do próprio discurso que emerge em suas realizações.

Existe, nesse sentido, uma profusão de análises retórico-argumentativas de publicidades, por exemplo, ou mesmo de fotografias e obras cinematográficas que advogam em favor da possibilidade de trabalhos retóricos para além dos gêneros clássicos somente oratórios e somente escritos. Há, portanto, uma metodologia retórica pré-digital que não pode – ou ao menos não deve – ser ignorada quando se migra para os fenômenos comunicativos da era digital, sobretudo se é pacífico o entendimento de que o digital, apesar de suas especificidades, possibilita integrar, em uma mesma interação, todos esses tipos de produção semiótica, conforme veremos logo mais adiante. Em suma, muito do pré-digital é aproveitado e absorvido no/pelo digital em termos comunicativos e notadamente argumentativos.

É também pacífico, por essa mesma razão, o entendimento de que, na era digital, sobretudo com as redes sociais da *Web 2.0*, *3.0* e *4.0*, a integração entre as diferentes semioses é ainda mais frequente. Com efeito, o sujeito desta era é um sujeito tipicamente multimodal, “capaz de ler e produzir sentidos em modos vários, desde os elementos linguísticos até os aspectos imagético/icônicos” (Seixas, 2021, p. 924). O *tweet*, publicação nativa do Twitter, é considerado por Paveau (2021, p. 369), a propósito, como “um enunciado plurissemiótico complexo”.

Por ser justamente um enunciado “complexo”, a análise retórico-argumentativa em redes sociais digitais deve levar em consideração todos os recursos semióticos utilizados (valendo-se, quando for o caso, de metodologias pré-digitais de análise). Isso posto, não se deve deixar de considerar, todavia, as características particulares desse tipo de ambiente, em toda a sua ecologia discursiva (implicando agentes humanos e não humanos), incluindo, por assim dizer, até mesmo a lógica algorítmica que favorece objetivos mercadológicos envolvidos nas redes sociais e que ajuda a construir um ambiente capilarizado, cujo funcionamento, na maioria das vezes, favorece a formação de “bolhas” ideológicas e grupos de afiliação, e impacta na construção dos efeitos argumentativos e persuasivos. Veja-se os dois *tweets* a seguir (T1 e T2):

**Tweet 1 (T1).** *Tweet* Simples, logocentrado



**Tweet 2 (T2).** *Tweet* com comentário



Fonte: Twitter

No primeiro *tweet* acima, o T1, tem-se o que Paveau (2021) chama de um *tweet* simples ou logocentrado, isto é, revela apenas o conteúdo da mensagem do usuário (elementos do conteúdo languageiro), enquanto o formato complexo – quando se abre o *tweet* após clique – é ecológico e, assim sendo, revela “outras indicações e outros elementos do contexto, especialmente as respostas e os retuítes” (Paveau, 2021, p. 371). No T2, por sua vez, há a inclusão de um comentário, uma resposta ao *tweet*,

e que, portanto, já interage diretamente com ele. Apesar de entendermos que todo discurso é dialógico, nos moldes bakhtinianos, esse tipo de troca enunciativa permite uma análise argumentativa dialogal, tal como empreende Plantin (1996), em que se tem a possibilidade de investigar uma interação direta entre duas ou mais pessoas. Para um trabalho retórico com a argumentação, ambos os formatos (simples ou com comentários) são possíveis para análise, a depender dos objetivos do analista.

Ademais, pode-se perceber que existe, no T1, uma argumentação relativamente desenvolvida. O argumentante se vale de uma estratégia retórica de ironia, ao questionar o número de mortes por covid-19, em comparação com dados anteriores, estatísticas de mortalidade de 2019, para concluir pelo suposto *absurdo* da tese de gravidade da doença. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) afirmam que o recurso à ironia mantém também uma profunda relação com a estratégia do *ridículo*, isto é, com a ridicularização de um argumento pelo orador e com a ideia do *absurdo*. Segundo eles “o raciocínio pelo absurdo começa supondo-se verdadeira uma proposição A, para mostrar que suas consequências são contraditórias com o que se admitiu por outro lado e passar daí à verdade de não-A [...]” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 235).

Com efeito, há uma argumentação indireta que se torna possível de ser interpretada pelo desmembramento da condição hipotética irônica construída pelo usuário em “se 180 mil pessoas morreram de covid-19, por que só tem 80 mil mortos a mais que 2019?”. Nesse caso, o argumentante alega uma incoerência e inconsistência estatística para acusar uma conspiração. A lógica argumentativa por trás dessa estratégia é, como já dito, a *lógica conspiratória*, esquema dóxico, argumentativo e ideológico, central para esse polo da polêmica sobre a origem da pandemia por coronavírus e suas implicações.

No T2, temos igualmente a lógica da conspiração em funcionamento, o que se torna evidente pela acusação do usuário de que o vírus teria sido criado na China “há 12 anos”, teria começado a “circular” no país em outubro (de 2019), e teriam deixado “espalhar de propósito”. Ambos os *tweets* fornecem, por assim dizer, pistas preciosas sobre como se organiza a argumentação desses grupos a respeito do coronavírus, da origem da pandemia, das razões por detrás de todo esse evento etc. Cabe ao analista decompor esses argumentos e buscar estabelecer, como defende Seixas (2019), a relação de passagem entre as premissas dóxicas e a conclusão do raciocínio, o que seria possível pela identificação das lógicas argumentativas em funcionamento.

No entanto, apesar de esta postura analítica ser já bastante pertinente, ela ainda não evoca o que há de próprio das redes sociais. Em alinhamento com a proposição de análise do discurso digital de Marie-Anne Paveau (2021), é pertinente pensar, a partir

disso, na argumentação digital em redes sociais como um objeto mais complexo, fruto de uma ecologia discursiva e, nesse sentido, torna-se mais interessante incluir na análise elementos não necessariamente logocentrados e que são imprescindíveis para o sentido dos discursos. Em um *tweet* como este a seguir, pode-se ver, por exemplo, uma série de signos e outras semioses para além do texto verbal, o que o configura um multimodal:

### **Tweet 3 (T3).** *Tweet multimodal*



Fonte: <https://twitter.com/>

No T3 acima, é possível perceber que o conteúdo verbal logocentrado é minimamente argumentativo. Isso porque há um posicionamento indignado (“não adianta expulsar o Mandetta e continuar aliado com os chineses genocidas”), mas pouco desenvolvido. Não se dá justificativas, por exemplo, *a priori*, das razões em se considerar os chineses “genocidas”, mas tais supostas razões aparecem, de forma clara, no conteúdo semiótico vinculado ao *tweet*, a saber, na imagem publicada, uma charge. Em breve resumo, os dois indivíduos na ponta representam claramente a China e a OMS, mediante os símbolos do país e da instituição, algo óbvio pelas respectivas bandeiras tomando toda a circunferência de suas cabeças. No meio, amarrado e preso a eles, está um terceiro, representando o coronavírus.

A partir disso, pode-se compreender, em um breve e básico gesto de análise retórico-argumentativa dessa charge, no terreno do *logos*, que há um argumento sendo avançado, o de que China e OMS (Organização Mundial de Saúde, órgão vinculado à Organização das Nações Unidas – ONU) estariam juntas, mancomunadas, abraçadas ao coronavírus para fazê-lo se disseminar. Nesse sentido, o argumento de um suposto genocídio alegado pelo usuário fica mais claro e revela a lógica do pensamento conspiratório como esquema de base de seu raciocínio.

Trata-se, por assim dizer, de um argumento retórico, cujo conteúdo propositivo (de *logos*), mas também as imagens (aqui não como recursos semióticos, mas como representações) criadas de si (*ethos próprio*) e do outro (*ethos alheio*), e também as emoções suscitadas (o *pathos*) são elementos interdependentes – constituindo uma *unidade tridimensional* retórica (Meyer, 2008) – e, por isso, construídos em harmonia nesse processo discursivo. Do lado do *ethos*, pode-se afirmar, por exemplo, que o argumentante cria uma imagem de si enquanto indignado, isto é, um *ethos indignado, preocupado* como aquele que tem autoridade, por supostamente dotar de conhecimento e senso crítico, para alertar sobre a ineficácia de “expulsar o Mandetta e continuar aliado dos chineses genocidas”.

O valor do *ethos*, com efeito, não pode ser dissociado do valor do *pathos*, porque as imagens têm o potencial de suscitar no outro sensações, impressões e emoções. Amossy (2020, p. 91), quanto a isso, afirma que, “assim como o auditório, o *ethos* é tributário de um imaginário social e se alimenta de estereótipos de sua época [...]”. Isso vale, importa dizer, tanto para a construção das imagens do locutor (orador) diante do seu alocutário (auditório) – e, portanto, projetadas por este – quanto também das imagens que o próprio orador projeta de si mesmo: respectivamente, *ethos efetivo* e *projetivo*, nos termos de Meyer (2008). Isso significa dizer que, a depender do pertencimento de determinado sujeito a certos grupos identitários e ideológicos, os imaginários e as crenças que os atravessam vão definir a compreensão e o potencial de persuasão de um argumento, o que é a base, a propósito, da razão retórica.

No entanto, a problemática das imagens ganha particulares contornos na medida em que se trate de um texto multimodal. Nesse caso, a análise do *ethos* e do *pathos*, figura, quanto ao plano não-verbal, na relação de mediação entre o espectador e a realidade (Aumont, 1993). Dito de outra maneira, a representação de uma imagem pode ser, ela mesma, objeto de acordo ou desacordo mediante o que pretende simbolizar. Assim como em qualquer outro processo semiótico, os sentidos advindos de uma iconicidade, para que os efeitos de sentido pretendidos pelo orador sejam alcançados, devem se relacionar com uma expectativa de interpretação do real operada pelo alocutário, pelo auditório.

No caso específico acima, é necessário que o auditório, para além de reconhecer a semiotização do mundo pelos elementos icônicos apresentados, deve também com eles concordar (fatores de acordo prévio), para a eficácia do argumento. É possível, portanto, que os elementos sejam identificados por um sujeito, por exemplo, mas que, porventura, este não concorde com a representação e, conseqüentemente, com a mesma conclusão da relação simbolizada pelo autor da charge e subscrita pelo autor do *tweet*. Pode haver

um desacordo porque, para esse eventual sujeito, as crenças da relação entre a China e a OMS, numa suposta acusação de complô, não são críveis, isto é, tais premissas não fazem parte de sua crença.

A análise do *pathos*, ademais, torna-se igualmente possível mediante os efeitos emocionais que a imagem pode suscitar no auditório. Como dito acima, *ethos* e *pathos* se constroem na interrelação imediata. A imagem que um orador cria de si, ou as imagens de que se vale para sustentar determinado *ethos*, têm o objetivo de criar uma determinada situação de espírito. Esse ato de afecção, ou seja, de afetar o outro de igual maneira, de impactá-lo com determinado efeito pragmático, imediato ou futuro, concreto ou em potencial, nem sempre pode ser apreendido em sua recepção – na medida em que o analista pode não ter todos esses dados em mãos, ao menos em um escopo confiável –, mas é possível compreender os seus *possíveis*, a saber: qual seria a intenção de um orador ao publicar tal charge, com tal conteúdo em um *tweet*?; que tipo de efeito emocional ele quer causar (indignação, raiva, ódio, desconforto, reação etc.)? Os comentários diretos à postagem, os *retweets* ou os usos reconfigurados para outras plataformas podem ser subsídios para essa análise, desde que, como dito, esteja o analista preocupado com a confiabilidade, o método, o alcance, o escopo de seus dados.

Sendo assim, qualquer tipo de análise retórico-argumentativa deve levar em conta o aspecto integrado entre *ethos*, *pathos* e *logos* em todos os textos de análise. Porquanto se trate de texto multimodal, tal análise integrada e tridimensional deve considerar tanto o conteúdo verbal quanto o não-verbal, apontando, na sequência, em que medida tais distintos conteúdos convergem e como corroboram para a construção do sentido. Esse tipo de texto multimodal, muito presente nas redes sociais e na internet, exige do analista, portanto, um olhar atento para as diferentes possibilidades semióticas e como elas impactam profundamente no sentido, o que uma análise meramente verbal não conseguiria dar cabo.

Em tempo, é importante levar em consideração que existem diferentes formas de apresentação de um *tweet* (com foto, foto + texto, só texto verbal + emojis, um *retweet* etc.), mas, em todo caso, a configuração argumentativa desses enunciados é enquadrada dentro das limitações espaciais da publicação, o que motivou o surgimento do fenômeno das *threads*. Apesar da organização nativa mais objetiva, direta e fluida da argumentação digital no Twitter, meios foram desenvolvidos pelos usuários a fim de *hackear* tais limitações para estender e ampliar as possibilidades de sentido, a capacidade de desenvolvimento informativo e argumentativo, e, ainda, possibilitar ao *tweet* (ou conjunto de *tweets*) atingir maior alcance e capilaridade.

# Alguns fenômenos comunicativos e argumentativos do Twitter

## As threads (fios)

Segundo Paveau (2021, p. 378), já em 2014, a plataforma Twitter propõe “a função *thread* (fio), que permite escrever mensagens longas a partir da função resposta e do fio que a materializa na tela”. Como acima antecipado, é um tipo de argumentação desenvolvida, mas que, por limitação de espaço devido à configuração tecnoescritural da plataforma, precisa ser escrita como um fio de vários *tweets*. É também por essa razão que diversos usuários, quando publicam uma *thread*, costumam anunciá-la como “segue o fio”. Há uma questão argumentativa aqui muito presente, sobretudo ao se levar em consideração que o texto argumentativo – como aliás todo texto – apresenta uma relação muito clara de progressão tópica e de raciocínio, pela qual se pode acompanhar o avanço do argumento, a relação entre premissas – argumentos, dados, fatos – e a conclusão que delas decorre. Para compreender o *leitmotiv* de uma argumentação em *thread*, deve-se, portanto, “seguir o fio” de raciocínio do usuário, compreendendo sua *linha* de pensamento. Vejamos um exemplo, apenas representativo, na medida em que não é possível, por sua extensão, apresentar toda essa *thread*:

### Tweet 4 (T4). Thread ou fio comunicativo



Fonte: <https://twitter.com/>

No conjunto de *tweets* acima, o T4, tem-se uma *thread* (cuja direção progressiva dos argumentos deve ser lida, aqui, da esquerda para direita, de cima para baixo). É possível perceber, nesse fio, que há um *tweet* multimodal de base, em que o usuário evoca o

argumento de que estádios foram construídos para a Copa do Mundo de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016, época de governos do PT, quando se poderia, segundo ele, ter construído hospitais e investido em mais estrutura para o SUS<sup>34</sup>. A lógica argumentativa por detrás desse argumento objetiva, claramente, gerar um efeito de terceirização da culpa da gestão sanitária do presidente Jair Bolsonaro na pandemia, evocando elementos que possam minimizar as causas do atual descaso com a Saúde. Essa lógica pode ser vista na sequência do fio, com os demais argumentos que serão avançados pelo usuário.

Em termos de progressão argumentativa, é importante compreender que, na *thread*, ainda que haja mormente o uso de operadores argumentativos/marcadores discursivos para estabelecer a conexão entre os argumentos avançados nos *tweets* (é possível verificar o conector “e” estabelecendo o valor semântico de adição de um argumento na cadeia), há também a possibilidade de se garantir o avanço pela própria sequência concatenada das publicações em efeito de progressão argumentativa. No terceiro *tweet* desse fio, por exemplo, é possível perceber que o usuário tenta relacionar, como efeito da progressão, o argumento conspiratório já aqui apresentado – cuja base seria a suposta má-gestão anterior dos governos do PT – para concluir pela tese de que o governo atual não tem culpa.

A existência de um argumentário como esse permite compreender que, dentro dessa polêmica, a lógica conspiracionista assume um papel de organizadora dos argumentos. O projeto persuasivo gira em torno, em certa medida, de uma atitude de descrédito da pandemia, para, conseqüentemente, legitimar, ou servir de justificativa, aos ataques reiterados do presidente. Nos *tweets* a seguir, essa mesma postura foi capitaneada pela observação de publicações com a *hashtag* #viruscomunista. Todo esse movimento argumentativo e persuasivo em torno de uma *hashtag*, concentrando, assim, a maior parte das interações desse grupo a esse respeito, permite pensar a existência de um fenômeno agregador de enunciados polêmicos, cuja observação e análise pode ser profícua para a compreensão dos sentidos desse evento.

## Hashtags

Segundo Zappavigna (2011, p. 791), as *hashtags*, ao menos como usadas originalmente no Twitter, são “uma forma de metadados ‘*inline*’, ou seja, ‘dados sobre dados’ que são realmente integrados à estrutura linguística dos *tweets*”. Paveau (2021), na mesma esteira, trata as *hashtags* como afordâncias técnicas e comunicativas, isto é, como objetos que

---

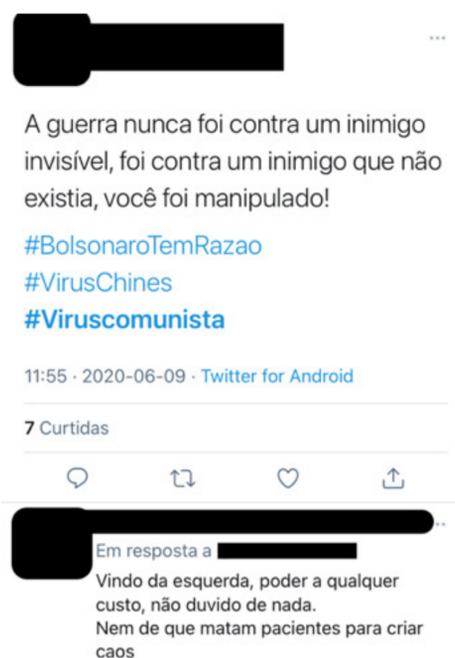
34 O usuário replica, como se pode ver acima, de um outro usuário, um vídeo com recorte descontextualizado, com uma fala do ex-presidente Lula que supostamente respaldaria a sua posição.

podem servir a diferentes finalidades e funções a depender do uso (e das particularidades de cada usuário), do contexto, das condições de produção e circulação etc. Considera-se, aqui, que, independentemente do tipo de afordância que ela venha a exercer em determinada interação comunicativa, todas as funções até agora compreendidas pelo recurso da *hashtag* podem ser consideradas, em alguma medida, argumentativas.

É bem verdade, no entanto, que Paveau (2021) considera existirem ao menos cinco diferentes funções exercidas pelas *hashtags*, quais sejam: 1 – função de *afiliação difusa*, em que as *hashtags* marcam afiliação de certos usuários por uma formação de comunidade de valores; 2 – a função de *marcação, rastreabilidade e redocumentação* – uma função técnica da plataforma – pela qual a *hashtag* funciona como um recurso de agrupamento de metadados, o que possibilita, sob a sua inscrição (na forma *hashtagueada*), reunir diferentes discursos sobre o mesmo tópico; 3 – a função de *marcação de emoção e modalização*, cujo papel é o de desempenhar “uma informação complementar, entre expressão da emoção e modalização enunciativa [...]” (Paveau, 2021, p. 231); 4 – a função *polêmica*, como se vê no fenômeno das batalhas de *hashtags*, na medida em que as *hashtags* constroem “fios, e, portanto, discursos, e essa afiliação deve também ser observada, colocando a questão ética do discurso *on-line* sob o ângulo das normas e dos valores” (Paveau, 2021, p. 232); 5 – por fim, a função *argumentativa* propriamente dita, a qual recobre o seu uso enquanto uma etiqueta argumentativa e, mais especificamente, também polêmica, como é o caso das *hashtags* militantes, as quais funcionam como “palavras-argumento” (Husson, 2016, p. 105).

Todas essas afordâncias são complementares, podendo uma mesma *hashtag*, a propósito, em uma mesma situação de uso, assumir diferentes funções. De todo modo, em maior ou menor grau, cada uma delas contribui, de modo geral, para a construção do discurso digital no Twitter e, em especial, para a sua configuração argumentativa. No entanto, as funções *polêmica* e *argumentativa* merecem certo destaque, sobretudo pela capacidade de gerar, a partir delas, uma sexta afordância defendida por Seixas e Nascimento (2021), a saber, a de *condensação de eventos polêmicos*. Trata-se, por assim dizer, do uso das *hashtags* como etiquetas polêmicas que, pela alta capacidade de facilitar a circulação nas redes de *tweets* marcados por tais *hashtags*, acabam por contribuir para a própria construção dos sentidos de um evento polêmico no espaço público digital. É o caso aqui analisado da *#viruscomunista*, cuja virulência e capacidade de reunião dos mais variados discursos marcados, *hashtagueados* com essa rubrica, possibilita, no limite, a condensação de sentidos polêmicos em torno desse evento. Veja-se, abaixo, o T5:

**Tweet 5 (T5).** Tweet com hashtag



Fonte: <https://twitter.com/>

É possível perceber que, no *tweet* acima, há um posicionamento avançado, um argumento, apesar de não desenvolvido. Pode-se compreender a relação causal “A guerra nunca foi contra um inimigo invisível, [porque] foi contra um inimigo que não existia, [logo] você foi manipulado”. Os operadores argumentativos foram inseridos entre colchetes apenas para facilitar a interpretação da orientação semântica do argumento. A conclusão pela tese da “manipulação” é, portanto, um resultado de inferência a partir da premissa de que “o vírus não existia, não era, pois, verdadeiro”. Mais uma vez, a lógica conspiratória é estruturante dos argumentos e se torna ainda mais clara pelo teor do comentário ao *tweet* T5: “Vindo da esquerda, poder a qualquer custo, não duvido de nada, nem de que matam pacientes para criar caos”. A esquerda seria, por assim dizer, um agente maligno do caos. Há, aqui, a estratégia da “causalidade diabólica”, tal como defende Angenot (2008), em que se projeta uma pessoa, grupo, ideia ou entidade como a causa de todo mal e que deve ser combatido.

Importa também perceber, em todos esses *tweets*, que os posicionamentos convergem para as *hashtags* marcadas – a #viruscomunista, #viruschines, e mesmo #BolsonaroTemRazao –, como se fossem parte, ao mesmo tempo, da conclusão do argumento (por tudo isso que foi apresentado, o vírus é chinês, comunista, logo #VirusChines, #VirusComunista), como também transparece uma espécie de manifestação ideológica, com funcionamento semelhante, incita-nos Seixas e Nascimento (2021), a de um cartaz militante numa manifestação coletiva. Tem por objetivo, por assim dizer, marcar um posicionamento e, por essa razão, o estudo dos *tweets* sob essa rubrica pode fornecer um bom conteúdo de como um evento se constrói,

os posicionamentos sustentados, as estratégias utilizadas, a natureza das interações, as lógicas que estruturam cada tomada de posição, cada opinião.

Uma *hashtag* poderia, portanto, *condensar* em si os esquemas, lógicas argumentativas, isto é, os elementos regulares de um evento argumentativo, sobretudo polêmico: ao afirmar ser o “Vírus Comunista” (#VirusComunista), depreende-se as linhas argumentativas em jogo, no sentido de Plantin (2016), os esquemas de raciocínio que servem de sustentação para esse posicionamento. Em suma, é possível afirmar que analisar uma polêmica pelo acompanhamento de uma *hashtag*, o seu *tracking*, pelos *tweets* que dela se valem para circular, é uma forma possível de compreender o seu funcionamento e as suas particularidades.

## Conclusão

Diante do exposto, é importante compreender que a abordagem retórica e discursiva da argumentação a concebe como um fenômeno heterogêneo e dinâmico e, portanto, mutável, obrigando ao analista estar sempre atualizado diante das novas formas do fazer argumentativo, sobretudo a partir de gêneros emergentes e digitais. Nesse sentido, o objetivo com este ensaio, neste capítulo, foi o de apresentar um gesto analítico e interpretativo sobre a configuração da plataforma Twitter, observando alguns de seus novos fenômenos comunicativos e tomando como base uma interação polêmica.

Por certo, há muitos outros fenômenos argumentativos importantes a serem levados em consideração, inclusive de ordem enunciativa e pragmática, e outros tantos fenômenos retóricos que merecem destaque no espaço digital. Deve o analista pensar, nesse sentido, em como as metodologias de análise dos discursos sociais podem passar a recobrir tais novas manifestações languageiras e os mais diversos fenômenos comunicativos emergentes, afinal, na medida em que as sociedades se transformam, com elas também mudam as formas de interação. E, se há discurso e argumentação, de fato, ali o analista deve estar.

## Referências

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.

ANGENOT, M. **Dialogues de sourds**. Traité de rhétorique antilogique. Paris: Ed. Mille et une nuits, Fayard, 2008.

ARENDR, H. Philosophie et Politique. Tradução Françoise Collin. **Les Cahiers du Griff**, n. 33, p. 84-94, 1986.

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas/São Paulo: Editora Papirus, 1993.

CABRAL, C. F. L. **Espaço público digital e realidade virtual**: abordagens teóricas. 2015. 54 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Documentais) – Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015.

DANBLON, E. **La fonction persuasive. Anthropologie du discours rhétorique** : origines et actualité. Paris: Colin, 2005.

DANBLON, E. **L’homme rhétorique** : cultura, raison, action. Paris: Éditions du CERF, 2013.

GALLINARI, M. Hipóteses para uma análise discursiva das imagens. *In*: MENDES, E.; MACHADO, I. L.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (org.). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 355-369.

HUSSON, A.-C. Les hashtags militants, des mots-arguments. **Fragmentum**, Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, n. 48, jul./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/fragmentum.v0i48.23295>.

MEYER, M. **Principia rhetorica**: une théorie générale de l’argumentation. Paris: Fayard, 2008.

PAVEAU, M. A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. **L’argumentation**. Paris: Seuil, 1996.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SEIXAS, R. A ecologia digital argumentativa: possibilidades e perspectivas para uma análise retórica da argumentação multimodal. **Revista da Abralin**, v. 20, n. 3, p. 918-937, 2021.

SEIXAS, R. **Entre a retórica do impeachment e a do golpe**: análise do conflito de lógicas argumentativas na doxa política brasileira. 2019. 433 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SEIXAS, R.; NASCIMENTO, L. *Impeachment* ou morte: a configuração retórica de um evento polêmico no espaço público digital. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p. 2397–2428, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.29.4.2397-2428>.

ZAPPAVIGNA, M. Ambient affiliation: A linguistic perspective on Twitter. **New media & Society**, v. 13, n. 5, p. 788–806, 2011.

# **A memória tecnodiscursiva e um caso de aborto nas redes sociais do Brasil de 2022**

**Atilio Butturi Junior (UFSC)**

**Rilari Lorena de Anhaia da Silva (UFSC)**

# Introdução

Na introdução de *The war on sex*, Halperin (2017) vai tratar de uma explosão discursiva, próxima daquilo que Foucault (2009 [1976]) fez em relação à época vitoriana; a do que chama de guerra contra o sexo. Ao comparar a guerra às drogas iniciada por Nixon, e que se espalhou nas políticas mundiais, inclusive no Brasil, o autor trata dos “crimes sexuais” e dos “criminosos” para pensar a trama complexa que coloca violência e espetacularização, moral conservadora e cristã e discurso militante numa estratégia que, no limite, coloca o sexo e os “sujeitos sexuais” sob a égide do perigo e do crime.

Ora, Halperin não está negando que haja violência ou que os corpos e as subjetividades estejam, muitas vezes, submetidos a ela. No entanto, ele aponta que, em nome da proteção e da segurança, os dispositivos de segurança têm produzido variadas formas de exceção – algo muito próximo do que faziam as ciências humanas em relação à prisão descrita por Foucault.

Aqui, gostaríamos de tratar dessa guerra ao sexo a partir de um acontecimento discursivo: a espetacularização do caso de aborto da menina catarinense, vítima de estupro, em virtude da sentença cometida por uma juíza. Estamos aqui diante de alguns vértices: i) o caso foi materializado e divulgado em redes sociais e dali surgiram seus efeitos, o que exige que se pense na materialidade *on-line* e em sua especificidade digital; ii) o caso diz respeito a uma problematização, nos termos de Foucault, do que tomamos como a mulheridade, no que ela se produz na relação com o dispositivo da maternidade e seu caráter biopolítico (Badinter, 1985; Scavone, 2001; Bechler, 2020; Silva, 2021; Zimmermann, 2017); iii) o caso forja uma agonística discursiva entre várias estratégias, indicando ao mesmo tempo um solo comum, a guerra ao sexo e deslocamentos não irrelevantes diante da topologia governamental neoliberal-cristã que está em funcionamento no Brasil e que coloca a mulher e os direitos abortivos no espectro do crime e do perigo (Biolli; Vaggione; Machado, 2020).

Nosso objetivo, a partir desses tensionamentos, é analisar a agonística entre estratégias distintas materializadas em postagens das redes sociais, cujo objeto são a mulher e o aborto no Brasil. Tomamos como *corpus posts* do Instagram, produzidos no mês de junho de 2022. Para tanto, recorreremos ao problema da biopolítica e à sua relação com os dispositivos gendrados da maternidade e à discussão sobre o tecnobiodiscursivo (Butturi Junior, 2019). Depois disso, chamamos a atenção para a topologia governamental brasileira, materializadas nos *posts* que compõem as análises.

# Poder, biopolítica, dispositivo

Na aula de 17 de março de 1976, *Em defesa da sociedade*, Foucault (2010 [1976], p. 286) destacaria que a clássica política soberana era exercida pelo poder de decidir sobre a vida e a morte da população: “[...] em relação ao poder, o súdito não é, de pleno direito, nem vivo nem morto. Ele é, do ponto de vista da vida e da morte, neutro, e é simplesmente por causa do soberano que o súdito tem direito de estar vivo ou tem direito, eventualmente, de estar morto”. Impulsionado a compreender como o poder se transformou e passou a funcionar sob outros regimes e tecnologias na contemporaneidade, o filósofo aponta para a mudança nas práticas de poder e em sua conceituação, do poder soberano às disciplinas.

Essa expulsão da morte do horizonte do poder, como seu limite, foi descrita também no capítulo final de *História da sexualidade I: a vontade de saber – Direito de morte e poder sobre a vida*. O argumento foucaultiano reconhece que, com as transformações políticas do século XIX, “o direito de causar a morte ou de deixar viver” do poder soberano passa, na modernidade, a “causar a vida ou devolver à morte” (Foucault, 2009a [1976], p. 130). Ao romper com a tecnologia da antiga soberania e seu poder de espada, Foucault teoriza a respeito do poder sobre a vida de modo geral, demonstrando uma série de tecnologias de saber-poder desenvolvidas para garantir a gestão da vida de acordo com o regime do biopoder, a biopolítica.

O conceito de biopolítica de Foucault diz respeito, portanto, a duas esferas: a primeira, desenvolvida até 1975, dizia respeito a uma microfísica das disciplinas individuais, pois com o advento do capitalismo moderno, o poder passa a se manifestar pela disciplina dos indivíduos, com o intuito de torná-los corpos dóceis, capacitados e adequados às exigências dessa nova configuração social por meio de políticas de promoção de vida. Amplamente abordada ao longo da obra foucaultiana, essa disciplinarização se dá por meio de instituições que estruturalmente desenvolvem técnicas que visam treinar e controlar os corpos de acordo com as regras da sociedade: como acontece na escola, no quartel, na fábrica, na prisão, no hospital psiquiátrico, entre outros. A segunda, que aparece nos textos e aulas a partir de 1976, diz respeito à regulamentação e cujo objeto é o corpo social. Ela é ligada às estratégias macrofísicas de gestão das populações. É justamente o vértice entre o corpo do indivíduo e o corpo da espécie o alvo da biopolítica em seus cálculos, e aquilo que irá pautar, em *Segurança, território, população e nascimento da biopolítica*, o aparecimento de um dispositivo de segurança.

Duas questões são fundamentais na discussão da biopolítica foucaultiana em que nos pautamos: i) o governo sobre a vida faz morrer e faz viver ao mesmo tempo, uma vez que designa quais vidas são qualificadas e quais são desqualificadas. Ou seja, o conceito da biopolítica diz respeito ao exercício ambíguo do poder sobre a vida, porque é biopolítica e também tanatopolítica, até o limite da morte, por meio de cisões biológicas; ii) às formas de produção de exceção que Foucault chamará de *racismos de Estado*. No entanto, para além de tecnologias gerais de governo, o autor chama atenção para os *racismos indiretos*, formas de exclusão mais ou menos microfísicas de tornar a vida menos digna, passível de vergonha ou de violência.

Diante da biopolítica foucaultiana, solicitamos dois deslocamentos, autores tão distintos quanto Lazzaratto (2019), Preciado (2018) e Barad (2017): tomamos a vida de modo não estritamente biológico, mas de forma compósita, em *assemblages*, como *tecnovida*; entendemos que o racismo não se dá apenas na ordem da biologia, mas está inscrito em formas materiais, culturais e sociais. Com Mbembe (2017), poderemos avançar na forma dos *microrracismos* cotidianos, insidiosos e lotados de efeitos de morte.

Ora, foi na discussão entabulada sobre a biopolítica e a segurança que Foucault forjou o conceito de dispositivo, que aqui nos interessa sobremaneira, na medida em que diz respeito à produção da mulher, da maternidade e da sexualidade no interior de estratégias específicas e de acordo com determinadas urgências históricas. Ademais, é o dispositivo o interstício para se refletir acerca das relações entre o discursivo e o não-discursivo, bem como sobre aquela existente entre as tecnologias e os discursos – o que incidirá diretamente na nossa proposta analítica das redes sociais. Vejamos o que o autor entende por dispositivo:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo. [...] Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. [...] Em terceiro lugar [o] dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (Foucault, 2009b, p. 244).

Foucault ainda argumenta que há “sobredeterminação funcional” em relação à dispersão dos elementos que formam um dispositivo e em relação aos demais dispositivos. Além disso, afirma que todo dispositivo é estrategicamente preenchido, adaptado de acordo com as “urgências históricas” – é, assim, sempre político. Por fim, é preciso que lembremos que se trata sempre de um arranjo entre o discursivo e o não-discursivo – aquilo que Deleuze (2005 [1986]) circunscreve na composição entre um enunciável e um dizível.

Então, vejamos: neste capítulo, consideraremos as relações entre um *dispositivo gendrado da maternidade*, por um lado, e um *dispositivo das redes sociais*, por outro. Passemos a essa rede. Diante deles, vamos pensar na “sobredeterminação funcional” a partir do conceito de *topologia governamental liberal-cristã no Brasil contemporâneo* e suas intersecções. Isso quer dizer que nossa leitura do discurso digital acerca do aborto solicita um lastro histórico-político que pensamos em termos de uma tecnologia de governo bastante ambígua e específica – daí a topologia, a Collier (2011) cujo funcionamento se dá nos vértices entre os dispositivos que descreveremos – de forma panorâmica, dada a exiguidade do espaço.

## Um dispositivo da maternidade

Nesta seção, não nos pretendemos exaustivos, mas queremos dar a ver a produtividade do conceito de dispositivo para pensar a maternidade e a invenção da mulher-mãe. As discussões que surgem a partir das teorias feministas e *queer* chamam atenção para o modo como o *dispositivo da sexualidade* impõe certas normas e clivagens que permitem que alguns corpos se expressem como universalizantes por um processo que legitima o exercício de violências diversas. Já em 1987, De Lauretis (1994 [1987]) recorria a Foucault para pensar o gênero como um dispositivo – nas suas palavras, uma tecnologia. A autora, no entanto, partia também da teoria althusseriana e colocava em xeque a ausência do gendramento, na *História da Sexualidade*, para pensar o sexo. Foucault (2009a [1976]), muito embora “androcêntrico”, era fundamental porque permitia pensar a inovação feminista como problema político de produção de subjetividades, nas formas do biopoder, negando a natureza e no interior de tecnologias sócio-semióticas. Para isso, o *gênero* aparecia como conceito e como problema a ser enfrentado.

No Ocidente, segundo Badinter (1985), é a maternidade que tem funcionado, ao menos desde o século XVIII, como um dispositivo axial do gênero. Ao que Foucault (2014 [1975]) chamou de sociedade de normalização a autora acrescentará a submissão das mulheres a uma normalidade cada vez mais naturalizante, que tem na maternidade sua inscrição que modificou a conduta das mulheres e colocou em funcionamento várias técnicas, dentre as quais Badinter assinala a assunção do aleitamento materno como questão-chave da saúde pública (substituindo as amas de leite) e a produção de um espaço doméstico de intimidade em que vive a mãe e cuja função é o cuidado dos bebês e dos filhos. A essa normalidade foram relacionados discursos sobre o amor incondicional e o senso de sacrifício, imputados às mulheres na forma de uma injunção natural.

Os debates sobre a história da maternidade como dispositivo são densos e variados – no Brasil, por exemplo, Scavone (2001) e Diniz (2013), esta última vítima de perseguição de grupos conservadores por sua defesa dos direitos reprodutivos. Não temos aqui a pretensão de esgotar a complexidade interseccional em jogo, mas trazemos à tona as discussões já realizadas por pesquisadores de nosso Grupo de Pesquisa – *Grupo de Estudos no Campo Discursivo*. Nos trabalhos de Zimmermann (2017), Silva (2021) e Bechler (2020), todos voltados à problematização – nos termos foucaultianos – da mulher e da mulheridade no Brasil, ela aparece como espaço de constituição subjetiva e como objeto de uma luta político-discursiva (o que nos interessa sobremaneira). Em Zimmermann (2017), os resultados das análises das redes sociais de “celebridades” fazem notar o funcionamento naturalizante do chamado “parto natural”. Ambíguo, ele aparece tanto como forma de negação da biomedicina quanto segundo a ordem de uma injunção pelo verdadeiro feminino, pela verdadeira maternidade – o que tem como produto a produção de uma certa ontologia política do que seja uma mulher.

Por sua vez, Silva (2021) e Bechler (2020) se voltam para os direitos reprodutivos: a primeira, descrevendo uma genealogia das tecnologias da maternidade, como os programas de aleitamento da Era Vargas, investigando depois as relações entre o DIU como método contraceptivo e os discursos que solicitam a maternidade como ponto de inflexão para mulheres jovens universitárias, bem como na forma de modalidade de dizer de médicos e enfermeiras; a segunda, sobre a qual voltaremos mais detidamente nas próximas seções, descreve as estratégias moral-cristã em curso no Brasil materializadas em Projetos de Lei (PL) que criminalizam os direitos reprodutivos e, metonimicamente, estabelecem cesuras entre modos de ser mulher. O que essas pesquisas deixam notar e que aqui nos interessa é a topologia governamental em que nos encontramos, tema da subseção a seguir.

## **As novas moralidades brasileiras e o lugar da mulher**

Iniciamos este texto com a guerra ao sexo de Halperin (2017). Para ele, o adensamento das conquistas relacionadas ao feminismo, ao enfrentamento do racismo e às reivindicações LGBTQIA+ teriam inaugurado uma agonística, da ordem de um recrudescimento moral conservador e cristão – nos Estados Unidos e em muitos países ocidentais.

Segundo Cowan (2014), é possível descrever essa moralidade da Nova Direita: ela voltava-se contra uma suposta crise moral, cujos personagens centrais eram os comunistas, as feministas e os homossexuais. Aqui, assumimos que se trata de uma nova moralidade conservadora-cristã que se constitui segundo a ordem do liberalismo e do neoliberalismo. Como mostra Collier (2011), é justamente por seu caráter antitético – o liberalismo e a ordem da obediência metafísica – que não devemos fazer uma leitura de uma racionalidade governamental ampla e fechada, mas numa espécie de regime de verdade agonístico que sobredeterminaria o funcionamento dos dispositivos, mas que manteria com eles uma relação no aberto.

Na América Latina, conforme Birolli, Vaggione e Machado (2020), “[...] a noção de ‘ideologia de gênero’ como estratégia política constituiu em uma novidade que permitiu coalizões amplas desde os anos 1990 e aumentou a popularidade nos anos 2000”. As estratégias dessa moralidade eram diversas: a de fazer alianças entre os mais variados segmentos conservadores, a de ocupar os espaços legislativos e jurídicos e a opinião pública – como as redes sociais – e a de suscitar uma lógica de desqualificação de certas formas de vida. Ora, é nessa desqualificação moral-natural que a figura da mulher e do aborto aparecerão em sua capacidade de produzir efeitos e marcas.

Dessa perspectiva, uma reconstrução histórica é feita por Pierucci (1989, p. 111), que estabelece na Constituinte um momento de clivagem: na emergência de uma bancada cristã surgem politizadas as igrejas mais conservadoras, pentecostais, neopentecostais e católicas, que se colocarão desde então contra “[...] o movimento feminista, o movimento gay, a esquerda laica, o humanismo secular, o modernismo cultural, a indústria da pornografia, a intelectualidade esnobe [...]”. Nesse caso, o inimigo se formará num amálgama: é contra o liberalismo, porque comunista; é contra a vida, porque feminista, LGBTQIA+ e, numa lógica ubuesca ainda em curso, abortista. Como afirma Pierucci (1996, p. 71), a mulher como modalidade subjetiva produzida no dispositivo da maternidade é o ponto nevrálgico de problematizações: “[...] as teses centrais da nova direita cristã são antes de mais nada teses antifeministas. É no movimento de mulheres que mora o perigo”.

Diante dessa topologia e da mulher feminista como a inimiga a combater, é importante frisar que houve, desde o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2015) e da presidência do capitão Bolsonaro (2018), uma série de deslocamentos rumo ao conservadorismo, relacionados muitas vezes à discussão das políticas sobre as mulheres, que têm como uma espécie de ponto de viragem o açambarcamento pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, construído e comandado por Damara Alves.

Sob a égide de uma modalidade de família e de seus vértices com a mulher solicitada pelo neoconservadorismo brasileiro terão lugar os enunciados sobre o aborto nas redes sociais, sobre os quais nos deteremos na próxima seção.

## O tecnobiodiscursivo, o digital e a disputa em torno do aborto

Como nos deteremos sobre tecnodiscurso do Instagram, cabe lembrar que sua popularidade se deu a partir de um corte tecnológico, qual seja, a criação do iPhone 4 e suas duas especificidades, conforme Serafinelli (2018): a alta definição dos gráficos e a câmera frontal que permitia as *selfies*. Criado em 2010, o Instagram respondia a uma urgência de auto-produção de si no mundo *on-line* com seu: “[...] papel central das fotografias no contar histórias. Eles notaram [os executivos do Big Data] que compartilhar experiências, viagens e momentos com famílias e amigos era aquilo que de mais comum acontecia na prática de *photosharing*” (Serafinelli, 2018, p. 52, tradução própria).

É interessante notar que o celular foi um dos dispositivos utilizados por Agamben (2014) para retomar Foucault. Para o italiano, tratava-se de pensar os dispositivos de forma extensa, proliferando e criando formas de subjetivação – e dessubjetivação, na medida em que a contemporaneidade trazia no bojo o *ocaso da política*. Diante desse pessimismo de Agamben, aqui adotaremos sua leitura dos dispositivos ubíquos para pensarmos as redes sociais como dispositivos. Porém, com Preciado (2018), nos valem de dois deslocamentos: primeiro, de assumir a ambiguidade das redes sociais, justamente porque elas participam da produção e de reprodução de normalização, mas, ao mesmo tempo, inscrevem-se em variadas formas de resistência – como a dos ativismos digitais ou mesmo a mídia alternativa, objeto deste texto; segundo, porque com Preciado, estabelecemos que o discurso participa de uma *sociotécnica*. Dito de outro modo, os efeitos de sentido que analisaremos dizem respeito também a um universo de tecnologias e de coisas e todas têm agência sobre os discursos.

Ao considerarmos a agência das coisas e das técnicas, estamos nos conectando com as teses do *realismo agencial* (Barad, 2017), desde que levando em consideração que há sempre vértices entre discursivo e não-discursivo e estes estão diretamente calcados num governo biopolítico. Desde este lugar complexo, então, postulamos uma *análise tecnobiodiscursiva* (Butturi Junior, 2019), notadamente porque pretende dar conta da *assemblage discurso-coisa-tecnologia* que se configura nas redes sociais e no dispositivo da maternidade.

Neste caso, é preciso pensar também no *ethos* de nossos enunciadores a partir do conceito de agência, entendida por Latour (2004) como capacidade de produzir efeitos. Tendo em vista que o tecnobiodiscursivo se dá na forma de colaborações entre humanos e não-humanos, é mister ter em conta que nem todos os efeitos dizem respeito ao discurso ou ao enunciador, mas podem ser *assemblages* entre discursos, algoritmos, *Big Data*, *smartphones*, redes de conexão, etc. Esse caráter compósito, parece, retoma tanto a noção de prática discursiva quanto seu adensamento no conceito de dispositivo que até aqui defendemos.

No campo dos estudos discursivos, diríamos que o digital exige justamente a tecnologia como sua condição de possibilidade e de materialização de práticas discursivas, na constitutividade entre linguístico e não-linguístico, conforme defendido por Paveau (2021) para pensar o *tecnodiscurso* e um *dispositivo analítico simétrico* como uma *ecologia*. Ainda com Paveau (2021) e quanto ao que nos acostumamos a chamar de *posts* – analisados na seção seguinte –, adotamos o pressuposto de uma *digitalidade nativa*, visto que sua produção tem o *on-line* como condição, o que redundará num discurso languageiro e tecnolanguageiro, no qual textos verbais têm efeitos no compósito com *hashtags*, *emojis*, palavras clicáveis.

## As vidas que importam

Nosso *corpus* de análise é constituído exclusivamente por *posts* do Instagram que circularam em diferentes páginas e cujo objeto é um compósito material discursivo que congrega a mulher, a maternidade e o aborto como objetos de uma luta político-discursiva no interior dos dispositivos que antes descrevemos. Tomamos um caso que ganhou notoriedade no Brasil no mês de junho de 2022: a menina catarinense estuprada e grávida aos 11 anos de idade, que buscou pelo procedimento do aborto e que o teve negado pela justiça.

A seleção de *corpus* justifica-se pela necessidade em remontarmos o percurso sócio-histórico, político e discursivo para entender como os sentidos tecnobiodiscursivos acerca do tema “vida” são produzidos e se estabelecem em relação ao dispositivo da maternidade no país, no interior de uma topologia liberal-cristão, uma vez que percebemos a circulação de um forte discurso “pró-vida” nesse tipo de debate.

A irrupção do que se passou a denominar como movimento *Pro-Life*, ou “pró-vida”, se deu nos Estados Unidos durante a década de 1970, numa espécie de resposta conservadora às conquistas da contracultura e da luta antirracista (Jenkinsg). Notadamente, apareceu

opondo-se à conquista feminista da legalização do aborto, além de ser contrário a outras reivindicações da época. De acordo com Rocha (2020), os militantes antiaborto norte-americanos, visando defender a visão conservadora do que entendem por “vida”, fundaram organizações para promover esse interesse, como a *Human Life International* (HLI), fundada em 1981 e associada à Igreja Católica e que, como vimos, tem seus efeitos desde a Constituinte na produção da moralidade brasileira.

Sob o governo de Jair Messias Bolsonaro, a atualização desse discurso cristão e conservador defende o que passou a se chamar *família tradicional*. Conforme aponta Luna (2014, p. 84): “[...] estudos sobre religião e política referentes ao início dos anos 2000 marcam uma ascensão e visibilidade de grupos religiosos no poder, em particular o crescimento da bancada evangélica”. Direcionando especificamente ao aborto, a autora sinaliza o crescimento dos discursos pró-vida, no final dos anos 1990, enquanto as reivindicações feministas perdem espaço. É no escopo de uma série de estratégias de silenciamento e de criminalização das “feministas” que um ministério é recriado – o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos – e entregue a uma pastora evangélica, Damares Alves. Desde a epidemia de Zika vírus, conforme pontuou Bechler (2020), ela se posicionava contrária ao aborto em suas redes sociais, inventando um discurso em que as imagens do feto passavam a ser lidas como as de um bebê – e que se disseminaram em suas redes sociais e em seus pronunciamentos:

É nesse espaço de luta discursiva que nos encontramos, e no qual observamos as seguintes regularidades na materialização do caso da menina catarinense: i) a responsabilização/criminalização da mulher vítima do estupro; ii) a assunção irrestrita de uma função natural para as mulheres; iii) a execração pública, na forma do cancelamento digital, da envolvida. Passemos às análises.

## **A juíza, a menina e as redes sociais: uma análise**

Nosso caso diz respeito àquilo que Michel Foucault chamava de *continuum* médico-jurídico, de suas funções para a produção da anormalização e de seu espraiamento por todos os campos da vida. Vejamos: vítima de estupro aos dez anos de idade, uma menina catarinense descobriu que estava na 22ª semana de gravidez quando foi, com sua mãe, até o Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, para realizar o aborto. Porém, o procedimento foi negado, sob justificativa que o regulamento interno do hospital impõe que a interrupção pode ser realizada somente até a 20ª semana de gestação – o que

não está de acordo com a legislação brasileira, pois a lei não prevê um limite de tempo gestacional ou necessidade de autorização judicial para a realização do procedimento de aborto, que é permitido nos casos em que a gravidez decorre de estupro, quando há risco à vida da gestante e quando há um diagnóstico de anencefalia do feto.

Após ter a solicitação negada pela instituição, mãe e menina entraram com o pedido junto a Justiça de Tijucas-SC para que pudessem realizar o aborto. Contudo, quando o caso chegou à Justiça, a magistrada Joana Ribeiro Zimmer determinou que a menina ficasse em um abrigo, afastada de sua responsável legal, alegando proteção a ela e ao feto. O funcionamento ubuesco do poder, como se nota, passa pelos *experts* e pelos dispositivos: o primeiro, o Hospital Universitário, autoridade reconhecida duplamente em seu poder enunciativo e na positividade de seus enunciados: é tanto um espaço do poder médico quanto um espaço do poder universitário; o segundo, o do campo do direito que passa a precisar o que torna a vida na menina normal, o que evita que ela cometa algo da ordem do crime.

Assim como acontecia em *Vigiar e Punir* (Foucault), algo no funcionamento desses poderes é colocado em xeque em sua fragilidade, justamente por outro dispositivo: o das redes sociais. Assim é que o caso chegou ao conhecimento do grande público não na forma de uma notícia jornalística, mas de *posts* na internet, segundo a ordem de um *discurso digital nativo* (Paveau, 2021), em 20 de junho de 2022, nos portais *Intercept* e *Catarinas*, amplificadas na rede Instagram. Nos dois portais, o *status* enunciativo já era outro, sustentado pelo discurso de investigação das práticas de poder, sobretudo aquelas ligadas à certa racionalidade conservadora (o *Intercept*), ou amparada nos debates interseccionais de gênero, que dão a ver as violências e os apagamentos que sofrem as mulheres, notadamente de Santa Catarina (o *Catarinas*).

Na reportagem conjunto dos portais, ocorre uma espécie de açambarcamento da narrativa do caso em que a juíza induz a menina a desistir do aborto legal ao que tem direito, ao questioná-la se “suportaria ficar mais um pouquinho?”. Chamamos a atenção para duas estratégias daquilo que Paveau (2021) descreve como uma *memória tecnodiscursiva*: as possibilidades de *deslinearização* que as próprias contas do Instagram permitem, visto que há vários *posts* que informam sobre direitos reprodutivos e os avanços das pautas de costumes da Nova Direita no Brasil (Cowan, 2014); o *isolamento de enunciados-chave*, que destacam o *ethos* da juíza envolvida no caso e que se compõe não apenas de um apelo ao que ela disse, mas em sua corporalidade, marcada pela branquitude hetero cisnormativa de classe média. Destacamos o *post* de 20 de junho, que teve mais de 130 mil curtidas até outubro de 2022:

**Imagem 1.** Primeiro post sobre o caso, de 20 de junho de 2022



**Fonte:** captura de tela dos autores a partir de <https://www.instagram.com/theinterceptbrasil/>

Também característica dessa memória tecnodiscursiva, a estratégia de disseminação permanecerá em ação. Por disseminação, novamente com Paveau (2021), estamos tomando os modos pelos quais se controla e amplia a visibilidade de certos discursos. No caso em questão, a fim de impulsionar a mobilização do público a respeito do caso e pressionar para que a lei se cumprisse, já no dia seguinte – 21 de junho de 2022 – se destaca o recorte da fala da juíza durante a audiência, publicado no Instagram, no qual estão as indagações que ela direciona à menina de 11 anos. Conforme segue:

**Imagem 2.** Trecho destacado da fala da juíza durante a audiência, direcionada à menina



**Fonte:** captura de tela dos autores a partir de <https://www.instagram.com/theinterceptbrasil/>

Ora, se a estratégia de disseminação permanece nos *posts* do *Catarinas* e do *Intercept* – muito ativa no primeiro mês, mas ainda presente –, os discursos pró-vida aparecem inscritos na ordem da crítica. Dito de outro modo, deslocados da topologia *off-line* de onde tiveram origem e de uma discursividade bastante marcada pela topologia liberal-cristão brasileira, esses discursos aparecem em sua polivalência e têm a direção alterada. Nessa estratégia, passam a ganhar importância as modalidades de dizer que implicam a juíza e sua personalidade no veredito, a partir de uma memória de luta das mulheres. É assim que os enunciados dos *posts* anteriores passam a materializar as táticas de humanização do feto e, no seu limite linguístico, de sinonimização entre o feto e a criança; é assim que o estuprador passa a ser lido, nos enunciados da juíza, como pai e a menina estuprada deve ser vista como a mãe e a responsável.

É justamente esse funcionamento da *memória tecnodiscursiva* que parece importante, ainda: ao colocar em xeque o *ethos* da juíza, a posição de onde ela enuncia e fazer disseminar seus discursos na forma de uma memória crítica em relação aos discursos liberais-cristãos brasileiros, o caso repercutiu mundialmente e, como pode ser visto nas imagens dos *posts* acima, a *hashtag* *#CriançaNãoÉMãe* foi criada a fim de pressionar a justiça para que a menina fosse liberada do abrigo e o aborto fosse realizado o quanto antes.

Como positividade, cabe notar os efeitos no mundo desse funcionamento: após quarenta dias, a menina saiu do abrigo e pôde fazer o procedimento de interrupção de gestação no dia 23 de junho de 2022, de acordo com a recomendação do Ministério Público Federal (MPF). Todavia, também a disseminação está implicada na agonística da topologia governamental sob a égide da qual nos encontramos: nas mesmas redes sociais abundam novos movimentos da moral neoconservadora, que vão desde a investigação do caso até a instauração de uma CPI na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, requerida pela deputada de ultra-direita Ana Campagnolo (PL) e que teve vinte e uma assinaturas para sua criação (Agência ALESC, 2022).

## Considerações finais

Neste breve escrito, colocamos em discussão a problematização dos direitos reprodutivos e, em especial, a disputa em torno do corpo da mulher no interior de um dispositivo da maternidade que se reinscreve na topologia governamental liberal cristã do Brasil.

Nossa análise, não-exaustiva, partiu do caso de uma menina catarinense impedida de interromper uma gravidez cuja origem foi um estupro e pretendeu perscrutar o funcionamento da memória tecnodiscursiva em *posts* do Instagram. Acreditamos que essa memória deve ser lida, porém, naquilo que ela materializa da agonística tecnobiodiscursiva, tomada como a série de racialização, criminalização e a normalização que a menina catarinense – e tantas outras – que tem se voltado para os corpos e as subjetividades mais vulneráveis.

## Referências

AGÊNCIA ALESC. CPI do Aborto será instalada na Assembleia Legislativa, 19 jul. 2022. Disponível em: [https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia\\_single/cpi-do-aborto-sera-instalada-na-assembleia-legislativa](https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/cpi-do-aborto-sera-instalada-na-assembleia-legislativa). Acesso em: 20 ago. 2022.

BADINTER, E. **Um amor eterno**: o mito do amor conquistado. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARAD, K. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. **Vazantes**, v. 1, n. 1, p. 6–34, 2017.

BECHLER, C. G. **Projetos de lei sobre aborto no Brasil contemporâneo**: disputas discursivas no Congresso Nacional. 2020. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219512/PLLG0813-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 maio 2022.

BESAGIO, N. M.; LARA, R. M. A educação no espaço digital: kit anti-homofobia e os efeitos de sentido no discurso midiático. *In*: CONALI – Congresso Nacional de Linguagens em Interação Múltiplos Olhares, 6., Maringá, 2013. **Anais...** Maringá: UEM, 2013. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/257t.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BUTTURI JUNIOR, A. O HIV, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 2, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010318132019000200637&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010318132019000200637&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 5 abr. 2022.

BUTTURI JUNIOR, A.; CAMOZZATO, N. M.; SILVA, B. F. da. Uma monstruosidade linguístico-moral: os discursos sobre a linguagem neutra nos projetos de lei do Brasil. *Calidoscópio*, 2022. (no prelo)

COLLIER, S. J. Topologias de poder: a análise de Foucault sobre o governo político para além da “governamentalidade”. Dossiê “Dominação e Contra-poder”, **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 4, p. 245-284, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/v3FYnZDxxhm5s3CHRSWScXr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 fev. 2019.

COWAN, B. A. ‘Nosso terreno’: crise moral, política evangélica e formação da “nova direita” brasileira. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 101-125, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752014000100006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752014000100006&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 30 set. 2019.

DE LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005 [1986].

DINIZ, D. Três gerações de mulheres. *In*: BASSANEZI, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 313-332.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010 [1976].

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução Maria Tereza de Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2009a [1976].

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. *In*: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 27. ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2009b. p. 243-276.

HALPERIN, D. M. Introduction: the war on sex. *In*: HALPERIN, D. M.; HOPPE, T. (ed.). **The war on sex**. Durham and London: Duke University Press, 2017. p. 1-62.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LATOUR, B. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. Tradução Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru: EdUSC, 2004.

LAZZARATO, M. **Fascismo ou revolução?** O neoliberalismo em chave estratégica. São Paulo: n-1, 2019.

LUNA, N. Aborto no Congresso Nacional: o enfrentamento de atores religiosos e feministas em um Estado laico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 83-109, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/vVDYdYCdWQFKGWXWQXDzP9N/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2022.

MBEMBE, A. **Políticas da inimizade**. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Organizado por Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.

PIERUCCI, A. F. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, ANPOCS, p. 104-132, 1989.

PIERUCCI, A. F. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. *In*: PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. (org.). **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PRECIADO, P. B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SCAVONE, L. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 137-150, 2001.

SERAFINELLI, E. **Digital life on Instagram**: new social communications of photography. Bingley: Emerald, 2018.

SILVA, B. F. da. **Relatos de segunda-feira**: os discursos sobre as/das mulheres cisgênero e o dispositivo microprotético DIU. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/226928/PLLG0840-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 maio. 2022.

THE INTERCEPT BRASIL; PORTAL CATARINAS. **Audiência sobre criança grávida após ser estuprada**. 20 jun. 2022. Instagram: @theinterceptbrasil; @portalcatarinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CfEdoEzD56s/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ZIMERMANN, S. L. **Discursos da maternidade e discursos sobre/da mulher:** uma análise do *site* bebê.com.br. 2017. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

# Análise do discurso humorístico digital: pensando a questão do *corpus*

Laura Colli Gon (Unifran)

Luciana Carmona Garcia (Unifran)

# Introdução

Há algum tempo, dentro do campo dos estudos discursivos, voltamos nosso olhar para a presença de discursos humorísticos no mundo virtual. No entanto, quando nos debruçamos sobre a teoria da Análise do Discurso Digital (ADD), por ser um campo teórico em construção, ainda não há uma teoria voltada para os discursos humorísticos que circulam no digital. Por isso, com o intuito de observar como podemos analisar o que, por meio da ADD, inscreve-se no humor, é preciso, primeiramente, pensar problemáticas que tenham relação com a seleção do *corpus* de análise, sendo esta a questão que permeia todo este estudo: como podemos definir um *corpus* de análise humorístico na esteira dos estudos da ADD?

Evidentemente, esse questionamento não soluciona toda a problemática ligada ao estudo do humor, no entanto, como será elucidado adiante, ele nos direciona a pensar como podemos compreender, mesmo que, minimamente, o modo como o humor está presente do digital e como é possível coletar este material de análise. Assim, por ora, nos parece válido apresentar, neste capítulo, essa problemática central acerca da constituição do *corpus* humorístico para a ADD, além de tentar situar nosso interlocutor em nossas considerações no que concerne ao que já foi estudado sobre humor, considerando, para tanto, a Análise do Discurso de orientação francesa (AD).

## Sobre os estudos acerca do humor

O primeiro material que nos impinge à análise quando pensamos em humor no digital é o *meme* porque, embora ele não seja o único tipo de enunciação humorística presente no digital, é um tipo de material que tem circulação ampla nas redes. O termo *meme* foi definido em 1976, pelo etólogo Richard Dawkins, para explicar como a cultura se propaga e se difunde entre diferentes grupos humanos. O autor constrói sua teoria em paralelo com a genética: da mesma maneira que temos nosso DNA como uma unidade replicadora, quando se trata do âmbito cultural, os *memes* seriam responsáveis por reproduzir diferentes informações entre grupos de pessoas diferentes. Naquela época, o autor buscava compreender como as características ímpares da espécie humana eram fundamentais para pensar a transmissão de cultura. Por quase duas décadas, esse estudo circulou apenas no mundo acadêmico, porém, com o avanço da internet e a maior facilidade de interação entre diferentes grupos sociais, o termo *meme* se solidificou e se tornou parte intrínseca das mídias sociais.

Considerando que, hoje, as mídias sociais são o lugar onde mais se produzem discursos polêmicos que circulam livremente, os *memes* já podem ser considerados indissociáveis dessas redes, portanto, é possível afirmar que os *memes* inscrevem dizeres que (re) atualizam sentidos, irrompem no imaginário social, estabilizam já-ditos e constroem efeitos de memória. Quando pensamos no discurso como objeto teórico, de acordo com Pêcheux (1997), é possível considerar o *meme* como um enunciado que já possui alguma estabilidade e, por isso, é amplamente replicado, já que permeia a memória discursiva sobre dizer o humor na rede. É importante lembrar que, para além dos *memes*, outros tipos de enunciados também se encontram no mundo digital e podem ser repetidos incansavelmente, assim como são responsáveis pela produção de discursos humorísticos. Alguns exemplos deles são: Tuítes, *Reels*, vídeos do TikTok, charges, entre outros. Neste texto, nossa escolha do material recai sobre o *meme* e seu funcionamento como objeto do discurso digital.

É inegável o valor destas materialidades discursivas para o espaço digital, o que é considerado um fenômeno fundamentalmente urbano (Orlandi, 2010) e, por isso, elas funcionam como um local de significação que culmina em interpretações específicas dos enunciados neles produzidos. O meio digital é o lugar de materialização desses discursos, mas, assim como em outros espaços de produção, é nele que os textos ganham reprodução e são analisados não como uma unidade singular, mas como uma enunciação que é repleta de significados (Orlandi, 2001) e que tem sua propagação quase instantânea nas telas dos computadores, *smartphones* e *tablets*, uma vez que podem acessar qualquer *site* de busca, mídia social e aplicativos de mensagens.

Plataformas digitais como o Instagram, TikTok, Facebook, Twitter, YouTube, Google, *sites* de buscas e aplicativos de mensagens instantâneas como WhatsApp e Telegram são os maiores lugares de circulação desses enunciados humorísticos e isso mostra como a língua se movimenta dentro da historicidade do mundo, fazendo com que o sujeito se posicione frente ao que lhe é apresentado para ver ou ler. Assim, se nos aproximarmos do conceito de narrativa urbana de Orlandi (2004), que explica a maneira como um sujeito se faz significativo quando inserido em um espaço de produção de sentido, podemos dizer que um *meme*, um vídeo do TikTok, um *Reels* ou um tuíte podem ser textos que componham a narrativa digital deste espaço também digital.

Sendo os *memes*, vídeos, tuítes e *reels* claramente enunciados heterogêneos, pensamos, ancorados em Lagazzi (2009), que é necessário compreender as especificidades de cada forma material que compõe cada uma dessas materialidades discursivas, além de analisá-las de maneiras diferentes. A autora diz que não há materialidades completivas,

mas sim que mantêm uma relação por meio da contradição, assim, é possível que elas trabalhem suas incompletudes. Ainda segundo a autora, os sentidos são formados por meio do imbricamento de formas materiais distintas que não devem se sobrepor uma à outra, no entanto, suas diferenças devem ser postas sob a lente da análise. Aqui, olharemos para como o humor permite que essas diferentes formas enunciativas se propaguem com tanta fluidez e rapidez no digital e, assim, nos será mais claro compreender como podemos definir uma proposta de *corpus* de análise, considerando a ADD.

Possenti (1998), ao eleger o humor enquanto objeto de estudo para a Análise do Discurso, elenca várias razões e porquês para se estudar este tema, além disso, o autor também explica a recorrência de alguns tópicos que sempre são motivos de piada (futebol, casamento, política, entre outros). Para ele, as piadas são objetos carregados de valores para os estudos, pois elas não tratam apenas de temas controversos, mas buscam, de alguma maneira, identificar e/ou sustentar manifestações de culturas e ideias que possuem valores arraigados socialmente. Ainda em consonância com o mesmo autor, outra razão para se estudar a piada é que elas passam a atuar como um estereótipo, já que produzem uma visão mais simples dos acontecimentos cotidianos, constituindo-se, assim, enquanto uma materialidade de compreensão mais simplória para o interlocutor não-especializado (Possenti, 1998).

Pensando por esse viés, os *memes*, vídeos, tuítes e *reels* se constituem enunciados heterogêneos compostos por várias partes que se imbricam sem se sobrepor, são considerados como uma piada por sua simples compreensão, acessível a quase todo o tipo de interlocutor. Para Travaglia (1990), humor e piada são quase uma ferramenta de denúncia dos nossos pilares emocionais e psicológicos, uma vez que o humor busca trazer à tona nossas incertezas e pensamentos mais sagrados ou profanos; desse modo, é por meio do humor que a crítica se constrói.

Ao pensar na circulação de uma piada, ainda de acordo com Travaglia (1990), o humor e o fazer piada são parte das nossas faculdades humanas, estão presentes em todas as esferas de nossa vida e têm como simples objetivo nos fazer rir. Logo, sendo as mídias sociais uma maneira de interação humana – já que nossas relações com o outro mudaram nos últimos anos –, as plataformas digitais se tornaram um novo local de interação, portanto, é esperado que as pessoas utilizem esses meios como um local de vinculação de piadas. No entanto, os estudos de Travaglia e Possenti são pautados em uma AD pré-digital e, por isso, compreendemos que a noção da coleta de um *corpus* humorístico na esteira da ADD seja de fundamental importância para ir além nos estudos do digital e abrir uma porta que permita o desenvolvimento de uma teoria sobre o humor na ADD, campo este ainda em construção.

Percebe-se, então, que os discursos produzidos em plataformas digitais são compostos por diversas linguagens (visuais, orais e escritas) que, não raro, se constroem de modo compósito/multimodal, no imbricamento de duas ou mais linguagens, assim, é impossível não pensar em como analisar o humor por meio da formação de novos gêneros discursivos, além de sua veiculação em novos lugares de circulação. Para tentar dar conta desta problemática do digital, Paveau (2017) passa a pensar em quais seriam as novas conceituações e ferramentas que permitiriam a compreensão dos discursos que são produzidos na internet e em plataformas digitais. Logo, para a autora, faz-se evidente uma nova compreensão do que se sabe sobre o “contexto extralinguístico” e entendê-lo como um ecossistema no qual o discurso é elaborado.

Para Paveau (2013), as condições de produção discursivas, como o uso da máquina, por exemplo, devem ser consideradas como contexto extralinguístico que permite a materialização do discurso. Assim, não se deve considerar apenas o dualismo entre sujeito e língua, mas é preciso analisar as produções linguísticas considerando também o papel de intermediadores não humanos, já que, para a autora francesa, a máquina também é agente de produção linguística (Paveau, 2021). Desse modo, podemos considerar que os espaços de produção dos *memes*, vídeos, tuítes e *reels* são também de grande importância para o olhar do analista. Portanto, buscamos aqui compreender a articulação do humor nos discursos *on-line*, ou seja, que circulam pelo digital. Para tanto, precisamos compreender quais elementos compõem o objeto de estudo e como eles devem ser analisados, em outras palavras, propomos pensar em como se constitui o *corpus* analítico para o humor, de acordo com o que já se tem como teoria na ADD.

## A questão do corpus

A questão do *corpus* na Análise do Discurso (AD) sempre teve considerações conceituais inscritas a partir da diversidade de pensamento de vários autores e estudiosos do discurso, principalmente, quando trazemos à tona as reflexões de dois estudiosos muito importantes para o campo dos estudos da linguagem: Michel Foucault e Michel Pêcheux. Foucault (2009) não tinha como objetivo construir uma teoria do discurso, ele se envolvia mais com questões de história e filosofia, entretanto, por tocar em temáticas bastante amplas sobre as relações de saberes e poderes e por fazer também relações entre enunciados pertencentes a uma mesma unidade, propondo a noção de Formação Discursiva (FD), suas reflexões são trazidas como ponto de articulação com a teoria de Michel Pêcheux, a partir do trabalho de Jean-Jacques Courtine (1981), e se fizeram base para uma vertente bastante fortalecida, sobretudo, no Brasil, a partir das discussões

de Rosário Gregolin e que, na atualidade, se inscrevem sob a designação de Estudos Discursivos Foucaultianos.

Os trabalhos de Foucault não se dão em unidades de objetos fechados e normativos, mas sim em emaranhados não definidos de enunciação que simulam uma figura única, apresentando conceitos que diferem das estruturas e das regras de utilização. Em síntese, Foucault (1986) compreende a FD como um conjunto de enunciados que representam regularidades em sua dispersão. Ao trazermos essas reflexões para os estudos da linguagem, é possível pensar a história de forma descontínua, assim, estudar documentos torna-se fundamental para compreender a seleção e a organização do objeto de estudo.

Para tanto, faz-se necessária a noção de *arquivo*, que trazemos, neste trabalho, a partir da reflexão proposta por Foucault (1986), que vai além do sistema regente dos enunciados e acontecimentos similares, mas que circula como uma espécie de “massa amorfa”. O arquivo é uma construção não apenas de uma reunião de textos, mas um conjunto de textos que se articulem sobre um tema determinado. O arquivo situa-se entre a língua e o *corpus*, possibilitando, assim, o tratamento e a manipulação de enunciados enquanto acontecimentos discursivos. Não é possível, no entanto, descrever um arquivo em sua completude; entende-se, então, que um *corpus* é o recorte significativo dentro de um arquivo que será analisado. Não se pode, entretanto, perder de vista que a organização de um *corpus* não é imparcial, uma vez que não nos livramos, nem como sujeitos nem como analistas, da influência sócio-histórica, porque estamos inseridos nela e por ela somos influenciados.

Em *Semântica e Discurso*, Michel Pêcheux (1997) trata da relação entre Linguística e Filosofia, pois acredita que ambas as ciências devem ser estudadas em sua complementaridade. Mais adiante, em sua teoria, Pêcheux (1982) afirma que é preciso estudar essas duas ciências em seu entremeio, propondo, então, a noção de arquivo atrelada à questão de espaços diferenciais de análise, trazendo à tona a questão de uma cultura científica que não se limita à cultura dos cientistas.

Muito mais próxima da teoria de Michel Pêcheux, ao falar sobre a questão do *corpus* no discurso digital, Cristiane Dias (2015), em seu artigo *Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus*, reflete sobre a questão do arquivo digital e como essa construção se dá em relação à sociedade e à sua memória histórica. A partir disso, a autora também estuda a materialidade digital e como se daria a questão do *corpus* que provém a partir do arquivo digital.

Em seu artigo, a autora brasileira traz o exemplo de buscadores (como o Google) e postula que não devemos evidenciar o resultado de uma busca *on-line* como um arquivo, já que este resultado trata de um tratamento de dados em relações algorítmicas. Portanto, devemos compreender que o principal, nesta relação, é compreender como os dados estão arquitetados e se filiam à memória histórica de um arquivo. Embora haja muitas questões que precisam ser consideradas quando se fala da construção de um arquivo digital, Dias (2015) afirma que é de fundamental importância, por uma questão científica e de pesquisa, que seja considerada a noção, pois o *corpus* seria o resultado da interpretação de um arquivo no qual o elo se dá na relação entre a língua e a exterioridade.

Não podemos deixar de considerar aqui que, quando falamos de humor e de enunciados que fazem rir, muitas vezes, eles também estão ligados a uma memória discursiva, portanto, também formariam um arquivo e, ainda, determinariam um *corpus* de análise. Faz-se necessário compreender o funcionamento discursivo das redes para a produção de materialidades discursivas, pois a leitura do arquivo é uma etapa do processo de circulação e a textualização acontece na atualização dos sentidos. Desse modo, o arquivo seria um conjunto de dados atualizados que estão em circulação.

Dias (2015) finaliza sua reflexão sobre o conceito de arquivo de *corpus* dizendo que se faz necessária a compreensão das condições de produção dos dispositivos de arquivos específicos, levando o digital sempre em consideração, pois é somente a partir desses dispositivos que se torna possível reunir o *corpus*. A autora afirma, ainda, que este é um estudo de bastante complexidade, que exige bastante atenção para a relação entre a teoria e o método de análise, já que não se pode prejudicar o discurso a favor de um “novo” objeto de análise.

Quem também se debruça na reflexão sobre a construção do *corpus* é a autora francesa Marie-Anne Paveau. Abordando os enunciados produzidos de maneira distinta da proposta por Cristiane Dias, a autora diz que é preciso, antes de definir o que ela chama de *corpus digital nativo*, tratar dos dados e dos observáveis que são elaborados *on-line*, principalmente, porque essas são noções complexas para o pesquisador definir de maneira precisa – os dados da rede e o *corpus* podem se confundir porque ambos são objetos amplos e, por vezes, contraditórios. Sob a perspectiva da autora, dados linguageiros são correspondentes às produções tecnolinguageiras *on-line* que abrangem toda sua variação discursiva, e são alcançáveis pelas particularidades de cada usuário em sua relação com a internet, sendo considerados pré-configurados, que constituem o primeiro estado dos elementos que o linguista pode coletar *on-line* (Paveau, 2021).

Considerando o que a autora francesa chama de *observáveis*, compreendemos que eles são o resultado de um aparato de observação que é estabelecido com base nas seleções epistemológicas, teóricas e metodológicas que formam o objeto de trabalho do analista. Este, por sua vez, se forma pela observação linguística exclusiva de um ambiente discursivo, que é justamente aquilo que o difere de dados puramente apurados. Em suma, o *observável* é o que cabe ao analista estudar. Quando se trata de *corpus*, portanto, Paveau (2021) afirma que ele é uma coleção de observáveis e que estes não podem ser considerados exclusivamente como dados, uma vez que, por estarem situados e classificados em categorias linguísticas de seus ambientes discursivos, eles serão correspondentes aos objetivos e também às hipóteses.

Desse modo, é possível afirmar que quando analisamos algum enunciado do discurso humorístico produzido *on-line*, ele estará relacionado tanto a alguma memória histórica quanto aos dados do usuário (que pode ser o analista ou não) – coletados e arquitetados pela máquina –, colocando em relevo que a dificuldade de lidar com o discurso produzido na internet é, majoritariamente, decorrente da relacionalidade do objeto digital e, por isso, é considerado instável. Para a autora francesa, nenhum dado observável é fixo ou estável, eles só adquirem essas características exclusivamente no momento que são extraídos do *on-line* e são estabilizados no *off-line*. É justamente por esse motivo que os discursos nativos da *web* exigem que a Linguística reconsidere as noções de extralinguístico, de contexto e, também, de situação.

A partir dos estudos dessas autoras sobre a constituição de *corpus* no digital, passamos a pensar, agora, como podemos propor uma coleta de material de análise, considerando o discurso humorístico e, principalmente, a rede social Instagram.

## A questão do *corpus* humorístico: o Instagram

Nesta parte do capítulo, buscaremos pensar a partir, principalmente, dos estudos de Paveau, como podemos selecionar um *corpus* humorístico quando se trata de discursos digitais nativos, já que o que se tem visto em estudos do campo do discurso é uma coleta de *corpus* eletrônico que não é, necessariamente, o objeto de estudo do digital. Vê-se muito material que utiliza a internet como recurso de circulação, ou seja, como uma ferramenta *para* encontrar um *corpus* e não *como* um *corpus* independente.

A fim de nos debruçar sobre as características linguísticas dos *corpora* de análise, Paveau (2021) cita Jannis Androutsopoulos, que traz a diferença entre os “dados de tela”, que são aqueles que têm uma perspectiva um pouco mais objetivista, e os “dados baseados

no usuário”, que são aqueles afetados pela subjetividade do usuário. Assim, a análise desse material deveria ser posicionada unindo esses dois elementos: a tela e os rastros deixados pelo usuário enquanto navega pela rede. A dificuldade, portanto, de selecionar e elaborar um *corpus* humorístico digital advém de complexidades que também são apontadas por Paveau (2021), como: a quantidade de material e enunciados disponíveis, a rapidez com a qual eles são reproduzidos e recriados, tendendo à inumerabilidade e, por fim, sua hipertextualidade.

Para exemplificar, utilizaremos o Instagram, rede social que pode ser acessada tanto por um navegador de internet quanto pelo aplicativo de *smartphones*. Nessa rede, as pessoas podem publicar fotos e vídeos/*reels*, além de comentar e compartilhar publicações de outros usuários. De acordo com o *site* da empresa, a entrega de conteúdo ao usuário é feita por “uma variedade de algoritmos, classificadores e processos, cada um com seu próprio propósito. Queremos que você aproveite ao máximo seu tempo e acreditamos que usar a tecnologia para personalizar sua experiência é a melhor maneira de fazer isso” (tradução própria<sup>35</sup>), em outras palavras, o algoritmo dessa empresa tem apenas um único objetivo: fazer com que o usuário passe mais tempo no aplicativo e, por isso, entrega conteúdo que o internauta possa achar relevante ou interessante, a partir da coleta e da combinação de dados de sua navegação.

A ADD considera o algoritmo como parte fundamental na constituição do discurso digital, uma vez que, para além da máquina, essas soluções tecnológicas conseguem mapear a atividade do usuário, criar rastros e utilizar isso como forma de predizer aquilo que o usuário quer ver, assim como o próprio *site* do Instagram diz. De acordo com Paveau (2021, p. 40):

Os algoritmos podem ser considerados operadores de coerção discursiva e de instrução semântica que, como os pré-discursos, não têm existência languageira, mas são ativados no nível da produção languageira a partir de processos infra linguísticos tácitos, os cálculos. Os algoritmos não são nem objetos nem noções diretamente relacionadas às abordagens linguísticas, mas, como os *frames*, os quadros prévios ou as representações, devem, ainda assim, ser integrados à reflexão linguística sobre os discursos nativos da internet.

Como os discursos nativos da internet possuem certa regularidade, Paveau (2021) afirma que é possível pensar nas formações discursivas, conceito desenvolvido de modos diferentes tanto por Michel Pêcheux quanto por Michel Foucault, mas que, de acordo

---

35 No original: “Variety of algorithms, classifiers, and processes, each with its own purpose. We want to make the most of your time, and we believe that using technology to personalize your experience is the best way to do that.”

com Paul Henry (1993, p. 38), possui pontos de contato, já que “Pêcheux partilhava com Foucault um interesse comum pela história das ciências e das ideias que pode explicar por que ambos, mais do que qualquer outro autor, focalizaram o discurso”.

Para Foucault (1986, p. 43), a formação discursiva é como um conjunto de enunciados que representam regularidades em sua dispersão:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre dois objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Pêcheux (1997), por sua vez, bem mais próximo dos estudos linguísticos e do marxismo relido por Althusser, pensa a construção dessa teoria como algo intrínseco das lutas sociais, assim, os princípios de seu estudo ao qual nomeia de formação discursiva são baseados em traços discursivos de um *corpus*. Mais tarde, Pêcheux repensa o conceito de formação discursiva baseado em sua releitura dos clássicos marxistas, entendendo a formação ideológica como um dos componentes de uma ou mais formações discursivas que vão determinar a maneira como algo pode ser dito e articulado a partir da posição de cada uma num determinado tempo e lugar, reformulando sentidos de uma determinada produção e de uma determinada construção.

O ponto em comum das duas teorias acerca da formação discursiva é que ambas parecem ter um sistema de regras invisível. Considerando essa característica, voltamos nosso olhar para a aproximação da análise do discurso com a relação algorítmica.

Nessa esteira, partimos do conceito de *Machine Learning*, que é um dos braços da ciência da computação que estuda o uso dos algoritmos e dos dados, com o objetivo de aprender, compreender e reproduzir comportamentos humanos, por isso, quanto mais dados são apreendidos, mais preciso é o aprendizado pela máquina. Assim, por meio dos *cookies* que o usuário do Instagram deixa como seu rastro virtual, o algoritmo consegue compreender quais tipos de *reels* e publicações foram curtidas, as contas e os perfis visitados, os amigos com os quais o internauta interage mais e, desse modo, vai compreendendo individualmente como cada usuário e conta acessa, produz, organiza e distribui sua navegação.

Quando pensamos, então, na questão *de quem* está produzindo um discurso humorístico e *para quem* esse conteúdo é entregue, a máquina não sabe que a intenção

de quem criou a publicação era fazer rir e muito menos que determinada postagem poderia causar o riso em alguém, uma vez que, conforme afirma Paveau (2021), o locutor não é o responsável pela produção do discurso, mas este seria produzido pelos rastros deixados pelo usuário no momento da navegação.

Os algoritmos falam no lugar dos internautas a partir de um conjunto de cálculos que se assemelha muito a um determinismo, e que torna, do ponto de vista do locutor, seu discurso imprevisível [...] é um algoritmo que filtra as publicações dos amigos ou das páginas curtidas a partir das curtidas dos proprietários das contas (Paveau, 2021, p. 43).

A internet faz com que o analista do discurso se depare com uma quantidade muito grande de material disponível para coleta e análise e esse número excessivo de enunciados se dá, entre outras coisas, devido “à acessibilidade editorial e escritural de um lugar de comunicação aberto a todos [...] enquanto os lugares de comunicação e escrita *off-line* permanecem fortemente hierarquizados pela seleção social e cultural” (Paveau, 2021, p. 138). Assim, uma vez que não há um controle de quem publica e a quem algo é publicado, a coleta de dados torna-se cada vez mais importante porque os enunciados produzidos crescem muito rapidamente e são reproduzidos, reformulados, republicados e recriados em velocidade exponencial, sempre deixando em dúvida qual seria uma quantidade representativa de *corpus* analítico.

Outra dificuldade que se impõe ao analista é encontrada para além da publicação feita por um usuário da rede social, uma vez que, a partir dela, geram-se comentários, respostas, compartilhamentos, curtidas e repostagens que compõem um “conjunto enunciativo” (Manzano, 2014), que podem, assim como a publicação, inscrever-se no campo do humor. A esse fenômeno, Paveau (2021) dá o nome de *inumerabilidade*, que são os enunciados segundos que são produzidos a partir dos primeiros.

Como exemplo disso, trazemos, aqui, dois exemplos dessa inumerabilidade e impossibilidade de controle dos enunciados segundos que são produzidos a partir de um primeiro. As duas imagens que compõem a mesma publicação foram capturadas no dia 10/09/2022, dois dias após a morte da rainha da Inglaterra, Elizabeth II. Nelas, vemos a mesma foto do Príncipe Charles, o sucessor da rainha que estava, dentro da espessura histórica, prestes a assumir o trono.

**Imagem 1.** Conta da autora na página *Memestwitter*, do Instagram. Primeira foto do carrossel



**Fonte:** <https://www.instagram.com/memestwitter/?hl=pt-br>

**Imagem 2.** Conta da autora na página *Memestwitter*, do Instagram. Segunda foto do carrossel



**Fonte:** <https://www.instagram.com/memestwitter/?hl=pt-br>

A conta *Memestwitter* é conhecida por ter uma característica muito singular: ela retira *tuítes* do Twitter e apenas os republica no Instagram, sem modificar, sem adicionar legenda, sem esconder o nome do autor do tuíte. A primeira imagem publicada foi postada

no Twitter pelo usuário @DanPimpao. O tuíte original é composto por uma foto do Príncipe Charles com as mãos em frente ao peito, ao lado esquerdo, e ao lado direito, um corte em *close up* das mãos da alteza, que amplia e destaca as extremidades do membro superior, cuja característica intumescente se associa ao inchaço. A formulação que acompanha essa imagem é “As mãos do Príncipe Charles”, seguida do *emoji* de dois olhos abertos que, nas redes sociais, está associada à fisionomia humana de surpresa ou espanto. A imagem que foi postada pela Memestwitter já não é mais o discurso primário, pois trata-se de um retuíte do usuário @fefo\_itz que, para além da foto, adiciona a ela a legenda “alguém dê um diurético para esse senhor”, promovendo sentidos que associam as mãos do príncipe inchadas ao uso de um diurético, que resolveria esse problema. Lembramos que o objeto de estudo, aqui, não é o tuíte publicado no Twitter, mas sim, a postagem do Instagram e que se define (em sua biografia) na característica de criador de conteúdo e sua descrição é “Aqui tem meme, cultura *pop* e os *trending topics* do momento”.

Quando falamos da inumerabilidade, essa publicação serve de exemplo, pois: em primeiro lugar, a publicação original já foi retuitada algumas vezes, e um desses retuítes foi escolhido pela página Memestwitter para ser postado em sua página. Essa última publicação tinha, na data da coleta, quase cento e trinta e três mil *likes* e quase três mil e duzentos comentários, isso quando se pensa apenas em Instagram, fora o alcance dessas fotos enquanto ainda estavam no Twitter. Estamos cientes de que não há como controlar o número de publicações acerca do assunto, mas, quando pensamos nas esferas do riso, este também seria constituído pela movência do enunciado primeiro de uma plataforma para outra (no caso, do Twitter para o Instagram) mudando, portanto, o formato do enunciado primeiro, seu público e promovendo diferentes sentidos e discursos humorísticos para uma audiência também distinta. Justamente considerando esse deslocamento que podemos afirmar que um *corpus* de análise humorístico deve conter: os enunciados primeiros e segundos (quando houver), além dos comentários e das respostas dos usuários das redes, os números de repostagens compartilhamentos (quando disponíveis) porque, embora não se possa controlar em enunciados replicados onde uma publicação pode chegar, pode-se ter uma ideia numérica de quantos usuários aquela publicação atingiu, quantas pessoas interagiram com o conteúdo disponível porque, num nível quantitativo, torna-se possível compreender onde esse discurso humorístico chegou no momento do recorte do *corpus*, logo, quando ele é congelado no *on-line* para uma análise no *off-line*.

Faz-se importante frisar, mais uma vez, que a ADD é um campo de estudos ainda em construção e que outras pesquisas acerca da coleta de *corpus* têm sido realizadas, mas

ainda não há respostas suficientes que permitam ao analista desenvolver seu estudo sem que seja necessário recorrer a modelos pré-digitais.

## Conclusões

Retomando aqui a comparação de Dawkins sobre a questão do *meme* e sua relação com DNA e sua unidade replicadora, compreendemos que não somente este tipo de enunciado, mas os discursos humorísticos que circulam nas mídias sociais fazem exatamente o que o etólogo afirmou anos atrás: explicam como a cultura do riso se movimenta e se espalha entre diferentes grupos humanos e diferentes plataformas digitais. Nas redes sociais e, em especial, para este capítulo, o Instagram, é possível afirmar também que nem a máquina, tampouco o algoritmo sabem o que faz ou o que causa o riso no usuário, no entanto, acredita-se que a tela que aparece a cada internauta é particular a cada um e que os conteúdos que são mostrados e sugeridos pela máquina e pelo algoritmo são as várias combinações de dados fornecidos pelo usuário. Assim, quando um conteúdo lhe é apresentado e lhe causa o riso não passa do cruzamento e das análises desses dados pela plataforma, que tenta fazer com que você fique a maior parte do tempo na rede social.

Como o usuário é interpelado pelo algoritmo, as mídias sociais irão sempre sugerir que ele visite conteúdos humorísticos parecidos com aqueles que já foram vistos na tela, isso se dá graças ao aprendizado da máquina (*Machine Learning*) sobre os gostos específicos de cada um que interage com a rede social, quanto tempo passa na tela, quantas vezes replica e retoma uma postagem ou assiste ao mesmo vídeo. Esse tipo de dado não cabe na análise das esferas linguísticas, mas pode ser observado, numericamente, pelos comentários, compartilhamentos e repostagens, uma vez que cada toque na tela muda o algoritmo, mudando assim o alcance da enunciação humorística para um maior número possíveis de usuários. Logo, a coleta do *corpus* vai se dar em um momento em que o enunciado vai passar para o *off-line*.

Assim, embora a AD tenha se debruçado sobre *corpora* de análises comuns e objetiváveis (como jornais, panfletos etc.), percebe-se que a AD não dá conta de responder à questão dos *corpora* para ADD, uma vez que estes, agora, também vão passar pelos rastros *on-line* deixados por cada usuário das redes. Além disso, sabe-se que há a impossibilidade de que o analista tenha acesso a todos os discursos digitais nativos, não só pela questão da inumerabilidade, mas também porque os pesquisadores acabam tendo que lidar com os próprios dados que deixam nas redes quando coletam um novo material de análise e esses dados são específicos e não generalizáveis.

Por fim, ainda há muitas questões a serem pensadas a respeito da construção de um *corpus* analítico na ADD no que concerne à questão do riso e do humor, não só pela particularidade do internauta, mas também pelas relações tecnodiscursivas, pela quantidade de enunciados produzidos, pela rapidez das informações e, acima de tudo, pelos dados e rastros deixados por cada usuário a cada clique ou a cada toque na tela. No que tange ao nosso trabalho, a descrição metodológica da coleta e do tratamento dos dados que compõem os enunciados a que nos propomos a analisar em cada pesquisa, obviamente, não sana a questão, mas nos proporciona um terreno um pouco menos sinuoso para realizar nossos gestos de leitura e análise.

## Referências

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009 [1981].

DAVISON, P. **The Language of Internet Memes: The Social Media Reader**. Edited by Michael Mandiberg. New York: New York University Press, 2012.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Tradução Geraldo H. M. Florsheim. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do *corpus*. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, set.-dez. 2015

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

MANZANO, L. C. G. **A ordem do olhar: sentidos da imagem no discurso político televisivo brasileiro**. 2014. 220 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

MOSSERI, A. **Shedding More Light on How Instagram Works**. [S.I.], 2021. Disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 12 ago. 2022.

ORLANDI, E. **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Editora Pontes, 2001.

ORLANDI, E. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia – discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA** [online], Campinas, n. 16, p. 6-17, ago./nov. 2010. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

PÊCHEUX, M. A Análise do discurso: três épocas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 311–318.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. Tradução Maria das Graças L. M. do Amaral. *In*: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de leitura na história do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1982].

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1975].

PAVEAU, M.-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. **Epistémè**: revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées/, Center for applied cultural science, Korea university, Séoul, v. 9, p. 139–176, 2013.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e práticas. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análise linguística de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55–82, 1990.

# A língua de vidro: uma proposta de leitura do digital

Deborah Pereira (Unicamp)

Guilherme Ferragut (Unicamp)

## Situando a discussão

Cristiane Dias (2018, p. 28), quando investe em teorizações acerca da Análise do discurso digital, entende o digital como “além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas”. Deste modo, situada no campo da Análise de Discurso materialista, a autora propõe uma construção do digital enquanto objeto de análise e, assim, pensa o digital a partir de sua constituição, sua formulação e sua circulação – estes são os três momentos, de acordo com Orlandi (2001), do processo de produção dos discursos. Embora estes três estágios funcionem juntos, Dias, em sua elaboração teórica, dá destaque para a circulação dos sentidos, tomando-a como “ângulo de entrada”, compreendendo que “é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, *hashtags*, memes, *links*...) que o digital se formula e se constitui” (p. 29). Ou seja, para a pesquisadora, o digital se formula ao circular, isto é, seus sentidos se produzem “no efêmero, no agora”.

Partindo disso, já considerando o protagonismo substancial da circulação na maneira como os sentidos se instituem no digital, sabemos que esta discussão já foi realizada por alguns autores, como Orlandi (2006), ao tratar da memória metálica, ou mesmo Dias em diversos trabalhos. Mas, em nosso empreendimento, vamos propor a metáfora do vidro, numa articulação com as formações algorítmicas, para compreender alguns aspectos acerca destes “modos de ler”. Neste sentido, Dias (2018), em *Da circulação do sentido de tecnologia e seus efeitos na relação linguagem-sujeito-mundo*, repercutindo algumas observações de Walter Benjamin (1987) a respeito da arte e da reprodutibilidade técnica em massa, constata que o modo de circular altera o sentido da arte e a sua função social, tratando-se, no caso específico analisado por Benjamin, de uma “circulação por reprodução” (p. 34). Com isso, “formula-se para circular de maneira produtiva, **em quantidade**. Esse modo de circulação deslocado da circunstância da enunciação é o que está no cerne da crítica de Benjamin. O que circula não é a arte, mas sua própria reprodução” (p. 34, grifo próprio).

Portanto, nas condições específicas consideradas por Benjamin, a circulação produtiva que se estabelece na/pela quantidade acentuada acontece fora do *aqui e agora*, apartada do momento da criação, de tal modo que, por conta desta distância, a arte perderia o seu valor, a sua singularidade. Já em relação ao nosso objeto, Dias entende que a circulação, justamente, não se separa da circunstância enunciativa; a circulação e a replicação, no digital, são o próprio *aqui e agora*, “singulares em sua

aparição” (p. 34) e, acrescentamos, dotadas de um caráter substitutivo: neste aqui- agora, algo está incessantemente tomando, substituindo, inserindo-se no lugar de um outro – que, contraditoriamente, não deixa de existir, permanece. Assim, outra pergunta possível seria: que (e)feitos esta singularidade repetida, que constantemente substitui e é substituída, produz? Para pensar sobre isso, iremos: i) refletir sobre a metáfora do vento na relação com o digital e, assim, propor o que estamos chamando de língua de vidro; ii) tecer uma relação entre a língua de vidro e as formações algorítmicas; iii) à luz das reflexões acerca da língua de vidro e das formações algorítmicas, analisar brevemente dois casos envolvendo o momento político atual.

## Duas metáforas: o vento e o vidro

Não é incomum vermos a metáfora do vento sendo utilizada para tecer interpretações sobre discursos no digital. O vento, de fato, é um elemento muito profícuo para compreender isto que, como Dias aponta, significa e se formula ao circular. As imagens aéreas parecem representar, então, de maneira bastante precisa, a difusão e a propagação constitutivas do funcionamento das redes. Bachelard diz que o vento, em seu excesso, é “a cólera que está em toda parte e em nenhum lugar” (p. 232), girando-se e voltando-se sobre si mesma. O vento existe, portanto, em seu espalhamento, em sua irradiação; ele existe porque circula, e, como propõe Bachelard, porque nasce e renasce de si.

A língua de vento – língua proposta por Régis Debray (2008)<sup>36</sup> para compreender, no final da década de 1970, como os movimentos de maio de 68 estavam sendo rememorados – é cara à Análise de Discurso, pois ela oferece uma chave para interpretar dizeres midiáticos presentes no capitalismo contemporâneo. Gadet e Pêcheux (2010 [1981], p. 24), em *A língua de marte*, entendem que a língua do direito é uma língua de madeira já que representa “a maneira política de denegar a política”, sendo um “espaço do artifício e da dupla linguagem, linguagem de classe dotada de senha e na qual para ‘bom entendedor’ meia palavra basta”. Esta também seria a língua do socialismo, construída para “fracassar de antemão qualquer contradição e se proteger ao falar das massas” (p. 24). Já a língua de vento seria aquela atribuída ao capitalismo, que exerce um poder mais sutil, operando pelo “logro publicitário da linguagem comercial e política” (p. 24); é a língua de vento, segundo os autores, que permite à classe dominante “exercer sua

---

36 Guilherme Adorno (2016), em sua tese de doutorado, traduz o que Debray define para a língua de vento: “fala flutuante, sem ancoragem na materialidade sensível ou histórica; sintaxe sem semântica em que os signos jogam entre eles, no ar. A noção mesma de referente ou de realidade tendo desaparecido do horizonte, esta língua não tem outro índice de verdade além dela mesma. Quem fala tem sempre razão de dizer isto que se diz no momento em que é dito, tem razão quem tem a última palavra (como nos debates televisionados em que se trata primeiramente de gritar mais forte que o vizinho e, sobretudo, de concluir depois dele)” (Debray, 2008, p. 101-102, *apud* Adorno, 2016, p. 276).

maestria sem mestre aparente. Ela não serve tampouco a seu mestre. O imperialismo fala hoje uma língua de ferro, mas aprendeu a torná-la tão ligeira quanto o vento” (p. 24). Assim, “a língua de madeira do direito e da política se enrosca com a língua de vento da propaganda e da publicidade” (p. 23). Os autores chamam este “enrosco” de uma face obscura de nossa modernidade, o que pode ter a ver com a “falsa moeda de línguas de vento”, expressão escrita por Pêcheux (2016 [1980], p. 28) quando trata, especialmente, da circulação:

‘Isso circula’ como adquirimos o hábito de dizer, fazendo dessa circulação a imagem positiva de nossa modernidade discursiva liberada ou, ao contrário, a falsa moeda de línguas de vento; os turbilhões esfumados do “não importa o quê” destinados a chamar a atenção, desviando-a dos problemas reais.

Ou seja, as línguas de vento, torcidas às línguas das classes dominantes, têm força porque circulam como se fossem essas rajadas de “não importa o quê”. Mas, como coloca Pêcheux (2016, p. 28), “as circulações discursivas não são nunca aleatórias, porque o “não importa o quê” não é nunca “não importa o quê”. Neste sentido, Adorno (2016, p. 276) entende que “uma língua de vento pode ser leve, mas pode alastrar fogo em muitas direções”. Ela pode alastrar incêndios, produzir tempestades e furacões, mas também pode disseminar a brisa, a ilusão do consenso que se forma através do efeito de unidade e completude figurado por um “tudo já está” – ou, ainda, por um “tudo pode vir a ser” (neste caso, teríamos o efeito de infinitude).

Assim sendo, o vento é um elemento bastante consequente para a compreensão dos discursos midiáticos e daquilo que se (re)produz e significa à medida em que circula; estando em “toda parte e em lugar nenhum”, o vento encontra a sua força na mobilidade, na volatilidade e, pensando no digital, na sua constituição pelo aqui-agora. Mas, para além desta instantaneidade, desta rapidez na sua própria propagação e diluição, é interessante compreender o digital por meio do seu funcionamento que, de alguma forma, tolhe uma estadia, um lugar de respiração dos sentidos. É neste ponto que tentamos tecer um diálogo com a reflexão de Benjamin acerca da cultura de vidro. O autor, em seu famoso texto *Experiência e Pobreza*, publicado em 1933, entende que “as ações da experiência estão em baixa” (p. 114). Esta pobreza de experiência é explicada, ao longo de sua discussão, pelo “monstruoso desenvolvimento da técnica” que fez surgir uma “nova forma de miséria” (p. 116). Benjamin afirma o seguinte:

A angustiante riqueza de ideias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas com a renovação da astrologia e da ioga, da Christian Science e da quiromancia, do vegetarianismo

e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso dessa miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização (Benjamin, 1994 [1933], p. 115).

As proposições Benjaminianas repercutem de modo bastante frutífero no campo teórico-artístico, já que elas lançam luz para o (des)valor da arte em uma cultura empobrecida pela sede incessante da renovação<sup>37</sup>. Mas, aqui, considerando a materialidade digital, chamamos atenção para esta mascaração do novo, isto é, para o encanto produzido por esta “galvanização” que, aparentemente, chega como uma “renovação autêntica”, porém, longe disso, se configura como uma repetição envernizada do mesmo. É neste ponto que Benjamin traz a figura do vidro. Para o escritor, a “cultura do vidro” é a representação máxima da pobreza de experiência, ela faz com que os sujeitos não deixem rastros, marcas, já que “o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não têm aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade.” (Benjamin, 1994 [1933], p. 117).

O vidro, então, dentro dos estudos filosóficos da estética, é simbolizado como aquilo que padroniza, que retira o caráter peculiar dos objetos, ele é ajustável e móvel<sup>38</sup>, configurando-se como um material que permite o escape da memória, impedindo a permanência e a durabilidade. Por não possuir aura, há um certo imediatismo na cultura de vidro, por isso o cristal é “inimigo do mistério”. Esta ausência de reminiscências, de resíduos nesta matéria esterilizada do vidro, aliada ao desejo do “sempre novo”, nos faz pensar que, num mundo tomado pelas vidrarias, “nada se fixa” porque há rapidamente uma substituição, ou seja, algo é instantaneamente colocado no lugar de alguma coisa. O aspecto liso do vidro, junto da volatilidade do vento, institui um escorregamento, uma diluição dos sentidos, um esquecimento.

Nesta perspectiva, lembramos que Robin (2016, p. 93) salienta que “o verdadeiro esquecimento talvez não seja o vazio, mas o fato de imediatamente colocar uma coisa no lugar da outra, em um lugar já habitado, de um antigo monumento, de um antigo texto, de antigo nome”. A autora recupera, em relação a esta citação específica, a história de Frauenkirche de Desden, uma igreja alemã que foi destruída pelos aliados em 13 de fevereiro de 1945 tornando-se, na época,

---

37 O texto de Benjamin com o qual Dias (2018) dialoga, “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, trata ainda mais especificamente da arte na relação com a necessidade de renovação e reprodução.

38 Benjamin disserta a respeito deste aspecto “ajustável e móvel” do vidro quando retoma o escritor alemão Scheertbart: “mas, para voltarmos a Scheertbart: ele atribui a maior importância à tarefa de hospedar sua ‘gente’, e os concidadãos, modelados à sua imagem, em acomodações adequadas a sua acomodação social, em casas de vidro, ajustáveis e móveis, tais como as construídas, no meio tempo, por Loos e Le Corbusier” (Benjamin, 1993 [1994], p. 117).

[...] um memorial da segunda guerra mundial. No anos 1980, tornou-se [...] o lugar de reuniões silenciosas contra a RDA. Em todos os 13 de fevereiro, ele era recoberto com velas comemorativas. Após a reunificação, a maioria dos monumentos e estátuas erguidos durante o período comunista foi demolida. Depois foi reconstruída no mesmo local a igreja que os bombardeios de fevereiro de 1945 tinham destruído. Assim com um único golpe: apagavam-se ao mesmo tempo a memória da RDA e o “monumento testemunha” da Segunda Guerra Mundial (Robin, 2016, p. 93).

Trazendo esta reflexão para nossa discussão, que aborda uma situação completamente diferente já que trata da materialidade digital, é possível entender que, assim como a reconstrução de um monumento e o preenchimento de um espaço vazio pode causar esquecimentos, o excesso de informações, disseminadas através da língua de vento também. Em nosso caso, não há o “uma coisa no lugar da outra” explicitamente, mas, sim, *posts*, turbilhões de (des)informações existindo ao mesmo tempo. Contudo, se pensarmos nas telas de vidro dos *smartphones* e computadores, que permitem o deslizar do dedo pela linha do tempo das redes sociais (que nunca para de se “atualizar”), notamos um movimento permanente, uma constante substituição de um dizer por outro, de um *post* por outro. Por conta do excesso constitutivo deste ambiente e da nivelção alisada no vidro, esta substituição é ininterrupta, incessante. É neste sentido que ela causa esquecimentos, uma vez que, por não permitir nem o vazio e nem a fixidez, pode diluir a força do que se diz pelo excesso.

Foi seguindo esta perspectiva que, anteriormente, dissemos que o digital, de alguma maneira, interdita uma estadia dos sentidos: na cultura metaforizada pelo vidro e pelo vento, o silêncio dificilmente encontra modos de perdurar. Orlandi nos ensina (2007, p. 13), logo no início de *As Formas do Silêncio*, que

[...] o silêncio é assim “a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito”.

Se não há silêncio, o sentido não encontra uma morada, ele não respira, ele não é. Portanto, neste modo ainda inicial de entendimento do digital, que estamos tentando conceber como pleno e excessivo (pelo vento) e, ao mesmo tempo, escorregadio e sem possibilidade de alicerces (pelo vidro), quase não há lugar para o vazio, para este fôlego. É claro que os sentidos se estabelecem, pois significamos, mas isto se dá através de um jogo de repetição (galvanização do mesmo); como efeito de sua constituição pela

quantidade, há uma plenitude de sentidos instituída pelo “velho mascarado de novo” que impede o movimento.

Ainda assim, é preciso sublinhar que este funcionamento do digital sobre o qual estamos refletindo não é único: se dissermos que ele pode ser pensado pela metáfora do vidro e do vento, isto é, como esta esfera que engendra em nós o efeito do “nada se fixa” e do esquecimento, vale pontuar, também, que existe sim a possibilidade de produção de novos sentidos – e não somente a mera repetição do mesmo, intensificada pelo caráter escorregadio do vidro e excessivo do vento. É aí que o sujeito, através da língua, resiste, ao “não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo”, ao “mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras” (Pêcheux, 1990, p. 17).

A resistência no/do digital, entretanto, pode ser tratada de modo mais detido em outro texto. Nesta discussão, queremos chamar atenção para as formações algorítmicas (Ferragut, 2018), um mecanismo discursivo que, talvez, pelo próprio funcionamento dos dispositivos e dos *sites*, controlados por grandes corporações, tem como efeito de sentido a dominação das possibilidades de resistências. Mas, antes de passarmos para o próximo tópico, cabe lembrar que, na cultura de vidro, o sujeito, metaforicamente, não deixa as suas marcas. Quando atravessada pelo digital, no entanto, será que esta ausência de vestígios ainda permanece? Dias (2018, p. 187), ao apresentar a dimensão técnica do silêncio, formula o seguinte: “quando deletamos algo, esse algo é sempre passível de recuperação pelo algoritmo, por uma dimensão técnica que se perfila entre o silêncio e o arquivo”. Ou seja, se é possível recuperar algo mesmo após o ato de deletar, quando não deletamos – e ficamos no jogo entre o “turbilhão esfumaçado” da repetição e da substituição – o resgate dos resquícios se torna ainda mais evidente.

Contudo, mesmo através do efeito de completude do eletrônico e do imaginário da “nuvem” *on-line* como este local no qual tudo se guarda e nada se perde, este armazenamento exacerbado estabelece-se como uma espécie de *fetich*e – Robin (2016), inclusive, trata do *fetichismo em relação aos arquivos* – já que estes materiais se tornam, em seu exagero, inacessíveis, impossíveis. E é justamente a máquina que quebra o feitiço<sup>39</sup>; pelo seu código matematizado, a máquina não somente permite o acúmulo, mas, à sua maneira, o lê, o acessa, produz significações a respeito das amostras deixadas pelos sujeitos-usuários, devolvendo-as como formações algorítmicas.

---

39 O termo francês *fetich*e é uma derivação da palavra portuguesa *feitiço*.

# Formações algorítmicas

A noção de formações algorítmicas (Ferragut, 2018) traz à discussão teórica da Análise de Discurso alguns pontos que podem nos render importantes reflexões nesse capítulo. Iniciaremos pela definição de formação algorítmica (FA): conforme buscamos compreendê-las; elas são entendidas como tudo aquilo que pode e deve ser digitado, pesquisado, clicado, consultado, compartilhado, falado, escutado, assistido e/ou lido pelo digital. Com esse movimento, nos diferenciamos grandemente daquilo que Modeste (2012, p. 25, tradução própria<sup>40</sup>) define como algoritmo. Para ele, “[...] un algorithme est une procédure de résolutions de problème, s’appliquant à une famille d’instances du problème et produisant, en un nombre fini d’étapes constructives, effectives, non-ambigües et organisées, la réponse au problème pour toute instance de cette famille”.

Ou seja, enquanto temos no algoritmo um processo, temos nas formações algorítmicas um resultado/efeito da relação entre os sujeitos e o digital. Importante salientar, porém, que ao dizermos digital, não nos referimos a um suporte digital, mas, sim, à materialidade digital. Ela, por sua vez, é definida como efeito de sentido entre sujeito e tecnologia, constituída a partir do

[...] acontecimento tecnológico do século XX – o da informática – [...] provocando mudanças no modo de significação das sociedades – nas esferas administrativas, política, econômica; das relações sociais – novas formas de relação social através das mídias sociais; do conhecimento e de sua divulgação – com os sistemas wikis, colaborativos. Todos esses elementos constituem a materialidade do discurso eletrônico: a materialidade digital (Dias, 2011, p. 38).

Diante da potência da afirmação de Dias, recorreremos a Henry (1986) que entende que, ao falarmos do digital, não estamos apenas tratando de uma maneira nova de encarar o que ele chama de mundo físico, mas, sim, estamos considerando que as implicações desta nova materialidade nos levam a um novo mundo do pensamento. Para Orlandi (2013), isto implica necessariamente em uma mudança no materialismo do gesto de interpretação. Em resumo, o que queremos dizer, em diálogo com estes autores, é que, quando atravessados pelo digital, os sujeitos produzem novos gestos de interpretação do mundo, ou seja, o digital atravessa as práticas de interpretação dos sujeitos.

---

40 No original: “um algoritmo é um procedimento de resoluções de problema, se aplicando a uma família de instâncias do problema e produzindo, em um número finito de etapas construtivas, efetivas, não-ambíguas e organizadas, a resposta ao problema para toda instância dessa família.”.

Admitindo esta nova forma de interpretação, entendemos que é pelas formações algorítmicas que os sujeitos constituem sentidos no digital. Assim, não há nada no digital a que o sujeito tenha acesso que não passe pelas FAs. Isso, diferentemente do que possa parecer, não implica a anulação da ação de outras noções basilares para a AD – como as formações discursivas, por exemplo. O que acontece é que, quando tratamos da materialidade digital, esses atravessamentos se complexificam e novos elementos aparecem como forma de auxiliar os analistas no processo das análises.

Tendo isso em vista, nos questionamos sobre como se configura essa “nova língua” usada pelo sujeito (ou, conforme define Dias (2018), pelo sujeito de dados) para interpretar o mundo pelo digital. Neste ponto, conseguimos começar a entender melhor como se dá a relação entre os dois conceitos aqui propostos. A saber: formações algorítmicas e a língua de vidro.

Para nós, a língua de vidro é aquela que deixa marcas no digital. Essas marcas retornam, pelo funcionamento dos algoritmos, nas formações algorítmicas. Expliquemo-nos: retomando as palavras de Pêcheux (2016 [1980]) sobre como a circulação discursiva não é nunca “não importa quê”, se faz pertinente pensar acerca desta circulação que se dá pelo digital. Pariser (2012), ao explicar o funcionamento do algoritmo do Facebook, uma das maiores redes sociais do mundo, afirma que todas as interações que acontecem no *site* são classificadas.

A matemática é complicada, mas a ideia básica é bastante simples, baseando-se em três fatores. O primeiro é a afinidade: quanto mais próxima a nossa amizade com alguém – o que é determinado pelo tempo que passamos interagindo com a pessoa e investigando seu perfil –, maior será a probabilidade de que o Facebook nos mostre suas atualizações. O segundo é o peso relativo de cada tipo de conteúdo: atualizações sobre relacionamentos, por exemplo, têm peso grande; todos gostam de saber quem está namorando quem (muitos observadores suspeitam que esse peso também seja personalizado: pessoas diferentes dão mais ou menos importância a cada tipo de conteúdo). O terceiro é o tempo: itens mais recentes têm mais peso do que postagens mais antigas (Pariser, 2012, p. 39).

Com isso, é possível compreender que, de fato, a forma como as postagens circulam não é “não importa quê”. Há uma tentativa de direcionar essa circulação e, sem dúvida, isso impacta a produção do discurso. Ou seja, ao entender *o quê* e *como* fazer para atingir mais sujeitos, passa-se a formular de uma determinada forma. Porém, não queremos afirmar que em outras materialidades isso não possa ocorrer. A escolha da foto da capa do jornal, as fontes usadas no título de um livro, as cores de um *outdoor* etc. são, também,

maneiras exemplares de formular pensando na circulação. Nosso ponto, entretanto, conforme estamos tentando demonstrar, passa pela compreensão de que, pelo digital, há características muito específicas que nos ajudam a entender esse processo de produção do discurso. Estas características se relacionam com a memória: se pelo digital tudo pode ser guardado, arquivado e, ilusoriamente, acessado, outras formas de memórias se instauram (como a metálica (Orlandi, 2006) e a digital (Dias, 2016) remexendo nos efeitos que os sentidos produzem.

Prosseguindo com a explicação de Pariser, nos deteremos no segundo fator trazido pelo autor na citação acima. De acordo com o descrito, há um *rankeamento* das preferências de cada sujeito e os algoritmos são responsáveis por alimentar essa preferência com material semelhante. Ou seja, o algoritmo busca classificar certos temas e formas de abordá-los de acordo com o interesse do sujeito. Assim, ele entrega determinados conteúdos que “acredita” serem mais relevantes. Diante disso, reforçamos a reflexão de Dias (2018) de que, no digital, formulam-se discursos pensando na circulação. Mas, diferentemente do que acontece em outras materialidades, quando a formulação se dá na relação com outros sujeitos, aqui formula-se pensando naquilo que a máquina entenderá como relevante para circular; é a máquina, com base nos rastros, nos vestígios, em uma certa memória, que decide aquilo que será lido. Essa nova maneira de formular, portanto, conforme a citação que trouxemos de Henry (1986), funda uma nova forma de pensar o mundo. Assim, temos então a língua de vidro. Através dela, embora nada pareça se fixar, é organizado um repetível que alimenta os algoritmos, que deixa sua marca nas linhas de código e que, deste modo, é sempre retomado para fazer circular o discurso pelo digital.

## Para finalizar, dois casos exemplares

Para entendermos melhor como isto que estamos chamando de língua de vidro funciona, traremos dois casos que envolvem o momento político atual, marcado pela ascensão da extrema direita neofascista e do digital como grande protagonista das discussões político-sociais, das relações de trabalho, da comunicação não apenas entre cidadãos comuns, mas entre o governo federal e os cidadãos comuns etc.

O primeiro caso diz respeito a um vídeo<sup>41</sup> gravado no dia 13 de setembro de 2022, durante o intervalo do debate entre os candidatos ao governo do estado de São Paulo, veiculado pela TV Cultura. No vídeo, o deputado estadual de São Paulo Douglas Garcia,

---

41 O vídeo pode ser assistido em: <https://www.youtube.com/watch?v=Grh6A2HIOJY>. Acesso em: 11 nov. 2022.

com o celular ligado, filma a jornalista Vera Magalhães enquanto a questiona sobre seu contrato como apresentadora de TV. Em dado momento, o deputado afirma que a profissional “é uma vergonha para o jornalismo brasileiro”. Diante do ataque verbal, alguns seguranças se aproximam, mas isso não faz com que o tom das palavras seja amenizado e, com a confusão, o chefe de jornalismo da TV Cultura, Leão Serva, tira o celular da mão do deputado e o arremessa para longe.

Surpreso com a atitude, Garcia para de falar e começa a procurar pelo aparelho. Sem o dispositivo, o membro do legislativo paulista volta a procurar pela jornalista e, já assumindo um tom mais moderado, questiona “por que você fez isso comigo?”, repetindo a frase várias vezes. O que gostaríamos de destacar nesse acontecimento é a maneira como o deputado age com e sem o celular em mãos. Isso porque a ofensa que ele dirige à jornalista já tinha sido feita dias antes pelo presidente Jair Bolsonaro, de quem Garcia é apoiador, e se mostrou muito eficiente junto aos eleitores que sustentam o então chefe do Executivo. Ou seja, formulando para circular, o deputado escolheu determinadas palavras quando sua câmera estava ligada. Passado esse momento, já sem o celular, o diálogo que se estabelece muda de tom e o tema a ser tratado também deriva.

O segundo recorte é um vídeo<sup>42</sup> que mostra o deputado cassado do estado de São Paulo, Arthur do Val, também conhecido como “Mamãe Falei” (outro apoiador do então presidente Bolsonaro) no carro de som de um político petista no Paraná. A certa altura da ocasião, eles descem para a calçada e o político petista começa a acusar o paulista de ter ido à Ucrânia fazer turismo sexual com refugiadas da guerra que assola o país europeu<sup>43</sup>. Até então, do Val apenas sorri e tenta se aproximar para falar ao microfone com o paranaense. Porém, ao perceber que não conseguirá falar, tira seu celular do bolso e começa a filmar. Neste instante, embora não seja possível ouvir o que está sendo dito, percebe-se que o político paulista tenta dizer algumas palavras para a câmera. Aqui, mais do que o conteúdo que está sendo dito, nos interessa o gesto, ou seja, o fato de o ex-deputado estar quieto apenas até ligar a câmera do celular.

Para nós, em ambos os casos temos aquilo que melhor caracteriza a língua de vidro: uma não aderência, o “nada se fixa” por conta da incessante busca pelo novo e, ao mesmo tempo e contraditoriamente, a fixidez pela circulação – que permite a apropriação algorítmica das marcas, dos vestígios dos sujeitos e, portanto, o controle

---

42 O vídeo pode ser assistido em: <https://www.youtube.com/watch?v=QHUpOunJpzY>. Acesso em: 11 nov. 2022.

43 É importante lembrar que Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) votou pela cassação do mandato de Arthur do Val porque ele, justamente, mandou áudios via WhatsApp afirmando que as refugiadas ucranianas “são fáceis porque são pobres”. O caso pode ser melhor compreendido através da notícia: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2022-05/arthur-do-val-tem-mandato-cassado-e-fica-inelegivel-por-oito-anos>. Acesso em: 11 nov. 2022.

daquilo que “pode e deve circular”. É por isso que, com relação ao primeiro caso, não interessa apenas o confronto com a jornalista, é necessário que tudo seja gravado; e esta gravação, vale dizer, não é feita de qualquer maneira: Douglas Garcia filma o rosto de Vera Magalhães enquanto a difama, trazendo um tom totalmente expositivo para o seu material que provavelmente funcionaria – e circularia – diferentemente se ele estivesse direcionando a câmera a si mesmo enquanto falava.

Sobre o episódio envolvendo Arthur do Val, temos o mesmo funcionamento: o deputado cassado manteve-se quieto diante de acusações porque a câmera estava desligada. Mas o gesto de segurar o celular convida o sujeito de dados não apenas a falar, mas a falar de uma determinada maneira, usando determinadas palavras que ajudarão na circulação desses vídeos. Esta circulação não se dá somente com base naquilo que quem está gravando acredita ser relevante, mas naquilo que os algoritmos entregam aos outros sujeitos pelas formações algorítmicas.

Nesse ponto, caminhando para o encerramento da proposta aqui apresentada, cabe ressaltar que o que buscamos fazer não é refundar uma análise de discurso baseada no digital. Nossa questão principal é, isto sim, entender que outros processos discursivos regem o funcionamento desta materialidade, propondo reflexões acerca do enlace inescapável entre máquina e sujeito. Se na língua de vidro as coisas parecem não aderir devido à velocidade com que são substituídas, dando a impressão de serem translúcidas; por outro lado, há nela uma retomada que vem não apenas pelos sujeitos, mas pelas máquinas, que levam os sujeitos a formularem de uma maneira e não de outra. E esta retomada é produzida pelos algoritmos que, assenhorando-se da constante “galvanização do mesmo”, nos termos de Benjamin, abastecem-se de nossos vestígios; no escorregadio do vidro, que fica ainda mais liso pela efemeridade da língua de vento, os algoritmos fazem a sua raspagem e sem cessar recriam, com nossos restos, os mesmos sentidos (como se fossem novos) e, mais que isso, instauram modos de ler os sentidos – que se materializam através das formações algorítmicas.

Para finalizar, duas perguntas: Robin (2016, p. 85) faz um comentário a respeito do apagamento do passado durante o Terceiro Reich, salientando que a organização nazista visava “não só aniquilar a população judaica da Europa, mas, também, os vestígios [...]”. Ainda descrevendo estes atos de destruição de memória, a autora usa as seguintes palavras: “desaparecimento, volatização, ausência de rastros” (p. 86). Como vimos até aqui, com o atravessamento do digital, temos exatamente o mesmo (embora com ordem distinta): o apagamento das marcas. Se no século XX eram os nazistas que ganhavam com esta dissipação dos rastros, quem ganha hoje? A quem interessa a produção de

esquecimentos – que se dá de modo extremamente refinado já que, agora, esquece-se justamente porque é possível tudo guardar?

São as máquinas que triunfam com estes desaparecimentos, fundando novos modos de subjetivação e, como tentamos mostrar, de formulação e circulação de sentidos. Neste texto, tentamos pensar sobre isso partindo de Benjamin, da metáfora do vidro e do vento e das formações algorítmicas, tendo como base a Análise de Discurso materialista. No entanto, certamente, existem inúmeras outras maneiras de buscar as tessituras entre o digital, os sujeitos e os sentidos. Assim, o desejo é que continuemos dando consequência para esta busca e, como estamos inseridos no campo dos estudos da linguagem, que não deixemos de lado, como nos ensinou Pêcheux, “o fato da língua” em nossas interpretações – não apenas por conta da materialidade linguística, mas sobretudo pela ideologia. É na língua que a materialidade ideológica, através do discurso, se constitui e é não prescindindo da ideologia em nossos gestos analíticos que, talvez, possamos entender melhor os ecos fascistas que assombram nossa sociedade e ganham protagonismo nos/ pelos vidros e ventos do digital.

## Referências

ADORNO, G. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994 [1933].

DIAS, C. O discurso sobre a língua na materialidade digital. **Interfaces**, Guarapuava, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: [https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/index](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/index). Acesso em: 16 ago. 2022.

DIAS, C. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. **Revista Eletrônica dos Estudos do Discurso e do Corpo**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8–20, 2016.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

FERRAGUT, G. **Sentidos de polícia e milícia e seus efeitos na sociedade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2018.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível. O discurso na história da lingüística.** Tradução Bethania Mariani e Maria E. C. de Mello. Campinas: Pontes, 2010 [1981].

HENRY, P. On ne remplace pas le cerveau par une machine: un débat mal engagé. *In:* HENRY, P. **Intelligence des mécanismes, mécanismes de l'intelligence.** Paris: Fayard, 1986.

MODESTE, S. **Enseigner l'algorithme pour quoi ? Quelles nouvelles questions pour les mathématiques ? Quels apports pour l'apprentissage de la preuve ?** 2012. Tese (Doutorado em Linguística) - Université de Grenoble, Grenoble, 2012.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007 [1992].

ORLANDI, E. Conversa com Eni Orlandi. *In:* BARRETO, R. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan./dez. 2006.

PARISIER, E. **O filtro invisível:** o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2012.

PÊCHEUX, M. Abertura do colóquio. *In:* CONEIN, B. *et al.* **Materialidades Discursivas.** Campinas: Editora da Unicamp, 2016 [1980].

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990 [1982].

# De usuário comum a influenciador: uma análise do discurso digital sobre a ascensão de *Top voices* do/no LinkedIn

Viviane Quenzer (UFSCar)

Lígia Mara Boin Menossi de Araújo (UFSCar)

# Introdução

A Análise do Discurso Digital, objeto de reflexão nesta obra, é fruto de pesquisa de muitos grupos já consolidados no Brasil, alguns deles dão enfoque aos estudos desenvolvidos pela professora Marie-Anne Paveau, principalmente, após a publicação da tradução de um de seus principais trabalhos *Análise do Discurso Digital: dicionários das práticas e das formas* (2021). Contudo, é importante frisar que outros trabalhos a partir de abordagens distintas têm sido desenvolvidos no país e trazem reflexões profícuas e de grande contribuição para os estudos da linguagem no ambiente digital, a saber: as teorizações empreendidas pela professora Cristiane Dias, no texto *Análise do Discurso Digital: sujeito, espaço, memória e arquivo* (2018); o trabalho da professora Lúcia Teixeira que versa sobre a enunciação digital em *Linguagens na Cibercultura* (2014); o trabalho do professor Fábio Malini sobre uma *Ciência de dados e um método perspectivista de análise de redes sociais* (2016) e, também, a perspectiva empreendida pela professora Raquel Recuero no âmbito das ciências da comunicação e da conversação em rede.

Para este capítulo, traremos algumas reflexões a partir de Recuero (2020), em seguida iremos percorrer as ideias de Paveau (2021), nas quais estaremos situadas teórica e metodologicamente. Nosso objetivo é compreender os aspectos discursivos que possibilitam que um usuário comum se torne um *Top Voice*<sup>44</sup> do LinkedIn a partir da investigação do funcionamento dessa rede social. Para isso nos perguntamos: o que faz um sujeito enquanto usuário de uma rede social que tem como enfoque a carreira, a busca por vagas ou a disseminação de oportunidades de trabalho, ter seu perfil escolhido como uma das vozes de destaque, uma voz que influencia as demais enquanto disseminadora de ideias?

A partir da observação empírica do LinkedIn, faremos uma breve descrição e análise de suas funcionalidades e funcionamento nos baseando nas seis características dos discursos digitais nativos: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade, assim como nas implicações das produções discursivas humanas perpassadas pelo funcionamento da *web 2.0*, a fim de examinar o processo de elegibilidade de *Top Voices* da plataforma.

Recuero (2020) afirma em seu livro *Redes sociais na internet* que os atores são o primeiro elemento de uma rede social, mais especificamente, os nós ou nodos da rede. Para a autora, dado o fato de que o distanciamento entre os envolvidos na interação via

---

44 O LinkedIn Top Voices é um programa criado pelo [LinkedIn](#) para dar visibilidade a perfis de usuários que compartilham bastante conteúdo, engajam pessoas e, por consequência, acabam se tornando referência em determinada área. A curadoria de perfis que recebem o título de Top Voices é realizada pelos funcionários do LinkedIn e a lista é divulgada pela própria rede.

rede social é condição principal e característica, esses atores não são imediatamente discerníveis. Nessa perspectiva, entendemos que a construção de identidade nas redes sociais funciona como um “eu” que fala nesse espaço e a partir da percepção de si e do outro, isto é, de suas conexões. Logo, a autora aponta, ainda em seu livro, que Judith Donath (1999) sustenta que, no ciberespaço, pelo fato de não haver as informações que normalmente constituem a comunicação em que os atores estão face a face, as pessoas percebem e são percebidas por suas palavras e pelas informações que dividem na rede.

Essa construção que o ator faz de si é mais visível e complexa em perfis de redes sociais como o LinkedIn que, de modo individual e identitário, podem tornar-se mais exacerbadas por se tratar de uma rede social profissional na qual a imagem que um ator constrói de si é fundamental para a percepção de quem essa pessoa seria como profissional. Nesse sentido, apontamos a postura ativa de seus usuários que é estimulada pela rede por meio do fornecimento de informações sobre a atuação, a trajetória e os *insights* profissionais de atualização do perfil, da produção textual, das postagens de fotos e de vídeos e dos comentários produzidos nas postagens de outros usuários.

Na descrição de perfil, os usuários expõem seus interesses e visões, cursos que realizaram e outras atividades relevantes do ponto de vista profissional. É orientado também a fornecer as funções e cargos já empregados e a descrição de suas atividades ao longo dessa atuação, além de disponibilizar os idiomas que domina, as certificações e as competências desenvolvidas durante a carreira profissional. Em síntese, trata-se de uma apresentação fortemente curricular com o intuito de transparecer credibilidade aos outros usuários a partir da construção de uma imagem<sup>45</sup> adequada às demandas de um cargo específico e/ou ao mundo do trabalho.

---

45 Sobre a construção da imagem de si e sobre *ethos*, os trabalhos de Dominique Maingueneau (2020) têm sido referência para os estudos sobre o tema. Salientamos que caberia nos debruçarmos sobre a questão, entretanto, em virtude do escopo do trabalho neste momento, registramos aqui que os perfis podem construir um *ethos* acerca do que é ser um profissional de excelência hoje nas redes e que um artigo sobre o tema está em fase de finalização.

**Figura 1.** Página Inicial – Perfil Dalva Corrêa

**Dalva Corrêa** (Ela/Dela) · 1º

LinkedIn Top Voice 2020 e Creator 2021 | Professora de português corporativo | Mentoria de escrita autêntica | Gomber

Fala sobre #linkedin, #portugues, #treinamento, #producaodeconteudo e #redaçãocorporativa

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil · [Informações de contato](#)

[Visite o meu site!](#)

140.288 seguidores · + de 500 conexões

109 conexões em comum: Stephanie Azevedo, Thayô Amaral e mais 107 pessoas

[Enviar mensagem](#) [Mais](#)

### Sobre

Encorajar e ajudar você a encontrar sua melhor versão na escrita é a minha Batida Perfeita. Sou entusiasta da comunicação para pertencer, acolher, resolver e criar laços — um desafio instigante que me move.

A nossa trilha começa com o aprendizado das regras gramaticais mais utilizadas no dia a dia; aquelas que tiram o seu sossego na hora de escrever seus textos (eu ouvi "vírgula?").

O próximo passo é desconstruir crenças como "se eu não li muito na infância, não posso escrever agora"; "preciso ter uma linguagem 'cult' para publicar textos"; e ainda "tenho medo do julgamento alheio, pois quero agradar todo mundo".

É uma construção, e eu estou ao seu lado nessa jornada.

Minhas soluções:

Treinamentos para empresas: o objetivo é desenvolver a comunicação escrita das equipes, em relação à adequação da linguagem e à correção gramatical. Algumas empresas que já receberam meus treinamentos: MAG Seguros, Brasil Terminal Portuário, Unimed Paraná, Temp Log, Mais Diversidade, Farmax, Benner, Forship.

Curso on-line "Treine seu Português": escrever corretamente no trabalho é primordial. Aprenda com linguagem simples, didática e direta ao ponto para você aprender e aplicar de imediato em sua escrita.

Guia digital "Português para quem não tem tempo: 99 dicas rápidas sobre casos gramaticais para você não errar mais!": para você tirar as dúvidas mais comuns.

Oficina de produção de conteúdo no LinkedIn: destrave sua escrita e produza conteúdo autêntico, com sua essência e verdade.

Mentoria "Minha Batida Perfeita": para você que precisa alavancar sua marca pessoal e encontrar sua voz por meio da escrita, conquistando liberdade de escrever textos que represente sua essência.

Publiposts para marcas: apresente sua marca no LinkedIn, a partir de conteúdos exclusivos, utilizando meu perfil como vitrine. Contato e proposta com o meu agente, Erih Carneiro (erih.carneiro@gombo.com.br).

Mais informações em [www.dalvacorrea.com.br](http://www.dalvacorrea.com.br).

.....

Quem sou eu por trás da Batida Perfeita?

Aprecio bons vinhos e queijos; amo todo tipo de pão; escuto MPB, jazz, love songs, disco e charm music. Também curto leituras que me tirem do raso, do superficial. Cresço quando mergulho no mar de dentro, e os livros ajudam bastante. E ainda, adoro falar sozinha, assistir a séries, dançar forró e cantar a música "Beija-me" com o meu filho Benjamin, de 5 anos, fazendo trocadilho entre os nomes.

Vamos estreitar nossa relação?

Meus contatos:  
Telefone: (21) 96439-5674  
E-mail: falecom@dalvacorrea.com.br

Um abraço aconchegante.

**Fonte:** <https://br.linkedin.com/in/dalvacorrea>

As informações fornecidas funcionam como uma espécie de pequenas partes que formatam o todo daquele ou daquela profissional, isto é, expressam um aspecto da identidade construída e percebida, representam uma das múltiplas facetas do sujeito profissional. Ademais, no caso do LinkedIn, essas informações não são importantes apenas para reconhecimento e percepção de outros usuários, de conexões, mas também servem como filtro de busca para ações promovidas pela rede como, por exemplo, a seleção de *Top Voices*.

Não se trata mais de um fato novo a afirmação de que as redes sociais modificaram o modo como a sociedade contemporânea interage, produz e divulga os fatos, agora a questão que se impõe é como elas impactam as relações sociais desde a preocupação com o acesso de jovens e crianças a conteúdos inadequados até a manipulação de dados que produzem *fake news*<sup>46</sup>. Assim, as redes sociais proporcionaram um modelo de comunicação não somente do ponto de vista da amplificação do acesso e disseminação de discursos sem fronteiras geográficas, mas também na produção propriamente desses discursos. Para Marie-Anne Paveau (2021, p. 33), “a produção linguageira *na* máquina é, na verdade, uma produção *da* máquina e é, de fato, uma evolução inédita na história da linguagem”.

As redes sociais, de modo geral, possuem elementos que formatam seu funcionamento, como os recursos linguageiros e não linguageiros, entretanto, cada rede social impõe um manejo específico desses elementos para moldar o modo como essa rede e as informações que nela circulam são percebidas. “Desse modo, os discursos que circulam na *web* estão todos materialmente interligados, isto se dá porque a própria arquitetura e funcionamento da rede torna esses discursos extremamente relacionais” (Paveau, 2021, p. 33). Com efeito, nos interessamos especificamente pelo LinkedIn por ter como premissa básica de existência a conexão entre “profissionais do mundo todo, tornando-os mais produtivos e bem-sucedidos” (LinkedIn, 2022).

Por ser a “maior rede profissional do mundo, com mais de 774 milhões de usuários” (LinkedIn, 2022), o LinkedIn tornou-se um espaço *on-line* que promove mudanças culturais e comportamentais no mundo do trabalho. De acordo com uma pesquisa realizada pelo *site* Jobvite, em 2019, “o paradigma de recrutamento tem mudado desde o surgimento das tecnologias de informação, assumindo as redes sociais virtuais profissionais um papel cada vez mais importante para esta ação”.

De modo objetivo, diríamos que o LinkedIn é um *site* que possibilita diversos tipos de interação com objetivos relacionados ao aspecto profissional. No tópico a seguir, faremos uma breve descrição dos elementos que fazem parte do processo de elegibilidade de *Top Voices* por meio da observação empírica da rede e de pesquisas em mecanismos de busca como o Google em articulação com as noções propostas por Paveau (2021).

---

46 As *fake news* são entendidas como notícias falsas em virtude de não ter sua veracidade comprovada por agências e *sites* especializados em verificação ou por técnica de checagem jornalística, recursos já conhecidos e mundialmente utilizados no seu reconhecimento.

# Top Voices: vozes influenciadoras da maior rede profissional do mundo

Dos elementos que compõem o perfil de um usuário no LinkedIn, interessamo-nos especificamente pelo que chamamos de produções textuais, ou seja, publicações feitas no *feed*<sup>47</sup> por esses usuários *Top Voices* que promovem e produzem uma espécie de alavanca para o *ranking*. De acordo com informações encontradas nessa rede profissional, a iniciativa teve sua origem no Brasil em 2016 e continua até hoje. Segundo Erica Firmo<sup>48</sup> (2019), em participação no *podcast Insider*, os critérios para a escolha dos *Top Voices* são:

Primeiro critério de seleção: **engajamento** gerado pelo usuário; segundo critério: **crescimento de seguidores** desses usuários; terceiro critério: o **número de vezes que o usuário foi destacado por algum dos nossos canais**, então temos o boletim diário, temos também os conteúdos diários que são gerados na plataforma, os nossos jornalistas que são humanos, estão aqui, não são robôs, eles fazem curadoria diária de conteúdo, e se você tiver o seu conteúdo destacado em algum dos nossos canais oficiais a sua chance de ser notado conta ponto para você entrar para a lista de *top voices*, e também a diversidade dos assuntos. [...] E por último, diria inclusive que é o critério mais importante, atrelado a tudo isso, o nosso time editorial faz uma análise para selecionar esses assuntos relevantes e identificar as vozes de destaque. Então, eles efetivamente leem o conteúdo que esses *top voices* postam, fazem uma análise em profundidade desses materiais e a lista é publicada (transcrição e grifos próprios)<sup>49</sup>.

A entrevistada ainda afirma que *Top Voices* são “usuários do LinkedIn que compartilham pontos de vistas únicos que produzem *posts* que podem ser artigos, *posts* no *feed* ou vídeos que promovem conversas que geram engajamento” (Firmo, 2022, transcrição própria). Diante disso, entendemos que, ao dar destaque a determinados usuários, o próprio LinkedIn decide o que e como pontos de vista únicos devem ser.

A interação atua como processo base na formatação de redes sociais, o Facebook, Twitter e Instagram, por exemplo, apesar de serem plataformas de expressão individual – fotos, opiniões, textos, partes do dia postadas pelo próprio usuário –, também produzem

47 Página do usuário em que ficam registradas suas atividades e publicações.

48 Erica Firmo é Head de Comunicação do LinkedIn, podemos dizer, de modo sucinto, que a função deve planejar, supervisionar a elaboração e a execução de estratégias e campanhas de comunicação. Perfil do LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/ericafirmo/recent-activity/posts/>.

49 Disponível em: <https://anchor.fm/insider/episodes/LinkedIn-responde--06--Como-so-escolhidos-os-Top-Voices-e6d0dc>. Acesso em: 23 set. 2022.

espaço para a interação. Se de um lado há uma interação menos ativa, como ler, curtir<sup>50</sup> e ver o que suas conexões estão postando em suas redes, por outro permitem uma interação extremamente ativa, como postar conteúdo, compartilhar postagens, comentar e enviar mensagens privadas para outros usuários.

Os membros falam sobre suas histórias de carreira, vagas de emprego e ideias em vários formatos, incluindo *links*, vídeos, textos, imagens, documentos e artigos longos. Os membros participam de conversas em duas funções distintas: como criadores de conteúdo que compartilham postagens e como visualizadores de *feeds* que leem essas postagens e respondem a elas por meio de reações, comentários ou compartilhamentos. Ao ajudar os membros a participar ativamente dessas conversas profissionais, estamos cumprindo a missão do LinkedIn de conectar os profissionais do mundo para torná-los mais produtivos e bem-sucedidos (Li, 2019).

De acordo com Recuero (2020), essas ações de interação respondem às percepções que os usuários têm do ambiente. A rigor poderíamos supor que essa percepção seria negociada entre os próprios atores, mas em ambientes digitais como o LinkedIn, as ações e percepções são (co)construídas com a lógica estruturante da rede. No cerne das lógicas que orientam a interação nesse ambiente estão os algoritmos que compõem:

Sequências de instruções que permitem a solução de problemas. Na internet, eles permitem resolver o problema do tratamento da informação, procurando-a, processando-a, classificando-a, hierarquizando-a, etc. Para isso, eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar do que as outras, ou serão mais disseminadas do que outras, ou, pelo contrário, serão invisibilizadas. [...]. Os algoritmos, que muitas vezes parecem ter uma existência própria e capacidades de decisão, são evidentemente criados por humanos [...] (Paveau, 2021, p. 39).

O LinkedIn é uma rede social, isto é, uma aplicação da internet chamada de *web* (World Wide Web). Conforme Paveau (2021), as redes sociais fazem parte da *web 2.0*, *web social* ou *participativa* que surgiu em 2000 com o intuito de conectar pessoas e se baseia na interação de multiagentes. A autora esclarece que a comunicação, interação e publicação de conteúdos languageiros nas diferentes *webs* não têm as mesmas características daqueles até então estudados pela linguística. Nesse sentido, é preciso que se considere todos os aspectos da comunicação *on-line*, ou seja, integrar a dimensão sociotécnica das interfaces e da codificação informática e as modalidades de editoração dos conteúdos.

---

<sup>50</sup> O LinkedIn, assim como outras redes sociais como Facebook e Instagram, disponibiliza logo abaixo do *post* que aparece no *feed* do usuário um botão em que é possível manifestar satisfação ou não mediante a postagem.

É evidente que os discursos nativos da *web 2.0* estão em primeiro plano. A linguista francesa assevera que, no plano linguístico, os algoritmos funcionam como operadores de coerção discursiva e de instrução semântica. Logo, interpretamos aqui que os algoritmos determinam que tipo de discurso/ideia deve ou não estar em evidência a partir de instruções rígidas. Podemos afirmar que, de acordo com o excerto extraído da entrevista com Érica Firmo (2019), os usuários comuns que se tornaram *Top Voices*, provavelmente, seguem essas coordenadas algorítmicas em suas produções textuais.

Em uma busca rápida, notamos que a temática dos conteúdos que tornaram seus produtores vozes de referência na plataforma reproduzem narrativas que funcionam a partir de uma lógica específica. De diferentes áreas do conhecimento, sexo, gênero e raça, essas vozes funcionam como norteadores para um comportamento humano melhor.

Sob o neoliberalismo, a coerção é internalizada, de modo que os sujeitos se autorreificam sob a égide da lógica da mercadoria. Essa forma de autogoverno, é, como diz Ehrenberg, a mais efetiva, pois “só são eficazes os sistemas de governo que nos ordenam ser nós mesmos, saber empregar nossas próprias competências, nossa própria inteligência, ser capaz de autocontrole. A gestão pós-disciplinar é uma tentativa de forjar uma mentalidade de massa que economiza ao máximo o recurso às técnicas coercivas tradicionais (Safatle, da Silva, Dunker, p. 49 *apud* Ehrenberg, 2010, p. 89).

Entre os usuários eleitos, mencionamos a lista divulgada no ano de 2020. Os 25 brasileiros e brasileiras selecionados, de modo geral, relatam ter como motivação para seus conteúdos ajudar outras pessoas a refletir ou mudar seu comportamento em determinados assuntos e situações para atingir seus objetivos, em sua grande maioria, profissionais:

**Sobre o que ele fala:** As dicas de venda que André Santos compartilha no LinkedIn já o levaram longe: o especialista fez uma turnê de treinamento sobre *social selling* por dez cidades em quatro países diferentes. A inspiração ele tira da própria rede, estudando comportamentos de venda social e compartilhando *insights* – sempre de forma leve e divertida. “Tento ajudar pessoas a fazerem negócios e fortalecerem suas marcas pessoais”, conta.

[...]

**Sobre o que ela fala:** O grande objetivo da especialista é democratizar a informação e fornecer aos seus seguidores dados relevantes para que possam ter acesso ao mercado de trabalho. Para isso, Carolina Martins faz uso de artigos e publicações sobre processos

seletivos, RH e carreira. “Meu principal foco é trazer informações acerca da importância da humanização dos processos seletivos”, diz.

[...]

**Sobre o que ela fala:** Fundadora da empresa de mentoria Batida Perfeita, Dalva compartilha dicas para as pessoas que têm medo e insegurança na hora de escrever ou para aquelas que buscam aperfeiçoar a comunicação escrita. “Minha missão é encorajá-las e escrever com o coração na ponta do lápis, compartilhando essência, verdade e conteúdo de valor”, afirma. Em 2021, a mentora irá focar em três campos da comunicação: Escrita Criativa, Corporativa e Afetuosa.

[...]

**Sobre o que ele fala:** Programador e desenvolvedor de *software*, João costuma compartilhar sua paixão por temas ligados à inovação, do *big data* ao *blockchain*, além de dar dicas para quem trabalha na área de TI (Tecnologia da Informação). Além de recomendar cursos sobre programação, ele conta suas experiências de vida e divide conselhos sobre como superar obstáculos na carreira e sobre como exigir uma remuneração justa pelo seu trabalho (Kato, 2020, grifo próprio).

Dessa maneira, para compreender o funcionamento do LinkedIn no que tange à elegibilidade dos *Top Voices*, devemos considerar a influência e o entrelaçamento de aspectos que os textos *on-line* mobilizam, pois “se inscrevem, no sentido material do termo, num universo em que nada é esquecido e que é percorrido por ferramentas de busca e de redocumentação: eles são, portanto, investigáveis, ou seja, localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações e repetições (Paveau, 2021, p. 59).

## Análise do discurso digital e o funcionamento da rede social LinkedIn

O uso da internet, de tecnologias digitais e das redes sociais integra cada vez mais a nossa existência. De acordo com uma pesquisa veiculada pelo G1<sup>51</sup>,

Em 2019, o índice havia sido de 39%. O percentual de consumidores pela internet em 2021 representou **68,3 milhões de pessoas**, de acordo com o levantamento. Houve um aumento de 15,7 milhões de consumidores pela internet entre 2019 e 2021, sendo 13,8 milhões da classe C.

---

51 Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 23 set. 2022.

Ainda que não se trate de uma realidade universal, os números são expressivos e demonstram a necessidade de pesquisas no âmbito das Ciências Humanas a esse respeito. Dado que o LinkedIn é uma rede social digital, isto é, funciona sob processos codificadores e decodificadores e influencia diretamente nas interações e postagens que emergem de acordo com a sua própria política, torna-se necessário explicar sua infraestrutura, em especial, para este capítulo, seu funcionamento em relação à elegibilidade dos *Top Voices*.

Paveau (2021, p. 28) “descreve como discurso digital nativo as produções que são elaboradas *on-line* independente do aparelho, interface, plataforma ou ferramenta de escrita”. Assim, ela atenta para o fato de que os discursos digitais nativos têm como característica maior a relacionalidade, ou seja, são integrados em uma rede algorítmica que sustenta o seu funcionamento e circulação e, simultaneamente, “lhes confere características linguisticamente inéditas como a clicabilidade no plano morfolexical ou a imprevisibilidade no plano discursivo” (Paveau, 2021, p. 30). Além disso, a autora propõe que o discurso digital nativo possui seis características:

- a) Composição: “são compósitos, ou seja, são constituídos por uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o languageiro e o tecnológico de natureza informática” (Paveau, 2021, p. 58).
- b) Deslinearização: são “deslinearizados pelos *links* hipertextuais, que direcionam o texto fonte e seu leitor para outro discurso, em outra janela do navegador e outra situação de enunciação” (Paveau, 2021, p. 58).
- c) Ampliação: possibilitam “uma enunciação ampliada, por causa da conversacionalidade da *web* social” (Paveau, 2021, p. 58).
- d) Relacionalidade: estão todos em relação: “com outros discursos, por causa da reticularidade da *web*; com os aparelhos, por causa da sua natureza compósita que faz com que os enunciados sejam coproduzidos com a máquina; com os escritores e os (escri)leitores, que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e leitura” (Paveau, 2021, p. 58).
- e) Investigabilidade: “localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações, repetições etc. Essa investigabilidade acontece devido à situação dos metadados: [...] os metadados dos discursos digitais nativos lhes são interiores (inscritos no código)” (Paveau, 2021, p. 58).

f) Imprevisibilidade: por serem “parcialmente produzidos e/ou formatados por programas e algoritmos, tanto no plano de sua forma (passando automaticamente de um lugar de enunciação pré-digital a um lugar digital, um enunciado muda de forma), quanto no plano de seu conteúdo (algumas ferramentas, como os programas, redocumentam os discursos nativos dispersos, criando conteúdos originais” (Paveau, 2021, p. 58-59).

Por isso, torna-se necessário “analisar o discurso digital nativo por meio de uma perspectiva ecológica” (Paveau, 2021, p. 159). Tal perspectiva defende que um discurso é indissociável e constitutivamente integrado ao seu contexto, ou seja, uma análise precisa considerar igualmente a matéria languageira e tecnológica. Desse modo,

As formas tecnolinguageiras possuem componentes tecnológicos que uma análise logocentrada descartaria; a produção e a recepção discursivas *on-line* implicam gestos de escreitura do usuário inseparáveis dos enunciados (clique, rolar, tocar); os tecnodiscursos possuem uma dimensão relacional, sendo todos em graus variados e em variadas configurações, ligações técnicas para outros enunciados (Paveau, 2021, p. 159).

Provido de dados fornecidos pelos usuários, como dados pessoais e rastros de navegação durante o uso do LinkedIn, os filtros algorítmicos decidem quais discursos aparecem e para quem. Como mencionado anteriormente, esses algoritmos determinam previamente quais dinâmicas se darão naquele espaço a partir das políticas da empresa (rede social), eles “calculam os rastros das nossas atividades, ordenando e transformando esses rastros em ferramentas de previsão do futuro. Eles calculam “uma nova forma do social” (Cardon, 2015 *apud* Paveau, p. 40). Como este texto trata dos elementos técnicos do LinkedIn em relação à ascensão de *Top Voices*, iremos descrevê-los sob a perspectiva da Análise do Discurso Digital e a partir das considerações de Erica Firmo (2019) no excerto extraído do *podcast Insider*.

Um *Top Voice* é um usuário que produz conteúdo para a rede em formato de texto, mas podendo ser em formato de vídeo. Para fins de análise, iremos refletir acerca das produções textuais, mais especificamente no que na rede é chamado de *publicação*. Uma publicação no LinkedIn é um gênero nativo digital, toda sua construção é realizada *on-line* e em espaço determinado, como podemos observar na figura abaixo.

**Figura 2.** Publicação LinkedIn – perfil Viviane



**Fonte:** <https://br.linkedin.com/in/vivianequenzer>

Uma publicação pode ser a postagem de uma foto ou vídeo com ou sem legenda, aviso de um evento ou um texto. Os textos redigidos diretamente na linha “Começar publicação” normalmente são mais curtos por haver um limite de caracteres; para textos mais longos é recomendado “Escrever artigo”.

De acordo com o *Top Voice* (2022) Márcio Araújo, não existe fórmula mágica para escrever textos que engajam, mas ao observar os conteúdos de outros *Top Voices* percebeu que algumas práticas funcionam para a maioria, como tentar resolver dores reais de seus leitores-usuários. Araújo ainda aponta como boas práticas o uso de palavras simples, parágrafos curtos e uma boa estratégia de narrativa e de *storytelling*<sup>52</sup>.

Contudo, como indica Paveau (2021), para trabalhar com os discursos digitais nativos, é necessário abandonar a concepção logocêntrica da linguagem, isto é, a noção de que a criação languageira em máquinas é de total responsabilidade do humano. Os discursos digitais nativos, nesse sentido, não são puramente linguísticos, suas “determinações técnicas (co)constroem as formas tecnolinguageiras”. A autora salienta que adotar uma perspectiva ecológica e integrativa é reconhecer o papel dos agentes não humanos nas produções languageiras, mas que não se trata de “hipertrofiar o tecno- e recair numa mitologia da máquina toda-poderosa destituindo o humano de sua condição de sujeito” (Paveau, 2021, p. 31).

Como mencionado anteriormente, os discursos digitais nativos da *web* têm como característica fundamental a relacionalidade, o que faz com que esses discursos estejam sempre encadeados. A estudiosa estabelece que entre os discursos e seus enunciadores está o que lhes confere propriedades particulares como a

Investigabilidade (todo enunciado *online* pode ser pesquisado e encontrado por meio de ferramentas como os buscadores) e sua idiogitibilidade (todo enunciado da *web online* tem uma forma única e subjetiva, determinada pelos parâmetros de navegação, de sociabilidade, de leitura e de escrita do internauta). [...] a relacionalidade é material e

<sup>52</sup> Técnicas de narrativa utilizadas pelo *marketing* para contar histórias de forma persuasiva e envolvente.

automática, e não depende das marcas de intertextualidade ou de analogias provindas da competência interpretativa do analista. Novamente, é preciso considerar a máquina, e equipar-se para compreender os enunciados que são *links*, tomados em circuitos automáticos de coleta, de tratamento e de redocumentarização, e que são, literalmente, inumeráveis: de fato, a relacionalidade tem, como consequência, uma multiplicação desmedida da circulação dos enunciados *on-line* (Paveau, 2021, p. 33-34).

Para falar das publicações nessa rede social, é importante retomar parte fundamental da elaboração de um texto, que é a escrita. A escrita no computador, conforme aponta Paveau (2021), se difere da escrita manual, isso porque o computador permite ações que a mão e a caneta não podem, isto é, a escrita digital é uma escrita ampliada, a “configuração das ferramentas de escrita da *web* social permite, de um lado, prolongar os escritos por adição (os comentários, especialmente) e, de outro, proporcionar a circulação mais facilitada (compartilhamentos e reblogagem<sup>53</sup>)” (Paveau, 2021, p. 53).

Isto quer dizer que a compreensão e percepção daquilo que é produzido ganha outros sentidos a partir das interações *on-line*. É empiricamente notável que publicações que viralizam e/ou que são muito curtidas, comentadas e compartilhadas geram sentimentos específicos no leitor, como a credibilidade. Os comentários, em especial, prolongam esse texto agregando outros sentidos, se opondo ou validando a discussão.

No caso dos *Top Voices* poderíamos supor que os conteúdos que emergem, isto é, que cumprem os ditames algorítmicos, influenciam no seu engajamento. Além do mais, quanto mais um conteúdo aparece, mais pessoas veem e podem interagir com ele, mais conexões (seguidores) obtêm. A partir desses dados quantitativos e validadores, se desafia um sistema que se retroalimenta: os *Top Voices*.

Nesse sentido, o comentário funciona como elemento constitutivo da noção de engajamento a que se refere Firmo (2019) em entrevista ao *podcast Insider*, ou seja, é fundamental em publicações do LinkedIn. Como mencionado anteriormente, é por meio de um comentário que outros usuários podem exprimir suas opiniões, contrapontos, interpretações, sugestões, além de outras proposições ou conversas. Paveau (2021) afirma que um comentário *on-line* é um enunciado produzido pelos internautas na *web* a partir de um texto primeiro e que são compósitos tecnolinguageiros que integram igualmente a dimensão tecnológica e linguageira, “o comentário *on-line* pode ser definido como um tecnodiscurso segundo, produzido num espaço escritural específico e enunciativamente restrito, no seio de um ecossistema digital conectado” (Paveau, 2021, p. 102).

<sup>53</sup> Compartilhar seria mais adequado para o LinkedIn.

De acordo com a dica dois “otimize seu *post* para receber (muitos) comentários” do artigo “5 dicas para aumentar o engajamento dos seus *posts* no LinkedIn”<sup>54</sup>, veiculado na própria plataforma e produzido por Lucas Gomes, quanto mais engajamento, isto é, reações, curtidas, comentários e compartilhamentos, o algoritmo entende que sua publicação é relevante, assim ela é mostrada para mais pessoas.

Em resumo, para ter um conteúdo engajado na rede social LinkedIn, é de extrema importância a paridade com os requisitos da rede, isto é, com os requisitos do algoritmo. Cada rede determina o que é relevante no *feed* a partir do seu propósito de existência, nesse sentido, as regras de alcance no Instagram são diferentes daquelas definidas para o LinkedIn, por exemplo.

Com o propósito de melhorar a experiência do usuário, o *feed* do LinkedIn para cada usuário depende de seus interesses e tipo de conexão. Isto quer dizer que, a partir da filtragem de contas com as quais o usuário interage e se conecta, os algoritmos da rede entendem que aquele tipo de perfil e conteúdo interessam, priorizando essas entregas. Pete Davies, diretor sênior de gerenciamento de produtos do LinkedIn, afirma que o *feed* do LinkedIn se trata de *pessoas que você conhece, falando sobre coisas que lhe interessam*<sup>55</sup>.

Desse modo, podemos dizer que conexões com interesses em comum são mais propensas a gerar engajamento mútuo e que os temas que definem o tipo de interação relevante para o *feed* da rede são aqueles relacionados ao propósito de existência da plataforma “tornar seus usuários mais produtivos e bem-sucedidos”.

No centro do *feed* está um algoritmo de aprendizado de máquina que funciona para identificar as melhores conversas para nossos membros. Em uma fração de segundo, o algoritmo pontua dezenas de milhares de postagens e classifica as mais relevantes no topo do *feed*. Para operar nessa escala e velocidade, o *feed* do LinkedIn possui uma arquitetura de duas passagens. Os primeiros classificados de passagem (FPR) criam uma seleção preliminar de candidatos de seus inventários com base na relevância prevista para o visualizador do *feed*. Os exemplos incluem atualizações de sua rede, recomendações de trabalho e atualizações patrocinadas. Um segundo classificador de passagem (SPR) combina e pontua a saída de todos os classificadores de primeira passagem. O SPR cria uma lista de classificação única e personalizada. FollowFeed é o FPR dominante que fornece atualizações de *feed* de sua rede. Mais de 80% das atualizações do *feed* vêm do FollowFeed, e essas atualizações contribuem para mais de 95% das conversas dos membros. Por meio dessas conversas, comunidades ativas são formadas e fortalecidas (Li, 2019).

---

54 Disponível em: <https://shorturl.at/lwBJO>. Acesso em: 11 nov. 2022.

55 Disponível em: <https://shorturl.at/kwBFP>. Acesso em: 29 set. 2022.

Outras de suas características, diretamente relevantes para a ascensão de *Top Voices*, são os filtros de análise de conteúdos. De acordo com notícias veiculadas na própria rede, o primeiro filtro pelo qual um conteúdo passa é a determinação de sua qualidade. Sendo de baixa qualidade conteúdos que pedem informações pessoais ou curtidas sem relevância, podendo ser considerados *spam*.

Após o cumprimento de qualidade, a publicação aparece no *feed* e sua permanência e entrega se dará após a análise algorítmica sob a perspectiva do engajamento – comentários, curtidas, compartilhamentos, ocultamento da postagem. Em caso de engajamento, o conteúdo passará pelo terceiro filtro, que consiste em avaliar o perfil que veiculou aquele conteúdo, ou seja, suas conexões, seus outros conteúdos, páginas que segue, *hashtags* que utiliza, grupos de que faz parte etc. E, para finalizar, a análise humana desses conteúdos.

Acerca das *hashtags*, Paveau (2021) postula que é um segmento linguageiro precedido do cifrão # e que esse segmento tem como característica a clicabilidade, o que permite acessar e rastrear um conjunto de outros enunciados que contêm essa *hashtag*. “É uma forma tecnolinguageira cuja função é essencialmente social, permitindo a afiliação difusa (*ambient affiliation*, noção proposta por Zappavigna (2011) dos usuários, a tecnoconversacionalidade e a investigabilidade (*searchability*) do discurso” (Paveau, 2021, p. 223).

## Considerações finais

A discussão sobre o funcionamento do LinkedIn em relação à elegibilidade de *Top Voices* torna evidente a necessidade de estudos cada vez mais aprofundados sobre o funcionamento digital das redes sociais em interface com a produção de discursos humanos. Embora os *Top Voices* participem do processo de moldar e disseminar significados específicos sobre uma série de temas, é evidente que os critérios para seleção e transformação de um usuário comum em *Top Voice* não está apenas relacionado com as produções discursivas que esse usuário realiza propriamente.

Como podemos observar por meio das reflexões de Paveau (2021), as produções nessa rede social sofrem interferência técnica ao serem colocadas em evidência por meio de processos específicos que combinam elementos linguageiros e não linguageiros para promover visibilidade (ou não) de determinados conteúdos e perfis. A escolha em observar a rede social LinkedIn sob o aspecto da determinação de *Top Voices* buscou demonstrar, ainda que inicialmente, que os discursos que circulam com maior ênfase

não são neutros e não têm seus significados plenamente atribuídos pelos sujeitos escritores – os discursos produzidos pertencem a uma rede semântica valorada pela rede e formatados por e para uma seleção algorítmica pré-programada.

Para finalizar, salientamos o fato de que a programação algorítmica é desenvolvida por humanos e que por isso refletem a ordem expressa dos proprietários destas plataformas, portanto, seus objetivos profissionais, crenças pessoais e metas financeiras. Desse modo, pode-se supor que as informações que são filtradas por esses algoritmos modificam e atribuem sentidos não previstos pelos usuários produtores de discursos.

## Referências

ARAÚJO, M. O que devo fazer para me tornar um LinkedIn Top Voice? **LinkedIn**, 2022. Disponível em: [https://www.linkedin.com/pulse/o-que-devo-fazer-para-me-tornar-um-linkedin-top-voice-m%C3%A1rcio-ara%C3%BAjo/?trk=pulse-article\\_more-articles\\_related-content-card](https://www.linkedin.com/pulse/o-que-devo-fazer-para-me-tornar-um-linkedin-top-voice-m%C3%A1rcio-ara%C3%BAjo/?trk=pulse-article_more-articles_related-content-card). Acesso em: 29 set. 2022.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Tradução Pedro Bendassolli. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

INSIDER: Como são escolhidos os Top Voices. Entrevistada: Erica Firmo. Entrevistador: 11 nov. 2019. **Podcast**. Disponível em: <https://anchor.fm/insider/episodes/LinkedIn-responde--06--Como-so-escolhidos-os-Top-Voices-e6d0dc>. Acesso em: 23 set. 2022.

KATO, R. LinkedIn Top Voices 2020: Brasil. **LinkedIn**, 2020. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/linkedin-top-voices-2020-brasil-rafael-kato/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 23 set. 2022.

KISO, R. Como funciona o Algoritmo do LinkedIn e como fazer *posts* de qualidade com base nele. **LinkedIn**, 2020. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/como-funciona-o-algoritmo-do-linkedin-e-fazer-posts-de-rafael-kiso/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 29 set. 2022.

KISO, R. Como o algoritmo do LinkedIn funciona e como fazê-lo trabalhar para você. **LinkedIn**, 2021. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/como-o-algoritmo-do-linkedin-funciona-e-faz%C3%AA-lo-para-/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 29 set. 2022.

KISO, R. Desvendando o algoritmo do LinkedIn: como garantir um bom alcance na plataforma. **BGCOM**, 2020. Disponível em: <https://bgcomunicacao.com.br/desvendando-o-algoritmo-do-linkedin/>. Acesso em: 29 set. 2022.

LI, Z. Community-focused Feed optimization. **LinkedIn**, 2019. Disponível em: <https://engineering.linkedin.com/blog/2019/06/community-focused-feed-optimization>. Acesso em: 23 set. 2022.

PAVEAU, M.-A. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Org. da tradução Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020. (Coleção Cibercultura)

SAFATLE, V. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SILVA, V. H. 81% da população brasileira acessou a internet em 2021, diz pesquisa; TV supera computador como meio. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 23 set. 2022.

# Intersecções semióticas no mundo digital

Edna Silva Faria (UFG)

# Introdução

As décadas mais recentes têm apresentado um imensurável crescimento da tecnologia, alterando modos de ser e de estar no mundo. O uso da tecnologia no cotidiano impôs um novo modo de funcionamento das relações entre sujeitos, entre sujeitos e máquina, das situações comunicacionais e da linguagem, alterando processos definidos e estabilizados.

A linguagem verbal cede espaço para a linguagem não-verbal e, nesse amplo espectro, passam a se correlacionar distintamente, surgindo novas composições pelo intermédio e conexões antes improváveis, agindo também sobre a produção dos discursos digitais. Essa reconfiguração implica um novo olhar sobre o modo como esses discursos digitais se organizam na (ou para) a veiculação de notícias, de informações, de arte, de objetos diversos, cujo impacto é marcante na sociedade, no dia a dia das pessoas em virtude da grande variedade de materiais a que estão expostas e com as quais estão em permanente e constante contato.

A semiótica discursiva entende o texto como uma relação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão e que o sentido é construído por meio de um percurso gerativo. Assim, neste texto não nos interessa discutir sobre os conceitos de texto, discurso ou digital, intenta-se apresentar como o texto se reconfigura por meio desse aparato tecnológico disponível para a produção do discurso digital, marcado por singularidades, que passa a ocupar um local privilegiado devido aos suportes para sua operacionalização. Os processos de leitura, antes mais estáveis e lineares, tornam-se mais flexíveis e deslinearizados e a complexidade é marca dessa construção linguística que acontece em uma tela de um aparelho eletrônico, pela qual o tecnodiscurso se erige, se mantém e se modifica.

Sob a luz da semiótica francesa ou discursiva e fundamentado nos estudos de Paveau (2021), Fontanille (2005), Barton e Lee (2015), Cortina e Silva (2014), dentre outros que contribuem para os estudos no campo do discurso e do digital, este texto discute a disposição como o universo tecnológico-digital se utiliza desses elementos verbais e não-verbais que, associados, compõem uma linguagem sincrética, por meio de intersecções na produção de material textual, que aciona, no receptor, todo o repertório sensorial no processo de recepção e de percepção dos tecnodiscursos ali apresentados e para a configuração da significação.

# Intersecções semióticas no universo digital: entre o possível e o ilimitado

A manifestação da linguagem em materialidades textuais é objeto de estudo desde longa data e, a cada época, observamos surgir e se estabelecer determinado conjunto de elementos ou estruturas, a partir de um ponto de vista ou de uma concepção teórica. Durante certo tempo, essa atividade analítica poderia ser considerada um tanto quanto simples, uma vez que a maioria do material textual disponível era o verbal, tempo em que a imaginação era a maior responsável pela criação de imagens elaboradas nas descrições e narrativas presentes nos textos, sobretudo antes do advento da televisão, quando a imagem e o som se reúnem ao verbal e se configuram como uma nova materialidade, solicitando, ao receptor desse material, uma forma diferente de lidar com toda a gama de possibilidades que se apresentava.

A união de imagem, som e palavra provocou uma revolução no campo das artes, tanto pela televisão quanto pelo cinema, modificando também a relação com a linguagem e, conseqüentemente, com textos e discursos veiculados nesses meios. O advento da computação, sinônimo de maior efervescência tecnológica, provocou mais mudanças e interferiu ainda mais nessa relação, sendo responsável por alterações nessa conexão, solicitando um exame metuculoso dessas novas práticas discursivas e textuais.

A vida atual encontra-se modificada de muitas maneiras, mas a maior delas e mais significativa foi a das inovações tecnológicas, principalmente as que, após o surgimento do computador, dizem respeito à internet e seus usos, o que interferiu de maneira significativa nas relações econômicas, culturais, pessoais e, também, na comunicação e na linguagem. O modo de funcionamento das relações passou por modificações intensas, em que a rapidez prevalece, em uma velocidade vertiginosa, tanto no que se refere à produção quanto à recepção de dados, operando mudanças em todos os sentidos e âmbitos sociais. Antes, informações que ficam segregadas a espaços mais restritos, com essa nova potencialidade tecnológica, passam a ser divulgadas, com imensa facilidade, em larga escala, em tempo real e com velocidade imensurável. O compartilhamento de dados tornou-se um dos pontos principais dessas alterações, e tudo está acessível a partir de um *click*, de um toque de dedos em uma tela ou em um teclado.

Essa modernização interferiu em práticas cotidianas, alterando processos comunicativos e, por consequência, no de criação, de recepção e de uso dos textos e nas formas de interação com os discursos gerados nesse ambiente virtual e a interferência da tecnologia sobre a linguagem torna-se um espaço, uma “mistura entre o linguístico

e o técnico”, nos dizeres de Paveau (2021, p. 119). Embora a tecnologia esteja munida de ferramentas e mecanismos que alteram a linguagem, não é possível considerar apenas o aspecto tecnológico isolado da linguagem, é necessário observar como ambos se encadeiam e, nessa conexão, de que modo interferem um sobre o outro. Para Barton e Lee (2015, p. 13, grifo dos autores):

A linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos. A linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos. Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças. Muitos estudos da linguagem se basearam num conjunto de conceitos bastantes estáveis, que parecem agora um tanto quanto forçados, à medida que a vida das pessoas esteja *on-line*. Por exemplo, num *site* que combina imagens e palavras, conceitos básicos como *texto* têm de ser redefinidos. As unidades centrais da sociolinguística como *variação*, *contato* e *comunidade* precisam ser repensadas. Muitos pesquisadores estão cientes de que as noções centrais de interação, como tomada de turno e face a face, funcionam de maneira diferente com os dados *on-line*. Noções de *autor* e *público* tornam-se ainda mais complexas. Não é totalmente claro quando devemos nos referir à linguagem como *escrita* ou *falada*; e as atividades de leitura e escrita estão sendo redefinidas.

O impacto dessa modernização tecnológica sobre a comunicação encaminha para que os olhares se voltem ao que essa novidade traz, em um território repleto de conexões e relações que se alteram e são alteradas em mínimo tempo. O surgimento<sup>56</sup> da internet, da expansão de seu uso para o meio acadêmico e, posteriormente, para fins comerciais, fez com que se tornasse uma rede de alcance mundial<sup>57</sup>, com milhões de usuários, e um amplo espaço de conexão, de disseminação de dados e de transformação, mas é com o advento da Web 2.0 que as relações entre usuário e rede se modificam mais, marcados pela interação e interligação entre desenvolvedores e usuários, resultando em uma variedade de linguagens e de conteúdos multimodais. É nesse contexto de interação tecnológica que observamos os discursos digitais emergirem e adquirirem impulso, ultrapassando as barreiras antes impostas pela ausência de determinados recursos, mostrando-se como um terreno fértil para os estudos no campo da linguagem e da significação, ou nos dizeres de Greimas (1973, p. 25): “[...] uma semântica geral, capaz de descrever qualquer conjunto significativo, não importando a forma pela qual se

56 A internet surgiu nos Estados Unidos, no ano de 1969. “Chamada de Arpanet, tinha como função interligar laboratórios de pesquisa. Naquele ano, um professor da Universidade da Califórnia passou para um amigo em Stanford o primeiro *e-mail* da história”.

57 Estima-se que, atualmente, atinja-se a marca de 5 bilhões de usuários de internet, o que corresponde a 63% da população mundial.

apresente, e independente da língua natural que possa servir, por razões de comodidade, à descrição.

Se nesse campo ou imensidade cibernética surgem novos discursos, é nesse contexto também que esses discursos precisam ser observados e analisados, um espaço em que a comunicação é mediada não apenas por pessoas ou seres languageiros, mas por um meio, o computador, que se torna um ambiente profícuo para que os discursos digitais ganhem forma e requer, portanto, uma nova maneira de observação desses eventos linguísticos, no seu ambiente de produção, e também novas ferramentas, uma vez que esses discursos são inerentemente sincréticos, segundo Paveau (2021). Estamos lidando não mais com uma linha escrita em preto, em linha reta, mas com “matérias compósitas, mestiçadas com o não-languageiro de natureza técnica. Falaremos então de formas tecnolinguageiras, tecnopalavras e tecnogêneros do discurso” (Paveau, 2021, p. 119), pois todos sofrem alguma interferência ou mediação do meio tecnológico.

Considerando a complexidade que se instaura nesse aspecto de estudo do discurso digital, a semiótica é um campo que favorece os estudos desse material por, em sua gênese, lidar com as mais diversas semioses, como a verbal, a imagética, a sonora, dentre outras, e sua forma de manifestação, nessa composição sincrética que se forma, pois, nos dizeres de Cortina (2014, p. 7), “para a semiótica, o contexto ou a realidade extralinguística também é um texto”. Entendo a dinâmica de funcionamento desse aparato, neste trabalho, em consonância com a linha teórica adotada, a semiótica de linha francesa ou discursiva, entendemos por texto

[...] uma relação entre um plano de expressão e um plano de conteúdo. O plano de conteúdo refere-se ao significado do texto, ou seja, como se costuma dizer em semiótica, ao que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. O plano da expressão refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético (Pietroforte, 2007, p. 11).

O plano de conteúdo é onde o sentido surge e o plano de expressão é onde se manifesta, assim podemos observar conteúdos sendo diferentemente manifestados em expressões diversas. A semiótica busca, então, compreender como os sentidos surgem e como se manifestam na expressão, o plano material da semiose, a disposição como se articulam em um contexto enunciativo marcado pela plurissensorialidade, o que dificulta e impõe certos limites ao trabalho com o texto e, muitas vezes, ocasiona uma limitação no campo da análise, pois trata-se de uma comunicação mediada<sup>58</sup> pelo computador. Sendo assim,

58 Comunicação Mediada pelo Computador (Computer-Mediated Communication – CMC) é um termo genérico que está sendo atualmente usado para representar uma variedade de sistemas que permitem que as pessoas se comuniquem com outras através do uso do computador utilizando redes de computadores. (Romiszowski; Mason, 1996). (<https://www.dca.fee.unicamp.br/>).

esse material textual sincrético requer uma atualização no processo de percepção da construção de sentidos, pois, segundo Cortina (2014, p. 8):

O texto sincrético não é uma simples bricolagem, uma mistura de componentes diversos; é uma superposição de conteúdos formando um todo de significação. Nele não há uma simples soma de seus elementos constituintes, mas um único conteúdo manifestado por diferentes substâncias da expressão. Não se trata de unidades somadas, mas de materialidades aglutinadas numa nova linguagem, do sentido individual ao sentido articulado, fruto de uma enunciação única realizada por um mesmo enunciador, fazendo com que cada substância do plano de expressão seja ressemantizada.

Para a semiótica, o sentido de um texto não surge gratuitamente, é a soma de um conjunto de elementos, é uma construção que ocorre no interior do texto, no percurso gerativo do sentido e se manifesta no plano da expressão. O discurso se estrutura de uma maneira bastante própria e tem uma organização particular, dentro da qual se constrói o sentido, o plano do conteúdo, que se manifesta no plano da expressão ou por diferentes planos de expressão. Hjelmslev estabelece que a manifestação se opõe à imanência, o postulado que “afirma a especificidade do objeto linguístico, que é a forma, e a exigência metodológica que exclui o recurso aos fatos extralinguísticos para explicar os fenômenos linguísticos” (Fiorin, 2008, p. 19).

Em seu princípio, a semiótica discursiva era marcada pelo estudo dos fatos internos do texto, especificamente do plano do conteúdo, sem relacioná-los com elementos extralinguísticos, porém essa percepção cede terreno para tendências mais atualizadas, talvez em virtude de se identificar essa invasão tecnológica múltipla na produção de textos, provocando uma necessidade de se ampliar o alcance dessa abordagem, como aponta Silva (2014, p. 233):

Se na fase inicial a preocupação da semiótica foi exclusivamente com o percurso gerativo do sentido, separando plano do conteúdo e plano da expressão para focar apenas o plano do conteúdo, nos últimos anos, porém, as preocupações se voltam para os dois extremos do percurso gerativo e também para fora dele. Assim, podem-se resumir as tendências da teoria semiótica em três direções: (i) aquém do percurso (precondições do sentido); (ii) além do percurso (enunciação); e (iii) fora do percurso, com os estudos do plano da expressão (sensível, sincretismo, semissimbolismo e níveis de pertinência).

Considerando, então, os primeiros estudos feitos com textos, lidar com o texto predominantemente verbal parecia uma tarefa mais simples, uma vez que nele se

emprega a linguagem verbal, porém essa afirmação perde o sentido quando tratamos de um poema, por exemplo, pela linguagem multifacetada e esse não é objeto desta discussão. Quando se trata do discurso digital, composto por uma série de elementos que acionam o campo sensorial ao mesmo tempo, há uma complexificação da tarefa, pois surge a necessidade de mais recursos para realização da leitura que, conseqüentemente, interferem na produção do sentido. Desse modo, há que se atentar para a pertinência do extralinguístico e a compreensão do proposto pelo conjunto de enunciados que compõem o material textual/discursivo analisado no âmbito do discurso digital.

Em se tratando do aspecto da produção do sentido e da manifestação desse sentido em um discurso sincrético, é importante considerar, em cada uma das semioses, o conteúdo e a expressão desse conteúdo, pois o “que é a forma é o que é manifestado e a substância (sons ou conceitos), sua manifestação” (Fiorin, 2008, p. 19). Isso significa que é necessário observar as relações entre os dois campos e suas especificidades.

Se os textos verbais são marcados por essa linearidade em sua constituição, os discursos digitais são marcados pela não linearidade, pois nesse espaço multilíngue de interação, textos são criados e reconfigurados a todo momento e a estabilidade cede vez para o hibridismo, uma vez que a inovação é a mola propulsora da criação e da veiculação desse objeto comunicativo, como apontam Barton e Lee (2014, p. 31):

Antes de tudo, não se pode mais pensar em *textos* como relativamente fixos e estáveis. Eles estão mais fluidos com as virtualidades mutantes das novas mídias. Além disso estão se tornando cada vez mais multimodais e interativos. Os *links* entre os textos são complexos no plano *on-line*, pois as pessoas recorrem e jogam com os outros disponíveis na *web*. Novas mídias também introduziram novas relações entre as noções tradicionais de fala e escrita. Mais gêneros híbridos são identificados na *web*.

As alterações que têm acontecido no plano do digital sinalizam para uma distinta maneira de operar e de se analisar esses objetos, desse feito é necessário que haja também um repertório acessível para que esses materiais discursivos possam ser acessados e a produção do sentido aconteça de forma satisfatória e, em se tratando da questão da linearidade, Paveau (2021, p. 54) destaca que uma das marcas do discurso digital nativo é a deslinearização, sobre a qual afirma:

Os discursos digitais nativos não se desenvolvem obrigatoriamente em um eixo sintagmático específico do fio do discurso, de acordo com a teoria pré-digital: eles podem ser deslinearizados pelos *links* hipertextuais, que direcionam o texto fonte e seu leitor para outro discurso, em outra janela do navegador e outra situação de enunciação.

É nesse contexto múltiplo e diverso, em que o sincretismo predomina, que as interseções semióticas se constituem, o verbo-visual e o sensório-motor se encontram, entrecruzam-se e operam, cada aspecto sensorial requer uma estratégia de leitura que alcance todos eles, dentro de cada especificidade, contudo o imagético, o visual ainda impera e o contexto e o elemento cultural tornam-se fatores ainda mais relevantes para a geração do sentido, tal qual afirma Hjelmslev (1975, p. 50): “[...] Considerado isoladamente, texto algum tem significação. Toda significação nasce de um contexto”.

O discurso digital também é marcado pelo sincretismo, por essa multiplicidade sensorial, e esse entrelaçamento de semioses amplifica as possibilidades de leitura do texto/discurso digital, portanto a operacionalidade se torna mais complexa. A relação não é mais construída apenas com um texto verbal, geralmente escrito em preto em uma folha ou na tela, que requer uma leitura linear e está orientada para uma determinada direção. Paveau (2021, p. 130) chama a atenção para uma pesquisa que Develotte *et al.* (2011) vem realizando desde os anos 2000, mostrando que “as interações multimodais por tela ocorrem em espaços nos quais coexistem elementos gráficos, icônicos, fixos ou animados, e funções de comunicação síncronas e assíncronas”. Esse suporte não é mais fixo e, a todo momento, imagens saltam aos olhos, as cores se manifestam, formas e sons invadem o espaço da tela do computador. As cores compõem uma gama de possibilidades para o toque em um *link* em cor azul ou um *hiperlink* lilás e, nos dizeres de Paveau (2021, p. 131): “Nos universos discursivos digitais nativos, a cor é uma marca visual que sinaliza uma propriedade dos tecnodiscursos. Ela sinaliza duas características dos tecnodiscursos: a hipertextualidade e a coletividade enunciativa”.

Essa é a nova construção textual/discursiva que compõe o discurso digital inserido na via cotidiana atual, em que ocorre uma mescla de elementos que, ao mesmo tempo, se complementam e concorrem entre si, na disputa pela atenção do usuário da rede.

Diante desse quadro, surgem algumas dificuldades, pois os olhos não se fixam mais nessa linha textual, mas precisam operar com uma gama de informações vindas de todos os lados, em uma composição de elementos flutuantes e atraentes, que constituem toda a esfera do que é possível em uma tela. Esse sincretismo impacta o destinatário e dele requer habilidades para a construção do sentido daquilo que está posto em um ambiente em que tudo significa: palavras, imagens, cores, sons e todos os recursos empregados pelo destinador enunciador. Nesse aspecto, Paveau (2021, p. 58) apresenta que os discursos digitais têm uma característica primeira: a da composição, que assim define:

Os discursos digitais nativos são compósitos, ou seja, são constituídos por uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o languageiro e o tecnológico de natureza informática, de forma manifesta (caso da *hashtag* ou do pseudônimo no Twitter, por exemplo, dotados de marcas de composição) ou não manifesta (caso de todos os tecnodiscursos *on-line* que dependem dos programas informáticos). Esse tipo de composição tecnolinguageira é desenvolvida por um hibridismo semiótico: os tecnodiscursos podem ser plurissemióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiose, texto, imagem fixa ou animada, som (por exemplo, a imagem macro ou cartaz).

A semiótica discursiva debruça-se sobre os textos em busca do sentido e, nesse campo, oferece um aparato de possibilidades para a experiência do contato com o discurso digital em seu ambiente de funcionalidade, em que os deslocamentos estão presentes e envolvem todos os objetos-semiose, que se configuram e se articulam a partir de seus princípios e singularidades. É nessa direção que a semiótica de linha discursiva oferece possibilidades para a leitura desses textos para, além do percurso gerativo de sentido, ao tratar também do campo do sensível, do sincretismo, do semissimbolismo, dos níveis de pertinência, das formas de vida, dentre outros, pois a significação, como aponta Fontanille (2005, p. 78, grifo do autor) “*é produto da resolução das heterogeneidades*”.

Trata-se, então, não de uma sobreposição de imagens, ou de palavras, ou de sons, mas de um novo arranjo que se constrói, que se articula em um âmbito de compleição múltipla, acionando ainda mais os sentidos do destinatário. Essa é uma forma poderosa de agir sobre o processo comunicacional, pois são utilizadas em conjunto e não isoladamente e circulam livremente, nesse território infindável, ilimitado e, até certo ponto inacessível e inalcançável, em certa medida, em virtude da extensão e da amplitude que alcança. Em um ambiente com essa natureza, a manutenção de certas estruturas linguísticas encontra fronteiras, pois nesses espaços, de acordo com Barton e Lee (2014, p. 33):

As pessoas mobilizam recursos semióticos disponíveis para construir sentidos e afirmar suas relações com os significados expressos. Em particular, elas combinam imagens e outros recursos visuais com a palavra escrita *on-line*. Novas relações de linguagem e imagem estão se desenvolvendo. A imagem não está substituindo a linguagem, mas estamos percebendo novas formas de esses modos trabalharem poderosamente em conjunto.

É por esse motivo que o discurso digital desperta tanto interesse, porque está inserido nesse ambiente profícuo para investigações. Nesse caso, o ilimitado é a palavra-chave que melhor se aplica, pois mesmo a seleção de simples exemplos ou ilustrações torna-se um ponto questionável: o que selecionar? O que escolher para ilustrar a discussão?

Que material é o mais adequado? Há material mais adequado? Com essas indagações ocupando o pensamento, selecionamos alguns elementos midiáticos para melhor ilustrar a discussão até aqui empreendida.

Não obstante a todo o aparato tecnológico disponível, jornais e revistas impressos necessitaram acompanhar a onda tecnológica impulsionada pelas publicações digitais para se manterem no mercado editorial, passando a circular na internet. Se por um lado essa estratégia diminuiu a produção impressa desses materiais, por outro ampliou o alcance dentro do território nacional e também no exterior, por se tornarem mais acessíveis pelo intermédio do uso da internet.

A seguir apresentamos, dentro das inúmeras possibilidades que se mostram na *web*, imagens de *print* de tela de cinco exemplares de objetos midiáticos, a fim de ilustrar como essas conexões e entrelaçamentos vão se mostrando quando um usuário acessa a rede. A seleção feita não se atém a aspectos específicos dos objetos ou à finalidade de cada um, mas os destacamos por serem materiais midiáticos conhecidos no país, que surgiram de maneira impressa e, posteriormente, adquiriram suas versões digitais. Dentre esses objetos estão um *site* de uma emissora de televisão, que oferece desde o jornalismo a variedades, um jornal e duas revistas de editoras diferentes, todos reconhecidos pelos serviços de que dispõem e pela grande circulação e alcance em território nacional e, em tempos de internet, também em território estrangeiro.

O primeiro exemplo consta na Figura 1, na página seguinte, é uma tela geral de busca do Google, em que se apresentam os elementos básicos e um pouco mais restritos, como uma espécie de sumário; estão constituídos com menos cores e/ou alterações, as quais só acontecem se o usuário clicar sobre um dos *links*, a fim de ver os vídeos, ou as imagens, ou encontrar mais notícias, ou ainda lidar com as demais ferramentas disponíveis e ao seu alcance na página. Os elementos presentes na Figura 2 são do acesso ao se selecionar o primeiro tópico da página inicial do Portal g1.

**Figura 1.** Portal g1 Globo



Fonte: <https://g1.globo.com/>

**Figura 2.** Acesso à primeira página do Portal g1



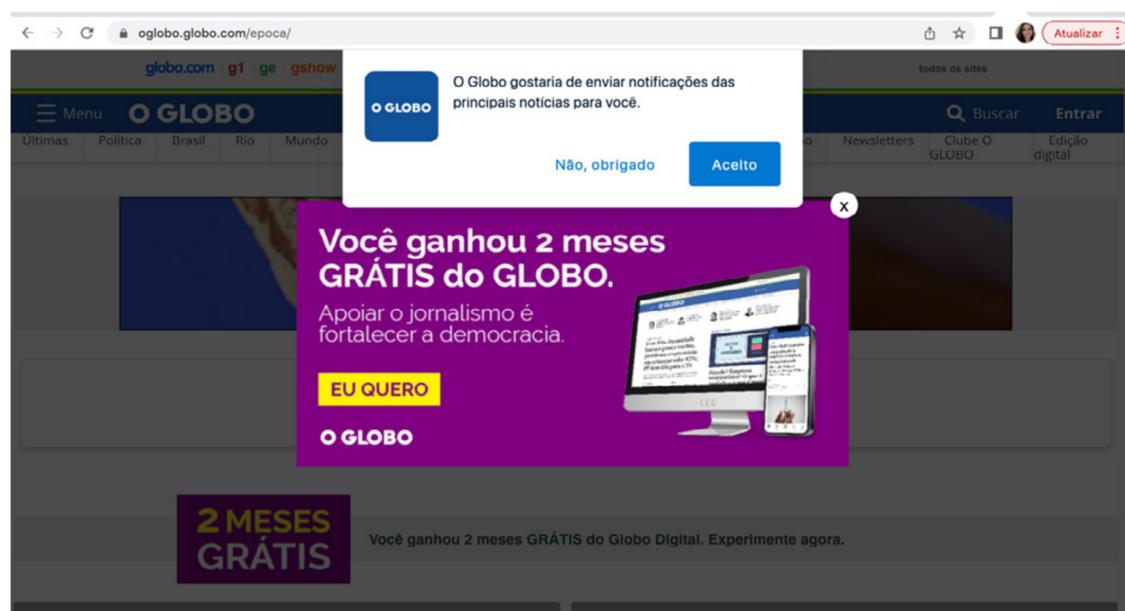
Fonte: <https://g1.globo.com/>

Nessa primeira página acima apresentada, o verbal ainda se destaca e, ao ser acessada, não há os *popups*, os materiais ainda estão estáticos e a interação é um pouco limitada. Para acessar os conteúdos, o usuário precisa clicar no *link* que deseja e as páginas se abrem. Até esse momento, a leitura ainda é feita de maneira simplificada, sem a ocorrência de tantos atrativos visuais, o que facilita o processo, pois o quesito informacional está claro. Ao clicar, por exemplo, no primeiro *link* – g1 – O portal de notícias da Globo, o usuário é redirecionado para a página seguinte, parcialmente representada na Figura 2 acima. Esse acesso traz diferenças do primeiro, pois nesse momento mais recursos visuais são apresentados, *popups* surgem à medida que o cursor vai deslizando sobre a tela, notícias são apresentadas e intercaladas com anúncios publicitários, que saltam aos olhos e roubam a cena, pois a mistura de verbal e não-verbal passa a dominar o campo visual, o colorido se acentua e, nessa página especificamente, as manchetes e chamadas das notícias estão escritas na cor vermelha, tornando-se ainda mais chamativas.

O procedimento de leitura é alterado, pois como as opções são inúmeras, é possível ao usuário escolher o que quer acessar primeiro, a tela não é movimentada de um lado para outro, mas de cima para baixo e, nesse alcance, clica-se onde se quer, realizando ligações diferentes e variadas, devido a essas manipulações, como aponta Paveau (2021, p. 148): “A natureza compósita dos enunciados digitais nativos inclui elementos não verbais, como a imagem, o som, o gráfico ou a ação. Toda ligação pode remeter a formas não-verbais, mas algumas manipulações tornam o verbal e o não verbal constitutivos”.

Na tela há as conexões entre o verbal e o não-verbal, mas no processo de manipulação desses elementos, o nível de complexidade se amplia, requerendo mais atenção e cuidado, pois ao simples toque, já se redireciona para outra notícia, ou se acessa o anúncio e situação semelhante acontece com as outras páginas, representadas (de maneira limitada) pelos *prints* de tela a seguir.

**Figura 3.** Portal Jornal O Globo



Fonte: <https://oglobo.globo.com/>

A Figura 3 ilustra o acesso à página inicial do jornal e, ao abrir-se a tela, automaticamente a solicitação de notificação de localização é mostrada ao usuário, que precisa responder selecionando uma das opções apresentadas, logo em seguida aparece um anúncio com oferta de assinatura. A interpelação é imediata, requerendo um posicionamento de quem está diante da tela. Nesse momento, o uso convencional passa a ceder espaço a algo mais dinâmico e interativo, convidando a uma escolha por parte do usuário para que o acesso à página tenha continuidade.

O processo de leitura ganha, desse modo, uma outra amplitude, porque o usuário passa a atuar mais efetivamente e a tela passa a ter uma outra dimensão nesse ambiente de contato, configurando-se como um espaço de aprendizagem e descoberta constantes, como destacam Barton e Lee (2015, p. 35): “A participação em atividades *on-line* em rápida mudança implica um aprendizado constante, grande parte do qual é informal. As pessoas aprendem de maneiras novas e diferentes...”.

A interatividade é um princípio para o contato com esse universo multimodal e múltiplo, mediada pela ação e requer, portanto, uma postura ativa para quem deseja se manter nesse ambiente. Lidar com essas novas formas favorece o internauta no sentido de que ele pode escolher o que primeiro quer ver, ou onde primeiro quer clicar, se primeiro vê as imagens e depois, a parte verbal; se não deseja acessar os anúncios, basta clicar no X na parte superior ou fechar o anúncio, enfim o domínio é dele, diante de tantas opções. Embora aparentemente isso seja uma demonstração de facilidade ou de acessibilidade, demanda habilidade de associação de tantos elementos para a construção do sentido e do percurso gerativo de significação de tudo o que está sendo exposto.

As próximas imagens, Figuras 4 e 5, constantes na página subsequente, são *prints* de tela que representam a página inicial de duas revistas de grande circulação em território nacional e seguem o mesmo padrão das imagens apresentadas anteriormente.

**Figura 4.** Revista ISTOÉ



Fonte: <https://g1.globo.com/>

**Figura 5.** Revista Veja



Fonte: <https://veja.abril.com.br/>

Da mesma forma que as figuras anteriores, essas são também compostas por um forte conjunto visual, que invade o campo de visão internauta, oferecendo oportunidades de selecionar o que acessará, na sequência ou ordem que melhor lhe convier, podendo ainda retornar a esses elementos quando lhe for mais interessante ou pertinente. Esse jogo de escolhas se dá em virtude da “sua mobilidade e a diversidade de suas possibilidades combinatórias”, segundo Fontanille (2005, p. 217).

Se o verbal tem seu papel de destaque nesses textos, o visual não é apenas um complemento, mas uma condição para as composições significantes, pois, para a semiótica o sentido é definido “como uma rede de relações, o que quer dizer que os elementos do conteúdo só adquirem sentido por meio das relações estabelecidas entre eles” (Pietroforte, 2007, p. 13). Isso quer dizer que, para que os sentidos se construam, é necessário ir além do que está posto visualmente, recorrendo aos constitutivos de todo o quadro, em um exercício de troca permanente, no ambiente ilimitado que a internet fez surgir e se consolidar como um grande instrumento de comunicação e linguagens.

A semiótica busca explicar os sentidos do texto a partir de seu plano do conteúdo e, no caso dos discursos digitais, precisamos refletir essas diferentes manifestações que podem ser estudadas ou analisadas, dentro de todas as possibilidades que esse campo teórico nos permite ter, seja pelo aspecto do percurso gerativo de sentido, do sensível, do semissimbolismo, do sincretismo, das formas de vida ou dos níveis de pertinência.

# Considerações finais

É notório como a tecnologia alterou modos de ser e de estar no mundo, impondo um funcionamento diferente ao cotidiano e à vida das pessoas, interferindo em suas relações pessoais e também tecnológicas com os mais diversos objetos de que dispõem em seu dia a dia. A comunicação e a linguagem não ficam isentas a essas alterações e a linguagem verbal e a não-verbal se correlacionam, originando novas composições e conexões antes improváveis.

Nesse campo em que a tecnologia dita um modo de ser e um *modus operandi* aos usuários de todos os aparatos disponíveis, surgem os discursos digitais, ou tecnodiscursos, mobilizados por elementos verbais e visuais, interferindo também no processo de leitura desses discursos e na geração de sentidos, sobre a qual debruça-se a semiótica discursiva. O sincretismo que nasce dessa relação entre diferentes semioses é um território vasto para contato com o discurso digital em seu ambiente de funcionalidade, bem como para novas possibilidades de leitura desses textos/discursos.

## Referências

BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. 8. reimpressão. São Paulo: Ática, 2008.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem on-line: textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CORTINA, A.; SILVA, F. M. da. (org.) **Semiótica e Comunicação: estudo sobre textos sincréticos**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2014.

FIORIN, J. L. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

FONTANILLE, J. **Significação e visualidade: exercícios práticos**. Tradução Elizabeth B. Duarte e Maria Lilia D. de Castro. Porto Alegre: Sulina, 2005.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix: EdUSP, 1973.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MUNDO SE APROXIMA DA MARCA DE 5 BILHÕES DE USUÁRIOS DE INTERNET, 63% DA POPULAÇÃO. 15/02/2022. <https://www.insper.edu.br/noticias/mundo-se-aproxima-da-marca-de-5-bilhoes-de-usuarios-de-internet-63-da-populacao/>. Acesso em: 24 set. 2022.

O GLOBO. <https://oglobo.globo.com/>. Acesso em: 24 set. 2022.

PAVEAU, M. A. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. (org.). COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. Campinas: Pontes, 2021.

PIETROFORTE, A. V. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PORTAL G1. <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 24 set. 2022.

REVISTA VEJA. <https://veja.abril.com.br/>. Acesso em: 24 set. 2022.

ROMISZOWSKI, A.; MASON, R. **Handbook of Research on Educational Communications and Technology**. 2. ed. New York: Routledge, 2008.

SILVA, F. M. Expressão e conteúdo: articulações do texto sincrético. *In*: CORTINA, A.; SILVA, F. M. (org.). **Semiótica e Comunicação**: estudo sobre textos sincréticos. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2014. p. 231-260.

INTERNET FOI CRIADA EM 1969 COM O NOME DE ARPANET, NOS ESTADOS UNIDOS. Leonardo Werner Silva. 12/08/2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml>. Acesso em: 24 set. 2022.

# Itinerantes de memória no discurso (do) urbano<sup>59</sup>: o sujeito, a imagem e o digital

**Greciely Cristina da Costa (Unicamp)**

---

59 Uma primeira versão deste texto foi apresentada no I Seminário “Memória, Discurso e Arquivo na constituição do digital”, evento que celebrou os trabalhos realizados no âmbito do Projeto MeDiA – CNPq – Processo: 429789/2016-5, coordenado pela pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb) da Unicamp Cristiane Costa Dias. Agradeço a esta pesquisadora e amiga, pela possibilidade de pensarmos juntos, em um grupo heterogêneo institucionalmente e heterogêneo em relação aos interesses de pesquisa, sobre um conjunto de procedimentos que tem nos levado a refletir também sobre a teoria e a teorização de certos processos em torno do discurso digital, bem como a construção de um aplicativo digital. Esse fazer pesquisa tem exigido lidar e problematizar certas noções, sobretudo, a de memória e arquivo, de modo muito específico ou muito mais acentuado, ou partir de relações específicas, e, também, tem tensionado a análise de diferentes funcionamentos discursivos. Por fim, é importante mencionar que este artigo também se vincula ao projeto “Imagens da cidade: discurso e produção de conhecimento” que tenho coordenado com o Auxílio Regular de Pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo: 2018/26073-8).

“Não seria exagero afirmar que a cultura visual contemporânea é indissociável da produção imagética nas redes. Nunca se fotografou tanto como em nossa época. Em 2015, estimou-se que a cada dois minutos eram produzidas mais imagens que a totalidade das fotos feitas nos últimos 150 anos. Essa era uma estimativa relativamente, modesta, considerando-se que à época existiam 1 bilhão de dispositivos com câmera (entre os 5 bilhões de celulares ativos) e que cada um deles capturava cerca de três fotos por dia (ou mil por ano). Hoje já não é possível contar essa produção nem sequer em minutos. Em uma tarde de maio de 2021, mais de mil fotos por segundo eram disponibilizadas no Instagram” (Beiguelman, 2021, p. 31).

A epígrafe deste texto expõe a temática da cultura visual contemporânea caracterizada pela massiva produção de imagens seguida de sua disponibilização nas redes sociais digitais. Uma temática de nosso tempo sobre a qual recai uma emergente reflexão a respeito do lugar que a imagem passa a ocupar na sociedade ou mesmo nas relações sociais, haja vista a popularização das câmeras ao lado do crescente número de sujeitos que assumem, mais ou menos conscientemente, uma posição na fabricação de imagens do mundo, incluindo aí também a questão da quantidade, do número<sup>60</sup>.

Para Beiguelman (2021, p. 32), este é o cenário que inaugura regimes de visibilidade, “novos regimes estéticos, superexposição, vigilância e formatos inéditos de padronização (da imagem e do olhar)”, nos quais a maneira de olhar, bem como a maneira de ser visto é alterada se comparada a sociedades anteriores, nas quais a visibilidade era produzida, em geral, pelo cinema, pelas artes, pois, segundo a autora, “é apenas no século XXI, com a câmera digital e a internet, que se pode falar em multiplicação e em diversificação em grande escala do espectro social e cultural dos registros imagéticos”. Ou seja, o elemento decisivo, para o surgimento de um outro regime, é o sistema digital.

Investidos na produção imagética, o mercado, o consumo, a tecnologia, a imagem, o sujeito etc. são afetados pelo sistema digital. Nesta direção, a análise de Dias (2016) sobre o discurso digital é fundamental para a compreensão de que o digital, na formação social capitalista, significa pelas suas condições históricas e sociais de produção e menos por suas condições técnicas, físicas, não equivalendo-se ao que muitos têm chamado de suporte.

---

<sup>60</sup> De acordo com Orlandi (2004), a quantidade é estruturante das relações sociais no urbano e no digital, haja vista a ideologia da formação social capitalista. No entanto, não será abordada neste texto, embora esteja aí sinalizada.

O digital se impõe na relação, por mais simples que possa parecer, do sujeito com o mundo. Isto tem consequências não só nos processos de identificação, de subjetivação, de individuação, mas, também, nas relações de força, nos mecanismos de significação, na filiação ideológica. O digital atua na determinação histórica dos sentidos.

A cidade igualmente não escapa dos efeitos do digital. Dias (2011, p. 16) explica que a própria urbanidade é constituída pelas formas com as quais o digital opera, tais como as novas tecnologias de comunicação e informação, “pois elas fazem parte da circulação e experimentação do/no espaço”.

Um sujeito que transita pelas ruas fotografando o fluxo urbano com seu *smartphone* para depois postar a foto no Instagram, ou para enviá-la, por WhatsApp a um amigo, está implicado em uma certa prática de experimentação do/no espaço, bem como constitui, seja pela formulação, seja pela circulação, um discurso (do) urbano de modo específico. Neste caso, há um sujeito que se apropria de uma tecnologia digital para produzir um dizer metaforizado em imagem a ser compartilhado com o outro. Trata-se, portanto, de um processo discursivo que pode tocar as relações de sentidos no jogo entre a ordem e a organização (Orlandi, 2004) do urbano.

As questões a serem apresentadas neste texto orbitam a temática da cultura visual contemporânea justamente no que concerne à constituição do discurso (do) urbano<sup>61</sup>, atravessado pelo digital, tendo como forma-material a imagem. Elas derivam de indagações, as quais passo a explorar, em torno da construção de um aplicativo digital proposta pelo Projeto MeDiA – Memória, Discurso e Arquivo na constituição do digital.

Três formulações de Eni Orlandi foram importantes para me situar no projeto MeDiA, e para, também, nortear este capítulo. A primeira formulação está no livro *Interpretação*, no qual Orlandi explica que a “vida é função da significação dos gestos de interpretação cotidianos, ainda que não sentidos como tal” (Orlandi, 1996, p. 10). As duas outras formulações estão no livro *Cidade dos sentidos*, no qual a autora assinala que “todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida, cruzam-se na cidade” (Orlandi, 2004, p. 11) e ressalta que observar a cidade “é procurar compreender as alterações que se dão na natureza humana e na ordem social” (p. 12).

Ao ser conduzida por estas três formulações, minha entrada no Projeto MeDiA prioriza o comprometimento assumido no Labeurb em estudar os gestos de interpretação cotidianos que constituem a vida social em sua significação, buscando compreender as relações que se estabelecem entre o espaço e o sujeito na cidade por meio da linguagem.

<sup>61</sup> Orlandi (2004) propõe distinguir o discurso urbano do discurso do urbano, porque o primeiro remete ao urbano como lugar de cálculos, planificações, hierarquizações etc. que determinam os espaços da cidade, e o segundo refere-se ao do urbano por abrigar o social que é “abafado” pelo imaginário urbano.

Relações marcadas por especificidades como, no caso do referido projeto, de ter no cerne de suas preocupações a constituição do digital ou do discurso (no) digital. E, também, em especial, de minha parte, de analisar a imagem tanto como lugar de inscrição de sentidos e sujeitos, de discursividades (Costa, 2018), quanto como uma das formas do discurso (do) urbano. O que significa instalar a imagem no confronto do simbólico com o político.

O Projeto MeDiA foi organizado em três eixos: 1. Aplicativo<sup>62</sup>, 2. Museu digital da leitura e 3. Linkarium. Fiz parte, mais detidamente, do eixo dedicado ao aplicativo, que, além de almejar desenvolver um aplicativo próprio (doravante app), visou discutir o modo de constituição do espaço da cidade na relação com a memória e o sujeito, enfatizando a maneira como essa constituição se dá pela relação que o sujeito estabelece com o espaço urbano no digital, pela experimentação da convergência do espaço urbano com o espaço digital.

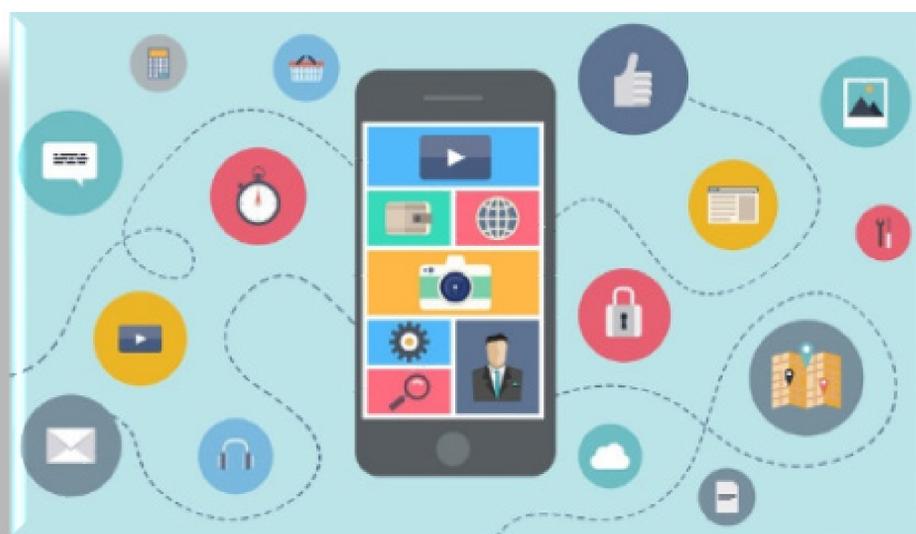
Em grupo, interrogávamos como o sujeito atribui sentido a um lugar no digital, um sentido ao espaço que habita ou trafega na medida em que pode acessar um app e *narrar/descrever/relatar/comentar* algo daquilo que o toca em relação à cidade. Ou, pode postar uma imagem que diz, de certa forma, de sua ligação com o urbano. Ou ainda, pode deixar rastros do assujeitamento ideológico, do atravessamento do interdiscurso, dos processos de identificação e individuação do sujeito ao se engajar na rede de discursos emaranhados em um objeto digital. Traços daquilo que tenho chamado de biografias urbanas que, enquanto matéria de memória em movimento (Costa, 2020), torna possível observar vestígios e, ao mesmo tempo, o funcionamento de um discurso, no qual “estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade [...] o destino de um não se separa do destino do outro. Em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica etc.” (Orlandi, 2004, p. 11).

Pode-se dizer que essa interrogação resulta de uma pergunta mais abrangente que abarca a demanda pela compreensão de gestos de interpretação produzidos no/pelo digital, que, por sua vez, acionam a memória discursiva e podem compor um arquivo da cidade, cuja natureza poderia não coincidir com a memória urbana institucionalizada, nem com o discurso oficial da cidade. A aposta é a de que o app, nomeado até então de EUrbano, permitiria e/ou abrigaria a construção de versões (Orlandi, 2001) de acontecimentos urbanos, bem como de posições-sujeito desestabilizadoras do discurso hegemônico (urbanístico, administrativo, jurídico etc.) sobre uma ou outra cidade.

<sup>62</sup> No texto do projeto, afirma-se que o Eixo 1 consiste na “experiência de desenvolvimento de tecnologia ligada a um modo de observação e compreensão de práticas sociais, do cotidiano da vida dos sujeitos, como, por exemplo, como se lê, o que se lê, que percursos se faz pelas cidades e como. Como se olha nesses percursos e para quê” (Dias, 2019).

Assim, de um ponto de vista mais amplo em relação aos trabalhos do eixo 1, destaca-se a discussão sobre a construção do aplicativo enquanto um objeto digital, que me leva a tomá-lo, ainda que inicialmente, como um *medium*, a partir da definição de *medium*, que não se reduz à referência transparente aos meios de comunicação, suporte ou mídia, mas que considera, discursivamente, como esclarece Dias (2016, p. 169), “o dispositivo, a técnica, o espaço em sua materialidade” não subestimando “as condições sócio-históricas de produção dos sentidos que determinam e formulam os próprios dispositivos técnicos”. Isto é, considera a dimensão simbólica e política do objeto na implementação técnica deste objeto. O *medium*, portanto, como meio material, na acepção de Dias e Orlandi, cuja forma-material é linguística e histórica, que configura formas de escrita ou de escritura, além de inscrições diversas no processo de produção de sentidos.

**Figura 1.** Exemplo de apps instalados em *smartphone*



Fonte: <https://shorturl.at/dhCV7>

Para Robin (2016), pensar sobre o *medium*, teorizar sobre ele, analisar seu funcionamento, foi o que fez Nietzsche em relação à máquina de escrever Hansen. Essa reflexão levou o autor a afirmar que nossas ferramentas de escrita afetam nossas ideias. Segundo Robin (2016), a máquina de escrever foi abandonada, pois era frágil e travava muito, mas havia aberto uma via de reflexão sobre a maneira como uma máquina pode afetar o processo de escrita. “A Hansen serviu mais de suporte para reflexões filosóficas sobre o homem como ‘superfície de inscrição’, sobre a máquina-memória do que outros viam a partir do gramofone e do que Nietzsche concebe a partir da máquina de escrever” (Robin, 2016, p. 368)<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> Ver mais sobre essa reflexão em “Artefatos e produção de saber em análise de discurso”, capítulo de livro no qual Marcos Barbai, Cristiane Dias e eu discutimos o processo de textualização e os modos de leitura mobilizados por artefatos na produção científica.

Aproximando o app da máquina de escrever, o *medium* pode instalar um lugar muito peculiar de constituição do sujeito na relação com a cidade pelo digital, pois o EUrbano<sup>64</sup> está sendo construído para abrigar formas de textualização de discursos, a partir das quais prevemos a narratividade urbana que, conforme Orlandi (2013, p. 28, grifo da autora), diz respeito à

[...] maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas. Espaços de interpretação encarnados. Esses “determinados” são a matéria de nossa reflexão e de nossa análise. Esses “espaços de interpretação” são o que significa/corporifica/materializa/historiciza o espaço urbano.

Nesta via, o app pode vir a se tornar um inventário discursivo de lugares, de percursos e sentidos na/pela/da cidade, dando a ver uma específica conexão entre espaço-tempo-memória, principalmente, por ter, por um lado, o potencial de instaurar uma espacialidade outra para a memória e, por outro, pode fazer fluir uma temporalidade pulverizada, disforme. Uma memória itinerante fundada sobre essa rede de significação que pode permitir a compreensão das determinações que regem ou regulam trajetos urbanos, a ordem social.

De um ponto de vista mais aproximado, minhas questões em torno do app incidem sobre o modo como o usuário do aplicativo se relaciona com a cidade a partir de imagens. O que significa ocupar uma posição-sujeito provocada pelo gesto de interpretação, cujas especificidades me interessam. Isso porque, ao acessar o aplicativo e ao produzir uma formulação, o usuário poderá inserir uma imagem, foto ou vídeo, da cidade.

A configuração do app prevê um espaço aberto para receber essas imagens e com elas as suas discursividades, os vestígios do imaginário, a ligação entre sujeito e imagem. Em outros termos, vislumbra-se, com este gesto, perscrutar o processo de espacialização da imagem na cidade e como a cidade se simboliza na imagem.

Acerca desse processo via aplicativo, tenho aventado uma espécie de **duplo exercício do olhar** que se produziria pelo funcionamento do app. O primeiro consistiria naquele que olha para a cidade e recorta, captura uma imagem dela para postar no app, ou mesmo, seleciona, dentre imagens prontas, uma para ser postada. E o segundo referir-se-ia aquele que, ao entrar no app, se depararia com várias imagens postadas, fazendo um outro exercício de olhar.

<sup>64</sup> O app foi criado, pode ser baixado pelo Play Store, no entanto, está inoperante, pois a fase de testes não foi concluída.

**Figura 2.** Relação homem e digital



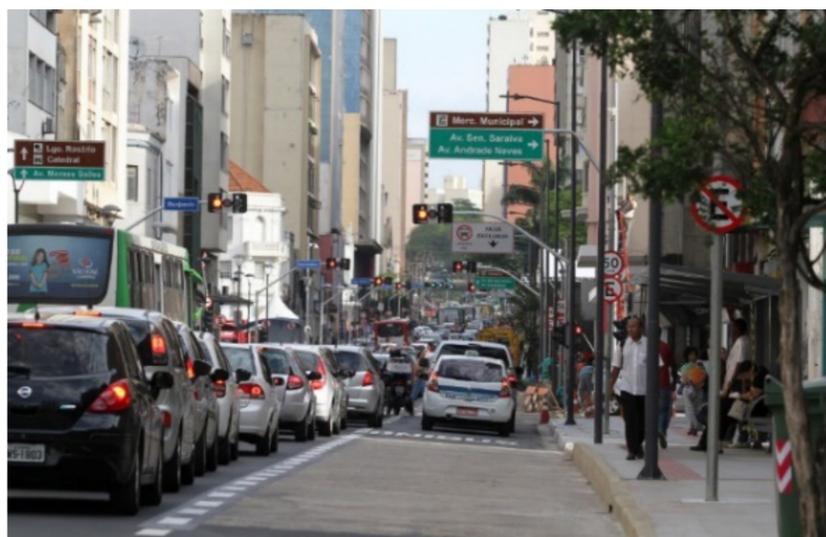
Fonte: [www.pixel.lafreestock/Flickr](http://www.pixel.lafreestock/Flickr)

**Figura 3.** Relação homem e digital



Fonte: <https://www.redgps.com/pt/solucoes/app-rastreamento-smartphones>

**Figura 4.** Exercício do olhar



Fonte: <https://shorturl.at/ejvx2>

Neste caso, o primeiro exercício do olhar seria da ordem do recorte e da **mostração**, tomando a mostração em sua lógica de dar a ver alguma coisa, de colocar algo sob os olhos, sem pretender uma “indicação explícita ou consciente”, como explica Boehm (2015, p. 33). E o segundo seria da alçada da **contemplação**, considerando que as imagens “agem sobre os corpos que as contemplam” (Boehm, 2015, p. 27) e nos mostram “como alguma coisa se mostra” (Boehm, 2015, p. 38, grifo do autor). Duas instâncias do olhar o urbano, do flunar pela cidade, cuja tônica realça a opacidade com a qual os sentidos se inscrevem na imagem, sempre suscetíveis ao equívoco e à deriva – em especial, quando reapropriada em um processo discursivo particular tal como o do discurso jornalístico.

Levando-se em conta estas duas instâncias do olhar, a hipótese é a de que o app EUrbano ativaria a resignificação da figura do *flâneur* do século XIX que, de acordo com Robin (2016, p. 447), “está diante da cidade como diante de panoramas que exibem imagens” e, neste caso, “simboliza um tempo que recusa a aceleração”?

Diria que sim. Não nos moldes do século XIX.

Trata-se mais de um duplo gesto de olhar que configuraria, com efeito, um duplo processo de *flanerie*, aquele que ligaria o urbano ao digital, tendo, sim, a temporalidade da contemplação alterada, talvez a temporalidade de um olhar/capturar/postar, mas, ainda sim, um modo de estar diante da cidade como diante de panoramas de imagens. O mesmo para aquele que contemplaria pelo aplicativo, “o *flâneur* na tela” (Robin, 2016).

Além disso, se, no funcionamento do app, a cena da *flanerie* se constituir desses dois percursos, mostração e contemplação, ter-se-ia a possibilidade de analisar a incidência da memória discursiva pelo recorte imagético. Um recorte com memória.

Essas são suposições empenhadas em desnaturalizar o lugar que a imagem ocupa na relação entre objeto digital, cidade e sujeito. Também, decorrem desse laço de afetos e afetações as seguintes questões:

- De que modo a imagem é convocada e que lugar ocupa na construção de objetos digitais tais como esse app EUrbano?
- Como se constrói um arquivo de imagens em um aplicativo, pensando, sobretudo, o gesto de recorte operado pelo usuário do app?
- De que maneira o sujeito estabelece relação com a memória discursiva ao recortar da cidade uma imagem? Como então significa a cidade por essa imagem, por esse traço, matéria de memória?

- Quais percursos do sujeito podem estar marcados na imagem em relação ao urbano?
- Qual o lugar da imagem no laço narrativo ou no laço estabelecido com a narratividade urbana?
- E como pergunta central: que ligação, considerando os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, é possível tecer entre imagem e memória e, por conseguinte, entre imagem e esquecimento?

Em “A memória saturada”, Robin (2016) parece fazer uma distinção entre imagem de arquivo e imagem de memória quando descreve duas situações. A primeira situação se passa no filme *Lost Highway*, de David Lynch, quando o herói declara:

Eu não gosto das câmeras de vídeo. **Eu gosto de me lembrar das coisas da maneira como nos lembramos delas** (Robin, 2016, p. 371).

E a outra acontece no final de *Sans Soleil*, filme de Chris Marker, quando se ouve:

Perdido no fim do mundo, em minha ilha, em companhia de meus cachorros que se pavoneiam, me lembro de janeiro em Tóquio, ou melhor, **me lembro das imagens que eu filmei** em janeiro em Tóquio. **Elas por si sós se colocam no lugar de minha memória. Elas são minha memória.** Eu me pergunto **como as pessoas fazem para se lembrar, se não fazem filmes, se não tiram fotos, se não registram**, como tem feito a humanidade para se lembrar... (Robin, 2016, p. 372, grifo próprio).

Esse contraponto estabelece uma significativa diferença entre lembrar **sem e com uma mediação**. Na primeira situação transcrita acima, para se lembrar, o sujeito, ilusoriamente, dispensa mediação, como se a relação entre lembrança e coisas das quais se lembra fosse direta. Por outro lado, Robin (2016) sublinha que, nesta situação, o sujeito só “se lembra” daquilo que faz sentido para ele por meio da lacuna, do pedaço, do fragmento. Diferentemente, na segunda situação, a imagem torna-se, num primeiro instante, a mediadora do sujeito com aquilo que ele “lembra” (me lembro das imagens que eu filmei”), à medida que ela é produzida para “não o deixar esquecer”, a ponto de se transformar em sua própria memória (“Elas são a minha memória”). Poder-se-ia talvez chamar a imagem, aqui, de imagem-prótese ou prótese de visão?

Na segunda situação, um arquivo é produzido pela mediação de um dispositivo imagético (filmes). Um arquivo com superfície (fotos), ainda que seja feito de bordas e de restos. Espécie de memória de arquivo instituída pelo sujeito ao tentar conter o esquecimento.

Robin (2016) também faz menção à artista especialista em multimídia Louise Merzeau, para qual as novas tecnologias “não são unicamente máquinas a produzir simulacro” (Merzeau *apud* Robin, 2016, p. 459), são, também, máquinas de explorar o tempo. Para explicitar essa questão, a autora menciona um trabalho de Merzeau que consiste em superpor fotografias, reproduções de quadros, cartas, documentos, explicando que se trata de um procedimento de montagem. A montagem, neste caso, se tece “por deslocamento e condensação de provas analógicas, a montagem visa mostrar na extensão da imagem a hibridação e a estratificação de camadas ligadas por cadeias memoriais” (p. 459). Torna-se uma unidade feita de um conjunto memorial díspar.

Como exemplo, Robin (2016) faz referência à montagem na qual “lembranças imaginárias da Europa central emergem combinando-se, por camadas digitais, com cenas históricas e lembranças verdadeiras” sem friccionar oposições. Na montagem, o efeito discursivo produzido parece ser o de um encontro, feito de retalhos e sobreposições de tempos outros com o tempo da imagem, impossível de ser linearizado, embora pungente na maneira de fazer ressoarem os sentidos.

Para Robin (2016, p. 459), o “todo coloca em evidência uma memória itinerante pessoal, confrontada com uma memória familiar e com um tempo histórico coletivo”. A autora afirma que “assistimos assim uma verdadeira experimentação da memória, um *medium* dito ‘sem memória’” (p. 459), resultante do confronto entre a imagem de arquivo e a imagem de memória no digital.

Desse todo complexo, irrompe, a partir dessas diferenças e relações, uma demanda de compreensão sobre a memória em sua itinerância. Portanto, instala-se aí a interrogação sobre os percursos de sentidos variados que formam memória. A memória entrecruzada inscrita em práticas (Pêcheux, 1999), incluindo aí a prática de olhar/recortar/fotografar/postar/contemplar uma imagem. A memória da cidade em imagens. A memória do sujeito na/da/sobre a cidade compartilhada na tela de um app. Itinerantes de memória.

O EUrbano foi assim sendo criado na medida que essas e outras questões iam sendo elaboradas. E, embora não seja possível apresentar, aqui, uma análise já que o app não está operante, apresento a seguir a sua tela inicial.

**Figura 5.** *Print* da tela inicial

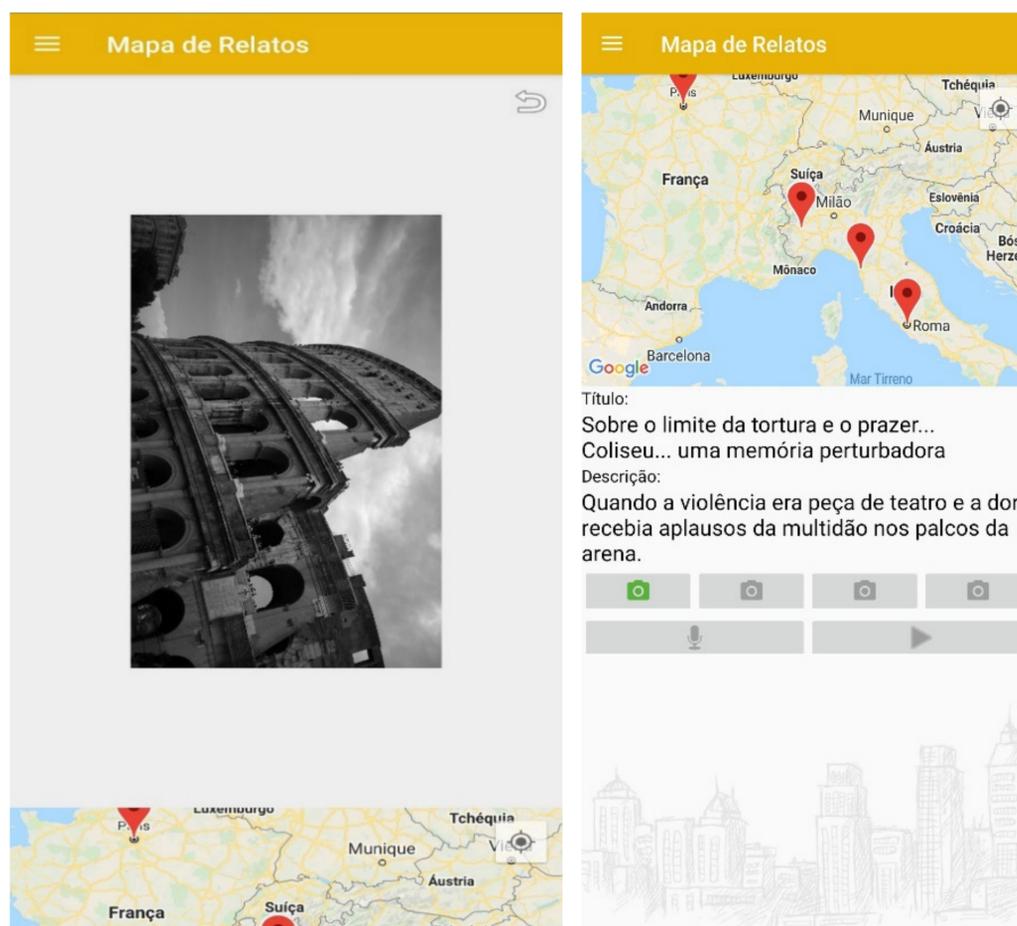


**Fonte:** app EUrban

Trago também a interface de testes do app, a partir da qual se pode observar a primeira tela com a qual o usuário se depara depois de se cadastrar e se logar no app. A navegação dentro do app tem como ponto de ancoragem o Google Maps, sendo que as postagens dos usuários se organizam em torno do Mapa de Relatos. Pode-se dizer que há uma interdependência entre o mapa *mundi* e o mapa de relatos, pois o app faz a conexão entre a localização do usuário e seu relato. Tanto é assim que é possível clicar sobre os pontos marcados no mapa para chegar aos relatos já postados sobre determinada cidade. Um primeiro *link* entre sujeito e o urbano se estabelece aí.

A localização do usuário fica marcada via Google Maps e foram, até então, para fins de testes, enviados relatos de Paris, Roma e de outras duas cidades italianas, além de Campinas e outras localidades do Brasil. No caso do usuário que estava em Roma, ele preencheu os campos Título e Descrição, e, em seguida, anexou uma foto do histórico monumento Coliseu, como se pode ver abaixo.

Figura 6. Mapa de Relatos



Fonte: app EUrbano

Entre o dizível e o visível se produz um discurso, cuja memória discursiva é regionalizada no ponto em que Roma se significa pelo monumento histórico e o que ele faz lembrar. Entretanto, há outras significações para o mesmo lugar, cujos itinerantes de memória poderão ser observados quando no Mapa dos Relatos se inscreverem outros sentidos e sujeitos em curso no EUrbano.

## Referências

BEIGUELMAN, G. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu, 2021

BOEHM, G. Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica. *In: ALLOA, E. (org.). Pensar a imagem*. Tradução Carla Rodrigues *et al.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 23–38.

COSTA, G. C. A imagem e suas discursividades. *In: LOPES, M.; BATISTA JUNIOR, J. R. L.; MOURA, J. B. (org.). Linguagem, discurso e produção de sentidos*. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 351–362.

COSTA, G. C. Museu de favela e biografias urbanas. **RUA**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 573-590, 2020. DOI: <https://10.20396/rua.v26i2.8663440>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8663440>. Acesso em: 28 nov. 2022.

DIAS, C. P. e-urbano: a forma material do eletrônico no urbano. *In*: DIAS, C. P. (org.). **e-urbano: sentidos do espaço urbano/digital**. [online]. 2011, consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

DIAS, C. P. A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 37, p. 157-175, 2016.

DIAS, C. P. Apresentação do projeto de pesquisa Memória, Discurso e Arquivo na constituição do digital. *In*: **I Seminário Memória, Discurso e Arquivo na constituição do digital**. Campinas: 2019.

DIAS, C. P. C.; COSTA, G. C.; BARBAI, M. Artefatos e produção de saber em análise de discurso. *In*: DIAS, C. P. C.; COSTA, G. C.; BARBAI, M. (org.). **Artefatos de leitura**. Campinas: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020. p. 53-68. Disponível em: <https://labeurb.unicamp.br/site/web/publicacao/12-artefatos-de-leitura>. Acesso em: 11 set. 2023.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* (org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

ROBIN, R. **A memória saturada**. Tradução Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

# **A viralização discursiva no Twitter: sentidos em funcionamento sobre a reforma do ensino médio**

**Lucimara Cristina de Castro (Unicamp/FATEC)**

# Introdução

Atrair a atenção no Twitter, em meio à infinidade de postagens instantâneas de tantos perfis, é um desafio. A dinâmica desta rede faz com que haja uma proliferação intensa de dizeres, o que contribui para que um determinado tema, por meio de uma *hashtag*, atinja o ápice de *tweets*, *retweets* por determinadas horas e, logo depois, seja sobreposto por outros.

Discursivamente, o Twitter é mais do que um espaço social digital em que os sujeitos se relacionam. Compreendemos a rede como um espaço em que as postagens extrapolam a circulação dos dizeres e o efeito de evidência provocado pela dinâmica do virtual, permitindo que os sentidos derivem para outros lugares, abrindo para outros sentidos.

Como “palco” de suposta autonomia e independência para (re-)produzir postagens, verbais e/ou visuais, em meio a tantos dizeres que circulam na internet, usuários da rede dão margem à ilusão, ao “brincar” em (suas) publicações, editando imagens, (re-)produzindo escritas e/ou figuras. Conseguir que a postagem receba o maior número de *tweets*, *likes*, *retweets* e comentários faz parte da dinâmica da rede, o que, por sua vez, oferece ao sujeito a ilusão de visibilidade como (possível) retorno. No fio tenso entre a liberdade e a submissão, os sujeitos buscam “burlar” o funcionamento da rede, na tentativa de manipular o movimento dos dizeres, como, por exemplo, aumentar o alcance das postagens para que esteja entre os temas mais *tweetados*, constituindo os *Trending Topics*, no caso do Twitter.

Esses *tweets*, que rapidamente se alastram pela rede não correspondem a formulações prontas ou a textos específicos, mas assumem uma configuração com características próprias do digital, inclusive, no que se refere à velocidade da propagação da rede, textualizando discursos que se (re-)produzem em “versões” que reclamam gestos de interpretação.

Pensando nestes gestos de interpretação, o digital tem me inquietado, em especial, quanto ao modo como a circulação constitui a textualização de dizeres na rede. Para Dias (2018), o que ancora a formulação dos dizeres no digital é a sua circulação, ou seja, é a circulação no digital, que não se separa da circunstância da enunciação, que sustenta a formulação.

Partindo das proposições de Dias (2018) sobre a circulação, o termo “viralização”, bastante utilizado nos estudos de *Marketing*, de Ciência da Informação e outras áreas afins, tem me despertado o interesse, uma vez que é comum associar a propagação

de dizeres em grande escala na rede a esse termo. Indagações sobre como se efetiva um processo de viralização me inquietou sobre como essa viralização acontece com discursos na/em rede.

Considerando que a viralização não seja algo específico do Twitter, mas das redes sociais em si, optei por essa rede pelo fato de a velocidade de propagação ser uma das características de seu funcionamento técnico. Pelo perfil @lucimara\_ja – Lucimara Castro, entrei em contato com os mais variados dizeres que ali emergem e são postos em movimento.

Dentre tantas formulações que viralizam no Twitter, a atual Reforma do Ensino Médio brasileiro, sancionada em 2017, pelo então presidente Michel Temer, despertou o meu olhar. A Reforma do Ensino Médio, Lei 13.415, desde 2013, quando o Projeto de Lei 6840/2013 foi apresentado pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, vem gerando questionamentos e polêmicas não só entre aqueles que ocupam um lugar social na educação, mas de outros sujeitos, inclusive os que se inscrevem no Twitter.

Assim, nosso movimento analítico será norteado pela questão: de que maneira se constitui a viralização de discursos sobre a Reforma do Ensino Médio e quais sentidos ecoam à medida que esses dizeres viralizam?

O objetivo deste escrito é compreender como a viralização de discursos no Twitter “ganha forma”, em especial, em dois *tweets* acerca da Reforma do Ensino Médio, bem como, os sentidos que ecoam nessa viralização de dizeres, pelo funcionamento da memória discursiva, da memória metálica e da memória digital. Se há viralização no Twitter, há memórias em funcionamento, atravessando, sustentando, reverberando, ressignificando os dizeres no digital.

## **A viralização discursiva no Twitter**

Se, para a AD, a língua, ao ser posta em movimento, não apenas transmite informações, mas (re-)produz discursos, compreender o funcionamento dela no digital requer considerar muito além do que as teorias comunicacionais propõem. Significa tomar a rede partindo de suas especificidades discursivas, considerando, conforme postula Orlandi (2012c), os três momentos do processo discursivo: a constituição, a formulação e a circulação.

Como postula Dias (2018, p. 28), significa tomar o “digital para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-

ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas”. Considerando que a língua não é transparente e o sentido não está dado, o discurso, no digital, em especial, no Twitter, somente pode ser compreendido levando em conta as condições de sua produção, que delimitam o seu funcionamento, sua formulação e circulação.

Assim, analisar o discurso, implica, segundo Orlandi (2012a, p. 15), “[...] compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho geral, constitutivo do homem e da sua história”. Embora os três momentos discutidos por Orlandi (2012c, p. 12) sejam bastante significativos para a AD e, mais especificamente, para o gesto analítico, uma vez que, “[...] não há porque, na análise, privilegiar uma dessas instâncias em relação à outra”, neste capítulo, damos enfoque à circulação, posto que é partindo dela que pensaremos a viralização discursiva no Twitter.

Essa rede, para produzir sentidos na sociedade, extrapola a simples condição de instrumento tecnológico, passando a fazer parte de um processo interdiscursivo fundado *na e pela* história (Medeiros, 2013, p. 123, grifo da autora) e tem constituído um poderoso dispositivo de produção/circulação de sentidos. Conforme a autora citada, em meio a esse emaranhado discursivo em que a rede tem lugar na sociedade, “[...] a relação de sentidos, ou melhor, de efeitos de sentido se estrutura numa relação de identificação; sujeitos e sentidos se aproximam e se refutam no complexo de formações ideológicas<sup>65</sup> em que estão imersos” (Medeiros, 2013, p. 123).

A cada dia, a presença da teia digital tem se tornado fonte de funcionamento social e de subjetivação no espaço urbano, visto que os sujeitos que nela se inscrevem têm movido suas vidas, afetados pela ilusão de que são livres e de que nele podem tudo fazer/dizer. Logo, a ilusão de transparência, descrita por Pêcheux (1997b), conforme assinala Medeiros (2013), tem sua atualização na discursividade do digital, por meio da ilusão de liberdade de navegar e de “escolher” os dizeres disponíveis na/em rede. Logo, conforme sinaliza Grigoletto (2017), “a ilusão do controle da máquina se (con-) funde com a ilusão de controle do sujeito, apontando para a impossibilidade de tudo poder dizer”.

Considerando que o Twitter possui determinações técnicas que são pré-determinadas por seu algoritmo, podemos dizer, respaldados em Gallo e Silveira (2017), que tais critérios determinam o modo de formulação dos *tweets*, devido ao espaço limitado de caracteres

---

<sup>65</sup> O conceito de formação ideológica é definido por Pêcheux e Fuchs (1997b, p. 166, grifo dos autores) como “um conjunto complexo de atitudes e representações que não são ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”.

e o modo de circulação, pela relação entre *tweets*, *hashtags* e *Trending Topics*. Assim, nas palavras das mesmas autoras,

Ao mesmo tempo em que “conecta” perfis diversos, produzindo um efeito de “conversa global”, o Twitter “normatiza” os dizeres a partir de cálculos e variáveis que servem antes aos propósitos da empresa Twitter, que às necessidades de uma coletividade. É nesse sentido, uma instância reguladora/legitimadora dos discursos, uma vez que determina o que pode aí circular muito, circular pouco ou não circular de jeito nenhum (Gallo; Silveira, 2017, p. 179, grifo das autoras).

A circulação, assim sendo, é constitutiva do/no discurso da/em rede no Twitter, tomada por Dias (2018, p. 29), como “ângulo de entrada”, uma vez que no discurso na/em rede, os processos de constituição e formulação do discurso são pensados pela circulação.

Considerando que a circulação é algo constitutivo do/no discurso digital (Dias, 2018), ao nosso olhar, a viralização, embora parta da circulação para que se efetive, não pode ser tomada como equivalente. Para nós, embora haja uma organização técnica do Twitter, compreendemos que o funcionamento dos discursos se dá pela aparente desorganização, pelo caos, já que há uma dispersão nos dizeres, levando-os a produzir efeitos outros quando (re-)atualizados.

Pensamos o caos a partir dos pressupostos de Prigogine (1996, 2000), que em seus estudos parte de uma visão questionando as leis da física alicerçada em sistemas estáveis e deterministas.

De acordo com Prigogine (1996, p. 29), “as leis da física, em sua formulação tradicional, descrevem um mundo idealizado, um mundo estável e não o mundo instável, evolutivo em que vivemos”. O caos, segundo Prigogine (1996), é um exemplo extremo de sistemas dinâmicos instáveis. Existe, segundo o autor, uma classe de sistemas dinâmicos para os quais uma pequena perturbação inicial sofre amplificação ao longo do tempo, ou seja, trajetórias que correspondiam a condições iniciais muito próximas divergem exponencialmente no tempo. Esses sistemas apresentam sensibilidade às condições iniciais e são chamados de sistemas dinâmicos instáveis.

Partindo dos pressupostos de Prigogine (1996) e reterritORIZANDO-os na AD, para nós, o caos é elemento constitutivo da viralização discursiva no Twitter. O caos na/em rede, pensado discursivamente, corresponde a um movimento não aleatório da circulação dos dizeres, que faz (des-)estabilizar os sentidos. É pelo caos da dinâmica do digital,

que os dizeres, no processo de circulação, viralizam. Considerando que para Dias (2018) a circulação sustenta a formulação dos dizeres no digital, cada *tweet* ou *retweet* que circula é atravessado pela instabilidade da rede, ou seja, “por um sistema dinâmico instável” (Prigogine, 1996, p. 29), que (re)atualiza dizeres, levando-os a viralizar, (a) temporalmente. É a própria memória digital<sup>66</sup> funcionando a partir de um conjunto de elementos movidos no/pelo caos. É a própria dispersão do digital que produz a unidade da viralização.

Sendo assim, os discursos na rede Twitter já estão “dados”, há um já-lá, pois só se constituem porque já estão em circulação e embora se repitam tanto pelo funcionamento da memória da máquina quanto pelo da memória discursiva, esse movimento de viralização depende de elementos variados e não apenas do funcionamento desses dois tipos de memórias.

A (des-/contra-)identificação dos sujeitos com os dizeres no Twitter faz com que os discursos viralizem, pois, pela tomada de posição, na ilusão de ganhar “voz” e “vez”, *twitteiros* (re-)atualizam, na formulação, o que está posto. Para isso, o sujeito, embora se “aproprie” de dizeres do outro, ao *retweetar*, esse lugar do outro se apaga para que o “novo” se (re-)atualize a partir de um lugar outro, viralizando. Assim, de tanto repetir, replicar, o discurso viraliza, ecoando sentidos na/em rede.

Esse movimento viral faz com que os sujeitos constituam a rede e se constituam pelo funcionamento que os discursos assumem no digital: um lugar de discursos de “todos”, mas, ao mesmo tempo, de “ninguém”, discursos que são lembrados e esquecidos, para outra(s) vez(es) poderem ser lembrados.

As condições de produção do dizer no digital são outros aspectos que contribuem para que o discurso viralize ou não, pois, para nós, os *Trending Topics* e as *hashtags*, elementos composicionais da ferramenta Twitter, corroboram para que os *twitteiros* movimentem mais uns dizeres que os outros, uma vez que, segundo Dias (2018, p. 185), “o meio em que certos dizeres vão circular é também determinante de sua formulação”.

Embora os sujeitos tenham a ilusão de rejeitar ou aceitar o que emerge no emaranhado do digital, sabemos que, discursivamente, essa possibilidade de escolha do sujeito em fazer circular ou não dizeres funciona pelo inconsciente e pela ideologia. Além disso, a busca por visibilidade na/em rede, convoca o sujeito que se inscreve no Twitter a replicar,

---

<sup>66</sup> A partir dos conceitos de memória discursiva e de memória metálica, Dias (2016a) propõe a noção de *memória digital*, compreendida por ela, como “o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (Dias, 2018, p. 105), pois, segundo ela, é necessário “levar em conta o acontecimento do discurso da tecnologia, sua inscrição na memória discursiva e sua atualização nas formulações digitais” (Dias, 2016b, p. 168).

a repetir, a viralizar, pois, aquele que não curte, não (*re-*)*tweeta* e não comenta torna-se um mero espectador da vitrine alheia: existir na/em rede implica pôr-se à mostra.

Cabe ainda pensar que, conforme assinala Dias (2018, p. 185), “dependendo da maneira como circula e das condições de circulação de um objeto simbólico, ele vai produzir certos sentidos e não outros”. Dessa maneira, a colocação de Dias faz-nos compreender que o mover não aleatório da circulação no Twitter é fator fundamental na viralização discursiva, uma vez que os discursos, nessa rede social de constituição de sujeitos e sentidos, ao emergirem pela/na circulação “emprestam corpo à formulação” (Dias, 2018, p. 186), levando-os a lugares outros pelo viral de dizeres, dentro e fora do digital.

## **A viralização discursiva no Twitter e os sentidos acerca da Reforma do Ensino Médio: o Notório Saber**

Embora a materialidade que compôs o nosso movimento de análise tenha se constituído em torno de dizeres que emergiram no Twitter sobre a Reforma do Ensino Médio, entendo que outras materialidades que são postas em movimento nessa rede poderiam ser tomadas para compreender a viralização discursiva, já que um dizer (não) viralizar depende de elementos diversos, por exemplo, o arquivamento em uma memória metálica, o trabalho da memória discursiva e o funcionamento da memória digital.

Tomar esses *tweets* como materialidade digital não significa pensá-los no ambiente da internet, mas como coloca Dias (2018), implica considerá-los além de uma tela e de seus comandos, em sua discursividade, em seu desdobramento digital. Assim, nessas materialidades nas quais os discursos emprestam corpo à formulação (Dias, 2018) no digital, os dizeres vão além da dimensão simbólica e política da linguagem na/em rede, pois são constituídas pela ordem discursivo-digital, na qual se inscrevem os sentidos.

A Medida Provisória 746/2016, referente às mudanças no Ensino Médio, foi publicada no Diário Oficial da União em 23 de setembro de 2016. Nessa Medida Provisória, entre tantas mudanças, o conceito de “Notório Saber” foi um dos que mais repercutiu. Esse conceito encontra-se previsto no Art. 61, inciso IV, com a seguinte redação: “profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação para atender o disposto no inciso V do *caput* do art. 36”. Ainda no inciso V, do art. 36, encontramos os seguintes dizeres: “o currículo

do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos específicos, a serem definidos pelos sistemas de ensino, com ênfase nas áreas de conhecimento ou de atuação profissional”.

A polêmica acerca da MP emergiu logo após sua publicação, gerando várias postagens no Twitter, de modo que um dos questionamentos diante da leitura do texto era o de que somente seriam contratados profissionais para a formação técnica e profissional e não para as demais áreas do conhecimento, definidas pela mesma medida Provisória, previstas também no Art. 36 e expressas pelos incisos de I ao IV e que estão divididas em: I – linguagens; II – matemática; III – ciências da natureza e IV – ciências humanas.

O primeiro *tweet* (figura 1) postado dois dias após à publicação da MP, é constituído por uma charge na qual se encontram sujeitos em uma sala de cirurgia conversando, de modo que há um estranhamento por parte da provável companheira do paciente em relação à presença de um açougueiro no centro cirúrgico. Juntamente à charge, há a formulação verbal editada pelo perfil que o publicou “o notório saber e a reforma do ensino golpista”.

**Figura 1.** Charge



**Fonte:** recorte de *tweet* – notório saber. Disponível em: <https://twitter.com/Sandman998/status/780081928263401472>. Acesso em: 18. set. 2022.

O *tweet*, pelo trabalho da memória discursiva, faz retornar, no eixo da formulação, o que havia sido determinado em Lei sobre a atuação de profissionais com Notório Saber. O que produz o efeito de sentido de humor é a justificativa dada por Pedrão (açougueiro), pois, conhecer facas, cortes e sangue, nessa perspectiva, deixá-lo-ia confortável para realizar procedimentos corriqueiros em centros cirúrgicos.

Essa materialidade digital mobiliza redes de memória sobre as novas possibilidades e modalidades de atuação na rede de ensino, (des-)estabilizando o imaginário em torno do que seja realmente o Notório Saber. Entremeiam-se, no fio do discurso, formulações verbais e visuais que deslocam o dizer para o sentido de dúvida e de falta de credibilidade quanto à atuação desses profissionais com “Notório Saber”.

Assim como os discursos verbais, as imagens só fazem sentido por constituírem já-vistos em outro lugar. Segundo Fernandes (2010, p. 65), não há “como falar em leitura do não verbal sem colocar em cena o papel da memória discursiva, do interdiscurso. É ela que, uma vez acionada, permite dar sentido àquilo que os nossos olhos veem, sem que, no entanto, seja preciso traduzir em palavras”. Ou seja, nesse momento, a leitura da imagem, assim como a leitura do verbal, pressupõe a relação com a história e com o sujeito. No caso desse *tweet*, os sujeitos dão visibilidade às possíveis situações que poderão vir a acontecer, caso assim sejam feitas as contratações, inscrevendo o discurso em uma FD contrária à MP746.

Os dizeres “o notório saber e a reforma do ensino golpista” reforçam a inscrição do *tweet* em discursos contra a MP746, rememorando o acontecimento político de 2016, no qual o então vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência no lugar de Dilma Rousseff e foi precursor de discursos de resistência, sendo adjetivado como “golpista”. Logo, ainda que ocupando o lugar social legitimado como presidente, Temer passou a ser significado, em um discurso que se quer de resistência, de “golpista”.

Pensando a rede como espaço de (re-)produção de discursos, fazer um *post* e/ou *retweetar* discursos sinaliza para processos de identificação do sujeito com os dizeres, embora ele seja afetado pela ilusão de que ele é a origem do que diz e de que, no digital, pode tudo dizer. Nesse processo, pela equivocidade da linguagem, o termo Notório Saber passa a ter um sentido outro.

**Figura 2.** Escola do Frota



**Fonte:** recorte de *tweet* – notório saber. Disponível em: <https://shorturl.at/fNZ06>. Acesso em: 16 dez. 2022.

O segundo *tweet* (figura 2), publicado em 2016, traz o ator Alexandre Frota, atual deputado federal do estado de São Paulo, pelo PSL, popularmente conhecido pelas suas atuações em telenovelas e filmes pornográficos. Um dos possíveis sentidos do *tweet* em questão irrompe a partir do funcionamento da memória discursiva, que remete à performance de Frota no cinema e a sua inserção na política. É o funcionamento da memória discursiva que torna possíveis esses dizeres e produz efeitos de sentido de humor e de ironia, pois o sentido se desloca/desliza para outros sítios de significação.

Ao viralizar, compreendemos, nesse *tweet*, uma construção heterogênea e contraditória, em movimento, em virtude dos atravessamentos e sobredeterminação da memória discursiva, que, ao imbricar com o arquivo da memória metálica, atualiza a memória digital, historicizando no (im-)possível do dizer social acerca da educação, mas que é dito na/pela rede.

Cabe lembrar aqui que, para a AD, o conceito de contradição não corresponde ao que é contrário. Nas palavras de Mittmann (2010, p. 92), “a contradição não resulta do contraste de homogeneidades antagônicas. Portanto, é mais interessante pensar a fronteira não como delimitação de espaço predeterminado, mas como lugar de conflito, onde jogam forças, o que resulta em lugar de movências”.

Por se tornar um espaço possível, que se quer visível e viral, o Twitter emerge como o lugar do poder dizer e também do não poder dizer. A formulação verbal “vai dar aulas no ensino médio e ensinar.....” deslegitima o discurso de Alexandre Frota sobre

a educação, dado seu histórico na indústria do cinema pornográfico, mas autoriza o sujeito *twitteiro* a dizer sobre quem é esse ator. Aquilo que poderia ser dito sobre ele é silenciado e as reticências constituem as marcas linguísticas desse não poder dizer, pois a questão a ser respondida é: o que um ator que trabalha na indústria da pornografia poderia ensinar?

O *tweet* ainda traz a logomarca da empresa em que Frota atuava – “As Brasileirinhas” – e que ressoa sentidos já estabilizados sobre quem ele é e sobre quais são os interesses da empresa para a qual ele trabalha. Neste, o (im-)possível do dizer se materializa pelo funcionamento da memória discursiva, apontando para a deslegitimação/negação do Notório Saber e combatendo a indústria pornográfica e os discursos que irrompem nela/por ela.

É essa inscrição do dizer nos discursos de resistência que determina o que o ator não pode e não deve dizer/ensinar (Pêcheux, 1997a). Ao viralizar no espaço digital, pelo funcionamento da memória digital, o *tweet* reforça esses sentidos e faz com que aquilo que já foi dito sobre Frota e sua profissão sejam cristalizados no imaginário popular, não deixando espaço para a dúvida e para a contestação: Frota é quem é, e desse lugar que ocupa não pode/não deve dizer/ensinar nada sobre educação para ninguém.

A produção de sentido rompe com a expectativa, isto é, com aquilo que Pêcheux (2012, p. 34) designa de “mundo semanticamente normal”, estabilizado/normatizado, pois, afinal, quem é o Frota para poder ensinar? A resposta irrompe a partir de tudo que já foi dito sobre ele: um sujeito não autorizado a dizer o que diz.

## Considerações finais

Discursivamente, a circulação dos dizeres na/em rede foi um dos aspectos basilares para este escrito, pois, a partir dela, procuramos compreender como se dá a viralização discursiva e suas especificidades. Como já dito, no decorrer da escrita, considerando que a circulação é algo constitutivo do/no discurso digital (Dias, 2018), a viralização, embora parta da circulação para que se efetive, não pode ser tomada como equivalente. Assim, ainda que haja uma organização técnica do Twitter, compreendemos que o funcionamento dos discursos se dá pela desorganização, pelo caos, que faz (des-)estabilizar os sentidos na/em rede – já que há uma dispersão nos dizeres, um movimento não aleatório, levando-os a produzir efeitos outros quando (re-)atualizados.

No nosso gesto de interpretação *tweets* acerca da Reforma do Ensino Médio, observamos que, dentre os efeitos de sentido diversos que os *tweets* produzem, aqueles

que mais se destacam, ao nosso olhar, são o de ironia, já que eles funcionam como uma versão de outros discursos e que não poderiam ser ditos sob outras circunstâncias de enunciação. Além desses efeitos de sentido, pensamos que os *tweets* funcionam como um discurso de resistência, uma vez que buscam combater os discursos do Estado sobre as “vantagens” da Reforma, ainda que de forma irônica e, nesse ponto, nos alinhamos ao primeiro primado prático da luta de classes, proposto por Pêcheux (1997a, p. 304), de que é preciso “ousar de revoltar”.

Desse modo, o sujeito que *retweeta* o faz para contestar/polemizar aquilo que o governo diz/faz afetado pela ilusão de que nesse espaço de circulação de sentidos, ele pode tudo dizer/fazer, encaminhando para o segundo primado prático proposto pelo fundador da AD e que se refere ao funcionamento do discurso pelo/no inconsciente e de acordo com o qual, é preciso “ousar pensar por si mesmo”.

Nesse movimento, o sujeito põe em circulação um discurso que se repete/replica em rede não apenas pelo funcionamento da máquina, mas por ser interpelado pela ideologia. Compreendemos, assim, que tomar a viralização como uma receita pronta é desconsiderar que os movimentos do sujeito na/em rede têm se tornado importantes para pensar o processo de subjetivação do sujeito no espaço digital, visto que os sujeitos que nele se inscrevem têm movido suas vidas desse/nesse lugar.

Assim, *tweetar*, *retweetar* e curtir são mecanismos que fazem com que os sujeitos deixem de ocupar o lugar de meros “espectadores” e assumam a posição de (re-) produtores de dizeres em/na rede. Ideologicamente, os sujeitos emergem de um querer/poder dizer, por isso, o Twitter é tido como espaço em que esses discursos são postos em movimento, viralizando. Logo, a ilusão do controle da máquina se (con-)funde com a ilusão de controle do sujeito, apontando para a impossibilidade de tudo poder dizer.

Dessa forma, os discursos que circulam no Twitter se inscrevem na (a-) temporalidade da memória metálica, mas somente produzem sentido porque já-vistos e já-ditos que já circularam antes e sob outras condições de produção retornam no eixo da formulação, produzindo os mesmos sentidos ou promovendo deslocamentos. Ou seja, essa repetição/replicação de discursos, no Twitter, pelo funcionamento da memória da máquina e da memória discursiva, encaminha para a regularização de sentidos, para a repetição e, logo, para a viralização, que resulta do funcionamento da memória digital, mas também pode encaminhar para o “novo” e o “diferente”.

Asseveramos que, embora a noção de viralização como efeito do discurso na/em rede necessite ser aprofundada, é possível afirmar que o seu funcionamento no Twitter só se

dá pela filiação do sujeito a discursos em circulação noutros lugares, virtuais ou não, já que os dizeres que repetem/replicam constituem o eco de outros discursos, orientando o olhar dos sujeitos a respeito do mundo e produzindo versões dentro de uma conjuntura dada. Além disso, é o resultado de um construto técnico, que permite (não) esquecer e apagar.

Em outras palavras, a viralização discursiva é um dos efeitos do funcionamento da memória digital (Dias, 2016a), que possibilita a repetição, mas ao mesmo tempo, atualiza sentidos.

## Referências

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 10, 2016a.

DIAS, C. A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 37, p. 157-175, jan./jun. 2016b. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao37/edicao37.html>. Acesso em: 03 jun. 2019.

DIAS, C. O ensino, a leitura e a escrita: sobre conectividade e mobilidade. **Entremeios**, v. 9, p. 9-11, 2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/198.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2019.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

GALLO, S. M. L.; SILVEIRA, J. da. Forma-discurso de escritoralidade: processos de Normatização e legitimação. *In*: FLORES, G. B.; GALLO, S. M. L.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N. R. M.; PFEIFFER, C. C.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (org.). **Análise de Discurso em rede**: Cultura e Mídia. Vol. 3. Campinas: Pontes Editores, 2017.

GRIGOLETTO, E. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje. *In*: FLORES, G. B.; GALLO, S. M. L.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N. R. M.; PFEIFFER, C. C.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (org.). **Análise de Discurso em rede**: Cultura e Mídia. Vol. 3. Campinas: Pontes Editores, 2017.

FERNANDES, C. B. **Entre o mesmo e o diferente**: trajetos dos enunciados proverbiais nos discursos publicitários. 2010. 199 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

MEDEIROS, C. S. de. Mídia e sociedade no espaço digital. *In*: DIAS, C. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano**: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb <http://www.labeurb.unicamp.br/livroUrbano/>. Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

MITTMANN, S. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 6, n. 1, p. 85-101, jan./jun. 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012a.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012b.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Tradução Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, F.; HAK. T. (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997b.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP, 1996.

**Sobre os autores/as autoras**

**Atilio Butturi Junior** é Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Realizou estágio pós-doutoral no IEL/Unicamp (2014-2015), sob supervisão do Prof. Dr. Kanavilil Rajagopalan, e estágio pós-doutoral na Faculdade de Filosofia da Ciência da Universidade Nova de Lisboa (2017-2018), com bolsa da CAPES-Brasil, sob supervisão do Prof. Dr. José Luís Câmara Leme. É professor Associado da Universidade Federal de Santa Catarina, líder do *Grupo de Estudos no Campo Discursivo* (UFSC CNPq) e membro do Grupo de Pesquisa *A condição Corporal* (PUC-SP CNPq). Desde 2015, é editor-chefe da revista *Fórum Linguístico*, docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC (que coordenou entre 2018 e 2020). É, atualmente, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ2), com pesquisa voltada ao dispositivo crônico da aids no Brasil e à construção de uma análise neomaterialista dos discursos.

**Cristiane Dias** possui doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2004), Pós-doutorado na linha de pesquisa Língua, Sujeito e História, do Laboratório Corpus/PPGL-UFSM. Atualmente, é pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos - Labeurb-Nudecri/Unicamp, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC - LABJOR/IEL) e da Especialização em Jornalismo Científico (LABJOR/DPCT-IG e DM/IA). É docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (IEL). É Membro Associado do Laboratório Pléiade - Paris 13 e integra a Rede Franco-Brasileira de Análise do Discurso Digital (A2DI). É coordenadora do NUDECRI - Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, desenvolvendo pesquisas principalmente em Análise do discurso digital. É coordenadora do grupo de pesquisa e-Urbano (CNPq). É autora dos livros *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo* (Pontes), *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)* (Hucitec Editora), entre outros; além de ter inúmeros capítulos de livro e artigos publicados em revistas especializadas.

**Deborah Pereira** é doutoranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP/Fapesp - processo: 2021/05040-7). Se dedica aos estudos do digital sob a perspectiva da Análise de Discurso materialista desde o mestrado, concluído em 2018 no programa de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural (LABJOR/UNICAMP). Participa do grupo de pesquisa e-Urbano e, atualmente, tem investigado o funcionamento discursivo das *hashtags*.

**Edna Silva Faria** possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. É professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e coordenadora dos cursos de Letras: Português – Licenciatura e Bacharelado em Estudos Literários e Linguística. É docente do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFG e professora do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional – CAED – na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Líder do grupo de estudos e pesquisa em discurso e semiótica GESEM. Atualmente, está realizando estágio de pós-doutoramento no PPGLL/FL/UFG, sob supervisão do Prof. Dr. Sebastião Elias Milani.

**Greciely Cristina da Costa** é Pesquisadora (Pq-B) do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Realizou estágio de pesquisa (doutorado-sanduíche) na Université de Paris XIII, em Paris (2010). Atualmente, atua como docente permanente no Mestrado de Divulgação Científica e Cultural e como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Linguística, ambos do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. É a atual editora adjunta da revista *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, além de ser líder do Grupo de Pesquisa do diADorim (CNPq) e coordenadora do Projeto de Pesquisa Fapesp “Imagens da Cidade: Discurso e Produção de Conhecimento” (Processo: 2018/26073-8).

**Guilherme Ferragut** é doutor em Linguística pela Unicamp, Ph.D. em Humanidades Digitais pela Universidade de Gênova (Itália), Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Unicamp, Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Paulista.

**Laura Colli Gon** é doutoranda em Linguística pela Universidade de Franca (CAPES/PROSUP – Processo: 88887.673626/2022-00) sob orientação da Profa. Dra. Luciana Garcia. Mestre (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar sob orientação do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas. Formada em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em inglês pela Universidade de Franca (2012) e Licenciatura Plena em Letras com habilitação em português e espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2009).

**Lígia Mara Boin Menossi de Araújo** é professora adjunta do Departamento de Letras e do Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutora e mestre em Linguística pela UFSCar, realizou estágio de pós-doutorado em Filologia e Língua Portuguesa na USP e em Linguística na UFSCar.

**Luciana Carmona Garcia** é professora permanente e atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca/SP. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (2014). Realizou estágio doutoral em Toulouse (França) na Université de Toulouse II – Le Mirail como parte de seu projeto de doutoramento. Tem Mestrado (2010) em Linguística e Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Espanhola, pela mesma instituição (2001). É membro do grupo de pesquisas GESTAR – Maternidade e Ciência, da UFSCar, desde 2020, e líder do grupo GTEDI – Grupo de Estudos do Texto e do Discurso da UNIFRAN desde 2016. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Unifran e membro do Comitê de Integridade na Pesquisa da mesma instituição. Membro do Fórum Franca Sustentável desde 2019.

**Lucimara Cristina de Castro** é professora da Faculdade de Tecnologia do Vale do Ivaí (FATEC). Professora de Língua Portuguesa e Educação Especial da Secretaria do Estado da Educação (SEED/PR). Pós-doutoranda junto ao Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (NUDECR), da Universidade Estadual de Campinas (Labeurb/Unicamp) – estudos do discurso digital. Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), linha de pesquisa – Estudos do Texto e do Discurso. Mestre em Letras – Interface entre Língua e Literatura, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e especialista em Necessidades Educacionais Especiais, pelo Instituto ESAP. Graduada em Letras Português/Inglês pelas Faculdades Integradas do Vale do Ivaí (UNIVALE). Graduada em Pedagogia pela Universidade Cesumar (UNICESUMAR).

**Marco Antonio Almeida Ruiz** é professor adjunto na área de Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris (EHESS). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). É bacharel em Linguística pela UFSCar e licenciado em Letras (Português e Inglês) pela Unifran.

**Rafael Turíbio Milhomem** é estudante de graduação em Letras/Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde integra o Grupo de Estudos de Teorias do Discurso (GETED) e realiza pesquisa sobre práticas linguístico-discursivas no ambiente digital.

**Renata de Oliveira Carreon** é professora permanente do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) – LABJOR (Unicamp). Pós-doutoranda em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (Labeurb/Unicamp – FAPESP processo 2021/07055-1) sob a supervisão da Profa. Dra. Cristiane Dias. Mestre (2013) e doutora (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL – CAPES) da UFSCar sob orientação do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas. Estágio doutoral em Buenos Aires (UBA – Argentina) com o Prof. Dr. Mariano Dagatti (CAPES/PDSE). Formada em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em português e espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2010).

**Rilari Lorena de Anhaia da Silva** é mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGL-UFSC) e integrante do Grupo de Estudos no Campo Discursivo (UFSC-CNPq). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Atualmente desenvolve pesquisa sobre análise neomaterialista do discurso.

**Roberto Leiser Baronas** possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – *Campus* Universitário do Araguaia, em Pontal do Araguaia – MT (1994) e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – *Campus* de Araraquara (2003). Com apoio de Bolsa Capes, desenvolveu sua tese sob a orientação de Edna Fernandes dos Santos Nascimento. Com apoio de bolsa PDEE/Capes, fez doutorado sanduíche na Université Paris Est – Créteil – Val de Marne – França, no Centro de Estudos de Discursos, Imagens, Textos, Escritos e Comunicação – CÉDITEC – sob a supervisão de Simone Bonnafous (2003). Realizou estágio de Pós-Doutorado de um ano com bolsa PDS do CNPq, junto ao Grupo de Pesquisa/CNPq Linguagem, Identidade e Memória, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem/LAEL/Faculdade de Filosofia Comunicação Letras e Artes/ da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, sob a supervisão de Beth Brait (2012). Trabalhou como professor de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino fundamental e médio de Mato Grosso, onze anos e meio na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – *Campus* Universitário de Alto Araguaia. Atualmente é professor Associado no Departamento de Letras e orientador de trabalho de conclusão de curso, iniciação científica, de dissertação

de mestrado, de tese de doutorado e de supervisão de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e de dissertação e de tese no PPGEL da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1 C. Em 2021, juntamente com Julia Lourenço Costa, recebeu da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN o Prêmio Joaquim Mattoso Câmara Jr. pela organização da tradução do livro *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*, de autoria de Marie-Anne Paveau.

**Rodrigo Seixas** é professor/pesquisador da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estudos na área de Retórica, Argumentação e Análise do Discurso. Realizou estágio de doutorado na Université du Québec à Montréal (UQÀM) com os professores Drs. Dominique Garand e Marc Angenot. Fez estágio de pós-doutoramento, em 2021/2022, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. É líder do DISPO – Grupo de Estudos em Discurso Político (UFG/CNPq), cujo rol temático de discussões e pesquisas circunda a retórica, a argumentação e o discurso político (e seus diálogos com outros campos), com ênfase na cognição argumentativa e no(a) conflito/polêmica, em nível nacional e internacional. Coordena o projeto de pesquisa “Por uma análise argumentativa integrada: estudos linguístico-discursivos de consensos e dissensos nos séculos XX e XXI” na UFG. É também membro do Grupo de Pesquisa Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso, o ELAD.

**Viviane Quenzer** é mestranda (2021-2023) pelo programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) sob a orientação do professor Doutor Roberto Leiser Baronas e fundadora de uma *startup* de comunicação intitulada Langue. Graduada em Linguística (2015-2019) pela Universidade Federal de São Carlos, foi bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) durante a Iniciação Científica com pesquisa na área de Ensino e Aprendizagem, Alfabetização e Letramento na Educação Infantil.

Publique com a gente e  
compartilhe o conhecimento



[www.letraria.net](http://www.letraria.net)



•  Letraria®